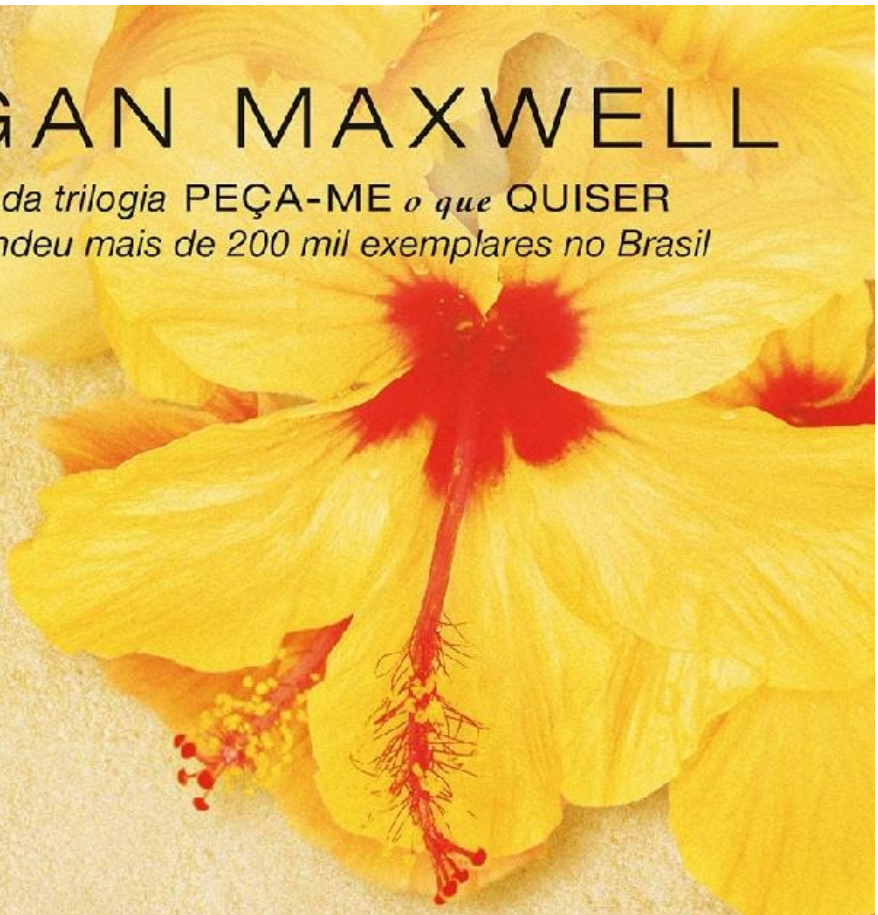
Os príncipes encantados também viram sapos

Megan Maxwell

MEGAN MAXWELL

Autora da trilogia PEÇA-ME *o que* QUISER
que já vendeu mais de 200 mil exemplares no Brasil

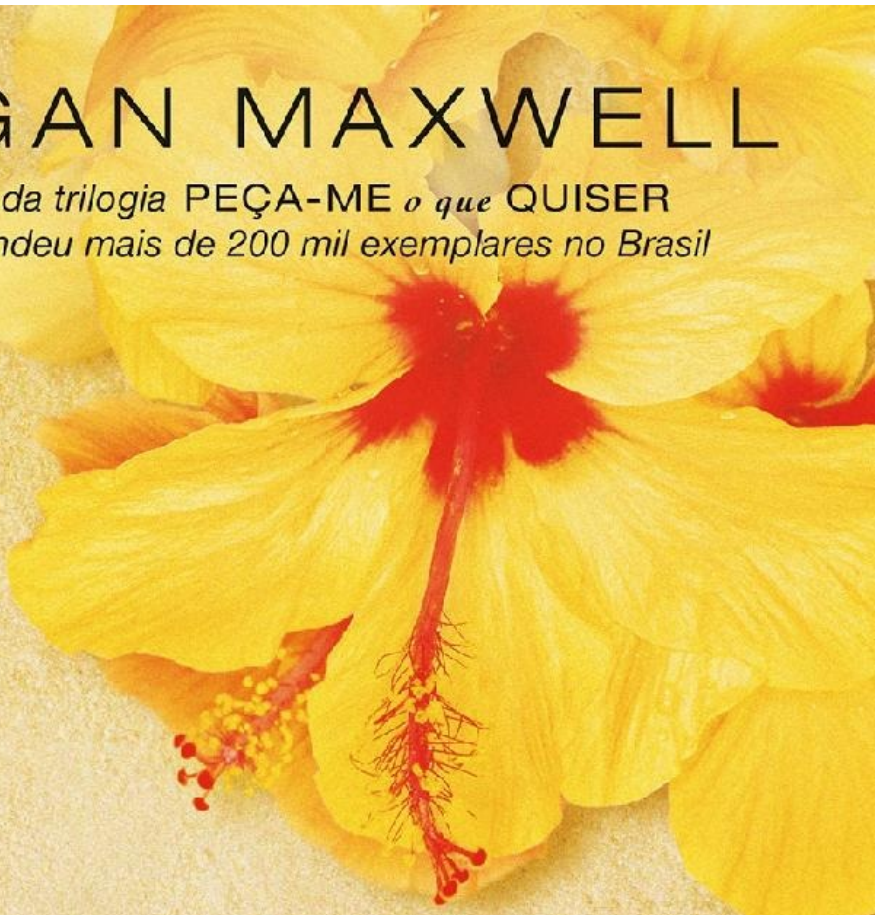


Os príncipes ENCANTADOS *também viram* SAPOS

SUMA de letras

MEGAN MAXWELL

Autora da trilogia PEÇA-ME *o que* QUISER
que já vendeu mais de 200 mil exemplares no Brasil



Os príncipes ENCANTADOS *também viram* SAPOS

SUMA de letras



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim

evoluir a um novo nível."

MEGAN MAXWELL

Os príncipes ENCANTADOS *também viram* SAPOS

Tradução
Tamara Sender

SUMA
de letras

Publicado no Brasil em acordo com Ediciones Versátil, Espanha. © 2012 Megan
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Los Príncipes Azules También Destiñen

Capa

Marianne Lépine

Imagens de capa

Flores © Amana Images | Latinstock

Areia © Subbotina Anna | Shutterstock

Revisão

Flora Pinheiro

Carolina Rodrigues

Rita Godoy

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu’s System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M419p

Maxwell, Megan

Os príncipes encantados também viram sapos [recurso eletrônico] / Megan Maxw
Tamara Sender. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Los Príncipes Azules También Destiñen* Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

297p. ISBN 978-85-8105-290-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção espanhola. 2. Livros eletrônicos. I. Sender, Tamara. II. Título.

15-21538 CDD: 863

CDU: 821.134.2-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Os príncipes encantados...

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

... também viram sapos

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Mas as princesas também

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Uma segunda chance

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Agradecimentos

Para minha mãe, minhas tias e primas,
porque sei que elas adoram esta história.

E para todas as pessoas que sempre acreditaram

em segundas chances. Um beijão.

Megan



Os príncipes encantados...



Capítulo 1

Califórnia, 22 de maio de 1995

Será que realmente existe amor à primeira vista?

Foi o que aconteceu com Sam e Kate no momento em que seus olhares s cruzaram numa tarde quente de maio, enquanto a música dos Beach Boys tocava rádio daquele bar da Califórnia.

Michael, amigo de Sam, percebeu como ele olhava todo bobo para aquela no grupo ao fundo.

— Tem um corpo bonito? — comentou Michael.

— Tem muito mais coisa do que você está vendo — respondeu, sem cons parar de olhá-la.

— Sam... Não me assusta... O que deu em você?

— Não sei, mas acho que me apaixonei.

— Ai, meu Deus — gritou Michael. — Alguém ajuda! Sam vai ter um troço!

— Cala a boca, idiota — disse Sam, rindo, ao se dar conta de que ela também o olhava.

Não conseguia tirar os olhos daquela garota. Era linda. Tinha cabelo louro reluzia e uns olhos verdes encantadores que o deixaram sem ar assim que ele a vi

Estava maravilhosa naquele macacão jeans. E a camiseta branca destacava sua pe bronzeada.

— É a coisa mais bonita que já vi em toda minha vida — sussurrou, atordoado.

— Nada mau — reconheceu Michael, depois de olhar para a garota de ca louros compridos.

Do outro lado do balcão, Kate também não conseguia tirar os olhos do rapaz. Não era a primeira vez que o via. Mas, ao notar que ele também a observava, ficou me

inibida.

— Kate — perguntou Shalma —, aquele não é o carinha da praia?

— É — respondeu ela depois de dar um gole em sua Coca-Cola.

— Cara... ele está te comendo com os olhos.

— Não exagera — falou Kate, embora soubesse que era verdade.

— Melhor assim, garota. Mais um pouco o curso acaba e ele não tinha n
você.

Shalma tinha razão. Kate havia reparado nele um mês depois de começar a estuda
ali. Mas ele estava sempre ocupado demais com seus amigos, o surfe e as
para prestar atenção em outra coisa. Só que hoje, sem saber por quê, seus
acabaram se encontrando. Muitas tardes, Kate descia até a praia, sentava n

para ler e de lá observava Sam surfar com o amigo. Aquele cara moreno que pare
sua sombra, embora na realidade ela não soubesse quem era sombra de qu

fato é que sempre estavam juntos. Várias vezes, principalmente quando o mar est
mais forte, era só se aproximar da praia que já dava para vê-
los nas ondas. Os dois
eram ótimos surfistas. Era só ficar olhando um pouco e você já sacava qu
sabiam muito bem o que estavam fazendo, quando entravam no mar com
pranchas.

Kate adorava observá-
los. Eram atraentes, descontraídos e com um look casual.

Deviam medir 1,90 metro e tinham a pele morena e os cabelos pretos como carvã
sempre presos num rabo de cavalo, e, como dizia Shalma, seus corpos atlé
musculosos eram de tirar o fôlego. Seus sorrisos e um quê de polinésio os tornava
especiais. Embora no amigo de Sam isso talvez fosse ainda mais perceptível do q
nele.

Sentindo calor, Kate deixou o copo em cima do balcão e foi até o banheiro jogar u
pouco de água na nuca. Estava tão nervosa que suas mãos suavam. Ao sa
percebeu alguém se aproximando.

— Está quente, né?

— É — conseguiu responder Kate ao ver de quem era aquela voz.

Sam não queria perder a chance de falar com ela.

— Oi, meu nome é Sam Malcovich — disse, sorrindo, e estendeu a mão.

— E eu sou Michael Talaua — falou o amigo, mas, ao ver Sam fuzilando-o com o olhar, acrescentou em seguida: — E eu já estava de saída. Tchau.

— Prazer — respondeu a jovem, abrindo um sorriso e cravando seus olhos Sam. — Me chamo Kate Dallet.

Capítulo 2

Os meses passaram e a magia entre Kate e Sam surgiu de forma selvagem costuma ocorrer quando as flechas do cupido atingem o coração. Muitas tardes, K esperava Sam e Michael terminarem o expediente na lanchonete para sair com ele especialmente com Sam. Foram muitas as madrugadas em que Kate ia até para vê-los surfar. No início Shalma os acompanhava, mas com o tempo foi se cansando e preferia ficar na cama. Um dia, enquanto Kate os observava divertind

se com as ondas, decidiu que queria saber mais sobre o esporte que eles adoravam, e, quando Sam saiu da água e se atirou na areia ao seu lado, ela disse:

— Quero que você me fale mais sobre o surfe.

— O que você quer saber? — Ele a olhava enquanto gotas de água salga escorriam de um jeito provocante dos cabelos dela.

— O que você quiser — respondeu, beijando-o.

— Ok, princesa — concordou ele e, jogando o cabelo para trás, começou: — Vou te contar o que Mahuto contava pra gente. Era um cara mais velho que m lado da nossa casa. Um velho surfista que sempre dizia que o surfe era u esportes mais antigos do mundo. Pelo que ele contava, na antiguidade os polinési faziam campeonatos que eram considerados verdadeiros duelos: por amor o qualquer outro tipo.

— Duelos? — perguntou Kate, sorrindo.

— O duelo consistia em pegar onda nos pontos mais arriscados. Mahuto disse qu
era raro um fim de semana sem algum duelo desses. Conta-
se que já em 1770 o
capitão James Cook descreveu em seu diário um estranho exercício que os
das minhas ilhas praticavam quando entravam no mar com suas pranchas de mad
e que chamavam de
choroee, que pra eles significava “pegar onda” ou algo do
gênero. O surfe sempre foi pra gente um modo de vida, e inclusive foram
construídos templos chamados
Heyau, onde se deixavam oferendas e onde o
Kahuma, que significa “bruxo da tribo”, rezava pedindo boas ondas.

— É sério que rezavam pra ter boas ondas?

— É, sim, querida. Já te disse que lá no Havaí e nas outras ilhas o surfe
modo de vida. Quer que eu continue?

— Claro. É muito interessante — respondeu Kate.

— Quando o capitão Cook morreu, um tal de James King também escreveu sobre
os havaianos e sua forma particular de se divertir fazendo manobras perigo
piruetas incríveis em cima de uma prancha no mar. Com o tempo, a Igreja se met
na história. Não via com bons olhos os praticantes do esporte, e eles chegaram a s
acusados de indecentes por surfarem seminus. Por isso, durante um período, aque
fenômeno conhecido como *choroee*, junto com a dança do
hula, foi duramente punido e as pessoas deixaram de praticá-
lo com a liberdade de antes. Mas, como
tudo nessa vida, com o tempo sempre aparece alguém pra ajudar a resgatar as coi
boas, e surgiram movimentos havaianos pela volta de seu passado e sua hi
assim o surfe recuperou a importância que sempre havia tido na ilha.

Kate o ouvia com atenção. Percebia o entusiasmo de Sam ao falar de sua
natal.

— Falaram em John Papa Li, um homem que escreveu sobre como se pra
aquele esporte, mas principalmente destacaram os tipos de madeira usados

fazer aquelas pranchas maravilhosas, tratadas com óleos e essências. George Free

mais conhecido como Brown Mercury, foi um surfista meio irlandês, meio havaia

Ele foi o primeiro a mostrar ao mundo o que era o surfe. Nos anos em que morou Califórnia, dedicou-
se a ensinar a todos que quisessem surfar ao estilo havaiano.

Infelizmente morreu jovem, mas por sorte, pra gente e para o surfe, há en memória um busto de bronze em Redondo Beach, com uma placa que diz...

— “O primeiro surfista dos Estados Unidos, o jovem que recebeu a última arte da Polinésia, o surfe” — completou Michael, sentando-se ao lado deles.

— Muito bem, irmão — disse Michael, sorrindo, e continuou: — Duke Kahanawoku, entre outros, criou em Waikiki o clube de surfe Hui Nalo. D campeão olímpico de natação em 1912, e em 1915 a Austrália o convidou visitar suas praias, em especial uma praia no norte de Sydney. Lá ele deu surfe e construiu uma prancha de madeira de sequoia que ficou superfamos ainda está naquele clube australiano. O resto... você já pode imaginar. As de lá começaram a surfar, apesar de que, justiça seja feita, nós havaianos somos o reis desse esporte.

— Com certeza — comentou Michael, rindo ao ver como seu amigo se e para Kate.

— É fascinante — disse Kate, sorrindo também.

— Sim, o surfe é fascinante — respondeu Michael, olhando para o mar.

Na manhã seguinte, quando passaram para buscar Kate, os dois se surpreenderam ao vê-
la enfiada num macacão de neoprene azul e com uma prancha debaixo do braço. Ao ver suas caras, ela não conseguiu segurar um risinho cúmplice.

— Desculpem, meninos, mas cansei de ficar só assistindo. Vocês vão ter q dedicar um tempinho pra me ensinar. Eu também quero me divertir, quero saber q é a sensação de “pegar uma boa onda”, como vocês dizem.

— Beleza — disse Michael, sorrindo —, você está certa, Kate. É de garotas assin que eu gosto. Não tem nenhuma irmã, não?

Kate abriu um sorriso e olhou para cima, fingindo contrariedade.

— Essa é minha garota — falou Sam, orgulhoso, pegando-
a pela cintura. — Cada dia estou mais louco por você. Vem, vamos até a praia.

E assim começaram as aulas de Kate. Os primeiros dias foram difíceis. O que ela
mais fazia era engolir água e levar caldo. Mas logo lhe ensinaram que, para ficar
pé numa prancha, tinha que dividir o peso do corpo entre os pés, dobrar as pernas
inclinar o peito para a frente; explicaram o que era um
take off, um tubo, um bico de
pato e como equilibrar os ombros no sentido em que a onda quebrava para fazer u
bottom turn e assim poder girar. Aprendeu que antes de entrar na água de
sempre verificar onde estavam as rochas, a direção da correnteza e como
ondas. Também ensinaram que ela não deveria esperar ficar exausta para s

água, mas sim quando sentisse frio ou percebesse os primeiros sinais de cansaço.

Praticando quase todos os dias e com uma tremenda força de vontade que
surpreendeu os dois amigos, Kate conseguiu aprender e com o tempo com
aproveitar. Assim, toda manhã, ela podia ser vista junto com eles indo até
com suas pranchas presas nos tornozelos e dançando sobre as ondas.

Capítulo 3

O curso acabou, as férias de verão também, e cada um deveria voltar as
respectivas cidades. Kate, à sua elegante casa em Nova York; e Sam, junto
Michael, a Oahu, uma ilha no Havaí onde eles tinham crescido e onde dividiam u
bela casa de frente para o mar.

Mas, enquanto Kate voltava para sua família rica, os rapazes só tinham a
mesmos. Tinham se conhecido no abrigo para menores abandonados de Oa
juraram um ao outro nunca se separar, uma promessa que até então haviam
conseguido cumprir. Eram a única família que tinham, e isso era importante para
dois. Haviam sido abandonados por circunstâncias diferentes, mas com um pano
fundo parecido.

No caso de Sam, ele só foi saber quem eram seus pais verdadeiros quando atingiu
a maioridade: seu pai era um inglês que chegara à ilha, e a mãe, uma moça chama
Thalma, rejeitada pela família por ter se apaixonado por um estrangeiro. O peque
Sam ficou sozinho no mundo depois que seus pais morreram num trágico acident

avião. Nem no Havaí nem em Londres quiseram assumir a guarda do menino de s
anos, e foi assim que ele acabou parando na grande casa amarela, onde a
encantadora mãe Daula cuidou dele e fez todo o possível para transmitir os valore
de uma família.

Michael, por sua vez, sabia apenas que seus pais tinham sido dois jovens nativos
humildes e que, quando sua mãe, pressionada pelas pessoas a sua volta, o
casa amarela, implorou que se chamasse Michael. Ele também sabia que a
chamava Thalia e que havia deixado ao menino a metade de um broche em forma
de coração de prata muito trabalhado que mãe Daula lhe entregou quando ele fez

anos.

O tempo foi passando e, com o apoio que Daula lhes proporcionou, conseguiram
terminar os estudos. Quando chegou a hora de irem para a universidade,
matricularam-
se numa faculdade estadual e cursaram Direito. Sempre acreditaram
que essa carreira serviria para que eles ajudassem as pessoas, já que, com

que tiveram, conheciam muita gente a quem poderiam ser de grande ajuda.

Kate e Sam estavam desesperados. Era a primeira vez que ficariam alguns
sem se ver, e isso partia o coração de Sam. Kate também desatava a chor
pensar nisso.

— Vou te ligar todos os dias — prometeu Sam enquanto a beijava. — Nã
esqueça: eu te amo e vou te telefonar todos os dias, e não vou deixar de pensar em
você em nenhum momento.

— Não me esqueça — sussurrou Kate, olhando-o fixamente.

Com ar apaixonado, Sam olhou para ela, deu um beijo doce em seus lábio
murmurou:

— Você é a coisa mais linda e importante que eu tenho, nem se eu quise
poderia te esquecer.

E realmente não se esqueceu dela.

Naquele verão, ligou todo dia para sua casa, trabalhou o máximo que pôde

quando já fazia quase dois meses que não a via, numa bela manhã aparec
surpresa em Nova York com um enorme buquê de rosas. Tocou a campainha da c
de Kate, e quem abriu a porta foi Serena, a mãe dela. Ao ver aquele rapa
constrangido e com expressão séria, segurando um lindo buquê nas mãos,
deduziu que era o tal do Sam, de quem sua filha tanto falava.

Esboçando um sorriso cúmplice, Serena chamou Kate. Assim que o viu, a garota
se lançou em seus braços e o beijou na frente da mãe sem nenhum pudor. De iníci
Sam ficou espantado, mas, ao ver que Serena os observava sorridente, deixou cai
buquê, abraçou Kate e se sentiu feliz e aliviado por ter pegado aquele avião.

Serena estava encantada de ver sua filha tão alegre. Pôde comprovar em primeira
mão que aquele rapaz era tão maravilhoso quanto Kate lhe dissera. Sam foi a Nov
York acompanhado de Michael, que a princípio dissera a seu amigo que ele dever
ir sozinho. Mas Sam alegou que nunca o tinha deixado sozinho e que não faria iss
agora. Foi então que juntaram suas economias e embarcaram juntos.

A irmã mais nova de Kate, Terry, teve de reconhecer que aqueles dois era
exatamente como sua irmã os havia descrito. O que Terry mais gostou nel
fato de serem tão diferentes dos caras que ela conhecia em Nova York. Seus amig
costumavam ser filhos de homens endinheirados que reclamavam por não t
que queriam. Já aqueles dois ali não possuíam quase nada nem ninguém além del
mesmos, e, com sua coragem e vontade de viver, seguiam em frente sem se queix

Logo se deixou seduzir ao ouvi-
los falar de surfe, de ondas gigantescas, do mar, do
céu estrelado etc. O que outros caras considerariam sem graça e chato, co
contemplar as estrelas tendo o barulho do mar ao fundo, para Sam e Mich



maravilhoso.

Terry ficou impressionada com Michael... era muito lindo. Achava encantad
seus olhos negros puxados, cheios de vida, talvez os mais bonitos que ela já vira
seus 17 anos de vida. A calça jeans que não era de nenhuma marca famo
superbem nele, e a camiseta verde que usava debaixo de uma jaqueta caía
nele do que em qualquer um.

Nos anos seguintes, Sam e Michael se encarregaram de cuidar de cada uma das tr

mulheres que haviam entrado em suas vidas. E, quando terminaram a facu
mesma noite da formatura, Sam pediu Kate em casamento. Ela aceitou. Casaram-
se com uma festa super-
romântica. De lua de mel, Sam a levou ao Havaí, onde,
orgulhoso, apresentou Kate à mãe Daula. Pouco tempo depois, Shalma, a r
amiga de Kate, casou-
se grávida com um sujeito que não tinha nada a ver com ela.

Teve gêmeos e se separou. Terry, a irmã maluquinha de Kate, depois de ir
esbaldar em Las Vegas e passar uma noite de farra total, amanheceu casada com u
tal de Morgan. Aquilo caiu como uma bomba para sua mãe e foi um desg
terrível para Michael.

Sam e Michael se estabeleceram definitivamente em Nova York e acabaram
adaptando à vida frenética da cidade, apesar de muitas vezes Kate os ouvi
com saudade do Havaí, das ondas, dos amigos que tinham deixado para trás, da m
Daula...

Com muito esforço, Kate e Sam conseguiram abrir seu próprio escritório:

& Malcovich. Um negócio que logo começou a dar certo, mas que exigia
muito trabalho, dedicação e energia.

Depois de algumas semanas especialmente estressantes para os dois, Sam e
decidiram reservar uma noite livre só para eles.

— Estou exausta — suspirou Kate, tomando um banho relaxante em sua banheira
redonda. — Não consigo parar de pensar no caso Preston.

— Querida — respondeu Sam com duas taças de champanhe nas mãos —
esquece o escritório agora. — E, despindo-
se para entrar na banheira com ela,
acrescentou: — Pensa que estamos sozinhos aqui, eu e você, ouvindo Barr
com nossas taças de champanhe, e que temos a noite inteira pra gente.

— Tá bom — disse ela, sorrindo ao perceber as intenções do marido. —
propondo alguma coisa, senhor Malcovich, ou é só imaginação minha?

— Vem cá e eu te conto — respondeu ele com um sorriso malicioso.

Kate deixou que ele a beijasse. Já estavam juntos havia seis anos, mas a p
não tinha diminuído.

— Adoro quando você sorri assim — sussurrou ele.

— E eu adoro fazer amor contigo assim... — Sem que ele pudesse falar n
nada, Kate se sentou de frente para ele na banheira e, depois de pegar seu
molhado e escorregadio, montou nele e começou a se mover ritmicamente. — Ad
te sentir dentro de mim. Adoro ver o desejo invadindo seu olhar e a expr
seu rosto, e adoro saber que é você que me deixa assim.

— Princesa, você me deixa louco — disse Sam, suspirando com a sensual
de sua mulher. Agarrando os quadris dela, ele a movia e enlouquecia de prazer.

Naquela noite, depois de transarem várias vezes — primeiro na banheira e
seguida na cama —, enquanto descansavam ainda nus, Sam pediu a Kate:

— Querida, pega pra mim uma aspirina na sua mesinha de cabeceira.

— Está com dor de cabeça? — perguntou ela, preocupada.

— Estou, sim, um pouco — disse ele, sorrindo.

Kate abriu a gaveta da mesinha e viu uma caixinha embrulhada em papel celofan
vermelho, com um laço dourado.

— Mas... o que é isso? — perguntou, virando-se para Sam.

— Feliz aniversário, querida — respondeu ele, vendo sua mulher levar a m
boca por haver esquecido a data.

— Ai, Sam, eu esqueci totalmente. É imperdoável.

— Não se preocupa. Eu te perdoo — respondeu ele, que realmente não se
importava com o fato de ela não ter lembrado. — Agora abre e me diz se gostou.

Com um sorriso nos lábios, mas se culpando pelo esquecimento, Kate fico
perplexa ao ver o anel tão bonito que estava dentro da caixinha. Era de ouro com
iniciais dos dois em diamantes bem pequenos.

— É lindo! — gritou ela, colocando-o em seguida. Deu um beijo em Sam e logo sussurrou em seu ouvido: — Obrigada, querido. Obrigada por me amar tan

Obrigada por cuidar sempre de tudo, obrigada... obrigada.

E voltaram a fazer amor com a doçura que o momento pedia. Um tempo levantaram-se e decidiram tomar uma ducha rápida.

— Vou entrando no banho — disse Kate, andando até o banheiro. — Que estou com sede. Pode pegar uma água pra mim na geladeira?

— É pra já! — respondeu Sam.

Quando abriu a geladeira, viu uma jarra na qual estava pendurado um peq envelope com seu nome. Ele não percebeu que Kate o havia seguido na p pés e estava apoiada na porta, doida para ver sua reação. Sam olhou com

para aquele papelzinho. Logo o abriu e mal conseguiu acreditar no que est escrito.

— Feliz aniversário, amor — disse Kate.

Sam se virou para ela e a beijou enlouquecidamente.

— Vamos ser pais? — perguntou ele, todo bobo.

— Vamos, sim, amor. Em seis meses e meio, pra ser mais exata. Está feli

falou Kate, morrendo de rir ao ver as mãos trêmulas do marido.

— É a melhor notícia que já recebi na vida — respondeu Sam, abraçando-a.

— Pensei em comprar alguma coisa de aniversário para você. Mas depois chegue à conclusão de que a notícia do bebê seria o melhor presente que eu poderia te da

— Adivinhou, sua espertinha — disse ele —, e você me fazendo acreditar tinha esquecido. — Depois, olhando-
a preocupado, acrescentou: — Você está se
sentindo bem? Quer alguma coisa?

— Estou ótima, querido, não se preocupa. O médico me disse que tenho que leva

uma vida normal, não sou a primeira nem a última mulher a engravidar.

— Um bebê — falou Sam, já pensando em dar à criança todo o amor e felicidade que ele próprio não tivera. — Vamos ter um bebê, querida.

E, como o tempo voa quando se está feliz, aqueles seis meses e meio pas bem depressa. Sam via sua mulher cada dia mais linda com aquela barrigu embora ela reclamasse que estava gorda e deformada, ele a adorava exatan daquele jeito. Quando o dia tão aguardado chegou, a bolsa de Kate estour casa e Sam estava tão nervoso que, quando saiu para o hospital, fechou a casa com Kate lá dentro. Ela achou graça da atrapalhação do marido. Mei mais tarde, chegaram ao hospital, de onde Sam ligou para Michael, Serena

Ao receberem a ligação que tanto esperavam, os três foram correndo até lá. O par foi longo e doloroso, mas às dez para as duas da manhã chegou ao mundo Cather Malcovich Dallet, uma linda moreninha de 3,6 quilos que logo mostrou a mundo que tinha pulmões incríveis, pois não parava de chorar.

Dois anos depois, nasceu Olivia Malcovich Dallet, que pesava 3,25 quilos assim como a irmã, também tinha ótimos pulmões.

Capítulo 4

Nova York, 22 de maio de 2010

Os anos passaram. As meninas cresceram e o negócio prosperou até se tornar um dos escritórios de advocacia mais famosos de Nova York. E Sam consegui

sempre quis: uma grande família. Sua sogra vivia com eles, e também Ter cunhada, que Sam convidou para morar ali depois de ela ter se divorciado.

Terry hesitou um pouco, mas acabou concluindo que, morando com eles, s teria comida na geladeira e roupa lavada. Com o tempo ela se tornou uma fotógrafa que viajava muito, uma mulher de personalidade forte, sempre rodeada cretinos que ela manipulava como bem entendia. Mas se havia algo que Terry sab fazer era aproveitar a vida. Depois do fracasso do seu casamento, resolveu dedicaria a ser feliz e a não pensar no dia de amanhã. E isso funcionou à maravilhas.

Kate, por sua vez, ficou um tanto burguesa com o passar do tempo. Sempre estav

vestida de maneira impecável com seus terninhos Armani, Gucci ou Versac não deixava entrar em seu armário nada que não fosse de grife. Tornou-se uma
implacável e temida advogada, conhecida por sua rigidez, eficiência e audá tribunais. Esse passara a ser seu estilo de vida. E ela gostava dele. Mas fo justamente a audácia que prejudicou Kate em sua vida pessoal, ao cometer um er terrível que Sam conseguiu perdoar...

— Vóóóó, vóóóó, pode vir aqui? — chamou Catherine, a filha mais velha eles chamavam de Cat.

— Peraí — respondeu Serena. — Já vou.

— Tia Terry! — gritou Olivia, a menor, cujo apelido era Ollie. — Sobe a também!

Terry e Serena subiram até o quarto, onde as duas meninas aguardavam ansiosas fecharam a porta assim que a tia e a avó entraram.

— Por que tanto mistério? — perguntou Terry, sentando-se na cama.

— A gente quer mostrar o presente que a gente vai dar pro papai e pra m pelo aniversário deles. O que vocês acham?

Orgulhosas, elas mostraram dois relógios, um feminino e outro masculino, de pra com a esfera branca.

— Meus amores... que presente lindo! — exclamou Serena, olhando-as com doçura.

— Tem uma dedicatória atrás — comentou Olivia, toda feliz.

— Eles vão adorar — elogiou Terry. — Tenho certeza.

— A gente economizou escondidas por um ano pra poder comprar esses relógios, mas valeu a pena — disse Cat.

A menina era igual ao pai, alta e morena, mas tão temperamental quanto Terry. Já Olivia era loura como a mãe e tinha uma personalidade meiga e conciliadora. Uma mistura perfeita dos pais.

— Onde estão minhas meninas?! — gritou Shalma, que apareceu com seus gêmeos que já eram quase adultos.

— Tia Shalma!! — exclamaram as meninas, correndo para abraçá-la.

— Meu Deus, como vocês cresceram!

— Mas, tia Shalma, você viu a gente anteontem — disse Ollie, sorrindo.

— Não importa, querida, vocês crescem o tempo todo. — Depois de cumprimentar Terry e Serena, continuou: — Que baita festa vai rolar pelo aniversário dos pais de vocês, hein!

— Vai ser muito legal — respondeu Cat. — Vem, a gente quer te mostrar coisa.

Shalma as acompanhou, divertindo-se por vê-las tão alegres. Terry se virou para os gêmeos, Anthony e John, sorriu e disse:

— Meninos, vocês estão enormes... quantos anos vocês têm?

— Dezoito — respondeu John, enquanto Terry via Anthony olhando para Cat, que subia as escadas até seu quarto junto com Shalma e Ollie.

— Ai, meu Deus... parece que foi ontem que eu troquei a fralda de vocês

comentou, sorrindo.

— Tia Terry... — protestou John.

Emocionada e feliz por estar cercada pelas pessoas que amava, Serena pegou Anthony pelo braço e, enquanto saíam para o jardim, disse:

— Meus quatro netos são maravilhosos. Os mais bonitos do mundo.

Quando os garotos viram Sam e Michael entrarem, foram correndo até eles. Anthony os adoravam. Nesse mesmo momento, Serena olhou para Terry, sua maluquinha, e perguntou:

— E você, querida, arrumou um namorado entre esses gatinhos que vivem

procurando?

— Nem pensar — cochichou ela, dando uma olhada em Michael. — Aliás comentei que vou pra Espanha mês que vem?

— Ah... Espanha, que maravilha! Vai com quem?

— Vamos num grupo de oito. Minha amiga Lana, Ariadna, Sherryl, John, Silvie, Andrew e eu. A gente vai visitar Sevilha. Dizem que é linda.

Serena não pôde reprimir um sorriso cheio de ternura. Terry era animada, alegre e maravilhosa, apesar de ser meio doida às vezes. Apontando o dedo em sin advertência, Serena disse:

— Acho ótimo que você viaje, mas, filha, olha lá, toma cuidado com o q

Não vai voltar casada de novo, hein!

— Mãe! — disse Terry, rindo e em seguida beijando-a.

— Estão distribuindo beijos, é? — perguntou Sam, aproximando-se com olhar travesso.

Sem esperar um segundo, Terry se jogou nos braços de seu cunhado. Ela adorava.

— Oi, Michael, meu querido — cumprimentou Serena, enquanto observava Terry e Sam brincando um com outro, ele querendo morder o pescoço dela.

— Olá, Serena — respondeu Michael, morrendo de inveja de Sam e louco trocar de lugar com ele e morder o pescoço daquela maluquinha.

Entre Terry e Michael sempre houvera algo especial. Uma tensão sexual m resolvida que eles só demonstravam quando uma determinada música tocav

Enquanto a dançavam, não trocavam nenhuma palavra, mas seus olhares re toda a paixão que existia entre eles. Quando a canção terminava, porém, o voltavam à vida real e descartavam totalmente qualquer possibilidade de ro alguma coisa mais séria.

— Chega... seu chato! — gritou Terry, sorrindo enquanto olhava disfarçadamente para Michael e reparava o quanto ele estava lindo naquele terno Armani.

— Como vai minha cunhadinha preferida? — comentou Sam, fazendo cóce nela.

De repente se ouviu um estrondo.

— Agora estou bem — respondeu Terry, que acabava de jogar Sam no chão com um movimento de caratê, fazendo John, Anthony e Michael morrerem de rir.

— Terry! — gritou Serena ao ver Sam estirado no chão. — Meu filho, pelo amor de Deus, levanta daí! Você está bem?

— Bravo! — Michael aplaudiu. — Irmão, você mereceu.

Erguendo-se do chão, Sam começou a mancar, como se Terry o tivesse acertado em cheio.

— Parabéns, hein, cunhadinha... Estou vendo que você está progredindo nas aulas

— Pois é. E, como vocês acabaram de ver, aprendi um ótimo método para tirar os caras chatos de cima de mim.

Depois se aproximou dele, pegou sua mão e disse:

— E pode parar com esse teatrinho, que eu te conheço. Você não vai mud nunca?

Sam ia responder, mas logo surgiu a voz de Kate, que saía para o jardim um impecável vestido bege, com seus cabelos presos num coque alto.

— Espero que não — disse ele.

Todos olharam para Kate e sorriram. Parecia uma deusa inalcançável: lindíssima elegante. Chegou perto do seu marido, deu-lhe um beijo e se dirigiu ao homem moreno que estava ao lado.

— Oi, Michael. Hummmm... Esse Armani fica superbem em você. Como estão as

coisas?

— Obrigado, gata. Que bom que você gostou. — E, olhando para Terry,

murmurou: — Mas eu ando bolado com a sua irmã e, desculpa a franquez qualquer um se aproxima dela.

Terry revirou os olhos, espantada, enquanto Kate se dirigia aos filhos de Shalma e dava um abraço neles.

— Oi, meus amores, que bom que vocês vieram.

Segundos depois apareceram Shalma e as meninas, que, animadas, abraçara pai e o tio Michael. Os homens de suas vidas.

Aquela noite foi incrível. Todos jantaram juntos no jardim e se emocionara ver as meninas entregando o presente que haviam comprado com tanto carinho pa seus pais. Eles dois, por sua vez, não conseguiram conter as lágrimas ao l bilhetinho: *"Que o amor de vocês seja eterno"*.

Ao olhar ao redor e se ver cercada por toda sua família, Kate se sentiu a mulher mais feliz do mundo. Sabia, porém, que aquilo tudo não existiria sem Sam por quem se apaixonou enquanto o via surfar e o homem forte que soube uma chance quando ela havia falhado com ele. Desde aquele incidente, sua nunca mais foram cor-de-
rosa como antes. Mas, se havia uma coisa de que os dois
tinham certeza, era que eles queriam muito continuar lutando pela família construíram juntos.

Comovida ao ver todos tão felizes, Kate não pôde deixar de sorrir. Tinha uma mã maravilhosa, uma irmã invejável, amigos — Michael e Shalma — que era irmãos, sobrinhos encantadores, duas filhas que eram uns tesouros e um m maravilhoso, bondoso e paciente que ela considerava um verdadeiro príncip encantado.



... também viram sapos



Capítulo 5

Filadélfia, 8 de junho de 2010

— Pai, pai, vem cá. Tommy não me deixa pegar meu ursinho.

— Tommy — repreendeu carinhosamente Samuel. — Larga o ursinho da S
você tem seus brinquedos aí.

— É inútil — protestou Nicole. — Por mais que você diga, não adianta nada. Ele
vai continuar pegando tudo que é da Sasha.

Nicole se abaixou, pegou o menino no colo, levantou a blusa dele e mord
barriguinha. Tommy tinha um ano e oito meses e riu com a brincadeira da mãe.

— Todo seu, boneca — disse Samuel à sua filha de 4 anos. — Mamãe v
banho no Tommy. Pode aproveitar e brincar à vontade.

— Eu também quero tomar banho — exigiu a menina, correndo atrás da mãe.

— Samuel... querido, preciso de uma mãozinha! — gritou Nicole do banheiro.

Meia hora depois, todos estavam encharcados de água, mas riam enquanto
brincavam como crianças.

No dia seguinte, Samuel regava a grama do seu pequeno jardim quando e
entre os arbustos um brinco de ouro. Sorriu ao reconhecê-
lo. Era de Nicole e tinha
sido um presente dele para ela no dia em que Tommy nasceu.

Com certeza havia perdido na noite anterior, quando, depois de botarem os
pestinhas para dormir, decidiram dar um mergulho na piscina e acabaram f
amor na grama. Feliz, Samuel guardou o brinco no bolso da calça jeans, d
repente seu telefone começou a tocar. Desligou a mangueira e entrou em c
atender.

— Alô.

— Samuel, aqui é Natasha. Bom dia. Tudo bem?

Ao escutar a voz desagradável de sua sogra, sentou-
se e sorriu. Era uma russa fria
que não costumava dar muito papo para ninguém. Muito menos para ele.

— Bem, tudo bem — respondeu, coçando a nuca.

Sem mudar o tom da voz, a mulher exigiu:

— Chame a Nicola.

— Ela não está. Saiu com as crianças pra comprar sorvete e ainda não voltou. É

algum assunto importante?

Irritada por não poder falar com a filha, ela disse:

— Nada de mais. Só queria ter notícias de vocês. Faz dois dias que não ligam.

— Natasha — respondeu Samuel —, não se preocupe. Se acontecesse algu
coisa ruim, você logo saberia. De qualquer forma, quando a Nicole voltar,
pra ela ligar.

— Tá bom. Fale pra ela me ligar mesmo. Tchau.

Desligou em seguida, e Samuel, convencido de que sua sogra não mudaria nunca,
fez o mesmo. A relação entre eles não era lá muito boa. Natasha não entendia cor
sua filha havia preferido o amor de um americano ao de um russo. E mer
que houvesse tido filhos com ele e vivesse em pecado.

Apesar de Natasha morar na Filadélfia havia quinze anos, continuava pensa
que nada americano podia ser bom; nem sua Coca-
Cola, nem sua Pepsi, e, claro, não
queria nem ouvir falar de hambúrgueres ou qualquer coisa que ela conside
produto local. Por isso, quando soube da existência de Samuel, quis morrer. Aque
americano, pai de seus netos, nem sequer vivia na Filadélfia por tempo integral: e
só passava uns dias lá com a filha dela a cada duas semanas. Além do mais, nenh
dos dois queria casar na igreja, nem dar explicação a Natasha sobre o estilo de vi
que levavam. Nicole e ele gostavam de viver assim, e isso a enchia de raiva.

Naquela tarde, quando Nicole voltou para casa com as crianças, Samuel av

que sua mãe tinha ligado e queria que ela retornasse o telefonema. Como era de s esperar, ele a ouviu discutir antes de desligar. Depois Nicole foi até a cozinha peg um copo d'água. Falar com sua mãe era difícil e a deixava com a boca seca, de tã nervosa que ela ficava ao ver que era impossível que Natasha fosse razoáv

Samuel, paciente, aproximou-se dela, pegou-a pela cintura e perguntou:

— Qual foi o motivo da discussão hoje, querida?

Deixando o copo na bancada de pedra da cozinha, Nicole resmungou:

— O de sempre, Samuel. Minha mãe é detestável. Gosto dela porque é m mãe, mas ela é muito cruel comigo.

Com resignação, ele beijou o pescoço de Nicole, tentando acalmá-la.

— Não diga isso. Me conte o que foi e a gente vê o que dá pra fazer – murmurou.

De mãos dadas, sentaram-se no sofá e Nicole expôs o problema.

— Na quinta-feira, dia 16, uns primos meus da Rússia vêm passar duas semanas aqui. Vão se hospedar na casa da minha mãe e ela pediu pra eu ficar lá com as crianças. Não quer que eles saibam que moro com um homem ser casada.

— Hahaha! — reagiu Samuel. — E as crianças seriam filhas de quem? Do vizinh do primeiro andar?

— Samuel! Assim você me deixa mais irritada — gritou Nicole.

— Ok, ok ... você tem razão. Desculpa, foi bobagem minha.

Desesperada, ela suspirou, tirou a franja do rosto e comentou:

— Não, querido. É normal que você diga isso. Com as crianças não tem problema. Minha mãe falou que, apesar da desonra por eu ter engravidado ela os ama e os defenderá diante de qualquer pessoa. Mas já inventou uma histór de que eu e meu marido nos separamos e ele vive em Houston.

— Sua mãe é terrível.

— Ela não quer que meus primos saibam que você existe, e menos ainda que eu vivo em pecado contigo.

Indignado por todo o teatrinho que aquela mulher estava inventando, Samu perguntou:

— Mas... como é que seus primos vão saber que você vive em pecado se não conhecem sua vida aqui?

Desconcertada, Nicole admitiu:

— Na última vez que estivemos na Rússia, minha mãe inventou que eu e casada.

— Inacreditável — disse ele. — O que sua mãe quer com isso?

— Não quer que você apareça em casa enquanto meus primos estiverem por aqui

— Ah, dane-se a sua mãe — bufou.

— Falei que não aceitaria isso de jeito nenhum. Nem pensar. Não reclamo você, nem da minha vida, porque te amo e sei que você me ama. Temos dois filho lindos, uma casa bonita e um futuro pela frente. Mas aí ela disse que, se eu não fi o que ela quer, é pra eu esquecê-
la pra sempre, porque ela nunca mais vai querer
saber de mim. E o pior de tudo, Samuel, é que ela faz com que eu me sinta culpad

— Culpada?

Nicole fez que sim e murmurou:

— Me sinto culpada por ter decepcionado minha mãe. Me sinto culpada p estar na Rússia. Me sinto culpada por ela ter perdido papai e depois minha irmã. M sinto culpada por tantas e tantas coisas que eu...

— Isso é uma bobagem — cortou Samuel, abraçando-
a. — Você não pode se
sentir culpada por nada disso. Ela é que deveria se sentir culpada por te tratar assi

e por ser tão pouco compreensiva com sua felicidade. — E, ao ver o desespero nc
olhos da jovem, acrescentou: — Olha, vamos fazer uma coisa. Teus primos vêm r
dia 16 e vão ficar até o dia 2, né?

— É.

— Você sabe que eu estou indo no dia 18, não sabe? — Ela confirmou c
cabeça. — Então eu posso antecipar a viagem uns dias e só voltar quandc
tiverem ido embora. Vamos deixar sua mãe feliz, pronto. Você fica morando com
nesse período e assim a gente vai mostrar que, apesar de ela se comportar como u
bruxa, a gente se importa com ela mais do que ela pensa.

Nicole abriu um enorme sorriso e sussurrou, enfeitiçada pelo encanto de Samuel:

— Você é tão bom que às vezes eu acho que não te mereço.

— Coragem, agora liga pra sua mãe e faz as pazes com ela. Diz que voc
contou a história e que vou até a casa dela com uma faca de cozinha pra
naquele coração de pedra que ela tem...

— Samuel! — disse Nicole, rindo. — Não seja bobo.

Resolvido o problema, passaram um ótimo dia em família, bem do jeito q
gostava. Foram a um pequeno parque de diversões e ficaram contentes ao verem
filhos tão felizes.

Dias depois chegaram os aguardados parentes da Rússia. O tempo que passaram
juntos foi uma bênção para Natasha, mas logo as férias acabaram e eles f
embora. Depois de deixá-
los no aeroporto, seguiram para casa, com Nicole
dirigindo, Natasha no banco do carona e as crianças dormindo no banco de trás, c
uma em sua cadeirinha.

— Mãe, não fica triste. Eles falaram que vão voltar.

— Eu sei. Mas não vai ser amanhã, nem mês que vem. Na melhor das hipóteses,
daqui a uns dois anos — respondeu Natasha, com os olhos cheios de lágrimas.

A jovem concordou com a cabeça. Sentia pena da mãe por estar tão longe de seu
país. Havia sugerido a ela mil vezes que voltasse com sua família, mas N

nunca aceitou. Gostasse ou não, o fato de sua filha ter criado raízes nos E Unidos a prendia àquele continente.

— Mãe, não se preocupe. Você vai ver como o tempo passa rápido e voc logo vai reencontrar a tia Vietrina.

Sem querer sorrir, a mulher olhou com malícia para sua filha e perguntou:

— Acha que o Andrey também vai voltar?

Nicole suspirou. Havia reparado que sua mãe e tia Vietrina faziam de tudo que o amigo de seu primo, Andrey, estivesse sempre perto dela. Por isso, esclarec

— Não tem problema se ele voltar. Desde que não seja por minha causa.

— É um homem maravilhoso, russo... e solteiro!

Sem querer discutir com ela, Nicole falou:

— Andrey é um cara bacana, e tenho certeza de que na Rússia há alguma mulher esperando por ele.

— E por que não pode ser você essa mulher? — perguntou Natasha, irritada.

— Mãe, não começa. Estou feliz com a minha vida.

Incapaz de se calar, Natasha resmungou com amargura:

— Feliz... feliz com sua vida? Como pode dizer isso?

Nicole já estava perdendo a paciência e, sabendo que sua mãe nunca a de em paz com aquele assunto, protestou:

— O que tem de errado, mãe? Não vê que estou satisfeita com o Sam? C

acaso você se incomoda por eu ser feliz ao lado dele?

— Esse americano não é homem pra você.

— Então sinto muito, mãe, porque eu amo esse americano e quem manda minha vida sou eu. Não você.

— Ah, Nicola, como pode dizer isso? Esse homem não é pra você e...

— Você não muda esse disco, mãe. Samuel é maravilhoso com todo mund inclusive contigo. E, antes que você diga alguma coisa que me deixe realm chateada, quero que saiba que, se aceitei passar os últimos dias com você, porque esse americano com quem tanto implica me convenceu a fazer isso pra vo não ficar magoada comigo, porque...

— Você me dá vergonha, Nicola... Vergonha! — interrompeu com desprezo mulher.

— Chega, mãe! — gritou Nicole, descontrolada. Não aguentava mais. — C pode ser tão cruel? Não percebe que quem tem que aceitar o Samuel sou você? Você não está bem, mãe. Acho sinceramente que o que você queria era me sozinha e infeliz outra vez.

— Não estou bem? O que você quer dizer? Acha que estou louca? — ber Natasha, atônita. — Você é que está louca ao aceitar as migalhas dos outr conformar com elas e...

— Cala a boca, mãe, cala a boca! — gritou Nicole, transtornada, enquanto Sasha abriu os olhinhos no banco de trás ao escutar aqueles berros.

— Não dá pra ficar quieta! Não quer ouvir isso, mas você é uma sem-vergonha!

— soltou Natasha.

— Chega! Nem mais uma palavra, mãe! — rugiu Nicole, olhando para sua mãe e desviando a atenção da estrada.

Em seguida, após um giro brusco no volante, o carro capotou várias vezes pista, até que um caminhão bateu nele com um tremendo estrondo. Após u instantes de silêncio total, ouviu-
se apenas o choro de uma criança... e pouco depois a sirene das ambulâncias.

Capítulo 6

Nova York, 2 de julho de 2010

— Bom dia, filha — disse Serena a Terry.

Entrando na sala, a jovem bocejou.

— Bom dia. E, antes que você diga qualquer coisa, sim, estou acabada! Uffff... já

não sou mais a mesma... Estou ficando velha...

— Tia, que cara péssima! — disse Cat, sorrindo por saber que Terry tinha na noite anterior. — Não dormiu bem?

— Fica quieta, sua chata — respondeu, rindo também. — Algum dia vai ser você que vai pedir pra eu te acobertar.

Nesse momento Kate apareceu impecavelmente vestida com seu terninho e cabelo preso num coque baixo.

— O que é que há pra acobertar? — E, ao ver o estado da sua irmã, acrescentou:

— Terry, meu Deus, que cara é essa?!

Convencida de estar com uma cara péssima, olhou-se no espelho e exclamou, ao comprovar a realidade cruel:

— Meu Deus, estou horrível!

Alguém tocou a campainha. Era Michael. Chegava para tomar o café da m como fazia todo dia.

— Bom dia, lindonas — cumprimentou com alegria e, olhando para a jov retirava o cabelo do rosto, continuou com a gozação: — Terry, você como está maravilhosa.

— Só pra lembrar — protestou ela, com um sorriso — que meu estado lamentáve é culpa sua. Te falei mil vezes que era hora de voltar pra casa, mas você todo mundo: “A saideira!” E tomamos muitas saideiras.

Sem conseguir tirar os olhos dela, cochichou:

— Mas é sério: você está linda, ô pé de valsa!

— Anda, e come umas nozes. Quer? — Ofereceu a ele, com um pratinho mãos.

— Terry, pelo amor de Deus! — gritou Serena, rindo. — Afasta essas noz Michael imediatamente.

Com seu bom humor de sempre, ele balançou a cabeça e disse, olhando para ela:

— Como você é má, hein! Sabendo que sou alérgico a nozes, você vem e me diz pra comer uma. Quer que eu passe mal, é?

Aquele joguinho entre eles era algo a que todos estavam acostumados. Ma sabiam que não passava disso. Nenhum dos dois permitia nada além. Em aqueles anos, a única pessoa que conhecia os verdadeiros sentimentos de M era Sam. Mas, por respeito a seu irmão, nunca comentou com ninguém.

Depois de pegar um café, Michael se aproximou de Terry outra vez.

— Sempre falei que você fica mais bonita sem maquiagem. Apesar de voc saber que... — continuou, piscando para Cat — quem nasceu pra ser lagar vai ser borboleta.

— Falou o verme — respondeu, divertindo-se.

Serena, que sempre achava graça daquelas ceninhas entre os dois, caiu na

gargalhada.

— Meninos... Não podem ser mais gentis um com o outro?

Eles se olharam, e Terry, dando-se por vencida, acrescentou:

— Não entendo como você pode estar com essa cara ótima e descansada, considerando que a gente foi deitar às cinco da manhã. São oito e meia!

— Hummmm... Você falou que estou ótimo, é?

“Está mais do que ótimo”, pensou Terry, mas, em vez disso, respondeu, sem tirar os olhos dos lábios dele:

— Sim. — E assentiu com a cabeça.

Depois de olhar para ela como só Michael sabia fazer, foi ele quem romp magia do momento, enquanto Serena, Kate e Cat tomavam café sem parar de assi ao teatrinho dos dois.

— Tá bom, chega — disse ele. — Aliás, você contou pra eles que ontem ensinei a dançar merengue?

Terry sorriu e sentiu cócegas no baixo-
ventre ao se lembrar de como ele a
segurara na véspera, dançando juntinhos enquanto mexia os quadris. “Você meu merengue”, pensou ela.

— Ai... que calor — disse, ao sentir a boca seca.

— Merengue? Eu também quero aprender — disse Kate.

Sabia que Michael era festeiro e divertido e levava um ritmo de vida frenético.

— Pelo amor de Deus, um café — exigiu Terry, desvencilhando-
se dele. — Ah, e
tirem esse cara daqui. Tenho que ir trabalhar e não sei como vou consegu acordada o dia inteiro.

O telefone começou a tocar. Kate se levantou para atender, mas parou de

Um pouco depois entrou Ollie, que parou ao ver sua tia. Antes que ela pudesse di qualquer coisa, Terry interveio:

— Já sei, querida, estou horrível.

— Por que diz isso? — perguntou Ollie, brincando. — Eu acho que você ótima.

— Obrigada pelo apoio moral, querida — respondeu Terry, dando um beij sobrinha.

— Mãe, tem um homem no telefone perguntando pelo papai — informou Ollie.

Kate se levantou e deixou a copa, onde todos voltaram a comentar sobre aparência terrível de Terry. Quando chegou à sala, Kate atendeu a ligação.

— Alô.

A voz de um desconhecido respondeu:

— Bom dia. Quero falar com Samuel Malcovich.

— Sam não está — mentiu Kate. Na verdade, ele estava no banho. — Qu gostaria?

— Peter Crowne, da 63ª delegacia da Filadélfia.

— Filadélfia? O que houve?

— Desculpe, senhora, mas preciso falar com Samuel Malcovich.

— Sou a mulher dele. O que houve?

— É sobre um acidente de carro.

Surpresa e sem entender nada, Kate perguntou:

— Um acidente? Que acidente?

O homem continuou:

— Senhora, em nossos arquivos consta que o Mitsubishi Pajero placa Fila 8789 DLB, no nome de seu marido, sofreu há algumas horas um acidente autoestrada A-22, sentido Filadélfia.

— Desculpe, sr. Crowne — interrompeu Kate. — Mas não temos nenhum Mitsubishi. Acho que está havendo um engano aqui.

— Samuel Malcovich Talabuki mora aí? — perguntou o homem outra vez.

— Sim, sim. Sam mora aqui.

— Sinto muito, senhora, mas então não houve engano nenhum. Seu marido const como proprietário do referido carro e o seguro também está em nome dele, e prec falar com ele urgentemente.

Embora confusa com a história, Kate conseguiu responder.

— Me deixe seu número e seu nome — disse ela, solícita, pegando um p
uma caneta. — Quando ele chegar, aviso que o senhor ligou.

Assim que Kate desligou o telefone, seu estômago se embrulhou. Sam viaj
todo mês para a Filadélfia, mas ela não tinha ideia de que ele havia comp
carro ali. Sem saber se deveria subir até o quarto em que seu marido se a
voltou à copa, onde todo mundo estava rindo.

— O que houve? — perguntou Serena.

— Nada, era uma ligação para o Sam.

Com as mãos trêmulas, Kate pegou a cafeteira, preparou um café com leite, pediu
licença e subiu para o quarto. Deixou o café em cima de uma mesinha ao
janela. Quando Sam saiu do banheiro, encontrou-
a de costas, parada, olhando pela janela.

— Bom dia, amor — disse ele, aproximando-se para beijar o pescoço dela.

— Bom dia.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Sam.

Kate teve vontade de dizer que sim. Mas, sem saber por quê, preferiu mer
apontando para o café, respondeu:

— Não, querido. Toma o café antes que esfrie.

Ele abriu um sorriso encantador, bebeu o café e voltou a se olhar no espelho para
colocar a gravata.

— Michael já chegou? — perguntou, enquanto ainda se arrumava.

— Sim, chegou faz um tempinho. Está lá embaixo, implicando com minha
como sempre.

Sam sorriu. Mais do que implicando, Michael a estava ganhando pouco a pouco,
Terry entrava no seu jogo sem saber. Sam lembrou que tinha de perguntar
havia sido a festa. Se bem que, conhecendo Michael e Terry, não tinha a
dúvida de que haviam se esbaldado. Virando-se para Kate, perguntou:

— Querida, o nó da gravata está bom?

Mas Kate já tinha saído. Havia pegado a xícara de café vazia e ido embo silêncio, imersa em seus pensamentos. Ao chegar à sala, ouviu sua irmã contar qu teria um compromisso às 10h30 para uma sessão de fotos da empresa Brouruma.

— Me diz uma coisa, linda — perguntou Michael, olhando para Kate. — O mala do teu marido vai descer hoje ou é melhor eu já ir pro escritório sem ele? Tenho q estar no tribunal às onze pra audiência dos Blaster.

— Não vai demorar — respondeu ela, tentando sorrir. — Estava enrolado ajeitando a gravata.

Nesse momento Sam entrou.

— Bom dia, família.

— Oi, pai! — responderam Cat e Ollie, empolgadas com sua presença.

— Vem logo, seu mala — disse Michael, suspirando. — Você demora ma uma mulher pra se vestir.

Seguro de si, Sam olhou para a sogra e disse, num tom cômico:

— Mas o resultado é bom, né? Por sinal, hoje eu tenho duas audiências.

— Está elegante, mocinho — respondeu Serena com cumplicidade. Eles se adoravam. — Hoje você ganha os processos. Tem que saber combinar tud elegância na roupa e a elegância na fala. E você, querido — acrescentou, levantando-se para dar um beijo na bochecha dele —, tem tudo isso.

— Ai... quanto puxa-saquismo eu estou vendo por aqui — brincou Michael e, virando-se para Kate, perguntou: — Está pronta?

Mas, desde aquele telefonema estranho, Kate estava absorta em seu próprio mundo.

— Vão indo vocês. Eu vou no meu carro. Tenho que anotar umas coisas antes de ir pro escritório. Hoje não tenho nenhuma audiência.

Despreocupado, Sam mordiscava uma torrada que sua filha Ollie lhe havia oferecido.

— Serena, não esquece de pedir pra Teresa buscar meus ternos na tinturar

Amanhã viajo pra Filadélfia e preciso deles.

— Pode deixar, filho, não vou esquecer.

Kate, distraída, deu um beijo nos lábios de seu marido, pensando no que ele havia

acabado de dizer. Depois o viu indo embora e entrando no Chevrolet Cam Michael, que logo desapareceu no meio do trânsito. Pouco depois, Cat e Ollie for para a escola, e Serena e Kate ficaram sozinhas.

— Quais são seus planos pra hoje? — perguntou Serena à sua filha, notar semblante preocupado dela.

Era raro vê-
la sentada à mesa da cozinha. Sempre era a primeira a sair voando para o escritório. Serena chegou mais perto e disse:

— Kate, querida, está tudo bem?

Sua filha fez que sim com a cabeça, esboçando um sorriso tímido; em seguida se levantou da mesa e foi para o quarto.

— Sim, mãe. Está tudo ótimo — conseguiu dizer, em um fio de voz.

Meia hora mais tarde, Kate dirigia seu carro em direção ao aeroporto.

Capítulo 7

Na 63ª delegacia da Filadélfia, ao verem que Samuel Malcovich não entrav contato, eles decidiram ligar outra vez para sua casa. Dessa vez, Teresa, a empregada, passou o número do escritório.

— Bom dia, escritório Dallet & Malcovich, com quem deseja falar?

— Bom dia, com o sr. Samuel Malcovich, por favor.

Após uns instantes, uma nova voz surgiu na linha:

— Alô.

— Eu gostaria de falar com o sr. Samuel Malcovich.

— Da parte de quem?

— Peter Crowne, da 63ª delegacia da Filadélfia.

— Um momento, por favor.

Elora, a secretária de Sam, ligou para ele pelo telefone interno, bem no instante em que ele se preparava para sair.

— Peça pra deixarem o número. Depois ligo de volta.

Sam pegou sua pasta e, enquanto arrumava os papéis que pretendia levar para o tribunal, seu telefone tocou novamente.

— Desculpe, sr. Malcovich — disse Elora. — Mas o sr. Crowne insiste que é um assunto importante. Algo sobre um acidente com um Mitsubishi.

O sangue de Sam gelou. Ele ficou paralisado, mas respondeu com rapidez:

— Tudo bem, pode me passar a ligação. — E, sentando-
se, respondeu com um fio de voz: — Bom dia, Samuel Malcovich falando.

— Bom dia, sr. Malcovich. Meu nome é Peter Crowne — disse pela quarta naquela manhã. — Estou ligando porque seu carro sofreu um acidente. Localizamos o senhor através dos documentos que estavam em seu nome.

— Por favor, me diga o que houve. Nicole e as crianças estão bem? — perguntou nervoso.

Sem querer revelar demais, o homem se limitou a responder:

— Seria melhor que o senhor viesse à Filadélfia. Só posso informar que estão no hospital Meison.

Sam foi invadido por uma angústia tremenda. Um calor terrível tomou conta

seu corpo e, sem conseguir evitar, ele insistiu:

— Tudo bem, estou indo, mas pode, por favor, me dizer se estão bem?

O sr. Crowne sabia por experiência que era melhor não alarmar, então ape repetiu o que já dissera:

— Sinceramente, não sei, sr. Malcovich. Só sei que o senhor deve vir o c antes.

Com as mãos trêmulas, Sam conseguiu dizer:

— Vou pegar o primeiro voo e ir direto ao hospital.

Ao desligar o telefone, Sam tremia todo. O que teria acontecido com Nicole e as crianças? Nesse momento, a porta do seu escritório se abriu e Michael entrou.

— Vamos, Sam. Temos que ir para as audiências.

— Não vou poder. Estou indo pra Filadélfia neste momento — replicou el totalmente desconcertado.

Michael o olhou espantado.

— Filadélfia? Mas não era amanhã que você ia?

Sam mal conseguia responder. Enquanto se apressava em vestir o paletó, d por fim:

— Michael, não posso falar... não agora, pelo menos. Cuida dos meus processos, por favor. Se não puder, fala com o Jonathan ou a Shalma... eu... tenho que ir.

— Espera. O que houve? — Michael o deteve, assustado ao vê-lo assim.

— Não tenho tempo de te contar agora. Na volta eu explico — respondeu desesperado e sem querer falar mais do que o necessário.

Depois, saiu correndo em direção à saída e pegou um táxi rumo ao aeroporto. No voo para a Filadélfia, não conseguiu conter as lágrimas, mesmo sem enten certo o quanto sua vida mudaria dali em diante.

Capítulo 8

Na delegacia de Filadélfia, Peter Crowne dissera a Kate que ela deveria ir
hospital Meison e perguntar pelo doutor John Trevolar. Ao chegar lá, esperou alg
segundos na recepção, e logo apareceu o médico.

— Bom dia. Meu nome é Kate Malcovich. Estou aqui porque nos avisaram
nosso carro, um Mitsubishi, estava envolvido num acidente. O veículo está no no
do meu marido, Samuel Malcovich, e... e... não sei mais nada — balbucio
cada vez mais nervosa. O que ela estava fazendo ali?

— Por favor, me acompanhe, sra. Malcovich — respondeu o médico em t
amável.

Entraram no consultório dele, e Kate, aturdida, acomodou-
se na cadeira enquanto o médico dava uma olhada numa pasta.

— Por volta das onze e meia da noite houve um acidente na autoestrada
22,
sentido Filadélfia. Dentro do carro viajavam quatro pessoas: duas mulheres
crianças. As mulheres se chamam Natasha Ulchenka e Nicola Uldock Ulch
senhora as conhece?

Sem entender nada, Kate fez que sim com a cabeça, ao mesmo tempo em
retorcia as mãos. Precisava saber por que o carro em que elas viajavam es
nome de Sam, então fingiu que as conhecia.

— Sim, são conhecidas nossas. O que houve?

O médico prosseguiu:

— Também havia duas crianças no veículo: Sasha e Tommy Malcovich Uldock.

Kate quase caiu para trás. Conteve a respiração e perguntou num sussurro:

— Que nomes o senhor disse?

Sem olhar para ela, ele se limitou a cumprir seu trabalho e repetiu:

— As crianças se chamam Sasha e Tommy Malcovich Uldock.

Ao levantar os olhos dos papéis e ver a palidez do rosto da mulher à sua frente, o médico explicou:

— O menino está fora de perigo, apenas sofreu alguns cortes e contusões. Mas a menina teve que ser operada, por causa de uma fratura na perna. — Tomo continuou: — Quanto às mulheres que estavam junto, lamento informar qu morreram na hora.

— Ai, meu Deus... — gemeu Kate, levando as mãos à boca.

— Sinto muito — continuou o médico. — Mas preciso que a senhora identifique os corpos.

Kate negou com a cabeça e sentiu um enjoo terrível. Ainda assim, conseg balbuciar a duras penas:

— Não, eu não. Meu marido é que vai fazer isso quando chegar.

— Tudo bem, então. Não se preocupe. Podemos esperar.

Kate ainda não podia acreditar no que estava ouvindo. Parecia viver um pesadelo

O que era aquilo tudo? E, principalmente, por que aquelas crianças tinham sobrenome de Sam? Sentia-
se incapaz de aceitar o que estava começando a
suspeitar, e quis pensar que tudo se resolveria quando seu marido chegasse.

O médico se aproximou dela e acrescentou:

— Sinto muitíssimo. Fizemos o possível. — Transtornada, Kate balançou a cabeça em sinal afirmativo, e o médico prosseguiu: — Se a senhora quise levá-la para ver as crianças.

Kate aceitou a sugestão, quase sem saber o que estava fazendo. Subiram e silêncio os três andares que os separavam da pediatria, onde o médico avisou que menino e a menina estavam no quarto 326.

Como um robô sem vontade própria, Kate passou devagar pelo corredor. P mil vezes em dar meia-
volta, retornar por onde tinha vindo e esquecer tudo para

sempre, mas algo dentro dela a impedia de fazer isso e a arrastava irremediavelmente até aquele quarto. Ao chegar, estendeu a mão e abriu a incapaz de recuar. Ali, diante dela, estavam duas crianças dormindo em su pequenas camas com barras laterais.

Com o coração na mão, aproximou-se da cama do menino. Ele dormia profundamente. Tinha um enorme curativo na testa e vários pontos no pesc rosto e nos bracinhos. Era igual a Sam. E, mesmo sem poder ver a cor de seus olh imaginou que eram escuros como os dele. Atormentada, virou-se para a cama da menina. Era loura e branquinha. Nada a ver com Sam. Por um momento os obser confusa, mergulhada em uma infinidade de pensamentos contraditórios, até aguentou mais e saiu apavorada do quarto. Correu para a rua. Precisava de fresco. E, principalmente, precisava chorar.

Capítulo 9

Quando Sam chegou ao hospital, perguntou diretamente por Nicola Uldock. recepcionista verificou o nome no computador e em seguida informou que o dout teria que falar com ele.

Minutos depois, o médico contava novamente o que tinha acontecido. Sam tomado por uma onda de dor e raiva ao saber do acidente e das mortes t Nicole e da mãe dela. Seu corpo se encolhia de sofrimento. Desconcertado conseguiu reprimir um grito de desespero e por um momento chegou a pe

iria desmaiar. Mas o médico, acostumado com situações tensas e dolorosas como que estava presenciando, reagiu a tempo, acompanhando Sam até uma das cadeir

Depois de esperar pacientemente que Sam se recuperasse, o médico pediu que reconhecesse os corpos. Então desceram até o necrotério, e Sam sentiu forças o abandonarem ao identificar primeiro Natasha e em seguida Nicole. Ele c para trás ao vê-la e começou a chorar enquanto segurava sua mão pela última vez.

Prometeu a ela que cuidaria das crianças e depois deu um último beijo en lábios frios. Foi embora sem olhar para trás, arrasado pela dor.

Subiu até o quarto onde seus filhos estavam internados. Ao entrar, foi primeiro at a cama de Tommy e acariciou a mãozinha dele. Era tão pequenina... Ele tinha ape

um ano e oito meses e já viveria o resto da vida sem uma mãe. Com olhos choros
virou-
se para Sasha, de apenas 4 anos. Como explicaria a ela que a mamãe nun
mais voltaria? Horrorizado, levou as mãos à cabeça. Naquela manhã, o frá
equilíbrio de seu mundo havia desmoronado. O que faria agora?

No silêncio do quarto, voltou a chorar inconsolável, quando de repente a porta se
entreabriu. Os olhos de Kate, inundados de lágrimas, observavam Sam. Ele se vir
para ver quem era e deu de cara com ela. De início assustado e logo invadido pelo
desespero e pela angústia de ter sido pego, só conseguiu balbuciar:

— Desculpa, querida... Desculpa. Tudo o que posso fazer é pedir mil veze
perdão.

Furiosa e transtornada pelo que estava vivendo, entrou no quarto e, sem le
muito a voz, andou até ele e disse:

— Acha que as palavras são suficientes pra eu te perdoar?

— Não sei o que dizer e...

— Nisso eu te entendo, seu mentiroso desgraçado — respondeu com durez

De repente me vejo hoje... Eu... eu... confiava em você. Nunca poderia imaginar q
você fosse capaz... que levasse uma vida dupla. Nunca!

— Eu mereço tudo o que você está dizendo. Não vou tentar me defender.
errei, eu sei.

Kate fechou os olhos, conteve a vontade de chorar e sussurrou:

—
Nunca pensei que você me faria pagar pelo meu erro dessa maneira. Você tinha
dito que me perdoava e... e... Seu desgraçado! Não só me traiu como também trai
suas filhas.

— Eu sei... eu sei... — Arrasado pela dor e pelo desespero que o oprimiam, não
sabia mais o que dizer.

Após um momento bem tenso entre os dois, com Kate querendo gritar e x

lo
até ficar sem voz, ela tomou ar e respirou fundo. Tentando manter a cabe
disse, apontando para as crianças adormecidas:

— Você vai ter que dar uma explicação a Cat e Ollie sobre sua vida dupla. Como

vai justificar o fato de elas terem dois irmãozinhos? Como acha que elas vão enc
isso?

— Não sei. Preciso pensar, mas... — murmurou Sam, abatido.

— Pois então pensa logo — interrompeu-
o Kate. — Porque é você que vai explicar essa situação, não eu.

Dito isso, Kate deu meia-
volta para ir embora, mas sentiu alguém pegando sua
mão. Ao olhar, viu a menina abrindo os olhinhos e observando-
a. Sem saber como
reagir, Kate olhou para Sam, que se levantou rapidamente para falar com a crianç

— Princesa, como você está? — perguntou ele com voz trêmula, enquanto
enxugava as lágrimas dos olhos.

Movendo-
se desconfortável na cama, a menina franziu a testa e, sem reparar que
estava dando a mão a uma desconhecida, queixou-se:

— Papai, papai, tá doendo.

Assustado, Sam saiu do quarto à procura de um médico, sem reparar que
ficaria sozinha com seus filhos. Ela tentou não se envolver, já que não era proble
seu. Mas, ao ver a menina tão indefesa gemendo de dor, não pensou duas vezes e
logo consolá-la.

— Calma, Sasha — sussurrou com ternura. — Não chora, querida.

A garota, apavorada, olhava para ela e chorava. Quem era aquela mulher?

— Cadê o papai? E a mamãe?

Exasperada e ao mesmo tempo comovida pelas lágrimas da menina, Kate c
sem sair do seu lado:

— Ele foi chamar o médico pra examinar sua perninha. Está doendo muito?

Com seus lindos olhos azuis voltados para Kate, a criança soluçava.

— Sim, muito... tá doendo muito.

Invadida por sentimentos contraditórios, Kate se agachou e a abraçou. A p
menina não tinha culpa do que o mentiroso do seu pai havia feito.

— Não chora, lindinha. Logo, logo, seu pai vai encontrar o médico e ele vem aqu
pra acabar com essa dor — Kate tentou consolá-
la e deu um beijo na sua bochecha.

— E cadê a mamãe? — perguntou a menina. — Quero a mamãe.

Nesse momento Sam entrou com uma expressão preocupada, seguido por u
enfermeira e um médico. Kate saiu da frente para que atendessem a menir
aliviassem a dor que ela sentia. O efeito do sedativo havia passado, e tive
dar mais uma dose para ela poder descansar. Mas, enquanto atendiam a m
garoto acordou e começou a chorar.

Sam estava desesperado. Não sabia a quem acudir primeiro. De um lado, Sasha o
chamava; do outro, Tommy erguia os bracinhos, pedindo atenção. Sua vontade er
dividir para cuidar dos dois, mas era impossível. Enquanto isso, Kate apenas assis
à cena. Chegou a pensar em ir embora e esquecer tudo, mas aquelas pobres crianç

não tinham culpa de nada. Acabou largando a bolsa, tirando o casaco e ordenando
marido:

— Sam, você fica com a Sasha. Eu cuido do garoto.

Com um sorriso caloroso, Kate começou a cantarolar uma música para Tommy se
acalmar. Ele rapidamente botou a chupeta na boca e ficou olhando para aq
mulher. Arrasada por tudo o que havia ocorrido nas últimas horas, Kate de
chorar. Lágrimas pesadas começaram a escorrer por suas bochechas, e ela
enxugá-
las. Não era hora de chorar, ainda não. Acariciou com ternura o rosto do

garoto, e ele foi relaxando. Instantes depois, a enfermeira apareceu de novo e inje
alguma coisa no soro de Tommy. Ele fechou os olhinhos e adormeceu de mão dad
com Kate.

— Meu irmãozinho dormiu? — perguntou Sasha.

Abatido, Sam estava sem palavras, então foi Kate quem respondeu, após soltar a
mão de Tommy e pegar sua bolsa e seu casaco.

— Dormiu, sim, lindinha.

Com cara sonolenta, a menina olhou para ela e fez mais uma pergunta:

— Qual é seu nome?

— Kate.

Sasha abriu um sorriso triste e em seguida bocejou.

— Gosto desse nome e você é muito bonita. É amiga do meu pai?

Kate e Sam se olharam aturdidos.

— Fecha os olhos e dorme, Sasha — murmurou ele.

Mas Kate, incapaz de ignorar o olhar da menina, respondeu:

— Seu pai e eu nos conhecemos há muito tempo. — E, sentindo as lágri
lutarem novamente para sair, encerrou a conversa: — Preciso ir.

— Você vem de novo amanhã pra ver a gente? — quis saber a menina.

Kate não aguentava mais. Como podia perguntar tantas coisas? Mas tentou
ser ríspida com ela e respondeu:

— Acho que não, lindinha. Estou cheia de trabalho.

Consciente do que aquilo tudo estava representando para sua mulher, Sam
com ternura a testa da criança e disse baixinho:

— Princesa, a Kate tem muito trabalho e acho que não vai poder vir. Ma

tranquila, o papai vai estar aqui contigo.

Aquelas últimas palavras, “o papai vai estar aqui contigo”, foram como um punhalada no coração de Kate e, antes de sair do quarto, ela se despediu, apenas:

— Tchau, Sasha. Se cuida, e cuida do seu irmãozinho também.

Quando já estava no corredor, Kate desabou. Como aquilo tudo podia estar acontecendo? Enxugou as lágrimas e começou a andar em direção ao eleva

que sentiu alguém segurando seu pulso para detê-la. Era Sam.

— Obrigado, Kate...

Ela não conseguiu olhar para ele. Afastou sua mão e afirmou num tom de cortante:

— Não quero que você volte pra casa. Quero o divórcio e exijo que você fale o mais rápido possível com as meninas sobre o que aconteceu.

— Kate, me escuta — respondeu ele, desesperado. — Vou fazer tudo o que você quiser, vou falar com nossas filhas, vamos resolver tudo. Mas, por favor, me dá u tempo. Preciso ficar aqui no hospital com as crianças.

Sua resposta fez Kate reagir. Olhando com fúria para Sam, ela disse:

— O quê?! Você está me pedindo que seja boazinha com você e com seu problemas? Ah, não... Sam. Isso não. Danem-
se os seus sentimentos. Quero resolver
essa loucura o quanto antes. Entendido? O quanto antes!

Sam ficou desconcertado ao ver a angústia e a raiva de Kate. Ela não me passar por tudo aquilo, mas naquele momento ele não podia fazer outra coisa.

— Kate, por favor, eu imploro. Estou dizendo que vou fazer tudo o que v quiser. Não vou me opor a nada do que você pedir. Mas nesse momento eu tenho grande problema e...

— Você está enganado, você tem *muitos* problemas.

Ele sabia que ela estava certa, mas, diante das circunstâncias, tentou explicar sua situação:

— Não conheço ninguém na Filadélfia que possa tomar conta das crianças hospital quando eu for pra casa falar com as meninas. Sasha e Tommy só têm a m mais ninguém. E eu não posso ir embora e deixá-
los sozinhos e assustados aqui.

Kate, por favor... por favor, não te peço mais nada.

Incapaz de acreditar no que estava ouvindo, Kate insistiu:

— Não vem com essa pra cima de mim, Sam. Por acaso a mãe das crianças não tinha família aqui?

— Não, ninguém, só a mãe dela, avó das crianças, que também morreu. – olhando-
a nos olhos, implorou: — Por favor. Sei que nesse momento sou a última pessoa que você gostaria de ajudar, mas não posso ir embora e deixá-las sozinhas, porque eles só têm a mim no mundo.

Kate olhou desolada para ele. O homem que ela colocava num pedestal, q adorava, aquele que num momento da sua vida conseguiu entender que ela lhe pedindo um tempo... Quis responder que não. Ser má com ele, como ele mere

Mas Kate conhecia Sam, ou, pelo menos, pensava conhecê-
lo até então, e sabia pelo
seu olhar que ele estava pedindo de coração. Aturdida, balançou a cabeça caminhando até o elevador, disse “sim” sem lhe dirigir o olhar.

— Está bem, Sam. Vou esperar. Tchau.

Devastado pela tristeza e sentindo-
se o homem mais cruel do mundo, ele a viu afastar-se e sussurrou:

— Tchau, Kate.

E, quando ela já não podia mais ouvir, Sam deixou escapar um triste e lâ

“Te amo”.

No elevador, Kate desabou de novo. Começou a chorar copiosamente enquanto as pessoas ao redor a observavam com tristeza, imaginando que acabava de perder u ente querido. E não estavam enganadas.

Naquela noite, na solidão do quarto, Sam também chorou como uma crian

Chorou pela morte de Nicole. Uma boa moça que o amava e que havia a aquela vida, apesar de saber que Sam nunca se divorciaria de sua esposa. pelos filhos, por todos os seus filhos. Pelo sofrimento que causaria a todos

chorou por Kate, a mulher que ele sempre amara e que agora havia perdi mesma noite, Sam se encolheu na poltrona do quarto e fechou os olhos, t esquecer o aqui e agora e mergulhar num passado que nunca voltaria.

Capítulo 10

Na manhã seguinte, após uma noite terrível, Sam tomou coragem e ligou Michael. E, sem muitas explicações, mas exigindo que não contasse a Kate, pedi ele que enviasse algumas roupas. Mas, quando deu o endereço do hospital, Micha decidiu levá-las pessoalmente. Precisava saber o que havia ocorrido.

Jogada na cama de seu quarto, Kate chorava sem parar. Sua mãe, desesperada e s entender o que acontecia, ligou para Shalma, a melhor amiga de sua filha. Ela ch uma hora depois.

— O que houve?

Angustiada, Serena contraiu a expressão do rosto.

— Não sei, filha. Ontem à noite Kate chegou com uma cara péssima, se no quarto e desde então não saiu de lá. Sam não dormiu em casa. Devem ter briga e por isso ela está desse jeito.

Shalma achou estranho. Em todos esses anos em que Sam e Kate estavam juntos, nunca acontecera de uma discussão fazê-
lo dormir fora de casa, nem mesmo quando
ocorreu “aquele episódio”. Entre eles já haviam acontecido coisas muito mais sér

e uma simples briguinha não seria capaz de separá-los.

— Tem razão. Mas deve ter sido uma discussão sem importância — disse Shalma, na tentativa de acalmar Serena.

Com um meio sorriso, Serena balançou a cabeça em sinal afirmativo.

— Foi o que a Terry disse ontem à noite. Mas hoje de manhã ela saiu bem cedo pra trabalhar e não deu tempo de eu contar o que estava acontecendo. Já tentei fal com a Kate, mas ela não quer conversar. Só pede pra eu deixá-
la descansar. Diz que está precisando.

— As meninas sabem de alguma coisa?

A mulher negou com a cabeça.

— Nada. Ontem foram deitar cedo e hoje nem estranharam a ausência dos nem do Michael.

— Michael não veio? — perguntou Shalma, cada vez mais intrigada.

— Pois é, filha, ele também não veio — respondeu Serena, suspirando. — E por isso eu sei que alguma coisa aconteceu. E é grave.

— Fica calma. Vou ver o que ela vai me contar — disse Shalma e subiu escadas em direção ao quarto da amiga.

Deu umas batidinhas na porta e tentou entrar, mas estava trancada.

— Kate, se você não abrir, juro pelos meus filhos que vou arrombar essa porta e você sabe que estou falando sério — avisou Shalma.

Segundos depois, ouviu a chave girando e sua amiga surgiu com os olhos inchados de tanto chorar.

— Entra — ordenou Kate com um fio de voz.

— O que está acontecendo? — perguntou Shalma, preocupada.

E Kate desabou outra vez enquanto começava a contar entre soluços tudo havia ocorrido, sem omitir detalhes. Shalma não conseguia acreditar no que ouvindo. Sam tinha uma vida dupla? Inacreditável.

Quando Kate terminou seu relato, murmurou enquanto assoava o nariz:

— É um pesadelo. Nunca pensei que uma coisa dessas pudesse acontecer comigo, principalmente depois de tudo o que houve. Mas talvez tudo fosse perfei demais. Quase um conto de fadas: uma vida maravilhosa, uma família incr trabalho respeitável e um marido que me amava, capaz de perdoar tudo...

— E que com certeza ainda te ama — respondeu sua amiga, tentando levantar seu ânimo.

Kate ia protestar, mas ficou quieta. Shalma a observava. Sabia o que Sam por ela. Ele havia demonstrado esse amor em mais de uma ocasião, mas e conseguia entender isso de vida dupla. E, sobretudo, não entendia por que ele esta fazendo isso *agora*.

— Você sabe o que o Sam significava pra mim — disse Kate, enxugando

lágrimas. — Era meu príncipe encantado. O homem ideal! Mas sabe o que concluí com essa história toda?

— O que você concluiu?

Com a dor refletida em seu rosto, respondeu:

— Que a vida não é o maravilhoso conto de fadas que eu imaginava... porque os príncipes encantados viram sapos.

Ver sua amiga chorando de desespero e tristeza partiu o coração de Shalm ela estava disposta a ajudá-la a qualquer custo.

— Escuta, Kate — disse, retirando o lindo cabelo louro do rosto da amiga

Entendo que os príncipes encantados podem virar sapos, mas, como amiga eu sou, devo lembrar que as princesas também. Entendo sua dor, sua fúria, sua rai

Entendo que nesse momento a única coisa que você quer fazer é pegar Sa trucidá-
lo por ter se comportado como um porco insensível. Mas também entendo que você, justamente pelo que já aconteceu, deveria saber também que a vida não um conto de fadas e que todos nós, príncipes e princesas, acabamos virando sapo

algum momento de nossas vidas.

Após ouvir as palavras de sua amiga, que ela tanto compreendia, Kate se aninhou em seus braços e continuou chorando.

Capítulo 11

Michael colocou algumas roupas na mochila e pegou o primeiro voo para Filadélfia. Por mais que tentasse pensar sobre o que poderia ter acontecido, nada ocorria, e isso o preocupava cada vez mais. Ao chegar à cidade, e já no t mescla de medo e angústia se apoderou dele. E se havia acontecido algum grave com Sam?

Entrou no hospital com o coração na mão e subiu até o andar que Sam h indicado. Ao ler a placa da pediatria, achou estranho. O que Sam estaria f ali? Mas entrou no quarto sem pensar duas vezes.

Ao ver seu irmão chegar, Sam correu para abraçá-lo. Precisava do contato físico com Michael. Ele o enchia de coragem e afeto.

— Sam, o que está havendo? — perguntou, assustado.

— Obrigado... obrigado por vir — sussurrou Sam.

Cada vez mais confuso, Michael olhou para as duas crianças que dormiam tranquilamente.

— Posso saber o que você faz aqui e quem são essas crianças? — perguntou.

Sam não pôde reprimir um soluço. Os dois haviam passado por várias coi juntos, e ele sabia que seu irmão o entenderia, tinha que entender. Haviam crescid sem pais, e ele não permitiria que Tommy e Sasha passassem pela mesma situaçã

Após um momento repleto de dúvidas para Michael, e de insegurança para Sam, tomou coragem e respondeu sem rodeios:

— Meus filhos.

Surpreso como nunca havia ficado, Michael olhou para as crianças e exclamou:

— Seus filhos?! Mas... mas...

Ao perceber o desconcerto de Michael, Sam o segurou pelos ombros e nes momento se deu conta de que havia chegado a hora de começar a dar mu explicações.

— Vamos lá fora e eu explico.

No corredor, Michael escutava de olhos arregalados o que seu irmão lhe contava.

Parecia irreal ouvir uma história como aquela, ainda mais vindo de Sam.

— E isso é tudo — murmurou, desesperado, botando a mão no rosto.

Assombrado, Michael balançou a cabeça.

— Sam, como você pôde me esconder uma coisa dessas? — perguntou.

— Não tinha orgulho do que estava fazendo, Michael. Apesar de amar as crianças e de ser capaz de dar minha vida por elas ou pelas minhas filhas, sempre consciência de que o que estava fazendo era errado.

— Mas eu e você sempre contamos tudo um ao outro e...

— Eu sei, mas...

Ao ver o desespero no rosto de Sam, Michael suspirou e pousou a mão e ombro para tranquilizá-lo.

— Ok... ok.

Depois de consolar Sam, seu irmão, seu amigo, Michael olhou para as cria através de uma fresta da porta e fez a pergunta que o estava corroendo havia algu tempo:

— E Kate?

Assim que Sam escutou esse nome, seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Quer o divórcio. — Os dois balançaram a cabeça e Sam continuou: —

acredita que ontem, apesar de estar furiosa comigo, ela me ajudou com as criança

— Michael sorriu. Kate era mesmo magnífica. — Apesar de estar furiosa.. ajudou com as crianças — repetiu Sam. — É uma mulher admirável, a m todas — acrescentou com um fio de voz.

Michael continuava sem entender por que seu irmão havia mantido aquela

dupla.

— Você sabe que eu adoro a Kate, né? — replicou Michael. — Faria qua coisa por ela, mas não esqueça que por você eu também faria tudo. E, conhecend a como eu conheço, imagino que esteja muito magoada e...

— Não se preocupe — disse Sam. — Se ela te pedir pra preparar as me cautelares para o divórcio, quero que você dê toda a assistência necessária. Toda.

De repente ouviram uma vozinha assustada, e Sam, esquecendo-
se de tudo, entrou no quarto, seguido por Michael.

— Papai, papai... — chamava Sasha, desesperada.

— Estou aqui, princesa — respondeu ele e correu para abraçá-la. — O papai saiu um minutinho, mas já voltou.

A angústia e o pavor se refletiam no rosto da menina.

— Pai, eu estava com medo de que você também tivesse ido pro céu con mamãe e a vovó.

Michael ficou arrepiado ao escutar isso. Lembrava a aflição que sentia quando er pequeno e pensava que alguma coisa pudesse acontecer com Sam, que era pessoa que ele tinha no mundo.

— Não, meu amor — disse Sam, sorrindo. — Nunca vou te deixar sozinha. Nem você, nem o Tommy — assegurou, tentando reconfortar a pequena.

— Pai, e quem é esse homem? — perguntou Sasha de repente, quando en reparou na presença de Michael.

Sam olhou para Michael e não se surpreendeu ao vê-lo com os olhos marejados.

Sabia o que ele pensava, e sobretudo o que ele sentia, e isso o comoveu. Michael, como sempre, tirou forças sabe-se lá de onde e, engolindo as lágrimas, aproximou-se da menina.

— Está falando de mim, senhorita?

Segurando com força a mão de seu pai, a menina fez que sim com a cab Michael piscou para ela.

— Mas... bem, seu pai não te disse quem sou eu? — A menina negou. M chegou ainda mais perto dela e explicou: — Meu amor, sou seu tio Michael. Nun se esqueça. Combinado?

Ao ouvir isso, Sam teve que se levantar e se afastar um pouco de sua fil

Emocionado e agradecido, sentiu as lágrimas brotando outra vez de seus o escorrendo por seu rosto descontroladamente, mas agora de felicidade. Sabia que alguma coisa lhe acontecesse, Michael cuidaria de seus filhos.

No dia seguinte, depois de falar por telefone com sua secretária para resol algumas pendências do trabalho, Michael ficou no hospital com as crianças. Sam

ao enterro de Nicole e Natasha. Horas depois, voltou ao hospital e, ao ent quarto, quase caiu para trás ao ver Kate junto com Michael.

— Papai, papai! — gritou Sasha, mais disposta. — Olha o que a Kate trouxe pra mim.

A menina lhe mostrou uma Barbie, e Sam, abatido, balançou a cabeça em sinal de aprovação. Não parava de olhar para Kate, que também não estava com u nada boa.

— Obrigado, Kate. — E, virando-se para a menina, acrescentou: — Legal, Sasha!

Essa é a Barbie que você queria, né?

— É — confirmou a menina e, dirigindo-se para Kate, perguntou: — Como você sabia que era a que eu queria?

Kate sorriu na medida do possível. Não gostava de ver Sam naquele estado, mas fora ele quem provocara aquilo tudo. Ainda não sabia o que estava fazendo ali ne por que havia pegado o avião para a Filadélfia.

— Bom, a Barbie me ligou e disse: me leva até a Sasha. E por isso eu a pra você.

Ainda admirado por aquela visita, Michael a observava sorrindo para a me

Era incrível a força de Kate. Por isso ele gostava tanto dela.

— Sério? — sussurrou a garota, boquiaberta.

Kate fez que sim, mas logo se dirigiu a Sam e disse que queria falar com ele. Já no corredor do hospital, quando andavam até o elevador a caminho da cafeteria, S não conseguiu se conter:

— Kate, obrigado por tudo.

— Quando você vai falar com as meninas? Não param de me perguntar o que est acontecendo.

— Me dá um tempo, por favor. Não posso ir embora e deixar as crianças sozinhas. Elas não têm mais ninguém — implorou, coçando a barba já aparente.

— Têm o Michael — respondeu, furiosa. Ao chegar ao hospital e ver Michael ali Kate foi logo “ligando os pontos”.

— Ele também não sabia de nada, Kate. Não comece a tirar conclusões precipitadas — disse Sam, que a conhecia bem e sabia o que estava pensando.

— Sinceramente, Sam, não me interessa o que você diz. Só sei que Michael está aqui, contigo, te dando uma mão.

— Uma mão e todo o corpo — brincou num tom triste. — Graças a ele posso sai pra comer e tomar banho. Quero muito que as crianças recebam alta logo poder ir com elas a Nova York e falar com as meninas. — Ao ver a cara

fazia, Sam acrescentou: — Também devo uma explicação à sua mãe e à sua irmã.

Como Kate apenas balançava a cabeça sem dizer nada, ele sentiu que devi pedir desculpas outra vez.

— Sei que errei e joguei no lixo nosso futuro juntos. Quanto ao divórcio, já falei para o Michael preparar as medidas cautelares, que vou assinar sem nem mesmo l

Se há alguém aqui que não cumpriu as promessas que fizemos, esse alguém sou e e assumo toda a responsabilidade. Não vou colocar qualquer obstáculo a n você me pedir.

Kate o escutava com expressão ausente, tentando transmitir frieza. Mas me naquele terrível momento ela não conseguia evitar pensar em todo o mal que fize um ao outro. Sam era uma boa pessoa. Aquela oferta poderia prejudicá-lo seriamente. Ela poderia ficar com a casa, o escritório, retirar o dinheiro da bancárias etc. Mas a grande diferença que havia entre eles e muitos outros que passaram por situações parecidas era que, apesar de tudo, haviam apre ser amigos.

— Sam, nunca imaginei que você pudesse fazer algo assim, apesar de tudo o que aconteceu. Não depois de tudo o que passamos juntos.

Ele ficou olhando para ela. Não gostava de remoer o passado. Mas dessa culpado era ele. Só ele. E não havia nada a fazer, exceto assumir a culpa e seguir frente com as crianças. Elas não deveriam pagar pelos seus erros.

Quando chegaram à cafeteria, pediram um café e Kate insistiu para que el comesse alguma coisa. Com certeza não havia colocado nada na boca a m inteira. Mas ele só aceitou comer algo se ela o acompanhasse. Acabaram p um tira-
gosto qualquer. Quando a comida chegou, Sam perguntou após um silêncio incômodo:

— Como estão as meninas?

— Bem. Eu disse que você estava viajando, mas não sei se elas acreditara

Acho que você deveria ligar pra elas.

— Vou ligar. Sua mãe sabe de alguma coisa?

— Não. Nem Terry. Sabem que está havendo algo, inclusive minha mãe telefonou pra Shalma...

— A Shalma sabe, né? — perguntou Sam, e ela confirmou.

— Eu precisava contar pra alguém ou ia enlouquecer. Nada disso tem sido pra mim.

Sam pegou a mão de Kate e perguntou, olhando-a nos olhos:

— Como você está?

— Para ser sincera — respondeu ela, deixando-o segurar suas mãos, ainda que contra sua vontade —, sinto como se eu estivesse fora do meu corpo. Estou completamente desequilibrada, minha vida desabou e agora tenho que recomeçar la sozinha. — Deteve-se, cabisbaixa, e continuou: — Da noite para o dia fiquei sabendo que meu marido estava me traindo há anos e que teve filhos com outra mulher. — E, olhando bem fixo nos olhos dele, perguntou: — Como você pôde fazer isso comigo?

Incapaz de reviver e recordar o passado que tanto o atormentava, Sam respondeu:

— Kate, eu... não sei o que dizer... até nesse momento tão difícil, é você quem está me dando uma grande lição de firmeza e integridade. Nunca vou poder agradecer tudo o que você me deu e sei que você nunca vai me perdoar por tudo o que te fiz e todo o sofrimento que estou te causando.

Esforçando-se para controlar as lágrimas, Kate conseguiu balbuciar:

— Só... só tento fazer o mesmo que você fez por mim.

As lembranças sufocavam os dois. Às vezes não era fácil trazer à tona essas recordações. Ficaram um bom tempo calados, mergulhados em seus pensamentos até que Kate perguntou:

— O que a gente faz com o escritório?

— É seu, Kate — disse Sam. E, pensando com frieza, acrescentou: — Pode fazer o que quiser com ele. Não vou me meter. Pode até mudar o nome, se bei acho que seria ruim pra você. Talvez perca clientes se fizer isso.

— Nisso você está certo, Sam. Mas pra mim seria muito difícil trabalhar lado todo dia. — E olhando-
o com tristeza prosseguiu: — Acho que um dos dois
tem que deixar o escritório e...

— Serei eu — respondeu Sam sem hesitar. — Você precisa seguir em frente e eu entendo que comigo ali seria mais difícil. Eu te amo, sempre vou te amar e...

Levantando a mão num gesto de súplica, ela murmurou:

— Não, por favor, Sam. Não fala nada. Isso tudo já é difícil demais. Não que a gente diga coisas que podem nos magoar mais ainda. Por favor, não.

— Eu sei que é difícil, mas é o que eu sinto — insistiu ele. — Nunca deixei de te amar e nunca teria me separado de você, porque você sabe muito bem qu conseguiria viver sem você...

Ao ouvir isso, Kate sentiu o coração bater mais forte e não pôde deixar de dizer:

— Você conseguiu viver muitíssimo bem, não fala bobagem. E, por favor, essa história de amor não faz o menor sentido agora, porque a gente term

Abatido, ele fez que sim com a cabeça. — Estou aqui porque a gente ten um pelo outro e duas filhas em comum, mas principalmente porque somos civilizadas e, como tais, devemos conversar pra resolver tudo isso. — Fico de repente e continuou: — Não quero ouvir falar de amor, muito menos do seu. S quero resolver essa história toda e poder começar a viver em paz.

— Kate — sussurrou sem olhar para ela —, eu soube perdoar.

Aturdida, decepcionada e humilhada, ela deu meia-
volta e saiu. Da mesa onde
estava, Sam a olhava, sabendo perfeitamente como ela se sentia, e o mais intelige a se fazer era deixá-la ir embora.

Capítulo 12

O tempo passava e as crianças pareciam melhorar a cada dia. Mas, quatro
depois, como Sasha ainda demoraria para ter alta, Sam as deixou aos cuid
Michael no hospital e pegou um voo para Nova York. Precisava ver suas
explicar o que tinha acontecido; também tinha que ver Kate e falar com S
Terry de uma vez por todas.

Quando o táxi entrou na sua rua, Sam começou a respirar com dificuldade, de tão
nervoso que estava. Assim que passou pela porta, foi direto para a sala e de lá viu
Serena lendo tranquilamente na varanda. Sam não sabia se deveria se aproximar o
ou não. Mas por fim pensou que era o mais certo a se fazer e, depois de emitir um
suspiro profundo, andou na direção dela.

— Pensei que você nunca mais voltaria — disse ela, sem olhar para ele.

— Estou aqui.

Nesse momento Serena fechou o livro e ergueu os olhos, esperando uma
explicação.

— Não sei por onde começar — disse Sam, sentindo-
se como uma criança diante
daquela que, até alguns dias antes, havia sido sua sogra e grande cúmplice.

Deixando o livro sobre uma mesinha branca, a mulher o incentivou a continuar.

— Por onde você quiser, mocinho. Não sei o que houve entre vocês, porque Kate
não me falou nada, mas, seja o que for, com certeza tem solução. Ela te adora e eu
sei que você também sente o mesmo por ela. Não acho que o que aconte
algo tão horrível a ponto de deixar vocês desse jeito. — E, olhando-
o mais
detidamente, acrescentou: — Pelo amor de Deus, Sam, essa barba te deixa com u
cara péssima.

Constrangido por saber o mal que lhe faria quando contasse a verdade, Sam disse

— Serena, infelizmente o que aconteceu foi bem grave e difícil de ser pe

E, antes de mais nada, quero dizer que você foi e continua sendo uma pessoa mui

importante pra mim e... eu gosto muito de você. Em primeiro lugar, por ter educa
a Kate e, depois, por amar a gente tanto quanto você ama. Quero que saiba que vo
sentir muito a sua falta. E te digo isso porque sei que você não vai gosta
que vou contar.

— Filho, pelo amor de Deus — respondeu, levantando-
se da cadeira —, você está me assustando.

E então Sam começou a contar tudo o que havia acontecido. No início, o rosto de
Serena refletia perplexidade, mas ao fim ela parecia petrificada, sem expressão.

— Ai, Sam, como você pôde fazer isso com a gente? Agora estou entend
tudo. — E, levando as mãos à cabeça, disse num tom choroso: — Tadinha da min
filha, como deve estar sofrendo! E as meninas... o que você vai dizer a elas?

— A verdade — respondeu Kate, que estava atrás deles escutando tudo. –
meninas não são mais bebês e merecem saber a verdade.

Sam se virou para ela. Estava linda, apesar da palidez de seu rosto.

— Mas, filha — disse Serena —, como vocês vão falar a verdade pra elas?

— Mãe, eu não quero mentiras.

Mas Serena, que não estava nada convencida da decisão que eles haviam tomado,
protestou:

— Kate, não entendo como você pode querer que suas filhas sofram por u
coisa dessas. Como acha que elas vão encarar isso? O que aconteceu é... é horríve

Kate concordou com a cabeça, mas depois de olhar para Sam, que perman
calado, insistiu:

— Mãe, eu te peço encarecidamente que não opine sobre esse problema, porque é
algo que Sam e eu temos que resolver sozinhos, e vamos fazer isso da m
maneira possível. São nossas filhas. E não queremos causar nenhum mal a elas. S
achamos que não merecem ser enganadas. É isso.

Nesse momento ouviu-se a porta da rua se fechar, e segundos depois as meninas
apareceram. Ao ver o pai, elas se atiraram em seus braços.

— Papai — disse Ollie. — Você está horrível.

Cat o abraçou, um pouco desconfiada. Não sabia o que estava acontecendo, mas, considerando o estado em que sua mãe se encontrava ultimamente, tinha consciên de que não podia ser nada de bom.

— Meninas — disse Sam. — Preciso conversar com vocês. Vamos para o quarto?

— No meu! — ofereceu Ollie, toda espevitada.

Sam olhou para Kate e Serena, e em seguida subiu com suas filhas até o

Ao chegar lá, fechou a porta e se sentou com elas. Não sabia por onde c mas, depois que sentiu Ollie apertando sua mão, respirou fundo, tomou co disse:

— Vocês não vão gostar do que eu vou contar, mas prefiro que saibam a verdade desde já. Só espero que me escutem até o fim.

Assim, Sam começou a contar a história. Observou a cara de surpresa de filhas ao saber que o pai teve uma relação com outra mulher e o jeito como elas s encolheram quando ele disse que elas tinham dois irmãos. Cat ouviu tudo quase s piscar. O olhar de sua filha não indicava nada de bom. Ollie, por sua vez encarar melhor tudo aquilo, apesar de ser dois anos mais nova.

— Pai — interrompeu Cat. — Como você pôde ter sido tão canalha?

— Querida, vou tentar entender tudo o que você disser, mas...

— Entender? O que você é capaz de entender? — gritou, levantando-se da cama.

— Entende o sofrimento que a mamãe está passando? Mas como pôde faz com a gente? Por acaso a gente não valia como família pra você? Por que você te

que procurar outra família?

— Querida — sussurrou Sam à sua filha, que estava descontrolada. — Claro que vocês valem muito como família. São a melhor família do mundo. Mas na vezes acontecem coisas que não se pode explicar...

— Pois eu te explico, então — cortou Cat, cheia de ódio. — Você se env
com outra mulher e decidiu ter dois filhos com ela e...

— Não, Cat...

— Não?! — interrompeu a menina outra vez. — É mentira o que estou d
então? É mentira que existiu outra mulher e que existem outros filhos? É
que, se o acidente não tivesse acontecido, você teria continuado com sua v
dupla?

Sofrendo com as verdades que escutava sua filha dizer, Sam balançou a ca
abatido.

— Cat, querida — interveio ele, tentando aplacar aquela fúria. — Eu errei
assumo meus erros. E, por culpa dos meus erros, vou ter que me afastar d
que são as pessoas que eu mais amo no mundo.

Elas não podiam acreditar no que estavam ouvindo.

— Por que você tem que se afastar da gente? — gritou Cat, entre lágrima
enquanto Ollie continuava sentada e pensativa. — Eu não quero que você vá emb
daqui. A mamãe mandou você ir embora? Ou você vai morar com seus outros fill
e abandonar a gente?

A amargura na voz de Cat partiu o coração de Sam. Ele estava numa encruzilhada
mas não podia recuar. Não podia deixar Sasha e Tommy sozinhos.

— Cat, a mamãe não me mandou ir embora — mentiu ele. Não queria qu
filha se aborrecesse com Kate. — Sou eu mesmo que acho que preciso sa
casa. Vocês têm a mamãe, a vovó e a tia Terry pra cuidar de vocês. Mas
precisa tomar conta das crianças. A mãe delas morreu e elas não têm ninguém nes
mundo além de mim. E eu, como pai, não posso me esconder, fingir que
comigo e me esquecer deles. Vou lutar por elas assim como continuarei lutando p
vocês a minha vida toda. Nunca se esqueça disso, querida, nunca.

— Como eles se chamam? — perguntou Ollie de repente.

Sam olhou para ela e respondeu com um sorriso triste:

— Sasha e Tommy.

— Quantos anos eles têm?

Indignada com o interesse da irmã, Cat lançou um olhar furioso na direção dela.

— O que você tem a ver com isso, Ollie?

Com uma tranquilidade assombrosa que às vezes desconcertava sua irmã, Ollie se virou para ela e, sem mover um só músculo do rosto, disse com um fio de deixando Sam surpreso:

— Não é porque não te interessa que não vai me interessar também. Conc que o papai fez uma coisa horrível, mas, se você não se importa, agora q falando sou eu. — E, olhando para seu pai, esperou a resposta à sua pergunta.

— Sasha tem quatro anos e meio, e Tommy um ano e oito meses.

Ollie balançou a cabeça e prosseguiu:

— Eles estão bem?

— Estão, sim, querida — respondeu Sam, emocionado. — Estão com o ti Michael. Ele ficou com eles na Filadélfia pra que eu pudesse vir aqui conversar c vocês. Só não vim antes pelo que já expliquei: estão no hospital e não têm ningué além de mim e do tio Michael pra cuidar deles.

Sem entender por que sua irmã não mandava o pai à merda, Cat olhou desconcertada para os dois.

— Não quero ouvir mais nada — disse ela, que logo saiu e bateu a porta força.

Ao vê-
la indo embora, Sam suspirou e tapou o rosto com as mãos. Cat não iria perdoá-lo, e isso o arrasava.

— Pai, não se preocupa — sussurrou Ollie. — Você sabe como ela é.

— Ollie, sinto muito por tudo o que está acontecendo por minha culpa. Sua irmã tem razão. Sou um mau pai e...

— Pai — cortou ela. — Me recuso a acreditar que você fez isso pra mag
gente. Mas você deveria ter pensado mais nas consequências dessa história

Você traiu a mamãe e traiu a gente. Como quer que a gente encare isso?

Sam estava surpreso com a maturidade de Ollie. Ela continuou:

— Me dá muita raiva tudo o que está acontecendo, porque está destruindo minha
família. — E, baixando a voz, acrescentou: — Nunca pensei que você pudesse fa
uma coisa dessas com a mamãe, e estou zangada.
Muito zangada. Sempre admirei
vocês dois pela felicidade e o amor que demonstravam, e sempre quis que
me amasse como você amava a mamãe. Mas depois disso acho que não v
conseguir acreditar no amor.

— Não diz isso, querida. Você tem que acreditar nessas coisas.

Sem querer aprofundar mais o assunto, a menina disse apenas:

— Pai, vai ser difícil, depois do que estou vivendo.

— Ollie, eu não vou abandonar vocês. Nunca faria isso. Eu amo vocês duas.

— Eu sei. Disso eu já sei — falou ela, agoniada. — Mas uma parte de v
abandonou a gente, e vamos ter que nos acostumar a viver sem essa parte
tínhamos antes. Mas eu não estaria sendo sincera comigo mesma se te dissesse qu
não tenho pena dessas crianças.

Sam balançou a cabeça. Ollie era espetacular em suas reflexões. Era muito
parecida com a mãe.

— Vai ser duro pra eles, principalmente pra Sasha. Tommy ainda é muito pequen
e logo vai esquecer a mãe. Mas Sasha... ela, sim, me preocupa.

— Quando vou conhecê-los? — disse Ollie de repente.

Sam não soube o que dizer. Não estava preparado para aquela pergunta. M
sorrindo para sua filha, murmurou com lágrimas nos olhos ao ver o quanto
adolescente se parecia com Kate:

— Quando você quiser, querida.

— Acha que a mamãe ficaria chateada?

— Não sei, querida. Isso você deveria perguntar a ela.

Segura de si mesma, a garota fez que sim com a cabeça e falou:

— Vou perguntar, papai, pode deixar. Sei que não vai ser nada fácil pra m
mas tenho certeza de que ela vai me entender.

— Eu sei... eu sei — comentou Sam, abraçando-a.

Depois de passar mais de uma hora conversando com sua filha no quarto,
tentou falar a sós com Cat. Mas foi impossível. Ela havia se trancado no quarto d
tia e, apesar de Sam implorar mil vezes para ela abrir a porta e assim eles poderem
conversar, ela se recusou. Por fim, cabisbaixo, ele decidiu deixar o assunto
outro momento. Quando descia a escada, topou de frente com o olhar dur
cunhada.

— Nunca poderia esperar isso de você. Jamais imaginaria que você pudess
tão canalha — rosnou ela, fora de si.

— Terry, não vou discutir isso contigo, porque sei que...

Mas ela não o escutava. Estava tão furiosa pelo que sua mãe lhe havia co
que sentia vontade de matá-lo.

— Tudo era perfeito demais, né?

— Sinto muito... — começou a dizer ele, mas, com um movimento rápido
apertou os testículos de Sam com a mão direita, e ele ficou sem ar. Sabia o quanto
sua cunhada podia ser bruta.

— Se eu pudesse — disse ela, furiosa, apertando-o com força —, te deixava sem
bolas pelo resto da vida. — Ao vê-
lo bufando, continuou: — Dói, né, seu canalha?

Mas isso não é nada comparado com a dor que minha irmã sente no coração.

— Solta ele, Terry! — gritou Kate de repente. Ela não conseguia acreditar no que
sua irmã estava fazendo. — Já falei pra soltá-lo — repetiu, mais devagar.

Terry o soltou, e Sam teve que sentar na escada. Ela havia apertado os testículos de tal forma que ele mal conseguia respirar. Ficou encolhido e meio enjoado. Dep de alguns minutos, levantou ainda meio desajeitado e andou até a saída, sob o olh atento de Kate e da bruta da irmã. Quando chegou diante da porta, virou-se para olhar sua mulher e se sentiu péssimo ao vê-la com os olhos cheios de lágrimas.

— Tchau, Kate.

— Tchau, Sam — conseguiu balbuciar ela.

Sofrendo e angustiado, ele abriu a porta que dava para a rua e saiu. Apoi se numa árvore próxima da entrada para pegar um pouco de ar. Aquela foi a coisa m difícil que já teve que fazer em toda a sua vida. De repente ouviu a porta se abrir, Serena apareceu.

— Mocinho — sussurrou ela. — Eu também vou sentir saudades. — E fechou a porta atrás de si.

Arrasado, Sam fez sinal para um táxi e pediu que o levasse ao aeroporto. para trás e viu o carro se afastando da casa onde ele havia sido tão feliz deixava a sogra de quem tanto gostava e a cunhada a quem adorava, apesar do qu havia acabado de acontecer, duas filhas maravilhosas que ele idolatrava e u mulher incrível que ele amava.



Mas as princesas também



Capítulo 13

O tempo passou e, como costuma acontecer, o início não foi nada fácil. S
que assumir o papel de pai e mãe de Sasha e Tommy vinte e quatro horas por dia,
tentava continuar exercendo a função de pai de Cat e Ollie. Teve que apre
marra tudo aquilo de que as crianças gostavam e não esquecer o que agra
suas filhas mais velhas.

A questão profissional foi resolvida. Kate comprou a parte de Sam no neg

Também chegaram a um acordo financeiro em que Kate não permitiu que
um dos dois saísse prejudicado. A casa da família ficou com ela. As meni
continuariam vivendo com a mãe e poderiam ver o pai sempre que quises
princípio, Sam pensou em se estabelecer em Nova York, mas era difícil começar
novo ali. Por isso decidiu seguir na Filadélfia. Mas, após algumas semanas na cas
que havia dividido com Nicole, resolveu se mudar de lá. Aquele ambiente
sufocava com tantas lembranças.

Por fim, depois de pensar muito, decidiu voltar às suas origens, ao Havaí,
especificamente à ilha de Oahu. Queria começar de novo, e aquele era o
lugar para criar os filhos. Depois de falar com as meninas, que não gostaram nem
pouco do fato de o pai se mudar para tão longe, Sam partiu e tentou refazer sua vi
lá. Sentiria muito a falta delas, mas sabia que não tinha escolha.

Voltou à sua antiga casa em Oahu, onde havia morado na juventude com Michael

Para sua sorte, a velha Talila continuava sendo proprietária do local. Seu filho ma
novo havia se casado e a colocara à venda. Quando Sam ficou sabendo di
praticamente correu ao seu encontro, e a mulher o abraçou em meio a soluços.

Talila ainda se lembrava do dia em que a mãe Daula Paulalua, encarregad
orfanato, veio lhe dizer que precisava alugar uma casa para dois de seus f
ambos maiores de idade. No início receosa, Talila avisou Daula de que, se
causassem qualquer problema, ela os expulsaria da casa, mas com o tempo
comprovar não apenas que aqueles garotos eram pessoas maravilhosas, com
também que souberam construir seu próprio lar.

A casa continuava exatamente como ele lembrava. Branca, de dois andares e com
teto azul. Tinha quatro quartos, sala, cozinha, dois banheiros e um pequen

onde Sam e Michael costumavam deixar suas pranchas de surfe. Mas o m
tudo era que a casa ficava bem em frente ao mar. Um lugar privilegiado.

As crianças estavam superfelizes com sua nova residência. Ali não havia avenida
movimentadas como em Nova York e na Filadélfia, e eles podiam sair e e
casa à vontade. Sam adorava vê-
las brincando e se revirando na areia fina da praia.

Nunca tinha passado tanto tempo com elas, e ir descobrindo seus gostos e
personalidades era algo que o encantava.

Aos poucos, com o passar dos dias, Tommy esqueceu completamente que
uma mãe. Era pequeno demais para se lembrar. Sasha, ao contrário, contin
falando nela, mas a cada dia sentia menos sua ausência.

— Toma uma cerveja — ofereceu-
lhe Michael ao passar pela porta da cozinha. E,
depois de deixar a sua em cima da mesinha, correu em direção às crianç
brincar com elas na areia.

Sentado no balanço, Sam as observava. Agradecia a Michael pelo que esta
fazendo por ele e por seus filhos. Às vezes tinha a estranha sensação de
vida sempre havia sido aquela e de que nunca havia existido uma vida anterior co
Kate e as meninas. Michael se mudou para a ilha pouco tempo depois de
coisas em Nova York tinham mudado muito e já não havia nada que o prendesse

Foi assim que decidiu voltar a seu antigo lar.

Sam estava mergulhado em seus pensamentos quando Michael se aproximou com
um sorriso de orelha a orelha.

— Como eu sentia saudades disso... — falou e, levantando as mãos, acrescentou:

— Esse é o meu céu. Meu mar. Minha areia pegajosa. Meu surfe...

— E nossa casa, Michael. — Sam sorriu, batendo com sua garrafa de cerveja na
dele para brindar.

Michael sentou ao lado de Sam e deu um gole longo para refrescar a garganta.

— Eu realmente precisava mudar de vida. Estava de saco cheio de engarrafamento, poluição, correria, loucura, assaltos. E no dia em que Terry aquela víbora — bufou ele, ao se lembrar dela —, me mandou tomar café da man na minha casa porque na dela eu já não era bem-
vindo, tudo ficou claro pra mim. Eu
tinha que voltar pra minha casa. Com meu irmão.

— Terry é terrível — disse Sam, rindo, ao se lembrar com carinho da sua cunhada.

— Pois é... demais. — Michael suspirou. — Enfim. Estou feliz de estar aqui.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Esta sempre foi nossa casa e continua sendo. Tem espaço pra gente e para as crianças. E, sobre a Terry, sinto muito pelo que aconteceu.

— Tudo bem. Se antes era difícil, agora então é impossível — comentou Michael sorrindo, depois de dar um gole na cerveja. — E desde que você me cont ela te fez naquele dia, cada vez que Terry se aproximava de mim eu sentia uma do tremenda entre as pernas. Por isso, no dia em que ela falou para eu começar a tom café da manhã em casa e tal, eu olhei pra ela e concordei como um idiota. Eu tinh

medo de dizer alguma coisa que a incomodasse e que ela me fizesse a m carícia que fez em você.

Sam riu de novo e Michael suspirou. Sentia saudades da companhia de Terry, mas sabia que aquela relação era mais difícil do que encontrar uma agulha num palhei

E, tentando esquecê-la, olhou para seu irmão e disse com humor:

— Aliás, querido, o que você quer que eu faça pro jantar hoje?

— Papai, tio! — gritou Sasha da beira da praia. — Vêm ajudar a gente a fazer um castelo.

Ao ouvir aquele pedido, não demoraram a correr até as crianças. Poucos minutos depois, os quatro se esforçavam para construir um castelo na areia daquela maravilhosa.

Capítulo 14

Em Nova York, da janela do seu escritório no vigésimo sexto andar, Kate para a rua. Observava as pessoas, pequenas como formigas, caminhando em todas direções. Eram duas da tarde, mas ela não estava com fome. Desde a separação, s apetite havia desaparecido. De repente a porta da sala se abriu e Terry e S entraram.

— Hora do almoço — anunciou Shalma, batendo palmas. Pegou um casac armário e acrescentou: — Vamos, tenho uma reserva no Genovesse.

— Vão vocês, meninas — respondeu Kate. — Estou atolada de trabalho e tenho tempo para almoços de três horas. Vou pedir pra Dakota buscar uns sanduíches na lanchonete e pronto. Está mais do que bom.

— Não vem com essa, bonitona — reagiu Terry, com as mãos na cintura.

Vamos almoçar as três juntas, está decidido.

Com isso, deram a discussão por encerrada. Kate vestiu o casaco com toda paciência do mundo, enquanto avisava sua secretária, Dakota, de que estaria com celular e voltaria ao escritório umas três horas depois.

Demoraram meia hora para chegar ao restaurante. Foram atendidas pelo *maître*, que as conduziu a uma bonita área reservada.

— Nossa, esse lugar é lindo — observou Kate. — Quando inauguraram?

— Faz uns três meses — respondeu Shalma. — E espera só até provar o escalope

com pimenta. É uma delícia.

— Ai, meu Deus, estou com água na boca só de imaginar — brincou Terry.

Kate sorriu para elas e, sem surpreendê-las, murmurou:

— Não estou com muita fome.

— Mas você tem que comer — Terry passou um sermão na irmã e trocou olhares com Shalma.

Aquela olhadinha despertou a desconfiança de Kate, que fechou os olhos a dar conta de que tudo não passava de uma armadilha.

— Kate, você tem se olhado no espelho ultimamente? — perguntou sua amiga. –

Não acha que está muito magra?

— Eu e mamãe já dissemos isso a ela — interveio Terry. E com expressão amarg reclamou: — Não suporto te ver desse jeito por causa daquele canalha havaiano.

— Uns canalhas. Mereciam comer o pão que o diabo amassou — coment Shalma, rindo.

Kate olhou para elas com cara séria e respondeu com toda a calma:

— Meninas, por favor, tentem não me irritar.

Mas sua irmã contra-atacou. Não tolerava aquela passividade.

— O que você tem que fazer é justamente se irritar, porra. Você está se destruind por não dar um chilique nem armar um barraco com essa situação toda. É sério q você não sente vontade de dar um chute no saco do seu ex-marido por tudo o que ele fez?

Kate olhou para ela. Como podiam ser irmãs?

— Não, eu não perco tempo pensando essas bobagens.

Shalma riu, mas Terry continuou:

— Esse é o problema. Você não pensa nisso! Você se trancou no seu trab em casa e se recusa a pensar em qualquer outra coisa. Mas a vida continua e eu n quero que de repente você acorde da sua letargia e se dê conta de que arruinou su vida pelo que esse filho da Polinésia fez contigo.

— Vem cá, aonde você quer chegar com esse papo, irmãzinha?

— Quero que me diga que Sam é um desgraçado. Quero que você morra de raiva dele. Quero que minha irmã volte e expulse de uma vez por todas o fanta assombra aquela casa. Quero...

Cansada de escutar aquele discurso diariamente, Kate fuzilou sua irmã com olhar.

— Acho ótimo você querer essas coisas! — gritou. — Mas já parou pra pensar no que eu quero? Ou seu objetivo é ficar me dizendo todo dia que Sam não presta? O

que te deu, hein, Terry? Por acaso eu tenho que te falar tudo o que eu pe você não vai me deixar em paz pra que eu possa, do meu jeito, me recuperar de tu o que aconteceu?

Ai, meu Deus... a coisa vai ficar feia, pensou Shalma, olhando para as duas.

— Tentei descobrir o que você pensa, mas você, Dona Caladinha, não abre o bico e eu já não sei mais o que fazer. Mamãe está preocupada. As meninas também, e preciso que você se abra comigo.

Olhando-a com severidade, Kate alfinetou:

— Tudo bem. Vou te dizer o que eu penso. Penso que adoraria que nada daquilo tivesse acontecido. Adoraria ter o Sam ao meu lado...

Boquiaberta, Terry franziu as sobrancelhas e gritou:

— Você é uma idiota, pra não dizer coisa pior!

— Por que sou idiota? Por amar alguém apesar dos erros que a pessoa cometeu?

— disse Kate. — Sabe, Terry, todos nós somos humanos e erramos. E rea Sam vacilou, e muito, por sinal, e não vou perdoá-
lo nunca pelo mal que fez não só a
mim, mas a todas nós. Você me perguntou o que eu queria e eu te digo o que é. Eu queria que nada disso tivesse acontecido e que Sam continuasse ao meu lado. É tã difícil entender isso?

— Calma, meninas, viemos aqui pra conversar, não pra gritar — sussurrou Shalma, mas ninguém lhe deu ouvidos.

— Você não tem dignidade como mulher! — berrou Terry. E, ao ver com irmã olhava para ela, comentou: — Não me estranha que Sam tenha feito o que fe porque, mesmo ele tendo te chifrado por vários anos com sabe-

se lá que vagabunda,
você foi até a Filadélfia e levou presentinhos para as crianças. Você é patética!

— Meninas, meninas... relaxem... — pediu Shalma, assustada com o rumo
conversa estava tomando. — Acho que ainda tem muita coisa nessa história e nã
hora de vocês magoarem uma à outra.

— Está me chamando de patética? — reagiu Kate, ignorando o comentári
Shalma. — Pra mim, a patética é você. Casou com um cara maravilhoso e, depoi
infernizar a vida dele, você o abandonou como se fosse um trapo. Você é
mais egoísta que já conheci em toda a minha vida. Primeiro pensa em vo
em você e, por fim, em você. Egoísta!

Incrédula, Terry sorriu com amargura enquanto bebia seu vinho.

— Você não sabe nada sobre Morgan.

Kate deu um tapa na mesa e prosseguiu:

— Sinceramente, irmãzinha, eu preferiria saber menos da sua vida. Sabia
Morgan, seu ex-
marido, ia ao meu escritório me pedir conselho pra tentar continuar
contigo porque estava completamente apaixonado? Sabia que ele te compro
BMW de presente e o devolveu quando você decidiu passar o aniversário com su
amiguinhas? Sabia que o Morgan chorou inconsolável diante de mim e do
descobrir que você o traía? Você não sabe de nada, querida, absolutamente
sabe por quê? Porque Sam e eu, conhecendo você, tentamos fazer Morgan

esquecer.

Terry mal conseguia acreditar no que estava ouvindo, e Kate continuou:

— O Morgan não era o monstro que você pintava. Ao contrário, era uma
pessoa. Tudo o que ele queria era que você gostasse dele e que não fosse
Caribe farrear com suas amigas. — Terry seguia incrédula. — Você realm
acreditava que ele era um trouxa? Não, irmãzinha, ele era um bom homem
aguentou por amor até ficar de saco cheio das coisas que você aprontava. E, quan
você o encontrou na cama com aquela mulher, não foi por acaso. Ele havia planej
tudo. Queria que você sentisse na pele o que ele próprio sentia cada vez que você
embora com suas amigas. Sabia que ia se separar de você, mas queria qu

menos uma vez, uma só vez, se sentisse humilhada como ele havia se sen
centenas de vezes na frente de todo mundo.

— Mas o que você está dizendo? — gritou Terry, sentindo sua intimidade
invadida por Morgan e sua irmã.

— Já te disse que preferiria saber menos da sua vida. Mas, infelizmente, você nã
tem outra irmã a quem Morgan pudesse recorrer em busca de algum apoio moral.

— Nossa!!! Que calor. — Shalma suspirou. — Fiquem calmas, por favor.

Kate e Terry se olharam como rivais. Kate estava convencida de que, se sua irmã
se atrevia a julgá-la, ela também deveria fazer o mesmo.

— Dói ouvir umas verdades, né? — ironizou Kate ao perceber como sua
havia ficado desconcertada. — Mas sinto muito, às vezes é necessário escutá-
las pra
que você se comporte e não tire conclusões erradas sobre as outras pessoas.

— Você chama de “conclusões equivocadas” o fato de seu marido ter te chifrado
por vários anos com outra mulher e de ter tido com ela dois filhos que e
cuidando agora? Que cretino safado! Se eu pego as bolas dele de novo, eu capo e

— Que horror, Terry — manifestou-
se Shalma. — Não seja tão cruel. O Sam
errou, é verdade, mas não é uma má pessoa e você deveria saber disso.

Mas Terry não queria pensar em Sam. Estava chateada com ele e mais ainda com
Michael por ter ido embora sem nem mesmo se despedir dela.

— O que eu sei é que ele é um filho da mãe — disse com raiva. — Qu
culpa dele minhas sobrinhas, minha irmã e minha mãe estão sofrendo, e não acho
você — acrescentou, apontando para Kate — mereça o que ele te fez.

Kate e Shalma se olharam com cumplicidade e suspiraram.

— Terry, quando o Morgan armou pra que você o encontrasse na cama com outra
ele tinha motivo pra isso? Responde sinceramente.

Ela tomou um gole de vinho e murmurou:

— Sim, ele tinha motivo.

Ao ver o olhar de Kate, Shalma levou as mãos à cabeça. Sabia o que sua irmã diria em seguida.

— E você não parou pra pensar — continuou Kate — que talvez Sam tenha feito o que fez porque eu lhe dei motivos?

Sua irmã a olhou espantada.

— Você? — perguntou Terry, sorrindo. — Mas, Kate, se você é a pessoa mais fiel, mais família e mais bondosa que eu conheço... Não fala bobagem. Não justificar o comportamento dele, você não tem que fazer isso. A questão agora é que você precisa se recuperar e seguir em frente.

— E já estou fazendo isso. O que você esperava? Que me desse a louca de tirasse do Sam tudo o que ele tem, inclusive as filhas?

— Se me fizessem algo parecido, te juro que eu tiraria tudo da pessoa — sentenciou Terry.

— Mas eu não sou assim, Terry — murmurou Kate. — Ele me deu tudo. Ele deixou o escritório, me vendeu a parte dele por um preço ridículo, abriu mão da casa e as meninas ficaram comigo. A única coisa que me pediu foi pra vê-las sempre que quiser, e é óbvio que eu vou permitir.

— Você é boazinha demais com ele — disse Terry, tomando outro gole do vinho.

— Não, Terry. Ele é que foi bom comigo e eu só estou me comportando com ele do jeito como ele se comportou há alguns anos.

— Garçom! — gritou Shalma. — Traz outra garrafa de vinho. Vamos precisar.

Mas Terry não tirava os olhos da sua irmã. Não estava entendendo nada.

— Do que é que você está falando?! — perguntou Terry.

— Há mais ou menos uns cinco anos... — Kate começou a contar. — Lembra que fiquei internada no hospital?

— Lembro. Foi quando você teve uma crise renal, né?

Lembrar-
se disso tudo não era fácil, mas Kate já não podia voltar atrás. E, enchendo com vinho sua taça, deu início ao seu relato:

— Isso foi o que o Sam disse a todos vocês. Mas o que realmente aconte que fui fazer um aborto numa clínica quando descobri que estava grávida homem, do qual não vem ao caso falar.

— Quê?! — reagiu Terry, incrédula.

— No dia da cirurgia, peguei uma infecção que quase me matou.

Com sua taça nas mãos, Shalma acrescentou:

— Eu tive que avisar o Sam e devo reconhecer que ele agiu de maneira impecável.

Terry as escutava boquiaberta.

— Os médicos disseram a ele que aquilo era uma infecção decorrente de aborto induzido e malfeito. — Kate se emocionou ao lembrar. — E sabe,

Sam, mesmo a par de tudo aquilo, cuidou de mim e me ajudou na recuperação. N contou nada a ninguém, com exceção da Shalma, que sabia de tudo e foi pra ele u

ombro amigo com quem ele desabafava. Quando me recuperei, contei a el havia acontecido e, mesmo assim, ele disse que, se eu quisesse abandoná-lo e ir
embora com o outro, ele tentaria entender. — Com os olhos cheios de lág continuou: — E pode acreditar: naquele momento eu me apaixonei por ele outra v

Fez uma breve pausa, enxugou as lágrimas e retomou:

— Depois de tantos anos juntos, eu estava cansada de seus cuidados e mi cansada de ser sempre beijada pelos mesmos lábios e tocada pelas mesmas

Então fui atrás de sexo com outros homens que nunca me fizeram bem. Mas o Sa um cara incrível, uma pessoa maravilhosa, e depois daquele episódio nós seguim

em frente sem nunca mais tocar no assunto, embora nunca mais tenhamos voltado ser os mesmos. Talvez aquele incidente tenha feito algo se romper dentro dele, e p minha culpa o Sam acabou abrindo seu coração a outra mulher. Por isso n ser cruel com ele. Não seria justo. Mas claro que eu não posso negar que chateada. Muito chateada.

— Kate — disse Shalma num tom baixo e servindo mais um pouco de vinho —, tudo isso já estava esquecido. Por que trazer à tona de novo?

— Porque me dá raiva ver Terry julgando o Sam desse jeito, quando nem a vida dela nem a minha foram exatamente exemplares. A sua, Shalma, tem mais mérito as nossas. Sempre lutou pra proteger seus filhos e nunca se desviou nem u milímetro do seu caminho como mãe pra alcançar seu objetivo, que era que Anth e John fossem como são hoje, rapazes encantadores, estudiosos e responsáveis.

Olhou para sua irmã, que pela primeira vez na vida tinha ficado calada, e continuou:

— Estou muito triste por tudo o que aconteceu e posso te garantir que a raiva não me deixa nem comer nem dormir. Mas você pode ter certeza, Terry, de qu plena consciência de que fui eu que comecei isso tudo com meu comporta insensato. Com isso eu não estou querendo dizer que eu o perdoo por ter filhos e mantido uma vida paralela à nossa. Mas não posso ficar magoada tanto assim. Antes do Sam, fui eu que agi mal. Durante quase dois anos mantive u caso com um homem que naquele momento me satisfazia bastante. Fiquei louca p ele. Engravidei e planejei deixar o Sam e as meninas e me divorciar pra correr atr dele. Mas aquele covarde, ao saber da minha gravidez, desapareceu da mir pra nunca mais voltar.

— Estou sem palavras — sussurrou Terry, olhando para as duas.

— Eu sei — disse Kate com um sorriso triste. — E te deixei sem palavras porque te contei algo que você nunca poderia esperar de mim. Da boazinha da sua irmã. I santinha. Mas escuta, Terry: se vocês nunca souberam é porque o Sam me perdoo por amor. Além disso, ele não queria que a mamãe, você e as meninas fic decepcionadas comigo pelo erro que cometi. Sam preferiu ficar quieto, perc

seguir em frente. O que aconteceu com ele naquela época foi horrível, e em nenhu momento ele jogou na minha cara o que fez por mim há anos. Simplesme assumindo seu erro.

— Claro, Kate — disse Shalma pela primeira vez. — A diferença é que e
tapar sua história com uma mentira, mas no caso dele, com dois filhos no
impossível. Ficou evidente. Sinto muito pelo que você está passando, porqu
adoro e você sabe que também gosto dele, mas acho que o Sam está agin
deveria. Cat e Ollie nunca vão estar sozinhas. Elas têm vocês duas, o pai
avó, o Michael, a mim e muita gente. Mas essas duas outras crianças só têm o Sa
o Michael. Acho que ele foi corajoso. Teria sido mais fácil pra ele te lembrar o qu
fez por você e esquecer esses outros filhos, levando os dois pra algum orfanato.

— Sam nunca faria isso — falou Terry.

— Sinto muito que sua história tenha acabado assim — concluiu Shalma. — Isso
reafirma minha teoria de que não existe príncipe encantado, só nos contos de fada

Terry sorriu ao ouvir aquilo. Se havia alguém que não acreditava em prínc
encantado, esse alguém era ela.

— Nunca se sabe onde encontrá-
los — disse Kate, sorrindo. — E, agora que você
conhece a história toda, acha que seria justo eu julgar o Sam? Não posso.
sempre foi bom com todas nós. Além disso, você sabe que ele é a pessoa
egoísta que já conhecemos. Por isso eu preciso que você me ajude pra que ele não
perca o carinho das meninas. Ele não merece. E, por favor, que isso fique entre nó

É algo do meu passado, que a partir de agora volta a estar enterrado.

— Não se preocupe — respondeu Terry. — Nunca mais vou tocar no assunto.

Naquela noite, Kate, sentada na penteadeira do seu quarto, pensou no que
ocorrido à tarde. As recordações haviam inundado sua mente e ela não co
mais pensar em outra coisa. Lembranças tristes e alegres pipocavam em sua cabe
enquanto ela penteava seus cabelos louros e compridos.

Sentia raiva por tê-
lo perdido. Ficava furiosa ao imaginar que Sam havia beijado e
tocado outra mulher, e estava triste com a forma como tudo terminou. Ma
mesmo tempo sentiu na própria pele o que Sam vivenciara ao descobrir qu
mulher o traía com Stephen. Um advogado que era amigo dos dois e por quem Ka
esteve prestes a abandonar seu marido e suas filhas. Por fim, levantou-
se da

penteadeira, suspirou abatida e decidiu que não valia a pena ficar lembranc coisas.

Capítulo 15

Dias depois, ao voltar para casa após um dia exaustivo no escritório, Kate entrou quarto de Ollie com o pretexto de pegar um CD de música. Sabia que ela falando com Sam pelo Facebook ou algum chat na internet. Como boa atr não encontrar o disco na estante de sua filha, que interrompeu a conversa com o p para ajudá-
la. Ollie, ao não achar o CD também, saiu do quarto para procurá-lo e Kate aproveitou para ver onde Sam e a filha conversavam e o usuário del Talabuki. Poucos minutos depois, Ollie voltou sem o CD que sua mãe havia pedi e Kate, que não deu muita importância ao fato, saiu do quarto sorrindo po conseguido aquilo que na realidade ela tinha ido buscar.

Na noite seguinte, Kate levou o notebook até a cama e pegou o papel cor endereço que tinha anotado. Agora só precisava tomar coragem para entrar internet e procurá-
lo. Desejava falar com ele. Precisava disso. Com as mãos trêmulas, digitou o link e viu vários nomes, entre eles Talabuki. Por um tempo fic olhando para a tela e depois, sem esperar mais nem pensar em nada, abriu janelinha de conversa com ele. A resposta não demorou a chegar.

TALABUKI> A fim de alguma coisa?

LANA> conversar com vc, vc parece interessante

TALABUKI> aqui todo mundo é interessante, mas valeu pelo elogio
LANA> de onde vc é?

TALABUKI> Havaí, e vc?

LANA> Nova York. Conhece?

TALABUKI> vivi os melhores anos da minha vida em NY

LANA> soa meio triste do jeito como vc fala

TALABUKI> a vida é triste às vezes

LANA> é, tem razão

Assim, Kate começou pela internet uma relação de amizade com Sam sem que era ela. Eles se falaram por vários dias, cada um em sua respectiva c conversavam sobre como tinha sido o dia.

Capítulo 16

Sam e Michael acabaram alugando uma pequena sala em Honolulu, onde a seu próprio escritório de advocacia, que desde o início funcionou bem. Contratara Honey, a filha da sra. Talula, para que desse uma mãozinha na casa e ajudasse cor as crianças, e assim a vida começou a andar.

Um dia o telefone do escritório tocou, e, ao atender, Michael sorriu ao reconhecer

a voz de Ollie. Falou com ela por um instante e depois passou a ligação para Sam

— Oi, princesa — cumprimentou ele com alegria.

— Oi, pai, tudo bem?

— Tudo ótimo, e com você, querida?

— Tô bem, mas meio entediada. Estou cansada de estudar para as provas. menos só faltam duas.

Levantando-se para olhar pela grande janela, Sam disse:

— Relaxa, você consegue dar conta disso tudo e muito mais. Qual é o m dessa agradável ligação?

— É que...

— Querida, está acontecendo alguma coisa? — perguntou, preocupado.

— Não, papai, não é nada, é só que fiquei aqui pensando que, quando eu terminar as provas, ia achar muito legal conhecer sua casa e as crianças. Posso ir?

Sam ficou mudo. Estava esperando aquele momento havia meses.

— Claro que pode vir, meu amor. Minha casa é sua casa também — resp

sorridente. — Quando você quiser, como quiser e por quanto tempo quiser. Sua ir
vai vir contigo?

Durante todos aqueles meses Cat não quis falar nem uma só vez com seu

Mas, apesar de tudo, Sam sempre tentava. Era sua filha e mais cedo ou n
iria procurá-lo.

— Não comentei nada com ela, pai. Se ela se animar, ótimo. Mas eu quero ir de
qualquer jeito, mesmo que ela não vá.

Do outro lado da linha, Sam estava sorrindo, feliz com a notícia.

— Sem problemas. Quando as provas terminam?

— Semana que vem. A última é na quinta.

— Então se você quiser vir na sexta ou no sábado, pega um avião e eu te espero
no aeroporto de Honolulu e... — Mas se deteve ao pensar em Kate e perguntou: –

Você já contou pra mamãe?

Ollie sorriu. Naqueles meses havia tido muitas conversas com sua mãe e sabia o
que ela pensava a respeito, então respondeu:

— Não, mas sei que ela não vai se opor.

Sam morria de vontade de perguntar por Kate. Nunca tinha ficado tanto te
sem falar com ela, e menos ainda sem vê-
la. Mas não devia alimentar falsas
esperanças, então preferiu não tocar no assunto.

— Tem razão, querida. Mas fala logo com ela e em seguida me liga, assim eu já
vou organizando a viagem. Que tal?

— Combinado, pai — vibrou a garota. — Agora tenho que desligar porqu
preciso estudar. Quando a mamãe voltar, eu falo com ela e te ligo depois, tá?

— Claro, querida. Fico esperando sua ligação.

Quando desligou o telefone, Sam sorriu ao pensar que suas filhas, ou pelo menos

Ollie, iriam à sua casa e conheceriam seus irmãos. Com certeza os caçulas adorariam ter mais gente a quem se apegar.

Ollie telefonou de volta naquela mesma noite e confirmou que Kate havia concordado, mas que Cat não queria ir. Sam ficou triste ao saber da recusa da filh mais velha, mas a alegria dele voltou quando Ollie começou a perguntar sobre o devia levar para passar uma semana com eles.

Naquela mesma noite, quando Sam entrou na internet, foi logo procurando Lana, sua amiga virtual, para contar que sua filha iria visitá-
lo. Lana se alegrou. Sam
passou horas conversando com ela sobre o que sentia por suas filhas e po mulher, sem saber que a pessoa a quem ele contava tudo aquilo era justan mulher maravilhosa a quem ele se referia. Kate não conseguiu reprimir as ao ler tudo o que Sam escrevia. Ela o conhecia bem e, em suas palavras maneira de se expressar, podia perceber a solidão que o invadia.

Às onze da manhã de sábado, Sam estava no aeroporto de Honolulu esperando a filha com seu sorriso mais bonito. No início pensou em ir com as crianças depois que comentou isso com Michael, os dois decidiram que seria melho sozinho. Dessa maneira poderia passar alguns momentos tranquilos com Ollie ant de chegarem em casa. Quando o portão de desembarque abriu, Sam logo avistou filha. Estava linda. E sorriu ao vê-
lo após vários meses. Correram um em direção ao
outro e se abraçaram com todo o amor do mundo.

—
Aloha, pai! — Deu um beijo nele e acrescentou com admiração enquanto Sam colocava no pescoço dela um colar de flores: — Uau, pai, você está o maior gato supermoreno.

—
Aloha, princesa, você é que está a maior gata — respondeu, abraçando-
a de novo.

Ollie mal podia acreditar que aquele coroa bonitão era seu pai.

— Mas, pai, nem está parecendo você! Seu cabelo está mais comprido, você está bronzeado e supersexy com essa roupa.

Sam sorriu. Realmente, sua vida e sua forma de se vestir tinham mudado que chegou ali. Em Nova York era um executivo com cabelo bem curto, ternos ca e gravatas de grife todo dia. Mas lá no Havaí tudo era diferente. Não precisava us um terno de marca para mostrar que era um bom advogado. Às vezes, tanto Mich quanto ele atendiam os clientes de bermuda e camisa de manga curta ou p

Quando tinham alguma audiência, vestiam terno por respeito ao tribunal. C sorriso encantador ao ver a impressão causada em sua filha, respondeu:

— Então espera só pra ver seu tio Michael. É o galã de toda a vizinhança.

— Já era em Nova York — comentou sua filha, rindo.

No caminho para casa, Sam foi lhe contando como era sua vida ali. Falou de seu

trabalho e da casa, e respondeu a tudo o que ela quis saber.

— Vem cá, pai, o que eles acham de eu estar vindo visitá-los? — quis saber de repente.

— Não contei nada ainda. Não queria deixá-los ansiosos. Mas conheço a Sasha e posso garantir que ela vai adorar você. Ah, mas se prepara, porque ela é perguntona. E, meu amor, te conhecendo como eu conheço, sei que você também adorá-los. São boas crianças, você logo vai ver.

Continuaram conversando até chegarem em casa. Sam estacionou o carro n entrada da casa, pegou a mala da filha e a convidou a segui-lo. Quando entraram,
Ollie olhou ao redor com curiosidade. A casa era linda e superacolhedora. repente apareceu Michael. Sorrindo, ele se aproximou para abraçá-la.

— Eba, minha menina chegou! — gritou empolgado e a beijou com carin

Você está linda!

Ao ver seu tio, Ollie ficou sem palavras.

— Mas... mas... tio Michael, é você?

— Claro, princesa — disse, sorridente, sem entender a pergunta.

— Caramba — sussurrou ela, sentando-se. — Está mais bonito e jovem do que antes.

Michael se empinou e ficou olhando para ela, achando graça do comentário.

— Eu falei, meu amor — disse Sam, observando-a e sorrindo também. — Está todo metido a galã.

— Mas como vocês podem ter mudado tanto em tão pouco tempo? Parecem uns surfistas! Fala sério... Estão até usando rabo de cavalo — disse, espantada diante mudança incrível dos dois.

— Gostou, né? Somos uns coroas rebeldes — brincou Michael ao ver sua sobrinha tão surpresa. — Mas no fundo somos os mesmos. A única mudança é qu paramos de usar aqueles ternos desconfortáveis de grife e já não precisamos passa no cabeleireiro todo mês. Agora vestimos bermuda e camiseta colorida, deixamos cabelo crescer e voltamos a surfar. Simplesmente voltamos a ser os dois re que éramos há um tempo, mas com uns anos a mais nas nossas costas e responsabilidades.

— Mas é sério que vocês surfam? — perguntou Ollie, incrédula. — Quan comentavam com a mamãe, eu sempre pensava que era brincadeira.

— Não, não era brincadeira nenhuma — respondeu Sam. — Eu e o tio M adorávamos surfar. Então, quando voltamos pra cá, depois de alguns tombo começamos a praticar de novo. No fundo é como andar de bicicleta: a ger esquece.

Ollie os observava com os olhos arregalados. Adorava vê-los assim.

— Sua mãe também sabia surfar — lembrou Michael, mas, ao ver a cara

irmão, arrependeu-se do comentário.

— A mamãe? Então era sério? A mamãe surfava?

— Claro que era sério, mocinha — respondeu Sam com certa tristeza. — aprendeu, e você, se quiser, também pode. Se bem que em uma semana e difícil.

— Pra minha menina nada é impossível, né, princesa? — disse Michael, rindo.

— Claro. Se a mamãe conseguiu, eu também consigo.

Nesse momento Sasha entrou chorando, de biquíni, porque Tommy havia c

Sam e Michael saíram em disparada à procura do menino, seguidos por Sa
Ollie, que olhava com curiosidade para a meia-
irmã. Sam chegou primeiro e o pegou
nos braços. Tommy chorava, com a boca e o rosto cheios de areia. Quand
que não tinha sido nada, Michael pediu desculpas a Sam por ter deixado as crianç
sozinhas quando ouviu o carro chegar. Sam sorriu e disse que tudo bem, n
problema.

Enquanto isso, Sasha e Ollie os observavam da porta dos fundos da casa. Ao ver
que seu irmão havia parado de chorar, Sasha ficou mais tranquila e pela primeira
se deu conta de que atrás dela havia uma menina.

— Oi, meu nome é Sasha, e o seu? — disse, virando-se para ela.

— Olivia, mas todo mundo me chama de Ollie — respondeu, agachando-
se e
ficando de frente para Sasha. — Não se preocupa, não aconteceu nada com
Tommy.

— Como sabe o nome do meu irmãozinho?

— Vem, eu vou te contar uma coisa.

Ollie pegou a menina pela mão, levou-
a até o balanço e a acomodou em seu colo.

De repente travou, sem saber o que dizer, até que fixou o olhar no rosto de Sasha
em seus grandes olhos.

— Escuta, você se chama Sasha Malcovich, né? — A menina confirmou c
cabeça. — Pois eu me chamo Olivia Malcovich. E aquele que está ali com o Tom
é seu pai, né? — Sasha balançou a cabeça de novo. — Acontece que ele também
meu pai.

— Meu pai é seu pai?

Ollie fez que sim, sorrindo, e a menina exclamou admirada:

— Êêêêêêêêê... que legal!

— É, muito maneiro! — comentou Ollie, rindo.

— E meu tio Michael é seu tio também? — voltou a perguntar a garota.

— É.

— Que mááááááááximo!

Encantada com a menina, Ollie teve vontade de enchê-la de beijinhos. Era uma fofura e parecia supercarinhosa.

— Você tem mãe? — perguntou Sasha, pegando-a de surpresa.

— Tenho — respondeu Ollie com toda a naturalidade que conseguiu. — E chama Kate e está em Nova York trabalhando. Talvez algum dia você a conheça.

— Minha mamãe está no céu — disse a menina, com o dedinho apontado cima. — E por isso você não vai conhecê-la. Mas meu pai disse que era muito boa e que amava muito a gente, apesar de eu quase não me lembrar dela.

— Mas ela sempre vai estar no seu coração — sussurrou Ollie. — Tenho certeza de que ela continua te amando lá do céu tanto quanto te amava quando estava aqu

— Sim, é isso que o papai diz.

Para tentar mudar de assunto, já que não era algo agradável de se lembrar disse à menina:

— Estou tendo uma ideia...

— Qual? — perguntou Sasha.

Fazendo mistério, Ollie contraiu as sobrancelhas enquanto murmurava para si:

— Bom... não sei... de repente você não vai curtir.

— Qual ideia? Fala... fala! — insistiu Sasha, morrendo de curiosidade.

Quando percebeu que conseguiu chamar sua atenção, Ollie cravou seus olh nela.

— Bom, é que eu gostaria de ter uma irmãzinha e um irmãozinho e estav pensando em te perguntar se você e o Tommy gostariam de ser meus irmãos.

A garotinha, que ainda não era capaz de entender direito o sentido das co abriu um largo sorriso e respondeu:

— Siiiiiiiiim... Assim você vai poder me defender quando a Rachel quiser bater na escola. Promete que vai me defender?

— Claro que sim, linda — disse Ollie, sorrindo e sentindo o abraço da menina. —

Claro que vou te defender. Agora sou sua irmã mais velha.

— Obaaaaaaaa! — falou Sasha, olhando para Ollie com verdadeira adoração. —

Outra menina... Que bom! Aqui só tem menino — acrescentou, apontando Michael e Tommy, que vinham na direção delas e as observavam com curiosidad

— Mas quero que você saiba que tenho uma irmã. Ela é mais velha que eu e se chama Cat — avisou Ollie. — Quer que ela também seja sua irmã? Assim seremo mais meninas ainda.

— Queeeeeeero... — comemorou Sasha, enquanto via seu pai se aproximar

Vou falar com meu pai e o tio Michael.

Ollie, muito séria, balançou a cabeça num gesto afirmativo. Era importante saber pedir opinião.

— Concordo. É importante que eles aceitem numa boa.

Olhando para seu pai, Ollie levou um dedo à boca, sugerindo que ela se calasse e esperasse.

— Papai, tio Michael, quero que Ollie seja minha irmã e do Tommy tamb

Vocês deixam? Assim ela vai ser minha irmã mais velha e vai poder me defender
Rachel. — Os dois estavam atônitos.

Sam ficou sem palavras, então Michael murmurou hesitante:

— Bom, não sei... Outra menina... Hummm... Sei lá... Se bem que essa história de
ela te defender da Rachel me parece uma boa ideia. E você, Sam, o que acha disso

— perguntou, dando um tapinha nas costas dele para ver se ele reagia.

Quando Sam enfim conseguiu se manifestar, teve que conter a emoção para poder
falar.

— Acho uma ideia excelente que vocês todos sejam irmãos, a melhor ideia
mundo.

— Oba! — exclamou Ollie, pulando animada, para a alegria do seu tio. E
uma figura.

— Ah... mais uma coisa — acrescentou Sasha, empolgada ao ver que Ollie tinha
sido aceita. — Ollie me contou que tem uma irmã chamada Cat. Será que
também poderia ser minha irmã e vir aqui?

Sam olhou com adoração para seus filhos e, depois de lançar um beijo para Ollie
pela diplomacia dela em relação a tudo, chegou mais perto e respondeu:

— Acho essa ideia ainda melhor. — Deu-
lhe um abraço e disse: — Te amo, querida, você é incrível...

— Mais uma menina? — reagiu Michael, ao que Sasha confirmou com a cabeça.

— Então agora vou ter quatro sobrinhos. Três meninas e um menino... Ai, caramb

não sei se dou conta de todos esses pirralhos. É muita responsabilidade.

— Claro que dá conta, tio lindo. Você pode tudo — respondeu Sasha, radiante po
ter conseguido sozinha aumentar a família.

Capítulo 17

Tudo foi maravilhoso desde o início. Ollie adorava as crianças, e elas a ad
também. No dia seguinte à sua chegada, Michael e Sam começaram a lhe dar aula
de surfe. E, embora nas primeiras tentativas ela tenha engolido bastante água, não
deu por vencida. Era determinada como a mãe e não se intimidava com a
dificuldade que aparecia. No fim da tarde, gritou como uma louca quando conseg
ficar de pé por alguns segundos em cima da prancha antes de cair de novo.

Ollie reparou como as moças mais jovens, e algumas não tão jovens assim
ficavam olhando para seu pai e seu tio e tentavam se aproximar para falar com ele

Que descaradas! Sam não dava bola, mas o tio Michael, sim. Aquele gato
não passava batido por nenhuma insinuação que lhe faziam, e Ollie morria de rir
isso. E, apesar de ficar meio enciumada, entendia perfeitamente por que as mulhe
não saíam da cola dos dois. Estavam lindos. A mudança de vida fizera su
eles. Achando graça, ficou pensando no que diriam sua mãe e sua tia se os vissem
sorriu ao imaginar suas caras quando ela mostrasse as fotos que estava tirando.

Nos dias que passou com eles, visitou a ilha de Oahu. Um lugar de sonho
maravilhoso para viver. Conheceu a mãe Daula, que era exatamente como
havia descrito. Uma tarde, eles a levaram ao escritório de advocacia em Honolulu
Ollie ficou superfeliz ao ver que Sam mantinha na estante retratos dela, de Cat e d
Kate. Em seguida descobriu que o tio Michael escondia na gaveta de sua
fotografia de Terry. Sorriu, mas não comentou nada. Naquela visita, Ollie s
mais adulta. Adorava quando, à noite, depois de colocarem Sasha e Tomm
dormir, ficavam até altas horas conversando, contemplando as estrelas e rindo.

De Nova York, Kate entrava na internet toda noite, esperando Sam aparece
line. Mas isso não acontecia. Ele nunca entrava. Estava com a filha e que
aproveitar o máximo de tempo ao lado dela.

Uma tarde, enquanto Sam brincava com Tommy e Sasha na praia, Michael sentou
junto a Ollie na varanda da frente da casa para desfrutar da paisagem e do mar azu
incrível.

— Que maravilha — disse ele, sorrindo. — Aproveita e respira esse ar, querida,
porque daqui a pouco, em Nova York, você não vai ter isso.

— É maravilhoso mesmo, tio — concordou, encantada. — Sinceramente, e
invejo vocês. Acho que esse paraíso é o lugar ideal pra viver.

Michael sorriu.

— Por que acha que eu voltei pra cá?

— Imagino que é porque você gosta.

Observando o horizonte e o oceano reluzente, ele balançou a cabeça, concordando.

— É minha terra, e você sabe que sou um homem do mar e da praia, co pai. Acontece que, quando ele decidiu ir atrás da sua mãe em Nova York e abrir u escritório, os dois propuseram a mim e à tia Shalma que fôssemos com el gente aceitou. Pra mim aquilo foi um desafio, uma aventura. Deixei de viv ilha pra viver numa grande cidade. No início me pareceu fantástico e incrí pouco a pouco, aquela novidade foi perdendo o encanto. Muita correria, engarrafamento e outros problemas. E, acredite ou não, algumas vezes eu t falado com seu pai sobre a possibilidade de largar tudo e voltar pra minha ilha. M ele sempre me fazia mudar de ideia e eu sempre tinha muita coisa pra fazer. Só qu quando aconteceu aquilo tudo que você já sabe e seu pai decidiu voltar, não pense

duas vezes e fiz o que deveria ter feito muitos anos antes.

Ollie bebeu um gole de sua Coca-Cola e cravou os olhos no seu querido tio.

— Por que acha que isso aconteceu com meus pais?

Michael suspirou. Precisava ter tato com um assunto tão delicado.

— Não sei, querida.

— Tudo era tão perfeito. Tínhamos uma família tão bonita que...

— Sabe, Ollie? Acredito que casar com a pessoa ideal é uma loteria. Às v você ganha, outras vezes perde. Tudo depende de seus números e os de se coincidirem.

— Essa história de loteria eu já ouvi várias vezes — disse a menina. — que não entendo é como o papai fez o que fez com a mamãe. Eles se amavam tan e tudo era tão perfeito, que, quando se separaram, nós todos ficamos deslocados.

como se não encontrássemos mais nosso lugar e tudo houvesse acabado.

— Por que você diz isso? — perguntou Michael, olhando seriamente para ela.

Levantando-se da cadeira, Ollie explicou:

— O que você acha? Porque minha casa não é mais o que era antes. Pra começar, meu pai, que todo mundo adorava e que era o elo da família, e você sabe muito bem — Michael concordou —, não mora mais ali; você, tio Michael, toma café da manhã com a gente, nem vai lá jantar, e sentimos falta do seu humor e suas histórias, que faziam todo mundo rir; Cat está insuportável e com o mundo inteiro; a tia Terry tenta segurar as pontas, mas mesmo ela está diferente, às vezes fica muito pensativa e já não sorri tanto quanto antes; a vovó está triste e, por mais que tente disfarçar, não consegue; e a mamãe é o fantasma ambulante da casa. Come pouco, tenta esconder seu mal-
estar, mas não consegue
enganar a gente. E faz um tempo que se tranca no quarto toda noite até a com a luz acesa pra trabalhar. Só trabalha e trabalha, e deixou de curtir a

Resumindo, se você entrasse lá em casa, perceberia como a tristeza está no ar.

— Querida, sinto muito. Como você descreve, parece realmente melancólico demais.

— E é assim que está mesmo. — Olhando para seu pai na praia, continuou: — E

o pior de tudo, tio Michael, é que eu sei que a mamãe ama o pai e que ele ama ela

Mas não querem dar uma nova chance um ao outro.

— São adultos, Ollie, e...

— Mas tem uma coisa que eu não entendo nessa história — cortou a menina. —

Por que a mamãe não foi mais dura com o papai? Por que essa aparente normalidade entre eles? Não sei, acho que, se um dia eu me casasse e de repente ficasse sabendo que meu marido mantinha uma relação paralela e que ainda por cima teve filhos com essa outra mulher... Juro, tio Michael, que eu ficaria furiosa e todo mundo saberia

Michael havia pensado a mesma coisa centenas de vezes. Kate era uma mulher de

personalidade forte, e ele ainda não conseguia entender essa aparente calma de uma situação tão complicada. Muito menos foi capaz de compreender o ela ter levado brinquedos para os outros filhos de Sam quando eles estavam hospital. Mas não queria botar mais lenha na fogueira.

— Querida, as pessoas às vezes reagem de acordo com o coração e não c razão.

Negando-se a se dar por vencida, a menina perguntou:

— Você acha que o papai pensa nela?

Michael olhou seu irmão brincando na praia com os filhos e fez que sim cabeça.

— Acho não, eu tenho certeza. Ele me fala muito da sua mãe e de vocês e eu sei que morre de saudades. Inclusive um dia eu estava procurando uma coisa e, ao ab uma das gavetas da mesinha de cabeceira dele, vi uma foto da sua mãe.

— Eu sabia! — disse Ollie, com um sorriso de orelha a orelha. — A ger que fazer alguma coisa, tio Michael.

Mas Michael não estava nem um pouco disposto a se meter numa enrascada.

— Desculpa, minha linda, mas eu não vou me meter nessa confusão. O problema é do seu pai e da sua mãe, e eles já estão bem grandinhos pra saber o q fazer.

— Eu sei que já estão grandinhos — disse a menina —, mas talvez preci um empurrãozinho pra ficarem juntos de novo e por acaso eu vivo com a você com o papai.

— Sua encrenqueira! — falou Michael, sorrindo. — Além disso, não esqueça que Sasha e Tommy também estão e...

— Eu nunca iria esquecê-
los — prosseguiu. — São crianças maravilhosas que
precisam do carinho de uma mãe, e quem melhor do que minha mãe poderia dar e carinho? — Seu tio suspirou e olhou para cima, fingindo contrariedade. — disso, eu sei que a mamãe adoraria esses dois...

— Você é uma autêntica bruxa, mocinha... *muito*... *muito* bruxa.

— E já que vamos dar um empurrãozinho — cochichou, maliciosa —, se quiser, posso dar outro empurrão na tia Terry.

Michael engasgou com a cerveja.

— Olivia Malcovich... te chamar de bruxa é pouco. Você é a rainha das b

Nem pense em fazer nada, hein! A insuportável da sua tia e eu não temos nada a v ok? Sua bisbilhoteira...

Ollie sorriu e, ao ver seu tio contraindo as sobrancelhas, chegou mais perto dele e perguntou:

— Aliás, falando em bisbilhoteira, o que é que você foi procurar na mesa cabeceira do papai quando encontrou a foto da mamãe? Alguma coisa que

precisava e que tinha acabado?

— Sua filha da... — disse, rindo e incrédulo ao perceber o quanto Ollie h crescido.

— Camisinha? — insistiu. — Era isso que você procurava?

Michael ficou de pé num salto.

— Nossa, mocinha... Em que colégio de sem-vergonhas você está estudando?

Morrendo de rir, ela passou a mão no queixo.

— Mas, tio Michael... No colégio eu tenho aula de educação sexual e as meninas da minha idade já falam de sexo. Crescemos! — E, seguindo com a brinc sussurrou: — Aliás, meu pai guarda camisinhas na mesa de cabeceira?

Negando-
se a responder e surpreso com aquele interrogatório, Michael se afastou dizendo:

— Chega, não quero mais falar desse assunto contigo.

Ollie, ainda rindo, olhou de relance para ele. Estava disposta a fazer alguma coisa

por seu pai e por seu tio.

O dia da viagem de volta a Nova York foi um drama. Sasha chorava, inconsolável, sem entender por que sua irmã tinha que ir embora. Para aca la,
tiveram que dizer várias vezes que Ollie voltaria. Quando chegou a hora d pelo portão de embarque, Ollie beijou Tommy e Sasha, depois seu tio, que prometer que não demoraria a visitá-los de novo, e por fim seu pai.

— Papai — murmurou, abraçando-
o. — Foi maravilhoso passar esses dias com você.

Triste por ter que ficar longe dela, Sam tentou parecer forte.

— Pra mim foi um sonho, e espero que se torne realidade mais vezes.

— Com certeza. E até pretendo trazer Cat nas próximas vezes.

O comentário conseguiu arrancar um sorriso de Sam, que beijou o topo da cabeça de sua filha e murmurou com amor:

— Conhecendo você como eu conheço, não duvido nada.

Depois de distribuir mais beijos entre todos, Ollie andou até o portão de embarque, apesar de não ter nenhuma vontade de se afastar deles.

— Ah! Tio Michael... Tio Michael! — gritou, justo antes de passar pela porta. —

Não se esquece daquele empurrãozinho!

— Do que ela está falando? — perguntou Sam com curiosidade.

Sem querer revelar o significado daquela palavra, Michael olhou para seu irmão e disse, enquanto lhe escapava um sorriso:

— Hummm... Nada, nada... É só um passo de dança que eu ensinei a ela. O *Hula* do empurrãozinho.

Capítulo 18

Nos dias seguintes à volta de Ollie, ninguém na casa quis perguntar como

Sam e Michael na ilha de Oahu. Mas cada uma daquelas mulheres morria curiosidade de saber o que estava acontecendo lá. Ollie se fez de difícil. S quisessem saber, que perguntassem, então. E ela não teria problema algum responder.

Ollie decidiu mandar imprimir as fotos que havia tirado nas férias, e depo buscá-las se divertiu revendo-
as junto com sua amiga Sira. Como Ollie já imaginava,
Sira ficou surpresa ao ver seu pai e seu tio. Aqueles senhores de terno que ela vira por vários anos se transformaram em dois homens sensuais e atraentes.

Na mesma tarde, quando chegou em casa, guardou as fotos no bolso da b jeans que estava usando. Mas se certificou de que sua avó e sua irmã Cat pudesse notar a embalagem da loja de fotos saindo um pouco do bolso. A primeira perguntar foi Cat, que depois do jantar foi ao quarto da irmã e bateu na p pedindo permissão para entrar.

— O que você está fazendo? — perguntou Cat, já entrando.

Prendendo o cabelo num rabo de cavalo alto, Ollie respondeu:

— Ia entrar na internet pra falar com o papai. Quer falar com ele também? Tenho certeza de que ele ia amar.

Cat morria de vontade de falar com o pai e o tio. Sentia muito a falta deles, mas seu orgulho excessivo a impedia de reconhecer isso, então respondeu:

— Não, deixa pra lá, não estou a fim. Mas... mas diz que eu mandei lembranças.

— Ok. Você está perdendo. É uma pena que não queira falar com ele. O ficaria muito feliz. — E, olhando-
a fixamente, perguntou: — Por que você age assim
com o papai? Ele nunca te tratou mal. Muito pelo contrário. Ele te adora.

Cat se sentia confusa, mas quis deixar clara sua postura.

— Ele foi um cafajeste com a mamãe e com nós duas. Abandonou a gen viver com a nova família dele e...

— Não concordo — interrompeu Ollie. — Realmente ele errou com a ma

eu nunca vou perdoá-
lo por isso. O que me incomoda é que a mamãe não o xinga e
você, ao contrário, não para de xingá-
lo sempre que fala nele. E sobre essa ideia de
que ele abandonou a gente... Não. Não. E *não*. O papai
não nos deixou e garanto
que essa decisão foi mais dolorosa pra ele do que pra gente. Mas, claro, e
ser um pouco madura pra entender que eu e você temos uma mãe, uma avó e uma
pra cuidar da gente, e essas outras crianças não têm ninguém além dele. O que vo
esperava que o papai fizesse? Que as abandonasse? Que fingisse que elas
existiam? Ah, Cat... parece que você não conhece o papai. E, quanto a Sa
Tommy, você é uma idiota por não querer conhecer os dois. São maravilh

que mais me irrita é saber que, se você os conhecesse, iria adorá-los e...

— Você não tem como saber se eu ia gostar deles ou não — cortou Cat, já mal-
humorada.

— Claro que sei — respondeu ao ver a irmã prestes a chorar. — Te conheço e sei
que você está sofrendo por tudo o que aconteceu. Quero que você saiba q
também sinto a falta dele, e também a mamãe, a vovó e até a tia Terry. — Sorriu a
mencioná-
la. — Mas as coisas aconteceram desse jeito e a gente precisa aceitar. Ou
você acha que não fiquei chateada com ele por causa dessa história toda? Claro q
fiquei! Eu disse a ele e já conversamos. Mas você fugiu do problema, como costu
fazer sempre. Eu não sou como você. Eu não fujo. Eu fico onde estou, en
problema e tento resolver. E, apesar de eu não ter gostado do desfecho, eu
porque foi uma decisão deles. E, antes que você diga qualquer coisa, quer
saiba que me recuso a acreditar que o papai e o tio não gostam de mim
resolveram cuidar das crianças. Sei que me amam e demonstram isso sem

Inclusive nesses dias que passei em Oahu e depois que voltei pra casa.

Depois daquele sermão todo, Cat enxugou as lágrimas. Sabia que sua irmã
razão e que, com seu orgulho e teimosia, a única coisa que conseguia era
portas. Então, pela primeira vez em vários meses, ela foi sincera.

— Você é minha irmã mais nova, mas é tão madura que parece mais velha que eu

Às vezes me envergonho de ser tão... tão ridícula.

— Sou apenas dois anos mais nova — brincou Ollie. E, aproveitando aqu momento, acrescentou: — Cat, o que aconteceu foi horrível, e todos nós, incluind papai, sabemos disso. Mas você nunca parou pra pensar por que a mamãe dessa forma? Talvez tenham acontecido entre eles mais coisas do que a ge e...

— A mamãe continua aqui com a gente, Ollie. Ela não foi embora.

— Eu sei, mas havia duas crianças pequenas que precisavam que alguém cuidasse delas. Me escuta, ô cabeça-
dura. Você tem que falar com o papai e se
acertar com ele. Você está morrendo de saudades dele, e ele de você. O papai seri o homem mais feliz do mundo se você o procurasse. E, sinceramente, Cat, acho q ele merece.

Cat ia responder, mas a emoção a fez contrair o rosto e ela conseguiu ape murmurar com um fio de voz:

— Não sei como me aproximar dele. Tenho vergonha e não sei o que dizer.

Ao ver que sua irmã enfim tinha dado o braço a torcer, Ollie continuou:

— Isso a gente resolve rapidinho. Hoje à noite vamos fazer uma surpresa pra ele, quando dissermos que quem está on-line é você. Que tal?

— Combinado — disse Cat.

Ollie estava feliz por ter finalmente conseguido fazer sua irmã entender qu

vida nem tudo é preto no branco.

— Quer ver as fotos que eu tirei com eles? — perguntou, com olhar matreiro.

— Estou morrendo de curiosidade — admitiu Cat.

Sem perder um segundo, pegou o envelope onde havia guardado as fotos e passou ansiosa para Cat, doida para ver sua reação.

— Caramba! — gritou. — Não posso acreditar. Esse é o papai?

— É — respondeu Ollie, sorrindo. Na foto, ele estava um gato com a rou neoprene laranja e azul e a prancha de surfe debaixo do braço. — Cat, foi *incrível*.

Nunca tinha me divertido tanto com eles. Foram férias maravilhosas, as melhores minha vida, e pretendo repeti-las sempre que der.

— O papai está aprendendo a surfar?

— Ele e o tio Michael são dois *mestres* do surfe — respondeu com orgulho. —

Tudo o que contavam não era mentira. Era verdade, Cat! Inclusive me ens eu vou continuar com as aulas quando voltar.

Na foto seguinte, Ollie e as crianças apareciam sentadas na areia e sorrindo.

— Esses são o Tommy e a Sasha. São tão lindos que é difícil não se apa

São carinhosos, dóceis... Não tenho nada de ruim pra falar sobre eles. O p tio Michael estão fazendo um trabalho incrível, como fizeram com a gente.

Emocionada, Cat sorriu ao ver a menina tão loura quanto Ollie. E, quando observou Tommy e o viu sorrir com aqueles olhinhos puxados, não pôde c comentar:

— Como se parece com o papai!

— É igualzinho, Cat... mas acho que vai ser tão brincalhão quanto o tio Michael.

Quando Ollie passou para a foto seguinte, Cat deu outro gritinho:

— Meu Deus! O tio Michael está muito gato!

— Não é? — brincou Ollie ao ver o retrato do seu tio com um boné ao contrário, bermuda jeans meio rasgada e uma camiseta vermelha desbotada. — Está lindo, s

Aqui ele estava fazendo croquetes. Você não faz ideia de como ele cozinha bem.

De repente se ouviu o breve toque indicando o início do chat.

— Escuta, vamos deixar as fotos pra depois. O papai acaba de ficar on-line. É sua chance. Aproveita!

Cat se apresentou ao pai com o usuário “Catwoman”. No início ele não reconheceu, mas, quando realmente se deu conta de quem era, só faltou pu alegria. Sam estava supernervoso. Fazia meses que não falava com sua filh precisavam tanto conversar que as explicações ficaram em segundo plano.

Conversaram por cerca de uma hora, e depois Ollie teve que pedir à irmã dissesse a ele que ela falaria outro dia.

— Viu como não foi difícil falar com o papai?

Radiante por ter conseguido ser racional e deixar o orgulho de lado, Cat admitiu:

— Pois é. Obrigada por me colocar no meu lugar, Ollie. Não fosse por v muitas vezes eu não saberia como resolver os problemas. Claro que não foi difíci

Nunca seria. Por que eu sou assim, em vez de ser tão sensata quanto você?

— Porque cada um é como é, com suas qualidades e defeitos. — E, pega fotos, disse, sorridente: — Quer ver mais?

Dois segundos depois, o quarto voltou a se encher de risos.

Naquela noite, quando Terry entrou em casa, foi direto à cozinha para tom copo de leite. Estava exausta. O dia havia sido difícil. Bebeu tudo de uma colocou o copo na máquina de lavar louças. A caminho do quarto, passou Ollie e ouviu as risadas, então decidiu abrir a porta e ver o que estava acontecend ali dentro.

— Meninas, posso participar da festa?

Ao ver a tia, Cat disse:

— Se você visse as fotos do papai e do tio Michael, ficaria igual à gente.

Aquilo despertou totalmente seu interesse.

— Sério? — E, aproximando-se delas, sussurrou: — Posso ver?

Mas Ollie, que sabia dar uma de sonsa quando queria, perguntou:

— Ué, por que você quer ver as fotos? Aqui só aparecem, segundo você, canalhas filhos da mãe.

— Ollie! — gritou Terry, espantada. — Olha a boca suja! Por que diz isso?

— Porque ouvi você dizer isso no dia em que a mamãe contou que o tio indo morar com o papai em Oahu — respondeu, olhando para ela com interesse.

Envergonhada, Terry confirmou com a cabeça.

— É verdade que eu disse isso. — Suspirou. — Mas foi num mau mome logo me arrependi. Não penso mais assim e sua mãe sabe disso.

Depois daquele almoço em que sua irmã havia contado sobre o aborto e sobre o modo como Sam tinha se portado na ocasião, Terry se deu conta de que l julgado a situação sem conhecer todos os detalhes. E, embora o que seu ex-cunhado
tivesse feito não fosse correto, ela relaxou sua atitude em relação a ele. No entant o fato de Michael ter partido sem sequer se despedir dela a magoou muito desapareceu de sua vida e nunca mais deu notícias.

— E o que te fez mudar de opinião? — perguntou Ollie, curiosa.

Terry olhou para ela e sorriu. Não pretendia contar nada do que sabia.

— Sou impulsiva e simplesmente me deixei levar pela minha raiva. Depoi tempo passa e, quando você se acalma, acaba se dando conta de que não deveria t agido como agiu. Foi isso que aconteceu, Ollie.

Ao ver sua tia abatida e sem energia, algo raro nela, Cat perguntou:

— O que houve, tia? Você parece triste.

Negando com a cabeça, ela sorriu.

— É que hoje estou exausta de tanto trabalho. Em dias assim eu penso q mudança cairia bem.

— Podia dar uma radicalizada como fizeram o papai e o tio — disse Cat, sorrindo e olhando para sua irmã. — Eles, sim, souberam mudar, né?

Ollie balançou a cabeça, concordando. Querendo descobrir se sua tia sentia pelo seu tio o que ela suspeitava, Ollie sorriu.

— Vamos ver — responder Terry. — Vocês me mostram as fotos pra que eu veja essa mudança de uma vez por todas ou preferem que eu arranque esses retratos da mãos de vocês?

Ollie então arrumou as fotos e, atenta à expressão da tia, entregou a ela.

— Tome e veja com seus próprios olhos.

Segundos depois, a cara e a boca aberta de Terry diziam tudo.

— Mas olha só... — sussurrou ela ao ver Michael.

— Estão supergatos — comentou Cat. — Não estão, tia?

Terry ficou sem palavras e só o que conseguiu fazer foi balançar a cabeça concordando. Aquelas fotos a faziam pensar de novo em momentos de seu passad

E, quando chegou ao retrato de Michael de bermuda com a escumadeira n engoliu em seco e disse com um fio de voz:

— Está maravilhoso...

— Pois é, e você não faz ideia da quantidade de mulheres que ficam perseguindo o tio e o papai. Todas querem falar com eles. Todas querem que eles as ensinem a surfar — provocou Ollie, atraindo o olhar da tia.

— A mãe de vocês já viu essas fotos? — perguntou Terry, irritada.

— Ainda não, mas amanhã eu mostro pra ela. — E, estendendo as mãos, acrescentou: — Tia, estou cansada, você pode me devolver as fotos?

Como se queimassem em suas mãos, Terry entregou os retratos enquanto C embora para seu quarto.

— Claro. Toma, querida. Até amanhã.

Quando Ollie ficou sozinha no quarto, abriu um sorriso. Naquela noite, sem planejar nada, ela conseguiu fazer sua irmã falar com seu pai e deixar sua tia Terry sem palavras. De repente a porta voltou a se abrir e sua tia apareceu novamente.

— O que foi? — perguntou Ollie.

Confusa e ainda boquiaberta pelas imagens que viu, Terry perguntou:

— Essas fotos são de agora?

— Claro, tia, são de agora, sim. Não viu que eu apareço nelas? — respondeu Ollie, passando a mão pelos cabelos.

Transtornada e sentindo-se boba, Terry se desculpou em seguida.

— Que idiota que eu sou. Claro, você também aparece. Tem razão.

— Eu entendo, tia. Quando eu vi eles, pensei a mesma coisa. Mas o sol de Oahu fez superbem aos dois. — E repetiu, com malícia: — E você não tem ideia do sucesso que eles fazem com as garotas.

— Claro, dá pra imaginar. — Suspirou. — Eles têm que viver a vida. Até amanhã, querida.

Quando fechou a porta, Ollie tapou a boca com um travesseiro para rir sem que ninguém a ouvisse. Seu plano podia funcionar. E, antes de apagar a luz, olhou a foto do seu tio e disse, rindo:

— Primeiro empurrãozinho, tio Michael. Primeiro empurrãozinho.

Capítulo 19

No dia seguinte, todas se sentaram juntas para o café da manhã. Tinham o costume de se reunirem antes de cada uma mergulhar em seus afazeres diários. Sem primeira a se acomodar à mesa e, quando suas netas apareceram, ela já estava bebendo os últimos goles de café.

— Bom dia, vó — saudou Cat com alegria, surpreendendo-a.

Feliz por vê-la sorrir, respondeu:

— Bom dia, minhas lindas. Dormiram bem? Sentiram muito calor?

— Eu nem percebi — respondeu Ollie. — Estava tão cansada que nem m
conta do calor.

— E eu dormi como uma pedra — disse Cat.

Abanando-se com um guardanapo, Serena comentou:

— Que sorte, hein, meninas! Porque foi uma agonia só. Acabei tendo que levanta
e sair um pouco até o jardim. Lá pelo menos estava fresquinho.

Nesse momento entrou Terry, ainda de pijama. Algo que raramente costum
acontecer.

— Terry, querida, você está doente? — perguntou Serena.

— Não, mãe, não se preocupe — respondeu, sorrindo. — Decidi tirar o d
folga hoje.

— Que beleza — disse Ollie e, ao escutar os passos de sua mãe, acrescen
olhando para sua irmã: — No Havaí o dia deve estar melhor do que aqui
que o papai e o tio vão à praia surfar.

Kate surgiu na copa, como sempre impecável em seu terninho cinza e seu coque,
mas ao ouvir aquilo sentiu seu estômago se contrair. Pelo menos conseguiu

disfarçar.

— Muita sorte viver na praia — concordou Cat. — Deve ser muito maneiro.

— E como é! — disse Ollie. — Quando você vir onde o papai e o tio moram, vai
ficar alucinada.

Terry e Kate se olharam e não comentaram nada, então Ollie continuou:

— O papai e o tio vivem na beira da praia, e à noite você dorme ouvind
barulho do mar. De manhã, quando você acorda, fica surpresa ao ver as m
tonalidades diferentes do azul do oceano. Ai... é *incrível*!

Depois de ouvir por uns dez minutos sobre as maravilhas de se viver no

Terry se dirigiu à sua irmã, que ainda não havia aberto a boca:

— Kate, a Ollie te mostrou as fotos das férias dela?

Saindo da bolha em que havia se fechado ao escutar falar do Havaí e de Kate olhou espantada para sua irmã.

— Por que está de pijama? — perguntou.

— Ela disse que vai tirar um dia de folga — comentou Serena, rindo.

Kate achou estranho, pois sua irmã não comentara nada no dia anterior.

— Ahhh, que sorte, um dia livre! — Kate suspirou. — Eu tenho duas audiências, um processo por divórcio e com certeza algumas outras coisas. — Mas, ao lembra o que sua irmã havia perguntado, acrescentou: — Que fotos?

— Mãe, ontem à noite eu falei com o papai pela internet — contou Cat, empolgada.

Kate sorriu. Era uma ótima notícia. Agora entendia por que Sam não havia puxad assunto com ela, embora estivesse on-line. Ficou feliz ao saber a razão.

— Que bom, querida. O papai te ama muito e sei que pra ele com certez importante falar contigo. — E, olhando para sua filha mais nova, pergunto você que a convenceu, né? — Ollie confirmou com a cabeça.

Serena as observou sem dizer nada. Falar de Sam e Michael ainda era doloroso e ela procurava evitar o assunto. Sentia muito a falta deles.

— Você está certa, mãe — confirmou Cat. — E com certeza foi mesmo graças a ela que eu me reconciliei com o papai.

— Acho que vocês nunca estiveram brigados de fato, querida — sussurrou Kate, mas, ao sentir o chute da sua irmã por baixo da mesa, virou-se para ela.

— Perguntei se Ollie te mostrou as fotos das férias — repetiu Terry, dando outro chutezinho em sua irmã.

Sem entender direito do que ela estava falando, Kate respondeu com calma:

— Não. Ela não me mostrou nada. — E, consultando o relógio, acrescento

Aliás, meninas, se vocês não se apressarem, vão chegar atrasadas no colégio.

— Vamos, mocinhas. Ai, meu Deus... já está tarde... — comentou Serena.

— Caramba! — exclamou Cat. — Hoje é que a gente não chega.

Kate reagiu com rapidez.

— Um minuto. Vou beber o café e já levo vocês.

— Nada disso, filha — disse Serena e se levantou. — Pode tomar o café tranquilamente que eu mesma levo as meninas na escola.

— Valeu, vó — falou Ollie, terminando seu achocolatado. — Mãe, quer v fotos das minhas férias?

Estou que não me aguento de curiosidade, pensou Kate.

— Se você quiser me mostrar, querida, claro que vou adorar ver.

Ollie tirou o envelope da mochila, mas, antes de entregá-lo à sua mãe, acrescentou:

— Se você quiser, posso separá-las, pra você ver só aquelas em que eu apareço.

— Não, meu amor — disse, sorrindo, sob o olhar atento de todas. — Não precisa fazer isso, eu já conheço a Sasha e o Tommy, e são umas crianças adoráveis.

— Ollie! — repreendeu-
a Serena. — Acho que não tem cabimento você ficar
mostrando essas fotos pra todo mundo. Não faz sentido.

— Mas, vó, eu não acho que...

— Mãe — interrompeu Kate. — Ollie faz muito bem em me mostrar as fotos das férias dela. E mais: se ela não tivesse oferecido — mentiu —, eu mesma pedido. São as fotos da minha filha e, se são importantes pra ela, também importantes pra mim.

— Mãe, por favor — disse Terry. — Não seja exagerada. São só umas fotos.

Serena, que não tocava no nome de Sam desde que ele havia ido embora, protestou. Foram muitas as noites em que, impotente, ela ouvia pela porta sua filh chorar. Isso ficou marcado em seu coração, junto a outras coisas que ela se negav lembrar.

— Você sabe o que faz. E eu não me acho exagerada. Só digo o que pen

falou antes de sair. — Meninas, por favor, deem uma agilizada ou vão chegar tarc

Ollie se aproximou da mãe, entregou o envelope com as fotos e lhe deu um beijo.

— Depois que tiver visto tudo, deixa no meu quarto, por favor.

— Claro — respondeu Terry, pegando-
as. — Não se preocupa. Anda, vai com a
vovó e com a Cat, pra não se atrasarem.

Quando Ollie saiu e as duas irmãs ficaram a sós, Terry comentou:

— A mamãe, hein, vou te contar! Quando quer, sabe deixar o clima meio tenso.

Kate tentou desculpar.

— É normal. Ainda não aceitou a história toda do Sam. Adorava ele e ta gostava muito do Michael, e ficou arrasada com tudo o que aconteceu.

Com impaciência, Terry passou o envelope de fotos à sua irmã.

— Pega e vê.

— Garota — disse Kate, rindo. — Você está nervosa. O que foi?

— Olha as fotos — reagiu Terry, apressando a irmã — e me diz logo.

Com as mãos trêmulas, Kate abriu o envelope, tirou as fotografias e a pri que encontrou foi uma de Ollie na praia.

— Está linda — disse Kate, sorrindo. Mas, quando viu a seguinte, ficou s palavras e seu sorriso se congelou.

Ao ver sua reação, Terry tirou as fotos de suas mãos e a abraçou. Mas K desvencilhou do abraço e pegou os retratos novamente.

— Ai, meu Deus... meu Deus...

— Sei o que você está pensando — disse Terry, enquanto sua irmã pareci acreditar no que via.

— Está muito gato, não acha? — falou Kate, mostrando a foto em que S aparece com seu macacão de neoprene e a prancha de surfe.

Incapaz de mentir, Terry concordou com a cabeça.

— Tem razão. Ontem, quando vi essas fotos, te juro que foi como se eu voltasse ao passado. Fiquei tão atordoada que voltei ao quarto da Ollie pra pergunt fotos eram atuais. Tinha que ver a cara dela. Deve ter pensado que eu estava louc

Mas Kate mal podia respirar. Ver Sam em todo seu esplendor em Oahu enchia sua cabeça de recordações maravilhosas.

— Voltar para aquela ilha fez muito bem a ele. Está ótimo e parece bem feliz —

conseguiu dizer, por fim.

— Só ótimo? — disse Terry, suspirando. — Não falo nada então, espera s ver o Michael.

Nesse momento apareceu a foto de Michael com a escumadeira nas mãos, e Kate soltou uma gargalhada. Arrancando o retrato das mãos de sua irmã, Terry pergunt

— Está mais lindo que nunca, né? Ou sou eu que vejo ele dessa forma?

Kate olhou para Terry com curiosidade.

— Não vai me dizer agora que está a fim do Michael? — Terry não respondeu. —

Poxa, Terry, ele passou anos atrás de você, e você não dava a menor bola, e agora

— Nem pensar — disse Terry, devolvendo a foto. — Só estou apreciando. Vendo essas fotos, eu me lembrei de outras que você tinha me mostrado quando conhece os dois.

— É verdade. Eu tenho umas fotos como essas lá no meu quarto. — E, levantando-
se, acrescentou: — Vem, vamos buscar, você vai ver como eles quase não mudaram.

Terry consultou o relógio e disse:

— Só pra lembrar, maninha: você tinha duas audiências, um processo de divórcio e...

Kate parou de repente.

— Isso eu resolvo rapidinho.

E, sem se importar com nada, tirou os sapatos de salto, ligou para sua secretária e passou as tarefas para outros advogados. Assim que desligou, olhou para s com um sorriso triunfante.

— Tenho o dia livre. Pra isso é que sou chefe.

Como duas garotinhas, as irmãs subiram as escadas correndo, entre risinhos, com não faziam havia anos. Por um momento voltaram à adolescência. Aquilo era con fazer uma travessura sem a mãe saber, e isso deixava as coisas ainda mais interessantes. Sob o olhar atento de Terry, Kate tirou o terninho assim que chegar ao seu quarto. Terry balançou a cabeça num gesto de aprovação ao ver a esplêndida que estava, mesmo depois de ela ter tido dois filhos.

— Terry, me faz um favor: pega o álbum azul que está ali em cima daqu estante — disse enquanto soltava suas longas madeixas louras e fazia um cavalo.

— Toma — disse Terry, entregando o álbum.

— Aqui estão. Ai, meu Deus... você vê o quanto essas fotos são parecidas?

Terry estava boquiaberta. Realmente as fotos que Ollie havia tirado eram b similares às de vinte anos antes. Numa delas se viam Sam e Michael vest suas roupas de borracha. E em outra Michael aparecia descascando batatas com u bermuda parecida com a que usava na foto de Ollie. Kate olhou com cari aqueles retratos. Sam e Michael não tinham mudado muito, e inclusive, pe

talvez estivessem mais atraentes agora que eram mais maduros.

— Por que você deixou o Michael ir embora? — perguntou Kate ao ver sua irmã toda concentrada diante de uma das fotos.

Terry não respondeu nem olhou para ela. Só tinha olhos para aquele retrat que Michael e ela riam, fantasiados de Fred Flintstone e sua mulher Wilma. Naqu dia, naquela festa, acabou que uma bossa nova, “Desafinado”, virou a música del

— Por que você nunca lhe deu uma chance? — insistiu Kate.

— É difícil explicar — falou Terry. — Ele era um bom amigo e eu adora companhia dele. E não nego que tinha uma quedinha por ele, e sei que el tinha por mim. Mas acho que a gente sempre teve medo de começar alguma coisa estragar nossa amizade. Nós dois sabemos por experiência própria que, quando v vai pra cama com alguém, nada volta a ser como antes. Além disso, tudo era boni demais. Você e o Sam, eu e o Michael... era tudo muito perfeito e eu tinha certeza que não seria uma boa ideia.

— Por que, quando eu te disse que ele ia embora com o Sam, você não fez nada pra impedir?

Terry deu de ombros e confessou:

— Por covardia. Fiquei com medo de me sentir rejeitada. Sou uma covard sei.

— Mas você se enganou. O Michael nunca teria te rejeitado.

— Como você pode dizer isso se foi ele que foi embora sem se despedir?

— Terry — respondeu Kate —, ouvi o que você disse a ele na manhã en sugeriu que ele fizesse todas as refeições na casa dele. De onde eu estava cara e a dele. Como ele ia se despedir depois disso tudo?

O comentário de Kate foi doloroso para Terry, mas ela sabia que sua irmã razão.

— Mas eu achava que ele sabia da história do Sam e da existência dos f dele. Sei que mandei mal nesse dia, mas não podia suportar a ideia de ele

manhã e agir como se nada tivesse acontecido.

— Ele também não sabia de nada até a história vir à tona — explicou K

Acho até que foi legal da parte dele continuar vindo pra cuidar da gente, mesmo d
o Sam tivesse ido embora.

Cansada, Terry fez que sim com a cabeça e logo se esparramou na cama.

— Não tenho forças pra ligar pra ele. Tenho certeza de que já se esquece
mim.

Kate não tinha tanta certeza disso. Michael era como Sam, fiel ao seu pró
coração. Mas, sem vontade de ficar remoendo o assunto, disse:

— Talvez você tenha razão. É hora do Michael começar a vida dele. Enqu
você estava casada, ele não ousou se aproximar e, quando você se separou
logo aceitando a própria derrota. Talvez seja melhor assim.

— Por que eu sou sempre tão estúpida? — perguntou Terry, levantando-se. — É

como se eu nunca vivesse a realidade, como se eu nunca estivesse de acordo com
vida que levo.

— É, maninha, você é meio complicada mesmo — disse, abraçando-
a, enquanto
olhava as fotos. — Mas o Michael, com esse cabelo comprido de agora, e
arraso, exatamente como no dia em que eu o conheci.

— Eu sei — falou Terry, sorrindo com tristeza. — Quando você me apresentou a
ele, lembro que o que mais me chamou a atenção foi a simpatia dele e a forma de
vestir. Os dois eram diferentes dos carinhas que a gente conhecia aqui em
York. Enquanto nossos amigos falavam de boates e drogas, eles falavam d

De pegar onda. Eram realmente diferentes, né?

Kate observou as fotos com saudade e balançou a cabeça, concordando.

— Eram e ainda são... Olhando essas fotos, dá pra ver que agora eles estão onde
tinham mesmo que estar.

Entendendo muito bem por que ela dizia aquilo, Terry insistiu:

— E isso deveria te fazer refletir, não acha?

— Sei o que você quer dizer — concordou Kate. — O Sam viveu em Nova York todos esses anos por minha causa e pelas meninas. Inclusive deixou de lado a ide

de ir à praia no verão pra ir com a gente à Europa. Agora me dou conta de que er ao tentar fazer o Sam levar um determinado tipo de vida.

— Não exagera: você não apontou uma arma na cabeça dele.

— Eu sei — disse Kate, sorrindo. — Mas não prestei atenção. Me acomo minha vida e não olhei pra trás pra ver se deixava alguma coisa no caminho. E ag percebo que sim.

— Você ainda ama o Sam, né?

— Como poderia não amar? — respondeu Kate, levantando as mãos. — O aconteceu entre a gente há alguns anos foi pra mim uma enorme prova de

por isso nunca armei um escândalo desde que fiquei sabendo da outra vida dele. S fiz o que meu coração mandou. Só isso.

Ao sentir a tristeza nas palavras de Kate, Terry a abraçou e acrescentou, procurando oferecer todo o apoio de que era capaz:

— E você foi incrível.

— Às vezes — prosseguiu Kate — me dá vontade de pegar um avião e Oahu falar com ele. Mas, quando penso um pouco, me dou conta de que erro.

— Por que seria um erro?

— Não saberia como explicar, Terry. Talvez eu também seja uma covarde voltasse com o Sam, teria que dar explicações demais, principalmente pra mamãe não estou disposta a remoer o passado.

— Mas, Kate, você não tem que se preocupar com o que os outros pensam. Deve

se preocupar com o que você quer e ponto.

— Eu sei disso, mas não ia suportar ouvir a mamãe falando mal do Sam, porque isso acabaria me levando a confessar que sua filha respeitável foi uma filha da... a cometer uma loucura que resultou num aborto e que o Sam botou o assunto debai do tapete justamente pra ela não ter esse desgosto.

— Não pensa assim, mulher.

— Não consigo evitar. Agora, diante de todo mundo, o Sam é visto como canalha, quando a canalha na história fui eu há alguns anos e o Sam fez ninguém ficar sabendo.

— Você voltaria com ele?

— Não sei. Às vezes penso que correria atrás dele como uma louca pra abraçá-lo e beijá-
lo, mas em outros momentos acho que as coisas mudaram tanto que nada voltaria a ser como antes.

— Numa coisa te dou razão. Nada voltaria a ser como antes — disse Ter perguntou: — Você acha que existe felicidade?

— A felicidade é uma utopia que só poucas pessoas conseguem manter. O que eu acredito é que existem momentos felizes, e eu e o Sam fomos felizes, ape

tudo.

Terry acariciou com ternura os cabelos sedosos da irmã.

— Sabe, eu adoro conversar contigo. Você é tão sensata e realista, exatam contrário de mim, que sou totalmente teimosa e precipitada. Ainda bem qu você pra me fazer entender as coisas. O engraçado é que com as suas fill acontece igual: Cat, pro azar dela, é como eu, e Ollie é como você.

Kate sorriu para ela com cumplicidade.

— Em momentos como esse, te olho nos olhos e seu olhar me transporta pra noss infância, e parece que a gente volta a ser aquelas meninas que trocavam confidências.

— O importante é não esquecermos que temos uma à outra. — E, depois abraçarem, Kate foi até o banheiro pegar uns lenços de papel. As duas estavam co os olhos cheios de lágrimas. Quando voltou, Terry ficou observando a irmã perguntou: — Kate, você nunca pensou em mudar o visual?

— Hummm, não. Pra quê?

Sorrindo, Terry encolheu os ombros.

— A verdade é que você está ótima com essas madeixas louras, mas há c tempo você não faz um penteado diferente? E mais: há quanto tempo você um jeans?

Kate sorriu.

— Jeans? E vou usar quando? Nas audiências? Não... não quero perder a imagem de uma advogada dura e eficiente. — As duas riram e ela continuou: — Quanto a cabelo, nisso eu te dou razão. Desde os 15 anos eu não mudo o estilo. Mas é mais prático usá-lo assim. Nos tribunais, o coque me dá seriedade.

Sem dar tempo de Kate reagir, Terry a puxou pela mão e a levou ao enor espelho do quarto.

— Vem cá um minuto. Não acha que nós duas precisamos mudar o visual?

— Terry, aonde você quer chegar com isso?

Sem tirar os olhos do espelho, perguntou:

— Seja sincera, Kate: quando você olha pra mim, o que vê?

Kate observou detidamente sua irmã.

— Eu vejo você, ué. Ok... ok. — Sorriu ao reparar que sua irmã protesta

Vejo uma trintona gata. Cabelo castanho e liso, olhos verdes, olheiras e ur branco.

— Que sem graça isso que você falou, né? — Kate pensou um pouco e concordou. — Agora vou te dizer o que eu vejo em você. Vejo uma mulher cheia

olheiras também, com um belo corpo escondido numa roupa de executiva. bonito, mas fora de moda e sem graça. Resumindo, uma boa matéria-prima que pode melhorar.

Achando graça do comentário da irmã, Kate se olhou no espelho e acrescentou:

— Mas eu não tenho a menor vontade de mudar. Gosto da roupa que uso meu cabelo e não quero parecer sexy. Estou satisfeita assim.

— O que acha de irmos ao cabeleireiro e nos darmos uma massagem de presente?

Sabe, algum tratamento de chocoterapia ou algo do tipo.

Mas Kate insistiu:

— Repito: não penso em mudar meu visual.

— Mas o cabelo cresce de novo — incentivou Terry. — Nunca ouviu aqu lance de se renovar ou morrer? E falta muito tempo ainda pra gente estar enterrada, então vamos fazer alguma coisa em nosso dia livre. Que tal?

Feliz por finalmente ver sua irmã sorrir, Kate, enquanto vestia uma calça escura e uma camisa de seda bege, disse:

— Vou te acompanhar, mas saiba que não pretendo fazer nenhuma loucura.

Sorrindo, Terry calçou os sapatos, prendeu o cabelo num rabo alto e respondeu:

— Vem comigo e eu te garanto que a gente vai se divertir.

Capítulo 20

O sol em Oahu naquele dia estava mais forte do que nunca. Sam estava no escritó ouvindo a sra. Peebles. Queria se divorciar do marido Tlico Telicua, após quarent anos de casamento, porque havia chegado à conclusão de que ele não a amava ma

Os anos de experiência na profissão o ensinaram a reconhecer que aquela mulher nunca se separaria do marido, mas Sam a escutou com paciência. Quando

Peebles saiu da sala após uma hora de conversa, Michael se levantou da r pegou para Sam uma Coca-

Cola geladinha do frigobar que mantinham no escritório.

— Toma, irmão, você merece — disse, colocando a bebida em cima da mesa.

— Valeu, Michael — disse e balançou a cabeça esgotado. Depois acrescen
com um sorriso: — Na próxima vez é você.

Desde a primeira visita daquela mulher, tinham combinado em se revezar
atendimento. Cada vez seria um que falaria com ela.

— Tá um calor infernal — queixou-
se Michael, olhando pela janela. — O mar
está supercalmo. Não vai rolar surfe hoje.

Sam consultou sua agenda.

— Hoje tenho um dia emocionante. Dentista com a Sasha e pediatra com
Tommy. Tenho a tarde cheia.

Michael sorriu e, pousando a mão no ombro do irmão, disse:

— Hoje é sexta. O que acha de ligarmos pra Honey e pedirmos pra ela ficar com
as crianças pra gente ir ao Aloha Skatt's tomar umas cervejas?

— Boa ideia,
querido — brincou Sam. — Mas por enquanto vamos almoçar.

Estou morrendo de fome.

— Caramba — disse Michael. — Já são duas e meia. No fim das contas
ter que cobrar da sra. Peebles. Vem, levanta essa bunda daí e vamos no bar do Di
comer alguma coisa.

Ao chegarem ao Mohana Life, cumprimentaram alguns amigos. O bar do Dick er
o típico restaurante-
bar em frente à praia, onde à tarde os surfistas e turistas comiam
e à noite bebiam.

Samantha, mulher do Dick, sempre sorria ao vê-
los e lhes preparava alguma coisa

gostosa para comer. Gostava de ter por perto aqueles dois lindos advogado eram seus amigos havia muitos anos. Adorava se gabar com suas amigas d intimidade que tinha com eles, pois tanto Sam quanto Michael eram ótimos partid que a maioria das garotas gostaria de fisgar. Enquanto Samantha preparava a com eles andaram até o fundo do bar para jogar sinuca. Entre risadas e piadinh começaram o jogo, até que de repente um homem se aproximou.

— Sam e Michael! Que alegria ver vocês — exclamou.

— Stephen Morello — saudou Michael, chegando perto dele. — O que es fazendo por aqui?

— Oi, Stephen — disse Sam sem se aproximar.

Stephen Morello era advogado de uma firma em Nova York. Sam e ele já haviam se enfrentado em dois julgamentos, mas também já haviam tomado umas d juntos. Estranhando a fria recepção de Sam ao colega, Michael olhou para seu irm e percebeu que a expressão dele havia mudado completamente.

— Meninos, ainda estão juntos? — brincou Stephen. — Vou acabar achando que vocês são mesmo um casal.

Michael pegou Sam pelos ombros e entrou na brincadeira.

— Sim, amigo, e somos muito felizes. Temos dois filhos lindos e uma cas superfofa. Passa lá um dia desses pra conhecer.

— Sério — disse Stephen. — O que vocês estão fazendo por essas bandas?

Apoiando-se na mesa de sinuca, Sam respondeu:

— Já faz uns meses que nos mudamos pra cá.

— Não me diga que Kate também está aqui — comentou, olhando ao redor.

Nesse momento Sam bufou, e Michael, sem entender o que acontecia, perc que aquele encontro casual não ia terminar bem.

— Não, ela não está aqui. A gente se separou.

Para acalmar os ânimos, Michael tentou desviar a conversa.

— E você, o que está fazendo na nossa ilha?

— Vim com uma amiga — disse, apontando para uma loura deslumbrante vestia um biquíni azul minúsculo e estava bebendo no balcão. — É sério se separou da Kate?

— É.

Rindo, Stephen olhou para Sam e deu umas batidinhas no ombro dele.

— Fez bem. Pra que ficar com uma só quando se pode ser livre e ter to mulheres que quiser?

Sam sentiu seu estômago se contrair e, aproximando-se de Stephen de um jeito intimidador, disse entre dentes cerrados:

— Você esqueceu a parte que diz: “desde que não haja um canalha sem escrúpulos que se envolva com sua mulher e arruíne sua vida”.

Sem entender nada, Michael ficou alerta. O que estava acontecendo ali?

— Do que você está falando, Sam? — perguntou Stephen, meio irritado.

Incrédulo pelo atrevimento do recém-chegado, Sam tentou voltar para o jogo de sinuca. Se não fizesse isso, ia acabar quebrando a cara dele.

— Só vou te dizer uma coisa, seu desgraçado filho da puta — falou Sam, pegand o taco e dando com ele em Stephen, que, ao sentir o golpe seco no meio pernas, ficou quase sem respirar e caiu no chão. — Você se comportou co canalha ao se envolver com a minha mulher. Mas o pior foi quando soube do beb desapareceu, deixando a Kate sozinha com um problemão. Só espero que a dê em dobro todo o sofrimento que você causou, seu cafajeste maldito. — Dito is Sam soltou o taco de sinuca sobre a mesa e saiu do bar.

Testemunha muda de toda aquela cena, Michael continuava sem entender n

Olhou para Stephen, que gemia de dor no chão, mas sem pensar duas vez

atrás do seu irmão, que corria furioso em direção ao escritório.

— Você pode me esperar? — gritou Michael. Mas Sam não o escutava.

Ao entrar no escritório, Sam foi direto para o banheiro, fechou a porta e jogou um pouco de água no rosto. Finalmente ele fizera o que tantas vezes tinha des

Quando Michael entrou, imaginou que seu irmão estaria no banheiro e o e pacientemente do lado de fora. Mas, passados dez minutos, ao ver que Sam não s dali, acabou indo embora. Um pouco depois, voltou com o almoço que tin pedido no bar do Dick.

—
Amorzinho, vamos almoçar? — perguntou Michael, dando leves batidas na porta.

Do outro lado, Sam sorriu. Acabou se animando a sair e se sentou para c sem dizer uma só palavra.

— Posso saber o que houve? — perguntou Michael após alguns minutos d silêncio.

— Paguei uma dívida antiga.

— Tinha acontecido alguma coisa entre você e o babaca do Stephen e voc me contou nada?

Sam confirmou com a cabeça, e Michael acrescentou, após enfiar um peda carne na boca:

— Ultimamente você vive me surpreendendo, hein... Não sei mais se é você quen está na minha frente ou um completo desconhecido.

Ao ver sua expressão séria e as sobrancelhas contraídas, Sam suspirou. Mi não merecia tantos segredos, então ele decidiu por fim revelar ao irmão certos fat dolorosos de sua vida.

— Vou te contar se você me prometer que isso vai ficar entre a gente.

— Prometo. — E, para relaxar a fisionomia tensa que via no rosto de Sa

algo que Sasha sempre fazia quando ia contar um segredo. Moveu a mão fechasse a boca com uma chave e depois fingiu atirá-la longe.

— Como você é bobo — disse Sam, enfim sorrindo.

E começou a narrar a história toda, deixando Michael totalmente perplexo.

Quando Sam terminou o relato, seu irmão disse:

— Juro que nunca na vida eu poderia imaginar uma coisa dessas. Você es dizendo que a Kate, a mulher perfeita, se envolveu com esse desgraçado, grávida e pensou em abandonar você e as meninas pra ir embora com ele confirmou com a cabeça, demonstrando tristeza ao relembrar o fato. —

Inacreditável. Até as pessoas perfeitas cometem erros.

— Kate é perfeita — disse Sam. — Mas é humana como você, como eu e como todo mundo, e erra também. Na época fiquei muito magoado, mas eu a amava tan que acabei perdoando.

— Agora entendo por que a Kate nunca fez um verdadeiro escândalo quan descobriu a tua história. Agora sim estou entendendo tudo.

Ao pensar em sua ex-mulher, Sam pôs a mão na testa preocupado e confessou:

— Mas, apesar de eu ter perdoado a Kate, foi esse erro dela que abriu ca para meu envolvimento com a Nicole.

— Como você conheceu a Nicole? — Michael ousou perguntar. Sabia que aquele era um terreno delicado e até então não havia se arriscado nele.

— Lembra quando viajei pra Alemanha? — Michael fez que sim. O avião de San havia feito escala na Alemanha pra pegar uns passageiros. — Durante o voo, quan pedi umas bebidas, a aeromoça se confundiu e deu a minha pra Nicole e a dela pr mim. Percebemos na hora e, em vez de avisar a aeromoça pra ela fazer a troca, nó mesmos fizemos isso diretamente e começamos a conversar. Não paramos conversar até chegar a Nova York. E, apesar de eu ter perdoado a Kate, algo dentr de mim estava rompido. Naquela época a Kate estava fria e distante comig quando conheci a Nicole, não consegui resistir. Precisava que alguém me abraças

e me dissesse que me amava. E quando conheci a Sasha, tão pequenininha bonita, com essa carinha de anjo, eu...

— Sasha?! Como assim “quando conheci a Sasha”?

— Ela não é minha filha biológica, mas eu gosto dela como se fosse.

— Mas então a Sasha... o que...? — perguntou Michael, cada vez mais incrédulo.

— Quando eu a conheci, tinha seis meses. Um dia começou a me chamar

— ele sorriu ao lembrar — e eu não consegui negar. Era minha filha, na prática. U tempo depois, o Tommy nasceu e eu dei aos dois o meu sobrenome. São filhos. Não deixaria ninguém fazer mal a Sasha, porque pra mim ela é tão quanto Cat, Ollie e Tommy. E, por favor, isso não pode sair daqui. Não q ela saiba disso nunca.

— Não se preocupe. Esse segredo vai morrer comigo.

Confiando nas palavras do irmão, Sam sorriu e continuou:

— Quando aconteceu o acidente da Nicole, dei graças a Deus por ter reconhecido a menina e o menino com os meus sobrenomes. Não fosse por isso, eles um monte de direitos e, ainda que com o tempo eu conseguisse provar que sou o p do Tommy, não aconteceria o mesmo com a Sasha. Se isso acontecesse, eu perdoaria nunca — disse, e em seguida murmurou emocionado: — Ela é minha fi

Depois de uma pausa breve, porém carregada de emoções, por fim Michael pousou sua mão morena sobre a perna de Sam e perguntou:

— Irmão, você tem mais alguma coisa pra me contar?

Sam respondeu com um sorriso.

— Desculpa por nunca ter te falado da Nicole e das crianças, mas eu não queria te envolver em algo que eu mesmo sabia que era errado. Só que a vida à difícil de compreender e...

— Sam... Posso te perguntar uma última coisa?

— Fala, irmão.

— Por que você não se separou da Kate? Poderia ter começado uma vida com a Nicole e as crianças.

Sam respirou fundo e disse:

— Porque eu não podia viver sem a Kate. Eu a amava e ainda a amo demais. Até hoje tenho dificuldade de dormir à noite sem tê-
la ao meu lado. Sei que é
extremamente egoísta da minha parte dizer isso, mas eu amava a Kate, e Nicole n amava. Teve um momento em que decidi que aquela relação com a Nicole teria q acabar. Mas um dia ela me ligou e disse que estava grávida. Naquele inst fiquei paralisado, e, quando ela me confessou que não queria abortar, aqui alegrou. Falei com ela e deixei as coisas bem claras. Eu amava minha mu minhas filhas, e nunca, acontecesse o que acontecesse, pensaria em me afastar de

Nicole tinha umas ideias muito liberais e, mesmo contrariando sua mãe — disse e

sorrindo —, aceitou viver comigo mesmo sabendo que eu nunca deixaria a Kate. gente se via pouco, só alguns dias por mês. Mas isso bastava. O resto você já sab

— Como eu nunca percebi nada?

— É que nós, humanos, sabemos esconder segredos, por isso você também descobriu a história da Kate. Mas agora você já viu: no fim a vida sempr trazendo a conta, e uma coisa que você acreditava estar sob controle acab dos eixos e...

— Tenho outra pergunta — disse Michael. — Sei que eu já tinha dito an era a última, mas...

— Desembucha, irmão — respondeu Sam, mesmo sabendo que muitas out perguntas ainda estavam por vir.

— O que você pensava em dizer a Sasha e Tommy quando eles crescessem? Eles perguntariam aonde o pai ia com tanta frequência.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Pra ser sincero, nunca pensamos muito nisso. Vivíamos o presente. Ima
que, quando chegasse o momento, iríamos enlouquecer ao pensar no que d
mas... não, não pensamos. — Com cara triste, olhou fixo para seu irmão e sussurr

— Tadinha da Kate, se você visse como ela cuidou do Tommy aquele dia
hospital enquanto eu me encarregava da Sasha... Nunca vou poder esquecê-
la. É

uma mulher incrível e eu espero que seja feliz. Ela merece.

Nesse instante, Michael pensou em Ollie e naquela história do “empurrãozi

que ela planejava dar.

— Você também merece o melhor — disse Michael. — Escuta, se você t
podemos jantar em casa hoje e continuar essa conversa.

Sam concordou. Ter enfim contado tudo aquilo com naturalidade era algo
reconfortava.

— Acho ótimo. Obrigado, Michael.

— De nada. — E, para fazê-
lo sorrir, acrescentou: — Ah, e fique sabendo que
você conseguiu acabar com o Stephen. Já estou até vendo aquela loura deslumbra
que estava com ele tendo que colocar compressas de gelo a noite toda.

Os dois caíram na gargalhada.

Capítulo 21

Em Nova York, ao voltar da escola, Cat e Ollie encontraram a avó sozinha lendo
livro, como costumava fazer toda tarde. Chegou a hora do jantar e, como

Terry não apareciam, as meninas começaram a preparar uma salada enquanto Ser
colocava no forno uma carne para assar.

— Que estranho a mamãe não ter voltado do trabalho ainda — comentou Ollie.

— E onde será que sua tia se enfiou? — perguntou Serena.

— Com certeza estão juntas — respondeu Ollie sem dar importância ao fa

De repente a tia Terry foi buscar a mamãe no trabalho.

— Mas poderiam ter ligado — protestou a avó. — Pra alguma coisa esse celulares delas têm que servir.

Nesse momento a porta da casa foi aberta, e as três puderam ouvir risadas vindo daquela direção.

— Oi, meninas — disse Terry de repente ao entrar na cozinha, seguida pc irmã. — Desculpem a demora, mas é que fomos fazer compras e depois tomar alg acabamos nos atrasando.

Achando graça da situação, Kate observava as caras de espanto de suas fil sua mãe.

— Mãe? Tia Terry? — disse Cat, surpresa, soltando o recipiente da salada.

— E aí, o que acham do nosso visual? — perguntou Terry. — Demos um passadinha no cabeleireiro.

Ollie se aproximou da sua mãe. Parecia vinte anos mais jovem.

— Mamãe está a maior gata. Esse corte ficou perfeito.

— Ai, meu Deus, minhas filhas — reclamou Serena. — O que vocês fize nesses cabelos?

Boquiaberta, Kate ia responder, porém Cat fez isso por ela.

— Mas, vó, elas estão maravilhosas!

Ollie mal conseguia articular as palavras. De repente, parecia que seus pais e tios resolveram competir para ver quem aparentava ser mais jovem.

— Terry, pela cara da mamãe, acho que fiz mal em cortar o cabelo — br Kate.

— Pois eu acho que ficou ótimo — elogiou Ollie, reparando que sua mãe cortado o cabelo igual ao da Meg Ryan: curtinho, desfiado e com umas mechas m

louras.

— Obrigada, meu amor — agradeceu a mãe.

Ainda observando o novo visual, Cat perguntou:

— E onde você comprou essa calça jeans e essa blusa verde? Eu quero uma!

Terry, empolgada com a mudança que havia convencido Kate a fazer, exig atenção de suas sobrinhas:

— Alguma alma caridosa poderia dizer alguma coisa de mim também?

Ollie deu uma risada e, apesar da cara de irritação da sua avó, disse:

— Tia, você está muito linda. O cabelo cacheado e ruivo fica ótimo em v

esse macacão jeans que você está usando é um arraso. Onde vocês compraram es roupas, hein?

— Depois que a gente saiu do salão e tomou uns drinques — respondeu observando sua irmã, que não conseguia parar de rir —, levei a mãe de vocês a u loja superalternativa. Não é o máximo? — As meninas balançaram a cabeç concordando. — Se vocês quiserem, a gente pode ir lá amanhã e comprar roupa. Tem umas coisas muito fofas lá.

— Quero um macacão igual ao seu — pediu Cat, que não conseguia para olhar o visual da tia.

Kate topou, animada.

— Então amanhã a gente vai lá.

— O que deu em vocês? — perguntou Serena. — Por que compraram jea rasgados? Não poderiam ter comprado novos?

Todo mundo sorriu, menos ela.

— Mãe, isso é o que está se usando hoje em dia — explicou Terry. — A roupa é nova, mas agora se faz assim, meio gasta mesmo.

Mas sua mãe não estava para brincadeiras e comentou com rispidez:

— Terry, não acha que está indo longe demais? Não basta você cometer loucuras

Tem que arrastar sua irmã junto? Sua irmã é a mãe dessas duas meninas e não ach
que ela deva sair por aí com essa pinta de garota de 15 anos. A gente es
acostumada com esse seu jeito meio destrambelhado, mas não leve sua irmã para
mau caminho junto contigo. Ela sempre teve um comportamento digno e respeitá

Cat e Ollie pararam de observar o novo visual da mãe e da tia e voltaran
atenção para sua avó, que em poucos segundos conseguira arruinar o clima
descontraído que havia se instaurado quando as duas pisaram em casa. Por
minutos, as risadas tinham voltado às suas vidas, até que Serena cortou o barato d
todo mundo — algo raro nela.

Kate não conseguia acreditar no que estava ouvindo, e Terry se calou. A a
em seus olhos se transformou em raiva.

— Mãe, não acho que...

— Fica quieta, Terry — ordenou Kate. Sua irmã estava levando uma trem
bronca e ela não ia permitir isso. — Mãe, eu te amo muito e te respeito pra caram
mas nunca mais quero ouvir você dizer que a Terry não é digna nem resp
porque talvez ela seja mais digna e respeitável do que eu.

Terry chegou perto de Kate para tentar interrompê-
la, mas sua irmã fez um gesto indicando que ficasse quieta.

— Além disso, se eu cortei o cabelo ou vesti uma calça jeans, que já vi que não
te agradou, não estou prejudicando minhas filhas, e você não pode culpar a Terry
isso, já que ninguém me obrigou a vestir essa roupa. Sinto muito se você não gost

da nossa aparência, mas talvez a gente goste. Se alguém me vir com essa
como você diz, isso não significa que a pessoa vai obrigatoriamente esque
sou a chefe de um escritório de advocacia. O que você está pensando, que
trabalhar assim? Pelo amor de Deus, mãe, não seja ridícula. Eu sempre so
separar muito bem minha vida profissional da pessoal, mas, talvez graças à
irmã — disse, aproximando-
se de Terry —, eu me dei conta de que a vida não é só
trabalho. Também precisamos aproveitar as coisas e desfrutar da companhia

pessoas. Além do mais, é graças a ela que eu e as meninas estamos sorrin primeira vez em vários meses, e não vou permitir que você a humilhe na frente.

Com os olhos cheios d'água, Serena se levantou e saiu da cozinha.

— Sinto muito pela vovó, mas você mandou muito bem, mãe — comentou Ollie.

Olhando para Terry, que nesse momento enxugava suas lágrimas, Kate sussurrou:

— Espero que isso faça a vovó refletir.

Todo mundo sabia o quanto Serena sentia a falta de Sam e Michael. Era isso que estava amargando sua vida, porque em geral ela não se comportava dessa ríspida.

— Cara, a vovó, hein! Vou te contar! — protestou Cat, aproximando-se de Terry.

— Não liga, não, tia. Pra gente, você é o máximo.

— Obrigada, querida — respondeu, sorridente.

Kate bagunçou com carinho os cachos ruivos de sua irmã.

— Vem, abre um sorriso e vamos jantar. Ollie, anda, vai lá chamar a vovó.

Ollie saiu em direção ao quarto de Serena, mas se surpreendeu ao encontrá-la no início da escada.

— Vó — sussurrou, aproximando-se dela —, vem, vamos jantar.

— Estou indo — respondeu Serena sem olhar para a neta. Não queria que visse as lágrimas que corriam por suas bochechas. Ollie então voltou para a cozin

Dez minutos depois, estavam as cinco sentadas em torno da mesa, comend silêncio. O episódio ocorrido alguns momentos antes as havia emudecido, até que repente Serena disse:

— Terry, me desculpa, filha. Sua irmã tem razão. Às vezes falo as coisas pensar, e acho que fui muito dura com você.

— Não se preocupa, mãe — respondeu Terry sem olhar para ela.

Mas Serena insistiu:

— Só vou me calar quando você disser que me desculpa. Fui uma bruxa e não me dei conta de que você fez a Kate sorrir como há muito tempo ela não sorria. E só isso eu já deveria ter ficado quieta em vez de ter falado aquelas bobagens.

— Tudo bem, mãe — respondeu Terry, sorrindo e olhando-a nos olhos. — Eu te desculpo. Vamos esquecer essa história.

Serena então se levantou para dar um beijo carinhoso na cabeça ruiva de sua filha e Kate sorriu ao ver o gesto carinhoso de sua mãe. Aí sim. Essa, sim, era Serena.

— Bom, tem outro detalhe que eu gostaria de saber. Conheço vocês duas e essas olhadinhas que vocês trocam me deixam desconfiada. Estão escondendo alg coisa?

Surpresa com a sagacidade da sua mãe, Kate respondeu:

— Só te digo que no próximo sábado à noite eu e minha irmã temos um encontro vamos a uma festa.

Ollie ficou sobressaltada. Aquilo podia atrapalhar seus planos.

— Como assim?! — reagiu Cat.

— Com quem? — perguntou Ollie.

— Eu sabia — disse Serena, rindo. — Sabia que esses olhares escondiam alguma coisa.

Kate e Terry se entreolharam e sorriram.

— Bom, meninas, quando a gente contar, vocês não vão acreditar — disse

— Estávamos tomando uns drinques num bar hoje à tarde, quando de repe garçom avisa que nossa conta foi paga por uns caras da mesa ao fundo. - escutar isso, Kate começou a rir. — Primeiro ficamos surpresas, depois

agradecemos ao garçom e voltamos aos nossos drinques. Acontece que, qu
caras estavam indo embora, eles passaram do nosso lado e se apresentaram. Sabe
quem eram?

— Fala, tia, conta logo! — gritou Cat. — Você está me deixando nervosa!

— Pede pra mãe de vocês contar, porque eu ainda não consigo acreditar — falou
Terry, achando graça.

Kate enxugou os lábios com o guardanapo e olhou para suas filhas curiosas.

— Eles eram... ninguém menos que Gary Smacks, Jack Birmingans e Paul Baston

Os modelos que estão fazendo o maior sucesso.

Cat e Ollie ficaram sem palavras, mas foi Cat quem primeiro se manifestou após
aquela revelação:

— Ai, mãe, fala sério. Com certeza vocês confundiram. Como poderiam ser eles?

Kate e Terry se olharam. Elas sabiam que ninguém acreditaria.

— Na boa — disse Ollie —, acho que eles estavam de brincadeira com a cara de
vocês. Por acaso vocês acham que Jack Birmingans, Paul Baston e Gary Smacks
teriam nada melhor pra fazer do que convidar duas mulheres mais velhas
vocês pra sair e...

Ao escutar esse comentário, Serena caiu na gargalhada. A dócil Ollie acabava de
chamar de velhas a mãe e a tia.

— Que atrevida essa garota! — protestou Terry. — Está chamando a gent

coroa?

— Tia, não falei *coroa* — desculpou-se Ollie, ao perceber que talvez não tivesse
escolhido as melhores palavras. — Quando falei em “mulheres mais velhas”, esta
querendo dizer que eles, além de serem mais jovens que vocês, estão sem
rodeados de garotas novas e lindas. Isso não significa que eu esteja chamando vo
de coroas. Só acho que eles deviam estar de brincadeira.

— Tudo é possível nessa vida — disse Serena, rindo. — Eu não duvidaria palavra da mãe de vocês e menos ainda da tia de vocês. Você sabe que e causa do trabalho, conhece muitos modelos e atores.

— Mas, vó — falou Cat —, como quer que a gente acredite nessa histór

como se me dissessem que amanhã o Robert Pattinson vai vir na minha c café da manhã comigo e que além disso vai me perguntar se quero leite ou granol

Você acha que acreditariam em mim? Claro que não, né?

— Ok, ok, ô meninas desconfiadas — disse Terry, olhando para sua irmã. — Isso tudo é muito simples de provar. Vocês mesmas vão ver se eles estavam de brincadeira com a nossa cara no sábado, quando eles vierem buscar a gente às oit meia. Eles nos chamaram pra jantar e pra uma festa.

— É isso aí — concordou Kate, achando graça da situação. — Vocês mesmas vão comprovar. E agora, mãe, me passa a salada que estou com fome.

Depois dessa conversa, as cinco mulheres continuaram o jantar entre risada apostas sobre quem teria razão no sábado à noite.

Capítulo 22

Os dias passaram bem depressa. Kate percebeu que a mudança no seu visu um efeito positivo. Todo mundo se surpreendia ao vê-
la e a elogiava por seu novo
look. Ela se olhava no espelho e às vezes nem sequer se reconhecia. Mesmo quan vestia os terninhos e as roupas de sempre, a imagem que via era outra. Estava ma jovem e ousada. Também os homens a olhavam de um jeito diferente. Já pareciam intimidados, mas sim interessados. De tarde, quando passeava cor filhas ou com Terry, enfiava-
se naquela calça jeans e se sentia mais nova, e essa
sensação lhe fazia muito bem.

À noite, quando se despia sozinha em seu quarto, pensava em Sam. O qu acharia de seu novo visual? Kate tinha certeza de que ele adoraria. O que diante do espelho agora era justamente a imagem que fez Sam se apaixona outros tempos. Uma aparência dinâmica e cheia de frescor. Estava um pou

velha, mas seu corpo, apesar das gestações, não havia mudado muito. E ta
estivesse mais sexy do que nunca.

Foram muitas as noites em que entrava na internet para falar um pouco co

Era incrível o vínculo que se havia desenvolvido entre os dois. Sam chegou a dize
que, quando fosse a Nova York, iria visitá-
la. Um dia ele comentou com ela sobre o
Skype, que avisava quando estavam conectados e por meio do qual poderia
sem necessidade de entrarem em nenhuma sala de bate-
papo. Kate o instalou, mas
avisou que não usaria a webcam, apenas escreveria.

O sábado chegou. Cat e Ollie esperavam ansiosas para conhecer os homens que a
boba da sua mãe e a boba da sua tia acreditavam serem os modelos. Kate e Terry
arrumaram nervosas. No quarto, Kate tentava escolher a melhor roupa para
ocasião. Fazia anos que não tinha um encontro com um homem e não sabia direit
que deveria vestir. Nesse momento Terry entrou sem bater na porta. Estava
arraso com um vestido azul-royal.

— Que tal esse vestido? — perguntou Terry, parando diante da irmã.

— Incrível!

— Que bom, e o que eu faço com o cabelo? Prendo ou deixo solto? — perguntou

— Acho que você deveria deixar solto. Assim está ótimo.

Terry se deteve e observou sua irmã de cima a baixo.

— Mas, Kate, por que você ainda está assim?

— Não sei o que vestir. Não tenho nada tão bonito quanto esse vestido azul que
você está usando. Todas as minhas roupas são sérias, sóbrias, formais, e e
encontro nada apropriado — respondeu, desesperada e indecisa.

— Vamos ver — disse Terry e se enfiou no closet. Acabou escolhendo um vestido
preto. — Prova esse aqui.

— Esse?!

— É, veste aí e eu vejo o que posso fazer — propôs Terry.

Era um vestido preto de gola alta, manga curta e uma saia externa de tule cima.

— Convenhamos, maninha, esse é o vestido mais feio que já vi em toda a minha vida, apesar de ser da Valset, aquela grife supercara. Vamos ver o que poc fazer — disse Terry, analisando-
o. — Por enquanto, vamos tirar esse tule que está atrapalhando.

— É horroroso. Não acho que dê pra fazer muita coisa pra melhorar. — I sorrindo, perguntou: — O que será que me deu quando eu resolvi compra roupa tão ridícula?

— Sinceramente, não faço ideia. Mas tira ele e me traz uma tesoura.

Kate fez o que Terry mandou e ficou espantada ao ver a irmã descosturan vestido. Primeiro ela removeu a saia externa de tule. Depois descosturou as mang

e por fim cortou o tecido. Sem dizer mais nada, levantou e foi até a máq costura da mãe. Pouco tempo depois, estava diante de Kate com o vestido nas mã

— Prontinho. Pode vestir.

Boquiaberta ao ver o trapo que a irmã lhe devolveu, Kate protestou:

— Quer que eu vista isso?

— Quero.

— Terry, se antes era horrível, agora está pior ainda.

— Falei pra você vestir — exigiu Terry. — Preciso ver se tenho que faze algum ajuste.

Kate suspirou e começou a colocar o vestido, que estava mais leve e fácil botar. Quando se olhou no espelho, quase caiu para trás. Aquele vestido h havia se transformado numa roupa linda e sexy que ficava ótima nela.

— Uau! — exclamou Terry. — Está um arraso! Hoje não tem pra mais ninguém.

— Mas, Terry — disse Kate, ainda sem acreditar —, o que você fez pra que ele parecesse outro?

— Foi fácil. Tirei as mangas pra deixar seus braços descobertos e, principalmente esses seus ombros tão bonitos. Eliminei aquela horrorosa saia de tule e de mexida nele pra que virasse um vestido preto apertado e provocante. E po fiz uma abertura na lateral direita da saia pra você poder caminhar melhor pra você mostrar esses pernões que tem.

Kate se olhava no espelho e se achava deslumbrante.

— Não está muito escandaloso? — perguntou.

— Espera, falta um detalhe — apressou-
se Terry, abrindo uma gaveta da cômoda.

— Toma, põe isso aqui.

Sem hesitar, Kate vestiu umas luvas de seda que iam até os cotovelos.

— Caramba, isso é o máximo, me sinto como aquela personagem Gilda, do filme

— disse, rindo. — Mas, me diz, quando você aprendeu a fazer essas coisa vive me surpreendendo.

— Quando você estava completamente mergulhada na sua vida, com trabal marido, filhas e essas coisas, eu resolvi aprender coisas que me interessava algum tempo me inscrevi num curso de restauração de móveis antigos, out design gráfico e o último foi um de corte e costura. Adoro trabalhar com desenhar roupa. Você ficou ótima, maninha. Agora trate de se maquiar um pouco, assim vamos estar prontas. Espera só até ver a cara das suas filhas quando te virem assim.

— Aiii... quero ver é a mamãe — murmurou Kate. — O que será que el pensar disso tudo?

Terry sorriu e, sabendo que sua mãe seria a primeira a aplaudi-la, acrescentou:

— Que ela pense o que quiser. A vida é nossa. Ela teve a dela e nós ter

viver como quisermos. Aliás, gostosona — comentou sorrindo —, lembre-
se de que
a gente precisa sair pra fazer compras porque você tem um armário cheio de roup
mas nenhuma delas serve.

Uma hora depois se ouviu a campainha da porta. Terry entrou no quarto para cha
a irmã.

— Vem, vamos descer logo, antes que eles desmaiem de fome — apressou ela —

ou fiquem impacientes.

A chegada delas impressionou todos os que aguardavam na sala. Cat e Oll ficaram boquiabertas, sem palavras, quando apareceram os homens que a mãe e a aguardavam. Realmente eram Gary, Jack e Paul! Eles já estavam acostumados co furor que sua presença causava entre as adolescentes em geral, que olhava eles como se tivessem visto um fantasma. Mas, como se não bastasse, as meninas ficaram mais espantadas ainda com o visual de Kate e Terry. Era a prime vez que viam sua mãe assim. Onde tinha arrumado um vestido tão bonito?

— Mãe, como você está linda! Parece outra mulher — comentou Ollie.

— Obrigada, querida, é isso mesmo que eu quero parecer: outra — respon Kate.

Nesse momento chegou Serena, que aplaudiu ao vê-las.

— Meninas, vocês estão deslumbrantes. Quero que se divirtam muito essa noite e que amanhã a cidade inteira de Nova York fale do quanto vocês estavam

disse e, virando-
se para os três modelos, acrescentou, com o dedo apontado: — E

vocês, hein, olha lá aonde vão levar minhas filhas e muito cuidado com e

Divirtam-se e dirijam com atenção.

— Mãe! — exclamaram as duas em uníssono.

Eles sorriram, e Jack disse num tom cortês:

— Não se preocupe, senhora. Vamos de limusine e assim não haverá prob com a bebida. Eu dou minha palavra de que suas filhas vão se divertir essa noite e que a senhora vai tê-las de volta em algumas horas.

Dito isso, Kate e Terry saíram de casa acompanhadas por três homens maravilhosos, cada um mais bonito que o outro. Entraram na limusine bra partiram, deixando Cat e Ollie mudas do choque de terem falado com aqu modelos.

Naquela noite, Ollie se trancou no quarto e entrou na internet para falar c

pai.

TALABUKI> Tudo bem em casa?

SUGAR> Sim e não.

TALABUKI> Pode me contar, querida...

SUGAR> A mamãe e a tia Terry saíram. Tinham um encontro hoje à noite.

TALABUKI> Tanto a mamãe quanto a tia são mulheres livres e podem fazer

SUGAR> Eu sei, pai, mas é que elas saíram com Gary Smacks, Jack Birming

TALABUKI> E quem são esses aí? Ollie, vou te ligar pra gente conversar me

SUGAR> ok.

Ollie sorriu, satisfeita. Seu pai havia mordido a isca. Estava confirmado: ele ainda se importava com Kate. Segundos depois o telefone tocou e ela atendeu.

— Ollie, oi, querida, me conta o que está acontecendo — disse, ansioso. S que sua Kate tinha um encontro não lhe agradava nem um pouco.

— Pai, não é nada — respondeu, sorrindo com malícia. — É que estou completamente surpresa. Essa noite vieram uns caras supergatos aqui em ca buscar a mamãe e a tia e levar as duas pra jantar e beber por aí.

Sam sentiu um nó na garganta. Uns caras supergatos? Quem seriam, por acaso?

— Ollie — perguntou com curiosidade —, quem são esses sujeitos?

Nesse momento Ollie sorriu e, como se eles fossem os astros mais famosc Hollywood, deu um gritinho, deixando Sam meio surdo do outro lado da linha.

— Pai, você não conhece eles? Fala sério, como você está por fora — disse com ênfase exagerada. — Simplesmente são três modelos que estão super na moda. Sã lindos, altos, simpáticos... Ai... pai... E você precisava ver só como a mamãe e a t estavam um arraso, pareciam verdadeiras modelos.

Sam suspirou.

— Mas desde quando sua mãe e sua tia conhecem esses caras? — pergun
levantando-se da cadeira.

— Não sei, pai. Mas, se eu te contasse como as coisas estão mudadas po
você ia achar surreal. — Ollie sorriu de novo. — Outro dia a mamãe e a tia saíra
às compras e foram ao cabeleireiro. Depois beberam em algum lugar e ess
modelos convidaram elas e ficaram de jantar juntos hoje.

— Não consigo acreditar — comentou Sam, incrédulo. Será que falavam d
mesma Kate?

Tentava assimilar o que sua filha estava contando. Kate saindo com uns
desconhecidos... Isso não era o estilo dela. Nesse momento entrou Michael e, ao v
a cara de Sam, olhou desconcertado para ele, bem quando seu irmão estava dizen

— E o que você quer dizer com esse papo de que as coisas mudaram por aí?

— Pai, só posso dizer que a mamãe mudou o visual e está linda. Bom, s
visse, não reconheceria ela nem a tia — comentou, esperançosa de que M
estivesse perto e ficasse sabendo que Terry também estava metida naquilo tudo.

As palavras de Ollie não demoraram a causar efeito em Michael, embora e
ainda não estivesse totalmente a par do assunto.

— Como assim, sua mãe e sua tia mudaram o visual? — perguntou Sam, sorrindo

Não imaginava Kate fazendo uma mudança drástica em sua vida. Nunca fizera na

assim.

Michael, que estava escutando, aproximou-
se e indicou a Sam que perguntasse sobre Terry.

— Não acredito que tenham mudado tanto assim, principalmente sua mãe.

— Pai, você está enganado. Olha, só pra você ver o quanto está errado, posso te
dizer que a mamãe cortou aquelas madeixas elegantes e deixou o cabelo curtinho
desfiado, no estilo Meg Ryan. Pintou algumas mechas num tom mais louro
branco, e se você tivesse visto ela com a calça jeans rasgada, não teria reconheci

— Sua mãe de jeans, e ainda por cima rasgado? — bufou Sam, quase gri
fazendo cair a cerveja que estava segurando. — Cortou o cabelo? Mas ela nunca f
isso nos vinte anos em que a conheço.

Michael insistiu novamente para que Sam perguntasse por Terry.

— Escuta, e sua tia, o que foi que ela fez? Pintou o cabelo de verde?

Isso está dando certo, pensou Ollie.

— Ah, a tia... cacheou o cabelo e pintou de
vermelho. Está a maior gata e, se
você tivesse visto ela com o macacão jeans que comprou, mal teria acreditado.

— Então tá — repetiu Sam para que Michael escutasse. — Sua tia está u
macacão jeans, cacheou o cabelo e agora está linda com suas madeixas ru
acredito em você, filha. Sua tia é muito bonita.

Michael se sentou e Sam teve que se esforçar para não rir quando seu irmão pôs a
mão no coração num gesto dramático e teatral.

— E aonde elas foram? — perguntou Sam, como quem não quer nada.

Ollie riu. Seu pai era muito inocente nesses assuntos.

— Não sei, pai. Quero que chegue logo amanhã pra elas me contarem aon
foram. Jack, Gary e Paul vieram buscá-
las numa limusine branca e foram embora.

Ai, pai... você tinha que ver! Elas estavam um arraso.

— Posso imaginar — alfinetou, enciumado. — Bom, querida, já deve ser tarde pr
você. Por que não vai dormir e amanhã a gente se fala de novo?

— Tá bom, pai — respondeu Ollie. — Ah, peraí, pai, fica na linha que a Cat quer
te dar um oi.

E com isso Sam teve que ouvir de novo tudo o que Ollie já havia contado sobre
sua mãe e sua tia. Para piorar, Cat era mais exagerada que a irmã ao narr
história, dando mais dramaticidade aos detalhes. Estava claro que Sam e o

Michael se importavam com aquelas mulheres e que não dormiriam tranqu naquela noite.

Já na cama e antes de apagar a luz de seu abajur, Ollie disse, orgulhosa mesma:

— Segundo empurrãozinho.

Poucos minutos depois, adormeceu com um sorriso nos lábios.

Enquanto isso, em Oahu, Sam e Michael não falavam de outra coisa.

— Elas saíram com quem? — perguntou Michael outra vez.

— Com um tal de Gary Smacks, Jack Birmingans e Paul sei lá o quê.

— E quem são esses caras? — quis saber Michael.

— Segundo minhas filhas, são dois modelos muito famosos.

— Espera — pediu Michael. Ele digitou esses nomes no computador e disse: —

Olha eles... são bem bonitões mesmo.

Sam chegou mais perto, moveu a cabeça afirmativamente ao ver as image reagiu:

— Ah, não é pra tanto.

— Com certeza são gays — afirmou Michael. — Olha só o cabelo deles, penteadinho.

— Kate nunca foi chegada a esse tipo de homem.

— Porra, e se bobear eles depilam as sobrancelhas — brincou Michael. — uns maricas, isso sim.

— Não duvide, irmão — disse Sam.

— Não duvido mesmo.

— Pois é — falou Sam, sorrindo. E, desligando o computador, acrescentou

Sem problemas com isso.

Dez minutos depois, Michael entrou na sala novamente e encontrou Sam vasculhando outra vez a página daqueles modelos. Antes que Michael disse qualquer coisa, seu irmão comentou:

— São livres pra fazer o que tiverem vontade e com quem tiverem vontade.

— Tem razão — observou Michael e, virando para sair, despediu-se: — Até amanhã, Sam.

Michael foi embora. Mas Sam não conseguia parar de pensar no assunto. I sua relação havia mesmo acabado? Por que se sentia tão mal cada dia que passava sem ver Kate? Ela seria feliz sem ele? Por que resolveu mudar de visual? Será qu estava bonita? Sim... não tinha a menor dúvida. Essas perguntas e muitas martelavam na sua cabeça e ele não encontrava resposta para nenhuma delas.

Deitado na cama de seu quarto, Michael observava o broche que tinha nas mãos.

Era a única coisa que ele possuía de sua mãe. Aquele broche com um bil assinado por uma mulher chamada Thalia era a única lembrança concreta passado. Mas não era nisso que ele pensava agora. Esse era um assunto encerrado esquecido. O que ocupava sua mente nesse momento era Terry. Por que justamen agora não conseguia tirá-
la da cabeça? Aqueles olhos verdes e aquele olhar
insinuante o haviam deixado louco desde a primeira vez que a vira... Adorava Ter e esquecê-la seria um grande desafio, mas ele ia conseguir.

Capítulo 23

A muitos quilômetros de Oahu, Kate e Terry se divertiam como havia tem acontecia. Os modelos bonitões as levaram para jantar no Votruart, um res superchique frequentado apenas por ricos ou famosos. Acostumada ao luxo, estava feliz ao se ver rodeada por atores que tantas vezes tinha visto nos filmes.

Ao longo da noite, Jack fez de tudo para agradar a Kate, e Gary se dedic Terry. As duas tinham se dado conta disso e, em meio a sorrisos malicios deixavam-se seduzir. Eles tomavam a liberdade de pegá-

las pela cintura e beijá-las
no pescoço. Enquanto esperavam numa espécie de balcão, aguardando o co
que o garçom traria, Kate viu alguém conhecido e cochichou à irmã:

— Terry... Terry... disfarça, mas olha só quem está ali.

Virando-se rapidamente, Terry sussurrou:

— Ai, meu Deus... Ele é ainda mais bonito ao vivo.

As duas riram como duas colegiais, e Kate acrescentou:

— Como diria Cat, *ele está no ponto*...

Sem poder deixar de escutar esses comentários, Gary perguntou, olhando para as
duas com seus lindos olhos verdes:

— Querem que eu apresente vocês a ele?

As duas se olharam incrédulas, e Terry falou:

— Você está perguntando se a gente quer conhecer o George Clooney?! Claro qu
sim!

Achando graça, Gary fez as apresentações. George era seu amigo, e as dua
mulheres puderam comprovar que aquele galã era mesmo encantador e tinh
senso de humor incrível. Também foram apresentadas a Channing Tatum, V
Mazza, Estela Ponce, Eric Dane, Nicolas Cage e Cher, que, ao ver o vestido de K
perguntou quem era o estilista. Sem pensar duas vezes, Kate apontou sua irmã Te
que quase engasgou.

Lá pelas seis da manhã, depois de uma noite diferente e ao mesmo tempo
maravilhosa, estavam prontos para ir embora da festa quando de repente Terry pa
e perguntou:

— Gary, você conhece aquele ator ali?

Olhando para onde ela indicava, ele fez que sim com a cabeça.

— É o Robert Pattinson. Um cara muito gente boa. Quer que eu te apresente?

— Claro — disse Terry, sorrindo, enquanto Kate caía na risada ao se dar das intenções da irmã.

Por volta das oito da manhã, Serena entrou na cozinha. Quase teve um troço ao v aglomeração de gente ao redor da mesa tomando café: suas filhas, os hom

quem elas haviam saído e outro sujeito que ela não reconheceu. Terry gest para que ela não falasse nada e fosse chamar as meninas para tomarem ca

Achando graça da situação, mas ao mesmo tempo se sentindo desconcertad aquilo tudo, Serena obedeceu, e todos, incluindo Terry, correram para se es

Só um deles permaneceu à mesa. Cinco minutos depois, ouviam-
se os passos de Cat
e Ollie, que estavam descendo e reclamando que era domingo e não enten que tinham de madrugar.

Quando entraram na cozinha, viram a pessoa que supunham ser sua avó le jornal. Toda manhã, Serena tinha seu ritual: o café e o jornal. Ainda de pijama e c os cabelos despenteados, elas continuaram resmungando, pegaram suas xíca andaram até a mesa. Logo que as meninas sentaram, Robert Pattinson baix jornal, revelando seu rosto, e olhando fixamente para elas perguntou:

— Leite ou granola?

As duas ficaram pálidas. Diante delas estava seu grande ídolo e elas não sabiam c que fazer, até que ouviram as risadas de sua mãe e sua tia, que se aproxi disseram:

— Estão vendo como até a coisa mais incrível pode ser verdade? — Suas concordaram com a cabeça, alucinadas com a presença do famoso. — Que que Robert Pattinson estaria sentado na nossa mesa, tomando café com vocês?

Todo mundo começou a rir. E então Ollie se deu conta de algo. Se era p que seu ator favorito estivesse em sua casa tomando café da manhã — un que ela não teria nem em seus melhores sonhos —, por que não seria pos seus pais voltassem a ficar juntos? Ou mesmo que seus tios, Terry e Mich dessem mais uma chance um ao outro? E assim ela prometeu a si mesma tudo o que estivesse a seu alcance para que tudo isso acontecesse.

De madrugada, em Oahu, um pensativo Sam estava sentado na varanda do
de sua casa enquanto tomava um café e observava as ondas. Gostava de v
las
chegando enfurecidas até a costa e quebrando com força, com seu resplanc
brilho espumoso. Naquela tarde, após a conversa com suas filhas, não cons
tirar Kate da cabeça. Só podia pensar nela. Sua Kate. À noite ele não foi
dormir e, por fim, após se revirar na cama centenas de vezes, decidiu se levantar.

ali estava ele, às seis e meia da manhã, tomando uma xícara de café, qua
repente apareceu Michael, que, a julgar por sua aparência, não devia ter p
olho também.

— Quer mais café? — perguntou Michael da cozinha, ao ver Sam sentado lá fora

Ele aceitou, e Michael encheu duas xícaras com café quente, colocou duas
colheres de açúcar e passou pela porta dos fundos para sentar junto do irmão.

— Acordou cedo hoje, hein, cara?!

— Acho que não sou o único — respondeu Sam.

Michael balançou a cabeça afirmativamente e olhou na direção do mar. Passaram
uns dez minutos assim, em completo silêncio, até que Michael se levantou e disse

— Tá ventando hoje. É um dia bom pra pegar onda.

Saboreando seu café, entrou na cozinha outra vez, sob o olhar atento de Sam, que
o conhecia bem e sabia que, quando tinha um problema, sempre tentava m
assunto. Era sua estratégia de defesa. Um recurso que Michael empregava
criança. Minutos mais tarde, saiu de casa com a roupa de borracha preta e
prancha de surfe debaixo do braço.

— Vou dar um pulo na água. Se anima?

Sam o olhou, ainda com a xícara de café nas mãos.

— Quando a Honey chegar pra tomar conta das crianças, eu vou.

Michael moveu a cabeça num gesto afirmativo, prendeu o cabelo num rabo
cavalo e saiu rumo à praia.

— Vamos aproveitar agora, porque daqui a algumas horas isso aqui vai ficar chei
de gente e não vamos poder surfar tranquilamente — disse, mas de repente se det
e, virando-
se para Sam, acrescentou: — A propósito, a Kate e a Terry merecem o
que existe de melhor, e tenho certeza de que aqueles bonitões não são gays.

Sam concordou com a cabeça. Michael deu de ombros e seguiu seu camin
direção à praia. Sem tirar os olhos dele, Sam o observava amarrando a cordinha d
prancha no tornozelo e depois caminhando na praia para entrar no mar. Sa
os últimos goles do café, deixou a xícara sobre a mesinha e, passando a r
cabelo, murmurou:

— Você deve ter razão, irmão. Você deve ter razão.

Capítulo 24

Os dias passaram e tudo voltou a seu ritmo em Nova York. Uma tarde, Ja
modelo, apareceu na casa de Kate sem avisar. Serena se surpreendeu ao vê
lo.

Aquele jovem tão agradável sentou ao lado dela e respondeu a todas as pe
que ela fazia a respeito das fofocas sobre famosos.

— Leslie Prats vai se separar de Howard Resgial?

— Vai.

— Mas eles parecem o casal perfeito — comentou Serena, olhando-o fixamente.

Com um sorriso encantador, Jack se aproximou dela e cochichou divertido:

— Não são tão perfeitos assim. E sinto te informar que o casamento deles era só
de fachada, porque as preferências sexuais dos dois são outras.

A mulher tapou a boca com as mãos e conseguiu murmurar:

— Sério?! Não acredito!

— Ai, Serena! — disse ele, rindo. — Se eu te contasse...

— Estou passada — respondeu ela, encantada com a companhia de Jack. — Ele parece tão másculo e ela é tão bonita que eu não consigo acreditar no que você es me falando.

— Nesse mundo de festas e rios de champanhe, quanto mais perfeito algu parece, mais segredos essa pessoa esconde. — Ele abriu um sorriso cativa perguntou: — Quando conheceu a gente, você pensou que eu, Paul e Gary gays?

Serena ficou espantada com a pergunta e negou com a cabeça, sem saber responder. Achando graça, Jack comentou:

— Tudo bem, Serena. Não tem problema me dizer o que você achava. Em geral, nós, modelos masculinos, quase sempre somos tachados de gays. Mas na r profissão tem de tudo, como em qualquer outra. Há os que são gays e os são. E eu posso te garantir — disse com um sorriso incrivelmente sedutor — que adoro as mulheres, assim como Gary e Paul.

Envergonhada, Serena retribuiu o sorriso.

— Deus do céu, meu filho, você diz cada coisa...

Nesse instante a porta da cozinha se abriu e Cat e Ollie entraram, voltand escola. Ficaram surpresas de encontrá-
los ali. Cat ficou toda boba. Jack era perfeito.

Mas Ollie, embora também o achasse lindo, ficou preocupada. A presença podia atrapalhar seu plano.

Piscando de um jeito que fez sua irmã e sua avó sorrirem, Cat perguntou:

— O que você está fazendo aqui? Você marcou com a mamãe?

— Não exatamente. Não vim por causa dela, mas por causa de vocês, em antes eu tenha que falar com ela — respondeu ele, levantando-
se para cumprimentá-

las.

— Por nossa causa? O que você quer dizer com isso? Fala looooooogo -

apressou-o Cat.

— Cat! Pelo amor de Deus! — Serena a repreendeu. — Não seja impertinente.

— Desculpa, lindinha, mas não posso falar nada até sua mãe chegar e eu conversar com ela. Não quero que ela se aborreça comigo.

— Tá certo — sussurrou Ollie. — Melhor que ela não se aborreça mesmo.

Vinte minutos depois, Kate apareceu. Ao vê-la, Jack se levantou rapidamente, andou até ela e deu um beijo educado em sua bochecha. Kate apreciou iss presença das meninas, as demonstrações de carinho tinham de ser comedidas.

— Bem, Jack, não me diga que a gente tinha marcado alguma coisa e eu esqueci.

Com um sorriso impressionante que fez Cat suspirar, Jack respondeu:

— Não, pode ficar tranquila. Não tínhamos combinado nada.

— Mãe, o Jack quer te perguntar uma coisa. Pelo visto tem a ver com a gente —

disse Cat, que não aguentava mais aquele mistério todo.

— Pois diga, então — falou Kate, convidando-o a se sentar ao lado dela.

— Vamos fazer um desfile beneficente pra arrecadar doações para uma ON educa crianças no Brasil. Alguns modelos famosos vão participar, mas quer convidar também alguns amigos não famosos e eu havia pensado em chan todas, se você não se importar, Kate — concluiu ele, deixando-as boquiabertas. —

Como eu disse, é beneficente e ninguém vai receber nada, mas é por uma boa cau

— Mããããe! — gritou Cat, exaltada. — Se você disser que não, eu nunca perdoar.

— Cat! — repreendeu-a Serena.

Encantada com a proposta, Kate disse à sua filha:

— Querida, claro que eu não vou dizer não pra vocês. Só em relação à n participação. Esse tipo de coisa não é pra mim. Mas, se vocês estão a fim, então v em frente!

— Como assim não é pra você? — disse Jack, tentando animá-la. — É superfácil e eu posso te ensinar as quatro regras de ouro.

Mas Kate não dava o braço a torcer.

— Obrigada, mas não — respondeu ela. — Se as meninas querem participar, não tenho nada contra, mas eu... nem pensar. Morreria de vergonha.

— Tenho certeza de que você se sairia superbem. Ouça o que o Jack está falando.

Não deve ser tão difícil assim — interveio Serena.

Ao escutar isso, o modelo se virou para ela e a convidou:

— Serena, você também pode desfilar.

— Eu? — gritou, desconcertada ao ver a cara que suas netas faziam. — S chance. Que horror, que vergonha!

— Mãe. Não deve ser tão difícil assim. Ouça o que Jack está falando — Kate em tom de brincadeira, repetindo o comentário de Serena.

Sua mãe olhou para ela e deu um risinho cúmplice, enquanto Cat gritava emocionada:

— Eu quero, mãe! Eba, que maneeeeeeeiro! Vou desfilar!

Ollie, que havia permanecido calada e apenas observava a situação, pensou aquilo tudo poderia ser de grande ajuda para seu plano.

— Eu também quero participar. Com certeza vai ser divertido — disse ela olhando para sua mãe.

Kate sorriu, moveu a cabeça afirmativamente e acrescentou:

— Vocês têm meu apoio. Agora liguem para o pai de vocês e peçam a autorizaçã dele também. Vocês são menores de idade e nós dois ainda decidimos por vocês.

Sem tempo a perder, as meninas correram até o telefone, mas, quando o alcançaram, Cat olhou para a irmã e disse:

— Fala com ele, Ollie. Você tem mais lábia que eu, e, mesmo que ele nã da ideia, eu sei que você vai dar um jeito de convencê-lo.

— Certo. Vamos ligar logo, aí eu te digo o que ele falou.

Quando ficaram sozinhas, Ollie discou o número do pai e contou a ele a proposta de Jack, o modelo gatíssimo e supersimpático, amigo especial de sua mãe. disse a seu pai que elas estavam muito empolgadas com a possibilidade de participar daquele evento beneficente, mas que só poderiam aceitar se ele e Michael as apoiassem e aplaudissem, pois era importante para elas que ele estivessem presentes. Sam suspirou. Estar no mesmo ambiente que sua ex-mulher e
o atual acompanhante dela não lhe parecia uma boa ideia, mas ele não po não à sua filha, então prometeu que iria, sim.

Depois da conversa, Ollie voltou assobiando ao jardim. Cat deduziu o que aquilo queria dizer e gritou, radiante de alegria. Enquanto sua irmã conversava so desfile com sua mãe, sua avó e Jack, Ollie sorria pela oportunidade maravilhosa d reunir em Nova York as quatro pessoas que ela mais queria ver juntas. “C empurrãozinho”, pensou.

Capítulo 25

Três semanas frenéticas se passaram, e durante esse período Jack buscava meninas no colégio e as levava, em seu maravilhoso carro esportivo, aos ensaios desfile no auditório onde o evento seria realizado.

Ao longo dessas semanas, Kate falou por Skype com Sam, que continuava saber quem se escondia por trás do usuário Lana. Ele contou a ela que em breve i a Nova York para ver suas filhas desfilarem, e Kate teve que se fingir de com a notícia. Sam disse também que essa seria uma boa ocasião para ele conhecerem pessoalmente. Nervosa e meio perdida, pensou em mil desculp Sam insistia que não haveria muitas oportunidades como aquela.

Depois de falar com ele, Kate não conseguia dormir. Em que encrenca ela meter?! De um lado, adoraria jantar com ele, como Sam havia sugerido, mas de o sabia que era impossível. Como ele reagiria ao saber que a estranha com quem ha

falado por todos aqueles meses era ela e não uma simples desconhecida? Aflita p

confusão que ela própria tinha provocado, desceu até a cozinha para tomar um co
de leite. Isso iria acalmá-
la. Mas, ao entrar lá, viu Terry sentada tranquilamente no
jardim, contemplando as estrelas.

— Oi, o que você está fazendo aqui? — perguntou Kate, aproximando-se dela.

Ao escutar a voz da irmã, Terry virou-se.

— O céu está lindo. E você, o que está fazendo acordada a essa hora?

Inquieta, Kate deu de ombros.

— Me deu vontade de tomar um copo de leite — respondeu, por fim.

Terry, que conhecia muito bem a irmã, perguntou:

— Hummm, vamos ver, que preocupação é essa que não te deixa dormir?

— Nenhuma.

Levantou uma sobrancelha e sorriu.

— Sou sua irmã, e só de te olhar nos olhos já sei que alguma coisa está
acontecendo. Você vai me contar ou vai me obrigar a continuar perguntand
vezes até você desistir de guardar segredo e acabar desembuchando?

Kate suspirou e, sentando-
se a seu lado, contou o que estava ocorrendo com Sam.

Terry reagiu imediatamente:

— Está me dizendo que conversa com o Sam toda noite e ele não sabe q
você?

Aturdida, Kate confirmou com a cabeça.

— Eu sei... Eu sei... É uma loucura! Mas eu só fazia isso pra poder falar com ele
e agora estou metida na maior encrenca e não sei como sair. Como eu vou encont

lo? — disse, desesperada.

Ai, essa minha irmãzinha não para de me surpreender, pensou Terry.

— Caramba, Kate. Putz... Como você tem coragem de enganá-
lo depois de tudo o
que aconteceu? Ficou louca? Não vê que essa mentira absurda pode atrapa coisas e fazer com que elas terminem ainda piores?

Consciente do que sua irmã lhe dizia, Kate tapou os olhos.

— Eu sei e me sinto péssima. Por que será que fiz isso? — murmurou.

Por alguns segundos as duas permaneceram caladas, até que Terry, tirando cabelo do rosto, resolveu tomar uma iniciativa para ajudar a resolver aquel complicação.

— Hummm, vamos pensar. Temos três opções.

— Três?

— Ahã, maninha. A primeira é aparecer e deixá-lo descobrir que você é você.

— Não! Sem chance!

— A segunda — prosseguiu Terry — é não aparecer e dar um bolo nele.

— Tadinho. Eu não faria isso com ele.

— E a terceira — disse Terry, rindo — é mandar alguém no seu lugar.

Kate olhava perplexa para sua irmã.

— Mandar alguém no meu lugar? — perguntou.

Terry fez que sim com a cabeça e, dando de ombros, acrescentou:

— Bom, se você não quer aparecer e também não quer deixar o Sam esperando, o único jeito é fazer alguém se passar por Lana. Não acha que é uma ótima ideia?

Naquele momento, Kate não sabia se era ótima ou não. A única coisa de que tinh

plena consciência é de que era a única opção.

— Talvez não seja má ideia. Seria apenas uma noite e eu poderia orientar substituta sobre como a Lana é e, principalmente, sobre tudo o que falei com o Sa nesses meses todos. Acha que seria viável?

Terry concordou, divertindo-
se com a proposta, mas Kate não estava totalmente convencida.

— Certo. Temos um ótimo plano, mas não conheço ninguém que poderia esse favor — comentou.

— Eu tenho várias amigas que vocês dois não conhecem. Se você quiser, falar com uma delas e ver se aceita. Tenho certeza de que, quando eu mostrar a fo do Sam, ela vai topar na hora.

— Acho que isso não está certo — falou Kate, irritada. Aquilo lhe pareci comércio de sexo.

Mas Terry não lhe deu ouvidos.

— Que tipo de mulher você fez o Sam acreditar que a Lana é? — perguntou.

— Uma mulher normal. Mora em Nova York. É separada, tem dois filhos trabalha numa loja de roupas. Nada mais.

— Loura? Morena?

Kate negou com a cabeça.

— Cara, que sem graça você é, hein! — brincou Terry. — Quando uma p entra numa sala de bate-
papo, costuma dizer que é uma beldade. Pra sua informação,
na internet somos todas lindas, altas, verdadeiras máquinas sexuais com co incríveis.

— Mas é que eu e o Sam não estamos dando em cima um do outro — defendeu-se Kate.

— Ah, não? — reagiu Terry, achando graça. — Então me diz o que te leva a ficar

toda noite conversando com um suposto desconhecido.

Irritada porque no fundo sabia que sua irmã estava certa, Kate disse:

— Não me olha com essa cara, ou eu te mando para aquele lugar!

— Ok... Ok... Não fica assim, vai — interveio Terry com um sorriso conciliador.

— Mas, querendo você ou não, é claro que essa situação toda mexe com você. — sem deixar Kate dizer algo, acrescentou: — Já sei! Já tenho a candidata p

Carol!

— Carol? Quem é Carol? — perguntou Kate.

Olhando para sua irmã, que a encarava com expressão séria, Terry respondeu:

— Carol é uma maquiadora que trabalha com a gente no estúdio. Está separada e adora conhecer gente. E mais: acho que ela vai gostar de conhecer o Sam

Baixando a voz, admitiu: — Se bem que ela é meio oferecida e duvido q desperdice a oportunidade.

Kate suspirou. Será que era uma boa ideia mesmo? Devia permitir que ou mulher se passasse por ela? E, sem conseguir responder a todas as pergun passavam pela sua cabeça, deixou sua irmã continuar com o plano.

— Quer que eu fale com ela amanhã?

Confusa, Kate disse:

— Não sei, Terry. Se o Sam souber, não vai achar a menor graça. Vai se manipulado e enganado.

— Convenhamos, ele vai se sentir manipulado de qualquer jeito ao saber você é a mulher com quem ele conversa toda noite.

Kate se sentia péssima, mas acabou aceitando.

— Tudo bem. Pode falar com essa tal de Carol e, se ela topar, marcamos de janta com ela e acertar os detalhes.

— Combinado, então. Amanhã eu falo com ela — disse Terry e, sorrindo, acrescentou ao entrar na cozinha: — Mas você se mete em cada uma, hei contar! E o engraçado é que só eu levo a fama. A mamãe só reclama de

Mas, ao ver a cara triste da irmã, perguntou: — Você está morrendo de saudade d né?

Kate fez que sim com a cabeça.

— Estou, sim, Terry. Falar com ele é uma necessidade. Quando conversamos, eu me sinto bem e, mesmo sabendo que não estou agindo certo, não consigo evitar.

Dois minutos depois, cada uma foi para seu respectivo quarto. Precisavam descansar.

No dia seguinte, Kate recebeu no escritório uma ligação de Terry. Carol ha aceitado, e as três jantariam às oito no Troops. Quando Kate desligou o te suas mãos tremiam. Aquilo não estava certo. Era uma loucura. Mas não havia out solução se ela quisesse continuar falando com Sam quando ele voltasse de York.

Às oito em ponto, Kate entrava supernervosa no restaurante que havia combinadc com sua irmã e com Carol. Elas ainda não tinham chegado, então se sentc mesa para esperar. Poucos minutos depois, viu Terry entrar e, atrás dela, u morena extremamente atraente.

— Boa noite, maninha. Essa é a Carol — disse Terry.

Surpresa, Kate cravou os olhos no decote enorme que ela estava usando e que reconhecer que, desde já, essa mulher era uma máquina sexual.

— Oi, Carol, prazer.

— Prazer — respondeu, cumprimentando-a com dois beijinhos.

Durante o jantar, Kate acabou relaxando e, na hora da sobremesa, consegu sorrir apesar dos chutes que precisou dar na irmã por baixo da mesa a cada vez qu ela fazia uma gracinha envolvendo Sam. Conversaram por mais de duas horas. K lhe passou todas as informações e deixou bem claro àquela mulher que ela só teri de ser agradável com Sam.

— Tudo esclarecido, né? — perguntou Terry.

— É, e eu adorei a ideia — disse Carol. — Sempre gostei desses encontr cegas. Ah, mas não se preocupe, nunca vou esquecer que sou a Lana, a mulher co quem ele fala toda noite. E, mesmo que pegue meio mal dizer isso, precis que seu ex é um cara bem sexy. — Kate franziu as sobrancelhas. — Desde que vi foto que a Terry me mostrou, não consegui parar de pensar nele.

— Carol — avisou Kate. — Só quero que você seja simpática com ele. N nada.

Carol sorriu. Jogou o cabelo para trás e respondeu num tom baixo:

— Pode deixar. Mas seria impossível não comentar que seu ex é um gato.

— É importante pra minha irmã que não aconteça mais nada — esclareceu Terry.

— E se ele se insinuar pra mim? — perguntou Carol, surpreendendo-as.

Irritada ao imaginar a situação, Kate respirou fundo e respondeu:

— Carol, se ele fizer isso, você decide.

Despediram-se dela e, a caminho do carro, Terry disse:

— Se você não está segura, amanhã eu falo com a Carol pra esquecer ess história toda.

Por um momento Kate esteve prestes a dizer que interrompesse a missão. aquela mulher era sua única oportunidade de não furar com Sam. E, convencendo se de que não aconteceria nada fora do planejado, respondeu:

— Vamos em frente com isso. Acho que vai ser melhor assim.

Naquela noite, Kate suspirou ao entrar no quarto e pôr o notebook em cim cama. Faltavam quatro dias para o desfile beneficente, e ela estava nervosa voltar a ver Sam. Se alguma coisa estava clara para ela, é que aquela mu sedutora, cheia de curvas insinuantes, iria deixar Sam paralisado. Afinal de ele era um homem de carne e osso. Em nenhum momento Kate se descrevera des forma, mas ele também não chegou a perguntar nada. Os dois se limitavam a fala

si e de suas vidas.

Abatida, olhou para o computador. Sabia que ele estava do outro lado da

Kate havia combinado de lhe dar uma resposta naquela noite. Por fim, segura do estava fazendo, entrou na sala de bate-papo e ele rapidamente a cumprimentou.

TALABUKI> Oi

LANA> Oi

TALABUKI> Pensou no que eu te propus naquele dia? Vai ser só um jantar
LANA> A resposta é sim

TALABUKI> Ótimo. A gente vai finalmente se conhecer.

LANA> Onde nos encontramos?

TALABUKI> O que acha de sábado, às cinco e meia da tarde, na esquina da café chamado Larry's. A gente pode tomar alguma coisa ali e depois você vai meu irmão Michael. E em seguida a gente sai pra jantar.

LANA> Ir no desfile? Eu? Não. Suas filhas não iam gostar nada disso.

TALABUKI> Você é uma amiga, elas não têm por que se incomodar.

LANA> Certo. Como vou te reconhecer?

TALABUKI> Vou estar de calça jeans e camisa azul. E, pra não restarem dú chapéu de caubói.

LANA> Está louco?

TALABUKI> E você? Como é?

LANA> Alta e morena. Acho pouco provável que você não me note.

TALABUKI> Gata e atraente? Que sorte a minha.

LANA> Até sábado.

Quando se desconectou, Kate sentia vontade de esganar alguém. Por que marcou aquele encontro?

Capítulo 26

Na sexta-feira bem cedinho Honey chegou para cuidar das crianças. Sam e Michael ficaram na praia com elas até as onze, depois tomaram banho, arrumaram as mala se despediram o mais rápido que puderam para que as crianças não sofres

Antes de ir, Sam repetiu mil vezes a Honey que ele deixaria o celular ligado o ten todo e disse a ela para não hesitar em ligar caso acontecesse alguma coisa.

Quando o avião pousou em Nova York, os dois sentiram uma grande triste

Tinham vivido muitas anos naquela cidade frenética, e as lembranças tomaram co deles. Assim que chegaram ao hotel, telefonaram a Oahu para se certificarem de q as crianças estavam bem e depois ligaram para as meninas. Ao saber que seu pai e seu tio já estavam em Nova York, as duas ficaram histéricas. Mas eles nã convidados para jantar em sua antiga casa. Kate havia se recusado a recebê-los, e as meninas tiveram que se conformar com isso.

No sábado, a casa de Kate era uma loucura só. Todas estavam supernervos cada uma por um motivo diferente, e elas não compartilharam umas com a

À tarde, por volta das cinco e meia da tarde, Kate consultou o relógio. Ca devia estar no Larry's esperando Sam. E era isso mesmo. Sentada na cafeteria, Ca olhava ao redor em busca do homem da foto, quando de repente o viu aparecer co o chapéu de caubói. Abriu um sorriso para ele.

— Não sei quem pode ser — cochichou Sam a Michael, sentando-se no balcão.

— Lana é meio reservada e nunca me mandou uma foto. Só me disse que era mor e alta.

Achando graça daquele encontro às cegas, Michael pediu umas cervejas e em tom de brincadeira:

— Desde que não seja uma psicopata, está valendo.

— Não fala besteira.

— Espero que ela te reconheça logo — disse Michael, rindo. — Porque você está pagando o maior mico com esse chapéu ridículo.

De repente, Sam bateu os olhos numa morena sentada ao fundo do café e, ao ver que ela sorria, murmurou:

— Acho que é aquela ali que está olhando pra gente e sorrindo.

Sem disfarçar, Michael se virou para olhar e, depois de dar um assobio de aprovação, perguntou:

— A morena do fundo?

Sam fez que sim com a cabeça. Surpreso, Michael percebeu que a morena calça preta bem justa e top vermelho estava se aproximando deles.

— Uaaaaaaau!!! — exclamou. — Assim que a gente chegar em casa, quer você me explique direitinho como faz pra paquerar uma lindeza dessas na interne

Ao ver a desconhecida chegando cada vez mais perto, Sam sorriu e acenou com a mão, enquanto respondia a Michael.

— Não fala bobagem. Eu não me envolvo com ninguém pela internet. É s amiga.

Ao ficar bem diante deles, ela o chamou de Talabuki e, em meio a risada brincadeiras, cumprimentaram-
se com um beijo na bochecha e passaram a usar seus
nomes reais. Sam a apresentou a Michael. Depois de algumas cervejas e u minutos de bate-
papo agradável, Carol se desculpou e disse que tinha que ir ao
toalete. Quando ela se afastou, os dois homens se viraram para observá-la. Ela era
um mulherão e parecia bem segura de si. Isso deixou Sam surpreso. Lana impressão de ser uma mulher tímida quando eles conversavam pela internet, e aq ali não tinha absolutamente nada de tímida.

— Estou sem palavras. Deus do céu! — disse Michael.

— Exatamente, Deus do céu! — repetiu Sam, boquiaberto.

— Viu o corpão que ela tem? — comentou Michael. — Cara, ela parece Catherine Zeta-Jones.

Sam sorriu e concordou. Carol era linda mesmo.

— Tenho que admitir que estou surpreso.

— E eu, irmão... e eu...

— Esperava outro tipo de mulher. Não sei. Acho que não encaixa muito b mulher com quem eu converso toda noite.

— Bom, se não encaixa pra você... — brincou Michael. — Pode deixar c porque pra mim encaixa direitinho.

Sam caiu na gargalhada e, dando pouca importância a isso, explicou:

— Você está confundindo as coisas. Minha relação com a Lana é de amizade. Só isso. — E, ao lembrar o motivo da sua viagem a Nova York, acrescentou: — O qu eu mais quero é ver minhas filhas. Estou morrendo de vontade de dar um nelas.

Michael deu um gole na cerveja, olhou bem nos olhos do irmão e perguntou:

— Só nelas?

Sabia que não conseguiria enganar Michael, mas se sentia incapaz de lhe razão. Então, em vez disso, respondeu:

— Se você está falando da Kate, realmente vou ficar feliz em vê-la, mas minha
viagem a Nova York é pra ver minhas filhas. E você, hein? Não está com vontade ver mais ninguém?

Pousando sua mão morena sobre o ombro do irmão, Michael reconheceu:

— Fiz essa viagem só pra ver minhas sobrinhas... — hesitou e, cravando os olhos no irmão, acrescentou: — Mas, cá entre nós, quem eu estou querendo eng

Claro que quero ver as meninas, mas também estou louco pra encontrar a Terry. E você por acaso vai me dizer que não está querendo muito ver a também?

Sam suspirou e murmurou como um bobo:

— Faz tanto tempo que a gente não se vê que eu não sei como vou reagir quando encontrar a Kate. Mas, claro, irmão, quero muito vê-la.

— Sabe o único problema que eu vejo nessa história? — disse Michael ao repara em Carol saindo do banheiro e falando ao celular. — Que a Kate vai te v acompanhado por esse mulherão.

Sam havia pensado na mesma coisa minutos antes, mas respondeu:

— Para com isso... que estou começando a me arrepender de ter convidad Lana pra vir com a gente. Mas já não posso voltar atrás. De qualquer forma, ela é uma amiga e nada mais.

— Ah, sim, claro, mas essa "amiga" é muito sexy e além disso está te da maior mole.

— Por isso que eu te digo que ela não se encaixa na imagem que eu fazia dela —

repetiu ele, rindo. — A Lana, ou Carol, parecia supertímida e eu imaginav fosse mais discreta. Nunca passou pela minha cabeça que fosse essa gostosona, c um piercing em forma de coração no umbigo.

Ao voltar, Carol se desculpou pela demora. Claro que não comentou com eles qu havia falado com Terry e contado a ela que tudo estava correndo às mil maravilha

Carol estava adorando aquele encontro. Tinha achado Sam ainda mais boni interessante ao vivo do que na foto. E, com um pouco de sorte, se ele se insinuass para ela, a noite poderia acabar muito bem.

A caminho do auditório, Carol recebeu uma ligação. Era sua amiga Bárbar

Imaginando que ela também poderia ser uma mulher atraente, Michael pediu a Ca que a convidasse a ir ao desfile com eles. Bárbara aceitou e, quando eles chegara ela já estava esperando na porta. Era mais nova que Carol, mas tão bonita

com a diferença de que era loura e usava uma saia que mais parecia um cinto larg
deixando à mostra suas pernas incríveis.

Isso está ficando cada vez mais complicado, pensou Sam ao ver Michael sorrindo
de orelha a orelha.

Entraram com elas no auditório lotado e procuraram um lugar para sentar. início, Sam pensou em ir ao vestiário para falar com suas filhas, mas, ao aglomeração ali em frente, decidiu fazer isso apenas no final.

Do outro lado do salão, Serena, atenta a tudo, viu Sam e Michael e sorriu estavam seus garotões, mais lindos que nunca. Mas, quando reparou nas m deslumbrantes junto com eles, não gostou nem um pouco. Dois dias antes, sua ne Ollie lhe havia revelado os planos secretos que tinha e, ao vê-los acompanhados,
Serena pensou que tudo iria por água abaixo. Mas segundos depois ela vo sorrir. Queria só ver como suas filhas reagiriam àquilo. Justo nesse momen chegaram Terry e Kate e se sentaram ao lado de Serena.

— Mãe! — disse Kate, emocionada. — Quando você vir as meninas, vai louca. Elas estão lindas!

Alheia à presença de Sam e Michael, Terry movia os ombros no compasso música de Barry White.

— É incrível o que os estilistas fazem... Mãe, você logo, logo vai ver com meninas estão um arraso. — E, ao perceber a cara de Serena, perguntou sussurran

— O que houve?

Serena apontou à direita. Terry não sabia o que ela queria dizer, até que v cabeça de Sam.

— Não se preocupe, mãe. Kate já superou essa história.

Dito isso, Terry se concentrou em achar Michael. Mas as luzes eram fracas e não ajudavam na procura, até que por fim ela o viu e ficou sem fôlego. Ao n

reação, Serena sorriu satisfeita, ao mesmo tempo que pensava:
Ah... minha filha.

Michael é o único homem que te deixa assim, desconcertada.

Sem conseguir tirar os olhos dele, Terry suspirou, aturdida. Adorava o sorr dele. Era seu cartão de visita. Sempre estava sorrindo. Ela notou que Michael esta mais moreno e com o cabelo mais comprido que de costume. Estava mara

Mas de repente se deu conta de que ele falava e sorria para alguém que estava a s lado e que não era nem Sam nem Carol, mas uma loura que ela não conhecia. Nes momento, Gary se aproximou dela e, pegando-a pela cintura, perguntou:

— O que houve, linda? Por que essa cara?

Terry se desvencilhou de seu abraço. Não entendia por que ele estava tão grudento naquele dia.

— Nada, só estou ansiosa pra ver minhas sobrinhas.

— Falta pouco pra começar — sussurrou. — Você vai ver só como elas v sair superbem. Estou indo. A gente se vê daqui a pouco, linda. — Deu um beijo e seu pescoço e saiu.

Chegando perto das suas filhas, Serena comentou:

— Claro que vão se sair bem. Minhas netas se saem bem em tudo.

— Mãe, gostei de ver. É assim que se fala. Pensamento positivo acima de tudo —

disse Kate, rindo.

Terry se levantou meio nervosa. Precisava se movimentar um pouco ou ter troço.

— Vou ao banheiro antes que comece.

Surpresa com a seriedade da sua irmã, Kate foi atrás dela.

— Espera, vou junto. Mãe, a gente não vai demorar nem dois minutos.

Quando conseguiram atravessar a primeira fileira de assentos e se afastaram Serena, Kate pegou o braço da irmã e perguntou:

— O que foi?

Virando-se com expressão furiosa, Terry respondeu:

— Eu vi os dois, e a mamãe também.

Kate entendeu perfeitamente a quem ela se referia.

— Cadê eles? — quis saber.

— Em frente ao lugar onde a gente está sentada, mas à direita — disse, irritada.

Ao ver sua irmã ficando na ponta dos pés para conseguir vê-los, Terry a puxou pela mão e a levou até uma lateral, de onde apontou:

— Estão ali. Dá pra ver?

Demorou alguns segundos até poder distingui-lo no meio de tanta gente, mas finalmente o viu. Ali estava Sam. O homem que havia sido seu marido po anos... ali estava ele e parecia se divertir junto àquela morena. Sem abrir observou Carol e resmungou para si mesma ao reparar no visual superprov

que ela exibia. Lana não deveria se vestir assim. Em seguida viu Michael ao lado uma loura deslumbrante e ficou triste ao perceber como Sam e Michael tr olhares divertidos e riam por alguma coisa. Com o coração batendo violen comprovou como eles pareciam ter rejuvenescido depois que deixaram Nov

Kate ia dizer algo quando ouviu Terry a seu lado:

— Quem é essa vaca?

Quase gaguejando de tão nervosa que estava, Kate respondeu:

— Bom... eu... eu não tenho a menor ideia. — E perguntou, desconcertad

Você acha que a gente deve ir lá dar oi?

Terry não permitiu que Kate continuasse olhando para eles. Pegou-a pelo braço e a puxou.

— Está louca? Eles que venham cumprimentar a gente.

Kate balançou a cabeça, concordando. Sua irmã tinha razão.

— É... é... Acho que é melhor assim. — E, sem conseguir tirar os olhos de Sam, acrescentou: — Terry, você precisa ficar calma. Aproveita o desfile. O que tiver q ser será.

Mas nesse momento Kate viu Carol acariciando o cabelo de Sam.

— Cara, o que essa vadia está querendo? — gritou Kate.

Terry pegou com carinho a mão de sua irmã e cochichou:

— Acho que a gente não deveria ter colocado a Carol nessa história. Quando fale com ela por telefone hoje à tarde, não gostei nem um pouco da voz dela Terry e suspirou. — Eu sabia que ela era assim, meio atirada, que partia pra cima tal, mas não tanto. Merda! Se eu soubesse que ela agiria dessa forma, nen brincadeira teria proposto a ela que participasse disso tudo.

Atordoada ao ver o jeito como aquela mulher olhava para Sam e sorria, K grunhiu.

— Sabe o que eu acho mais surreal? O fato de que ela está ali porque eu pedi.

Consciente de que aquela história poderia acabar mal, Terry comentou:

— Vamos esperar. A primeira coisa que temos que fazer é nos acalmar. Eles são livres e nós também. Então, agora vamos voltar aos nossos lugares e curtir o desf das meninas, senão vai acabar rolando uma briga feia por aqui, com sangue até.

Kate não conseguiu reprimir o riso. Era patético.

— Tem razão — disse, pegando-a pelo braço.

Dois minutos mais tarde, estavam sentadas em seus lugares ao lado de Serena.

De seus assentos, e apesar da aparente felicidade, Sam e Michael não esta tranquilos sabendo que as mulheres que eles realmente desejavam ver estav perto.

— Você viu as duas? — perguntou Sam, acima do barulho ensurdecedor d música.

— Nem sinal — sussurrou Michael. — Você acha que elas vieram mesmo?

Sam esboçou um sorriso.

— Cara, não tenho a menor dúvida. Você acha que a Kate e a supertia Terry iriam perder o desfile das meninas?

— Verdade. Claro que elas não perderiam — concordou Michael.

Carol, que estava cada vez mais animada, pousou seu queixo no ombro de Sam e perguntou:

— Meninos, do que estão falando?

Michael respondeu rapidamente:

— Que estamos com muita vontade de ver logo as meninas. Faz um temp não as vemos e estamos ansiosos.

Nesse momento, Carol se lembrou de uma coisa que Kate havia comentado.

— Mas a Olivia não esteve há pouco tempo com vocês?

— Esteve — disse Sam, sorrindo ao recordar. — Mas não importa, estou ansioso pra ver minhas filhas.

Após ajeitar o cabelo pela milésima vez, a loura perguntou:

— Quantos filhos você tem, afinal? Porque se aqui você tem duas, e no I você deixou mais...

— Ele tem quatro — esclareceu Carol e, olhando para ele com um sorriso sedutor, acrescentou: — E tenho certeza de que todos são incríveis como o pai.

— São melhores que o pai. E muito mais bonitos — respondeu Michael, rindo da cara que Sam fazia.

A loura piscou de um jeito provocativo e perguntou a Michael, apoiando a mão n

coxa dele:

— Você tem filhos?

— Oficialmente, nenhum — disse Michael, sorrindo. — Mas confesso que como uma mãe para todos os filhos do meu irmão. Principalmente para os novos.

Nesse momento, as luzes do auditório se apagaram, a passarela se iluminou ator Steve Martin apareceu. Ele era o apresentador e começou agradecendo a toda plateia. Após falar sobre cifras e porcentagens, explicou que tudo o que fo arrecadado naquela noite com a venda das peças seria destinado a uma ON

brasileira.

Com música de Michael Jackson, o espetáculo começou e vários modelos renome surgiram na passarela, entre eles Gary e Jack, o que fez centenas mulheres darem gritinhos de alegria. Ao passarem em frente ao lugar onde Kate estavam sentadas, eles acenaram e mandaram um beijo para elas — gesto qu

não passou despercebido para o público. Sam e Michael, que haviam se dado con daquilo, tiveram a certeza de que suas garotas estavam ali, embora não pu distinguir ninguém por causa do jogo de luzes.

Nesse instante Ollie apareceu no palco. Estava linda com um vestido branc Versace. Kate, Serena e Terry aplaudiram orgulhosas. Sam e Michael come gritar o nome dela, também aplaudindo. A menina reconheceu as vozes de seu pa tio na plateia e os procurou com o olhar, mas os holofotes não lhe permit absolutamente nada.

Pouco depois Gary surgiu de novo, agora de braço dado com Cat. Os dois estavam vestidos com roupa da Moschino, num look casual e irreverente.

Arriscaram uns passos de dança que haviam ensaiado com outros modelos últimas semanas e depois saíram de cena. O desfile durou quase meia hora final o público foi para outro salão, onde estavam servindo bebidas e cana onde estava sentada, Kate podia perfeitamente ver Sam sem ser vista. Repa ele olhava para todos os lados e sorriu ao perceber como o rosto dele se diante da presença de Cat e Ollie, que se atiraram em torno do seu pescoço.

— Por que não vai lá falar com eles? — perguntou Serena. — Coragem,

Senão vão achar que você é uma covarde.

Mas Kate estava tão emocionada com o que havia visto que mal conseguia mexer as pernas.

— Não, mãe. Estou sem forças.

Em silêncio, observaram Cat abraçando Michael, que lhe deu um beijo carinhoso enquanto Sam apresentava suas acompanhantes. Ollie olhou desconfiada para Ca

Quem era aquela mulher?

— Vocês viram a mamãe ou a tia? — perguntou Ollie.

— Ainda não — respondeu Michael. — Isso aqui está tão cheio que é impossível encontrá-las.

— Devem estar com Gary e com Jack — disse Cat sem pensar. — Pai, v gostou mesmo da nossa apresentação?

Sam, orgulhoso de suas filhas, respondeu feliz:

— Vocês arrasaram, queridas. São as top models da minha vida.

Sem conseguir deixar de olhar para Carol, que não parava de segurar o br seu pai, Ollie perguntou, receosa:

— Quanto tempo você vai ficar em Nova York?

Notando a cara feia que Ollie fazia ao olhar para a morena, Michael respondeu:

— Amanhã a gente volta, querida. A Honey ficou tomando conta da Sash Tommy. Espero que eles não tenham aprontado muito.

Nesse momento, Terry passou por ali com duas taças na mão e empalideceu ao se encontrar frente a frente com eles. Tentou escapulir, mas Ollie já a tinha v

gritou:

— Tia Terry, tia Terry, olha só quem está aqui.

Ollie, eu vou te esganar, sua linguaruda... , pensou ao escutá-la.

Incapaz de ignorar o chamado da sobrinha, Terry respirou fundo e se virou topando com os olhos escuros de Michael. Aproximou-se deles e os cumprimentou com um sorriso caloroso.

— Oi, Sam. Oi, Michael. Bom ver vocês por aqui.

Ao tê-la bem à sua frente, Michael sentiu um nó na garganta. Terry estava linda com aquele cabelo ruivo e aquele olhar selvagem. Mas quando ela não est bonita, afinal?

— *Aloha*, Terry! — brincou Sam, arrependendo-se imediatamente por tê-la saudado com tanta alegria. — Não tinha te reconhecido. Você está uma gata.

— Obrigada, Sam — respondeu com frieza.

E, depois de um olhar breve porém intenso, Carol parou de tocar em Sam alguns segundos. Enquanto tentavam ser cordiais um com o outro, Michael conseguia articular uma palavra. Terry usava uma saia de cintura baixa com apliq metálicos e um top branco que deixava descobertos seus lindos ombros. E cabelo... ai, meu Deus, aquele cabelo ruivo caía perfeitamente nela.

— Michael — falou Sam ao ver o irmão parado como uma múmia. — N cumprimentar a Terry?

Reagindo em questão de segundos, Michael se aproximou dela, deu dois beijinho e balbuciou:

— Claro. Desculpa se fiquei sem ação, mas é que eu não esperava te ver assim.

Satisfeita com a impressão causada, Terry levantou o queixo e perguntou c ironia:

— Assim? É um desfile de roupa informal. Não me diga que estou horror porque vou ficar arrasada.

Você nunca poderia estar horrorosa, nem com muito esforço, pensou Mich

Mas em vez disso respondeu:

— Não, claro que não. Você está ótima. É só que eu não te esperava nes momento.

— Ah, que susto. Obrigada pelo elogio! — respondeu Terry.

Olhando ao redor, Ollie perguntou, cheia de segundas intenções:

— Cadê a mamãe?

— Ali — disse Cat, apontando para o fundo do salão.

Nesse momento, Terry viu um jeito de escapar e disse:

— Vou avisá-la.

Mas Ollie, agarrando-a pelo braço, virou-se para a irmã e falou:

— Cat, por favor, vai buscar a mamãe. Diz que o papai e o tio estão aqui com a

gente.

Após trocar um olhar sombrio com Ollie, Terry acrescentou:

— Sim, querida, vai lá. Diz que a taça dela está comigo e que se ela demorar eu vou acabar bebendo.

Quando Cat chegou perto de sua mãe, disse que a tia estava esperando junto com Sam e Michael e que pediu para apressá-
la. Ao ouvir isso, Kate ficou boquiaberta.

— Você ouviu, né? — Serena a empurrou. — Vai logo, antes que a Terry beba as duas taças.

Kate resistiu. Estava um tanto surpresa e só conseguia balbuciar:

— Mãe, não estou a fim. Além disso, prometi esperar o Jack aqui.

Mas Serena não desistiu. Sua filha tinha de se encontrar com Sam, fosse c
fosse.

— Quanto a isso, não precisa se preocupar. Se o Jack vier, eu digo onde
está.

Kate suspirou e andou até o lugar onde eles estavam. Viu Terry falando c
Ollie, ao mesmo tempo em que Sam sorria diante do que as duas deveriar
comentando. Conforme se aproximava, suas pernas tremiam cada vez mais. Quar
faltavam apenas dois metros para percorrer, engoliu a saliva, inspirou fundo
caprichou no sorriso e perguntou:

— Do que vocês riem tanto?

Ao se virar e dar de cara com o olhar de Kate, Sam não soube o que di

Centenas de noites sonhando com ela e imaginando como seria esse prime
encontro após tudo o que ocorreu, e agora ele estava ali como um adolesc
inseguro, olhando-a com cara de bobo.

— Kate! — gritou Michael, abraçando-a.

Ao sentir-se nos braços de seu ex-cunhado, Kate sorriu. Michael a estava
abraçando. Ela havia sentido tanto a falta dele... Depois de se afastar dela, Micha
disse, com um sorriso de orelha a orelha:

— Eu estava morrendo de vontade de te ver. Você está linda.

— Digo o mesmo — conseguiu falar.

Piscando um olho, aquele havaiano sedutor olhou para elas e perguntou:

— Mas o que foi que fizeram esses meses todos com as mulheres da fam
Dallet, pra que vocês ficassem tão lindas?

Terry sorriu, toda derretida. Mas, ao se dar conta disso, foi logo mudando
expressão.

— Obrigada, galanteador — disse Kate num tom carinhoso e, virando-
se para

Sam, que ainda não havia aberto a boca, falou: — Oi, Sam. Bom te ver de novo.

Tentando disfarçar a enxurrada de emoções engasgadas, Sam deu um passo frente, abraçou-a, aspirou seu perfume e disse:

— Oi, Kate.

Ao ver como Sam olhava para ela, Kate soube na hora que ele havia gost seu novo look. Ela o conhecia bem e sabia que, quando erguia a sobrancelha direi era sinal de aprovação. Naquela noite, enquanto se vestia para ir ao desfile produzira pensando nele. Queria estar bonita para ele. Colocou uma saia hippie az celeste e um top preto cruzado nas costas e tentou passar uma aparência jovem ch de frescor. Se bem que agora, comparando-
se com a exuberância de Carol, sentia-se péssima.

Mas foi justamente isso que desarmou Sam. Aquele ar jovem e irreverente cabelo desfiado e meio bagunçado, em vez de seu típico coque alto e seu deixou Sam tão desconcertado que ele não encontrava as palavras. Ao ver a reaçã de seu pai, Ollie tentou ajudá-lo.

— Ela está linda, né, pai? — perguntou.

Sam fez que sim com a cabeça, sem pestanejar.

— Lindíssima — disse, sorrindo, num tom sincero. — Desculpa, Kate, mas estou sem palavras. Fiquei paralisado ao te ver e senti a mesma coisa quando vi a Terry

Vocês estão tão mudadas que...

— Espero que a mudança tenha sido para melhor — brincou Terry, cravar olhos nele.

Depois de passar sua taça de vinho a Sam, para que ele molhasse a garga tentasse recuperar a normalidade, em vez de ficar com aquela cara de bobo, Mich e ele disseram em coro:

— Claro que sim.

Os dois se olharam pensando num palavrão. A loura de madeixas incríveis, ao se ver meio deslocada do grupo, apresentou-se.

— Oi, eu sou a Bárbara, se é que alguém está interessado.

Michael ficou irritado. Quem dera permissão para ela se meter onde não e chamada?

— Oi, Bárbara, prazer — disse Terry. — Você tem um cabelo lindo.

— Ah... obrigada — disse, sorrindo, enquanto agarrava Michael pelo braço, dand a entender a Terry que aquele homem era dela.

Terry achou graça daquele gesto de advertência, mas Michael não gostou nem um pouco. E, reprimindo a vontade de arrancar aqueles peitos siliconados, Terry viro se para Carol, que estava atrás de Sam, e perguntou:

— E você, quem é?

Ao ver a cara feia que sua cunhada fazia, Sam suspirou e a apresentou.

— Essa é a Carol. Uma amiga.

As mulheres se olharam nos olhos e Kate ergueu a sobrancelha diante daq morenaça, deixando muito claro que não estava nem um pouco satisfeita c

atuação dela. Mas Carol, em vez de captar a mensagem e agir de acordo, agarrou-se ainda mais a Sam.

— Prazer, Carol — disseram Kate e Terry ao mesmo tempo, estendendo a para cumprimentá-la.

Nesse momento apareceu Gary e pegou Terry pela cintura, erguendo-a no ar.

Depois de dar um beijo na ponta do seu nariz, perguntou:

— E aí, gata, o que você achou? Suas sobrinhas arrasaram, né? — Puxou-a para si
e sussurrou, na frente de todo mundo: — Aliás, já te falei como você est deslumbrante hoje? — E tascou-lhe um beijão na boca.

Esforçando-

se em sorrir da melhor forma possível, Michael presenciou aquele espetáculo e, quando não pôde mais aguentar, virou-se para o outro lado.

— Me deixa descer, seu bobo — pediu Terry, sem entender por que ele agia desse modo e estava tão grudento naquela noite. Nunca havia tomado tantas libe

Mas, nesse momento, apesar de se irritar um pouco com seu comportamento, ela se importou. E mais: ela até gostou que Michael entendesse que a vida dela segui em frente mesmo sem ele.

Ao assistir àquela demonstração de carinho, Michael teve vontade de partir cima daquele estúpido e dar um soco na cara dele. Olhou para Sam, que negou co a cabeça. Então Michael se conteve e continuou em seu lugar, fingindo-se indiferente à cena. Em seguida pegou Bárbara pela cintura, e ela adorou a iniciativa.

Ollie não podia acreditar no que estava vendo. Aquilo parecia uma comédi erros, e ninguém fazia nada para consertar a situação.

— Vou pegar uma bebida — disse Gary e, olhando para elas, perguntou:

Alguém quer alguma coisa?

Nesse momento Terry viu uma chance de escapar e interveio rapidamente:

— Eu quero. Vou contigo. Minha garganta está seca e eu preciso beber algo. — E virando-se para eles, disse: — Adorei rever vocês. Passem lá em casa qualquer dia pra gente beber alguma coisa.

— Hum, acho que não vai dar — respondeu Michael. — Amanhã a gente pra casa. Quem sabe na próxima vez.

Terry olhou fixamente para ele e, embora tenha ficado supertriste ao ouvir falou com indiferença:

— Ah... que pena. Fica pra próxima.

Gary, que a esperava a dois passos de distância, perguntou:

— Terry, querida, você vem?

Ela cravou seu olhar em Michael, depois se virou e desapareceu em meio burburinho. Quando já estava mais afastada deles, empurrou bruscamente G repreendeu, irritada:

— Por que você fez isso?

— Desculpa, Terry — respondeu Gary, sorrindo. — Pelo teu olhar, imagin você precisava que eu fizesse algo assim. Te achei meio transtornada.

— Fala sério! — reagiu ela com uma expressão que indicava estar prestes esganá-lo.

— Tá bom. Vou falar a verdade — admitiu, por fim. — Mas só se você prometer que não vai abrir o bico.

— Ok. Desembucha! Por que você agiu daquela forma?

Depois de olhar ao redor e comprovar que ninguém poderia escutá-los, Gary esclareceu:

— Foi mal, gata, mas sua mãe me mandou agir assim.

Incrédula, Terry abriu a boca e falou, quase gritando:

— Minha mãe?!

— Juro, Terry. Ela me ligou ontem à noite e me pediu que fosse carinhos você porque você estava precisando. E hoje, ao ver como você olhava par sujeito moreno, entendi o que sua mãe queria dizer.

Ainda sem conseguir acreditar, Terry sorriu.

— Minha mãe? Mas como...

— Disse que queria ver a reação de um tal de Michael.

Terry não pôde se conter e voltou a gritar:

— Minha mãe te pediu isso? — E, levando as mãos à cabeça, exclamou: — Meu

Deus, ela ficou louca!

— Não sei se ela ficou louca, mas, quando cheguei aqui, ela estava procurando o Jack, não sei pra quê. Se bem que agora eu posso imaginar o motivo.

— Ai, meu Deus — murmurou Terry. — Encontra o Jack! Agora!

Alheios a tudo, Sam e Kate continuavam conversando como duas pessoas civilizadas. Ollie estava adorando tudo aquilo, mas ao mesmo tempo obser discretamente seu tio Michael. Via que ele estava irritado e não parava de esticar pescoço e olhar ao redor à procura de Terry. Nesse momento, Carol e Bár afastaram e eles ficaram a sós.

— Você parece ótima, Kate — disse Sam, devorando-a com o olhar. — Sério, a mudança te fez muito bem.

— Obrigada. E você... resolveu deixar o cabelo crescer, é? — disse Kate, desfrutando do momento.

Ele esboçou um sorriso encantador, que Kate retribuiu da mesma forma.

— Pra você ver, né? Uns deixam o cabelo crescer, outros cortam.

Ela queria lhe fazer mil perguntas, mas só conseguiu formular uma:

— Está gostando de morar em Oahu?

— Estou, sim. O escritório que eu e Michael abrimos em Honolulu é peq mas dá conta do recado. E o melhor de tudo é que não precisamos usar gravata!

— Ah... isso com certeza você está adorando.

O rosto de Sam se iluminou.

— Claro, isso eu não posso negar.

Nervosa como uma adolescente, ela disse:

— Ollie me contou que sua casa é muito bonita e que você ensinou ela a surfar.

— A casa em que estou morando é aquela que você conheceu. — Ela se

surpreendeu, e ele acrescentou: — E, quanto ao surfe, você sabe que ali is normal.

Kate estremeceu ao se lembrar da maravilhosa lua de mel que passaram n casa, enquanto Sam continuava falando:

— Não é muito grande, mas está boa pra gente e o mais importante é que fica ber pertinho do mar. Quando voltei a Oahu, me dei conta de que o mar é vital pra mir

Kate fez que sim com a cabeça, estampando um sorriso triste.

— Eu sei, eu também me dei conta disso com o tempo. — E, tentando n emocionar com as centenas de recordações que passavam por sua mente, pergunt

— E como foram as aulas de surfe com a Ollie?

Sam sorriu e se aproximou dela com cumplicidade.

— Eu e Michael tentamos ensinar a ela todo o possível. Mas ainda precis algumas aulas pra poder se equilibrar na prancha por mais tempo. De qual forma, ela tem muita força de vontade — contou ele.

— Ela vai conseguir. Você sabe que a Olllie é determinada e consegue tudo o que quer.

— É como você — concordou ele. — E você também conseguiu.

Sem entender a que ele se referia, Kate perguntou:

— Consegui o quê?

— Equilibrar-se na prancha, lembra?

Os dois se olhavam fixamente e respiravam num mesmo compasso.

— Ah, sim. Claro que eu lembro, mas acho que agora isso seria impossível.

— Não é bem assim — sussurrou Sam, louco para beijá-la. — Tem coisas que a gente nunca esquece.

Kate ficou toda arrepiada ao ouvir aquilo.

— Talvez você ache difícil no primeiro dia, mas no segundo você vai se lembrar de tudo rapidinho. — Ao escutar a si mesmo, Sam limpou a garganta e, passando mão pelo cabelo, continuou: — De qualquer forma, se você quiser voltar a surfar, só me falar. Você sabe que eu adoraria te ensinar de novo.

— Vou pensar — disse Kate, sorrindo, e piscou para ele. Instantes depois, arrependeu-
se. A piscada era um gesto que eles sempre trocavam. Era um código secreto que significava: “Estou a fim”.

Enquanto Sam e Kate continuavam falando, Michael se afastou deles para

los mais à vontade e ficou sozinho. Tentou não procurar Terry com o olhar, mas e impossível e, quando menos esperava, acabou encontrando-
a. Estava sozinha diante
do bar, pedindo alguma coisa ao garçom. Atraído como um ímã, Michael perto dela.

— Pede outra vodca pra mim — sussurrou em seu ouvido.

Assustada com aquela proximidade, Terry se encolheu. Recompôs-
se como pôde, moveu a cabeça afirmativamente e fez o novo pedido ao garçom.

— Toma — ofereceu Terry. — Aqui está sua bebida.

— Obrigado, linda. Onde foi parar o modelo?

Terry pulou como uma mola.

— Escuta, ô garanhão da ilha. Faz o favor de não se meter com meus amigos.

Michael levantou as mãos e disse, com um sorriso que a desconcertou:

— Sinto muito, ô dondoca da cidade. Não sabia que você ficaria tão irritada com meu comentário. Aliás, você me chamou de “garanhão da ilha”?

Nesse momento começou a tocar “Desafinado”, a bossa nova brasileira de eles tanto gostavam.

Se você disser que eu desafino amor

Saiba que isto em mim provoca imensa dor

Só privilegiados têm o ouvido igual ao seu

Eu possuo apenas o que Deus me deu

E se você insiste em classificar

Meu comportamento de antimusical

Eu mesmo mentindo devo argumentar

Que isso é bossa nova...

Durante anos, cada vez que soava essa canção doce e melodiosa, os olhos
Terry e Michael se cruzavam e os dois começavam a dançar, deixando mu
por uns minutos o que sentiam um pelo outro. O problema era que nunca davam u
passo além. Mas aquela noite era diferente, e Michael, segurando sua mão,
perguntou como tantas outras vezes:

— Quer dançar?

Terry deu um passo atrás.

— Não.

Com um sorriso sedutor, Michael deu um passo à frente.

— Vem. É a nossa música.

Inquieta pela tortura que ele lhe infligia, Terry fez que sim com a cabeça,
uma boba, mas com um suspiro de frustração que o fez dar uma risada, respondeu

— Olha, Michael, vai à merda. Ou melhor, vai buscar a loura que você tı
hoje e me deixa em paz.

Terry deu meia-
volta e começou a abrir caminho em meio às pessoas. Michael
ficou ali com sua taça nas mãos, sem saber o que fazer, até que suas per
começaram a segui-la. Ao alcançar Terry, pegou-a pelo braço, levou-
a para um canto do salão onde não havia ninguém e, pressionando-

a contra a parede, ele a escutou
gritar enquanto sentiam as faíscas que havia entre eles.

— Posso saber que diabo você quer comigo, Michael?

Enlouquecido pelo momento, pela música e pela enorme vontade de beijá-la, Michael disse, sem conseguir tirar os olhos daqueles lábios tentadores:

— Como assim que diabo eu quero?!

— Michael, se afasta de mim, eu estou avisando.

Assustando-a com o olhar, Michael balançou a cabeça e, sem soltá-la, sussurrou perto da sua boca:

— Vou te soltar e me afastar. Mas não sem antes fazer o que desejo fazer toda vez que danço essa música contigo.

Dito isso, soltou sua taça, que se estilhaçou no chão, tomou Terry entre seus braços e a beijou com toda a paixão contida por tantos anos. Ela lutou para desvencilhar daquele abraço, mas pouco a pouco foi cedendo e acabou respondendo àquele beijo apaixonado enquanto as vozes de George Michael e Astrud Gilberto cantavam aquela música suave. Sem querer afastar sua boca da de Michael, levou as mãos até o cabelo dele e o acariciou, apaixonada. Ao sentir que ela havia desistido de se soltar, ele cochichou de um jeito que a deixou arrepiada:

— Isso é o que eu quero, linda. Você ainda não percebeu depois de tantos anos?

— Michael, por que você não fez isso antes?

Ele a enfeitiçou com mais um sorriso e voltou a beijá-la. Nem no melhor dos seus
sonhos teria imaginado uma situação como aquela. Percorreu com carinho a boca da mulher que o deixava louco e, depois de saciar momentaneamente seu desejo por ela, sussurrou bem pertinho:

— Eu tinha medo. E na verdade ainda tenho medo de te soltar e nunca mais ter você assim comigo.

Atordoada e excitada pelo desejo incontrolável que sentia por ele, Terry di

enquanto acariciava sua bochecha com delicadeza:

— Você foi embora sem se despedir e...

— Eu sei — admitiu, afrouxando o abraço. — Pensei que você não queria sab...

Nesse momento Terry viu Bárbara sair do banheiro feminino e, em um ter ataque de ciúmes, puxou o cabelo de Michael.

— Pensou, é? Pois eu não acho que você tenha pensado muito em mim, veio tão bem acompanhado hoje aqui.

Michael ficou todo bobo ao perceber o ciúme que Terry demonstrava. Isso significava que ela também havia sentido a falta dele. Mas também soube, ao ver

olhos furiosos dela, que o que havia começado tão bem iria acabar mal.

— Sabe, metidinho?

— O quê, resmungona?

Desconcertada com aquele sorriso que a deixava louca, ela gritou, soltando-se de seus braços:

— Por mim você pode ir embora hoje com a sua... sua... loura de farmác como amanhã você vai voltar pra sua ilha, com um pouco de sorte a gente esquec tudo isso que aconteceu!

— Não vou esquecer, nem você, querida. Pode ter certeza disso.

— Te garanto que sim. Claro que eu vou esquecer.

Ele a agarrou pelo pescoço novamente. Não queria se afastar dela.

— Terry... eu...

Michael se deu conta de que as pessoas ao redor estavam olhando, mas el levantou um dedo para calá-lo e protestou, soltando-se de novo:

— Não quero te ver nunca mais, Michael. Entendeu?

— Como você pode me beijar do jeito como fez há alguns segundos e...?

bradou, incapaz de acreditar no que estava acontecendo, muito menos depo daquele momento de paixão.

— Eu é que te beijei?

— É... pensa bem... lembra... — disse num tom de zombaria, mas, ao ver sua cara contrariada, Michael se irritou: — Escuta aqui, você está maluca ou o quê?

Isso a aborreceu ainda mais e ela o empurrou para se desvencilhar dele, ao mesm tempo que gritava:

— Realmente estou maluca se acho que pode haver alguma coisa entre nó

— disse, afastando-se dele.

Irritado e sem se importar com o fato de as pessoas estarem observando, Michael foi atrás dela.

— Não, senhorita, você não vai fugir de mim assim, não. — E, imobiliza mãos dela, acrescentou: — O beijo que você me deu esclareceu muitas co mim. E vai dizer que não sentiu o mesmo que eu?

Incapaz de dar o braço a torcer apesar de saber que não estava com a raz tentou se defender.

— Eu te beijei?! — gritou, olhando-
o bem nos olhos, enquanto ele esboçava um
pequeno sorriso. — Foi você, seu verme desgraçado, que foi atrás de mim beijou.

Sem querer se afastar dela, Michael sussurrou, deixando-a arrepiada:

— Sabia que você fica linda quando está nervosinha?

— E sabia que você é um imbecil? — respondeu, tremendo e cada vez m desconcertada.

Michael sorriu com ternura enquanto se divertia com a imagem que ela lh

oferecia.

— Eu sei que sou um imbecil — disse baixinho, antes de pousar de novo lábios sobre os dela. — Mas sou um imbecil que está louco por você e q enlouqueceria se não te beijasse agora mesmo.

Em seguida a beijou e Terry correspondeu. Era impossível para ela não responder àquela boca voraz e aos seus lábios doces e ardentes. Mas, quando ele no ela estava ficando mais relaxada, afrouxou a pressão que exercia sobre ela, e Terr aproveitou o momento para levantar a perna e lhe dar uma bela joelhada que derrubou Michael no chão e o fez se contorcer de dor.

Terry não podia acreditar no que acabava de fazer e, consciente de que to mundo estava olhando, disse, furiosa:

— Você já me provou que é um imbecil, mas louca ficaria eu se me deix levar por um galinha como você.

Dito isso, Terry se afastou, explodindo de raiva. Com uma expressão constrangid e morrendo de dor, Michael ergueu a cabeça e murmurou para as pessoas olhavam:

— Não é nada... Tá tudo bem. Ela me ama. Não é nada de mais.

Kate e Sam se aproximaram rapidamente para ajudá-lo. Fizeram-no sentar numa cadeira, e Sam não conseguiu reprimir uma brincadeirinha:

— Caramba, a Terry continua acertando onde mais dói — disse, olhando para sua ex-mulher.

— Sinto muito, Michael — falou Kate, horrorizada.

— Eu sinto mais ainda, pode ter certeza — sussurrou.

Kate e Sam trocaram um olhar.

— O que te deu pra perseguir minha irmã dessa maneira? Ficou louco, é?

— Realmente estou louco — disse, suspirando. — Mas sua irmã está mais louca do que eu imaginava.

— Essa Terry... — brincou Sam. — Com a joelhada que te deu, acho que decidiu que você não pode ter filhos.

— Sem piadinha, porque tá doendo horrores — disse Michael.

Ao escutar o comentário de Sam, Kate se irritou e não conseguiu deixar d alfinetá-lo:

— Já tem gente demais com filhos, né?

Sam lamentou o comentário infeliz e, ao ver como ela olhava para ele, soube que a trégua daquela noite havia chegado ao fim. Nesse momento, Jack se aproximou pegando Kate pela cintura, perguntou:

— Querida, o que houve?

Agarrando-se nele, ela respondeu, diante do contrariado ex-marido:

— Minha irmã, que cumprimentou um velho amigo. — E, olhando para S acrescentou: — Aliás, Jack, deixa eu te apresentar o Sam. É o pai das minhas filh

Sam, esse é o Jack, um amigo. E esse aí que está sentado e se contorcen carícias da minha irmã é o famoso tio Michael.

— Prazer — disse Jack, apertando a mão de Sam. Olhou para Michael e falou: —

Eu te daria a mão também, mas acho que não é o melhor momento.

Michael fez que sim com a cabeça, sem olhar para ele.

— Considere-se cumprimentado, colega — respondeu de má vontade.

Depois de um silêncio incômodo mas significativo, Jack abraçou Kate por beijou seu pescoço.

— Querida, a gente vai na festa da Carolina Herrera. Está pronta?

Kate sorriu com malícia, embora não entendesse por que ele estava toman aquelas liberdades. Dois dias antes ela havia falado com ele e deixado ber que não queria se envolver com ninguém. Primeiro precisava colocar sua v ordem.

Apertando os punhos, Sam olhou para Jack com vontade de quebrar a cara

Mas, em vez disso, atraiu Carol para si com um rápido movimento. Ela h
aproximado do grupo ao presenciar a cena entre Michael e Terry.

— A gente também vai, não é, linda?

Surpresa com aquele comentário, Carol confirmou com a cabeça, e Kate, que não
estava disposta a aguentar aquela situação por nem um segundo a mais, afirmou:

— Adorei ver vocês.

— A gente também — respondeu Sam, irônico.

Sem sequer olhar para seu ex-
marido, Kate colocou a mão no ombro de Michael e murmurou, já se afastando:

— Espero que você se recupere logo. Tchau e divirtam-se.

Poucos minutos depois, Sam e Michael, que já conseguia ficar de pé, saíra
auditório acompanhados por Carol e Bárbara, que estavam desconcertadas.
que havia assistido a tudo num discreto segundo plano, sorriu diante do que acaba
de presenciar. Ollie não sabia se ria ou se chorava, mas sua avó,
surpreendentemente, piscou um olho para ela. Então decidiu não tirar concl
precipitadas, mas sim esperar o momento em que pudesse trocar impressões
Serena, que era a voz da experiência nesses casos.

Naquela noite, Sam e Michael convidaram as garotas para jantar num restaurante
italiano. Após a refeição, que foi ficando cada vez mais animada, terminaram em
bar cubano, onde dançaram salsa até altas horas da madrugada. Depois, co
cavalheiros, eles a acompanharam até suas casas e voltaram ao hotel, onde
continuaram bebendo até desabarem na cama.

Irritadíssimas, Kate e Terry foram à festa organizada pela famosa estilista Carolin

Herrera. Mas não estavam nem um pouco no clima. Depois do que havia aconteci
o que elas mais queriam era conversar e desabafar. Então, assim que pude
escaparam até uma das varandas. Ou conversavam ou explodiriam de tanta raiva.

— Ai, meu Deus, que vergonha — começou Terry, levando as mãos à cabeça. —

Tadinho do Michael. Como eu pude fazer aquilo?

Kate balançou a cabeça, concordando. Foi uma cena bastante embaraçosa mesmo

— Pois é, Terry, você ficou maluca? O que te deu pra agir daquela forma?

— Não sei — disse, constrangida. — De repente eu estava superfeliz porque ele estava me beijando e me dizendo coisas maravilhosas, mas... mas quando vi aque loura peituda, me bateu um ódio e... e... Ai, meu Deus!... Sou uma anta!

— Então você gostou do beijo, né?

Com um sorriso malicioso, mas os olhos repletos de lágrimas, Terry exclamou:

— Ah, sim... claro que eu gostei! Adorei!! Foi o melhor beijo que já me deram er toda a minha vida. E, putz, foi o Michael! Passei anos esperando esse mo divino, meigo e sensual — sussurrou ao lembrar. — E olha como tudo acabou. Pi impossível!

— Falando sério, Terry, é difícil te entender.

— Eu sei. Nem eu me entendo.

Kate não pôde reprimir um sorriso. Ouvir sua irmã falar abertamente sobre o que Michael a fazia sentir... não tinha preço.

— Terry, você realmente me espanta. O cara de quem você é a fim e que estava incrível hoje te pega de jeito, te beija e diz que está louco por você. E v troca, humilha o sujeito na frente de dezenas de pessoas, dando uma joelh mais dói. Sério, por que não pensa um pouquinho antes de agir?

A jovem tapou o rosto com as mãos. Sabia que havia vacilado.

— Sou um monstro. Ele vai me odiar pelo resto da vida. Tadinho. Não m aquilo. Mas eu fiquei cega... cega... e...

Destapando o rosto de sua irmã, Kate levantou o queixo dela com carinho.

— Fica tranquila. Não acho que o Michael vai te odiar por muito tempo. sim... você é um monstro, se bem que você precisa reconhecer que é um

com muita sorte, ao ter esse gato babando por você. E você sabe que não é de agc

É de sempre.

— Mas o que eu fiz é imperdoável — disse Terry, soluçando.

— Relaxa, sua boba. — Kate tentou consolá-la e lhe deu um abraço. — O

Michael vai te ligar. Hoje foi ele que tomou a iniciativa de demonstrar na frente d todo mundo que é louco por você. Fica tranquila. Ele vai te procurar.

— E se não me procurar? — perguntou Terry.

— Aí você mesma liga pra ele.

— Nem pensar... — murmurou, desvencilhando-se do abraço da irmã.

— Não seja tão orgulhosa, Terry — repreendeu-a Kate. — O orgulho não vai te levar a lugar nenhum. Acredita em mim. Sei disso por experiência própria.

As duas balançaram a cabeça e ficaram em silêncio por alguns minutos.

— E você e o Sam? Como ficaram as coisas? — quis saber Terry.

— Tudo bem. Normal. Conversamos tranquilamente, até você resolver dar aquele chute no Michael, aí eu e o Sam fomos ajudar, e ele acabou fazendo um comentár infeliz e a gente começou a se alfinetar.

— Você sentiu alguma coisa quando o viu?

— Claro. Senti uma vontade imensa de matá-lo.

As duas sorriram. Elas sabiam que o sentimento real foi justamente o contrário.

— Somos patéticas — disse Terry com um fio de voz.

— Totalmente patéticas — concordou Kate, contemplando as estrelas. — N com 15 anos eu fazia e dizia tanta bobagem. Sabe o que é o pior de tudo? Que eu o Sam nos conhecemos superbem e sabemos como machucar um ao outro. E foi i

que fizemos hoje. Quando o Jack chegou, fechamos com chave de ouro.

— O que o Jack fez?

— Sinceramente, ainda não entendo. De repente se aproximou da gente, m chamou de “querida” e beijou meu pescoço. E acho que o Sam não gosto disso, porque logo pegou a Carol de surpresa e bom... você já imagina.

Terry começou a rir.

— Comigo aconteceu a mesma coisa com o Gary.

— Sério?

— Sério. Já te explico. E, quando eu te contar quem foi que mandou o J Gary se comportarem dessa maneira na frente do Sam e do Michael, você acreditar.

— Quem? — Kate não estava entendendo nada.

— Ninguém menos que nossa querida mãe.

— A mamãe? — gritou Kate, incrédula. — Tem certeza?

Terry fez que sim com a cabeça.

— Absoluta. Gary admitiu que a mamãe havia pedido que ele fosse carinh comigo porque queria ver a reação de um tal de Michael. Surreal, né?

— Não posso acreditar — sussurrou Kate.

— É pra acreditar, sim, porque o Gary estava falando a verdade.

— Mas o que a mamãe tem a ver com tudo isso?

— Hummm, vai saber...

— Mamãe agora está dando uma de cupido?

Capítulo 27

Na manhã seguinte, a pedido de Sam, a recepção do hotel os acordou às
ponto. Queriam tomar um banho antes de deixar o quarto. Mas quando se
levantaram, sentiram que suas cabeças estavam prestes a explodir.

— Putz, que noite — queixou-se Michael.

Sam franziu a sobrancelha e botou a mão na testa.

— Uffff... fazia tempo que eu não bebia tanto — disse num fiapo de voz

Acho que acabamos com todo o álcool existente na face da Terra.

— É, cara, com certeza...

Levantando-
se da cama para esticar as pernas, Michael apoiou a mão na parede, encolheu uma perna e ficou bufando. Ao ver isso, Sam perguntou:

— A joelhada que a Terry te deu ainda está doendo?

Ao pensar naquela mulher, Michael conseguiu se esticar e disse, rosnando:

— Não fala o nome dessa maluca, porque meu saco ainda está doendo horrores.

Sam não conseguiu reprimir uma risada.

— Quem mandou se aproximar tanto dela... Você já sabia que ela era imprevisível.

Ao ver o ar de deboche no rosto do irmão, Michael suspirou.

— Ah, que se dane — disse, porém logo murmurou com um sorriso: — I
apesar de tudo ter acabado mal, te juro, irmão, que eu fiquei satisfeito pelo que fiz
porque no fim das contas eu tive a certeza do que sentimos um pelo outro. Valeu a
pena.

— E o que você vai fazer?

— Absolutamente nada.

— Nada? Mas, se você diz que valeu a pena, por que não vai fazer nada?

Sorrindo, Michael se espreguiçou.

— Não foi fácil, mas eu já dei um passo em direção a ela. Agora, se ela realmente quer alguma coisa comigo, já sabe onde me encontrar. Então vou tomar ba depois seguimos para o aeroporto, pegaremos nosso avião e voltaremos pra casa.

— Você sabe o que faz — disse Sam, ainda sentado na cama. — Em questões de amor, não sou a pessoa mais indicada pra te dar conselhos, irmão.

Michael se deteve um momento antes de desaparecer atrás da porta do banheiro.

— Escuta, ô garanhão da ilha — disse, usando a expressão com que Terry se dirigido a ele. — A Kate está incrível. Cá entre nós, nem quando era ela estava tão sexy quanto ontem à noite.

Ele tinha razão, mas Sam não estava com vontade de falar sobre isso.

— Você não ia tomar banho?

Michael fez que sim, e poucos segundos depois se ouviu o barulho da águ

chuveiro. Sozinho no quarto, Sam ficou olhando para a parede. Michael di verdade. Sua ex-
mulher estava deslumbrante, e, ao se lembrar daquele bonitão
beijando o pescoço de Kate, Sam foi tomado por uma raiva enorme. Foi a mesinha de cabeceira e abriu a carteira. Pegou uma foto de Kate e ficou olhando p alguns segundos, depois guardou o retrato justo quando Michael estava sai banho com uma aparência melhor.

— Toma uma ducha também. Você vai se sentir novinho em folha.

Sem dizer nada, Sam obedeceu. Instantes depois, o telefone do quarto começou a tocar. Michael atendeu e foi avisado de que havia uma senhora na recepçã esperando por eles. Pensou que seria Carol e, sem hesitar, disse ao recepcionista q a mandasse subir. Depois entrou no banheiro e comentou com Sam:

— Ligaram da recepção pra avisar que a Carol está subindo.

— A Carol está subindo?! — perguntou, espantado.

— Está. Deve ter vindo se despedir.

— A gente combinou isso ontem à noite?

— Não faço a menor ideia, cara.

Nesse instante ouviram umas batidinhas na porta. Ainda com a toalha amarrada n cintura, o cabelo molhado e o peito nu, Michael foi lá abrir.

— Serena! — exclamou, surpreso ao vê-la.

— Oi, garotão — disse, sorrindo e aproximando-se dele para dar um beijo na bochecha.

Ao abraçá-la, Michael fechou os olhos, encantado de voltar a encontrá-la.

— Vai me convidar pra entrar? Ou vim numa hora ruim?

Ele se afastou da porta, ainda confuso.

— Imagina, Serena. Você é sempre bem-vinda.

Ela entrou e reparou na bagunça do quarto enquanto Michael recolhia a roupa que haviam jogado no chão na noite anterior e abria a janela para deixar entrar um pou de ar fresco. Ao ver como Michael estava constrangido, Serena pegou a mão dele sussurrou:

— Michael, querido, não se preocupe com nada.

Nesse momento Sam saiu encharcado do banheiro, coberto apenas com um toalha ao redor da cintura, enquanto enxugava o cabelo com outra.

— Humm, vamos ver, quem resolveu aparecer aqui a essa hora?

— Eu — respondeu Serena, achando graça por ele ainda não a ter visto.

Ao ouvir aquela voz, tirou a toalha da cabeça.

— Serena, é você?

Diante daqueles dois deuses desconcertados, Serena abriu os braços e perguntou:

— O que houve? Não vai me dar um beijo? Sei que sou velha e meio sem graça, mas, convenhamos, não se nega um cumprimento ou um beijo a ninguém.

Sem hesitar, e com um enorme sorriso estampado no rosto, Sam foi até el abraçou. Ele estava com muitas saudades.

— Que bom te ver! — exclamou e, olhando ao redor, acrescentou: — Desculpa a bagunça. A gente chegou tarde ontem e...

— Vou te falar a mesma coisa que falei para o Michael: não se preocupe.

Apesar da aparente normalidade que Serena demonstrava, suas pernas tremiam de emoção. Sentia-
se feliz por estar de novo com os seus dois garotões. Aqueles a
quem ela havia mimado e de quem havia cuidado desde o dia em que apa em sua vida. Eles a convidaram a se sentar na poltrona do quarto. Por alg segundos, Serena olhou emocionada para aqueles dois homens que ela vira tornarem maduros. Eles se sentiam como dois bobalhões diante dela: estavam qua nus e ainda não sabiam o motivo daquela visita.

— Pela cara de vocês, imagino que estejam se perguntando o que vim fazer aqui.

— Sinceramente, Serena — disse Sam —, estamos muito felizes em te ve não sabemos a razão da visita, e acho que falo em nome dos dois. — Mi balançou a cabeça, concordando.

— Vim aqui porque ontem eu não pude cumprimentar vocês no auditório e porqu eu queria dizer uma coisa antes que vocês fossem embora. Pelo que entendi, você voltam pra casa hoje, né? — Os dois confirmaram e ela continuou: — E, dizer o que tenho a dizer, preciso confessar uma coisa. Sou uma mulher vivida e, minha idade, faço e falo o que me dá vontade, simplesmente porque eu qu porque acho que devo fazer.

— Caramba, Serena — interveio Michael. — Pelo visto hoje você levantou com a corda toda, hein!

Os três sorriram com aquele comentário, e em seguida ela perguntou:

— Você está bem, querido? Porque aquela joelhada que minha filha Terry te deu ontem foi cruel. Eu não consegui acreditar quando vi.

Michael suspirou.

— Estou bem, sim. Já não está doendo meu...

— Bom... bom... — interrompeu Serena. — Não precisa ser tão claro. Pra basta saber que você está melhor. — E, enrugando a testa, confessou: — Tenho u filha extremamente bruta. Peço desculpas por ela. Não sabia o que estava fazend

— Discordo, Serena — cortou Michael. — Acho que ela sabia, sim, o que estava fazendo e foi me acertar onde mais dói.

Com um sorriso dócil, ela olhou para ele.

— Você também a acertou onde mais dói.

— Deus me livre bater numa mulher — disse Michael, sem entender o comentári de Serena.

— Não falo de agredir fisicamente — reagiu Serena. — Falo que você to

ferida. E a ferida da Terry é no coração. E você, ontem, com sua impulsi acabou roubando o coração dela.

— Mas essa fera tem coração? — brincou Michael.

— Segundo a mãe dela, sim — cochichou Sam, divertindo-se.

— Minhas filhas têm corações incríveis que só batem quando vocês estão perto. E sei bem o que estou falando. Sou a mãe delas e conheço as duas ninguém.

Sam e Michael se olharam espantados, embora secretamente satisfeitos com o qu estavam ouvindo. Logo se sentaram na cama e se puseram a escutar tudo Serena viera lhes dizer.

— Quanto a você — continuou, apontando para Michael —, acha que nun reparei nas faíscas que saem entre vocês dois sempre que estão juntos?

— Serena — Michael começou a dizer —, eu acho que...

— Espera, Michael, ainda não terminei. — Ele se calou, deixando que ela

prosseguisse. — Ontem à noite vocês me confirmaram o que eu passei an desconfiando. E olha, filho, tenho que reconhecer que te adoro, como sempre ado o Sam. — Os dois sorriram feito bobos. — De todos os homens que já cercaram a Terry, você é meu preferido, porque sempre cuidou dela e se comportou c cavalheiro, deixando ela decidir o que queria fazer... e, sinceramente — co pegando a mão dele —, não sei como você pôde aguentar ver a Terry com um mo de idiotas. O que houve entre vocês ontem à noite é o que deveria ter acontecido muitos anos. Minha filha te adora e você adora ela. E o amor, pra que seja bonito verdadeiro, tem que ter paixão e loucura. E isso, garotão, vocês têm de sobra. Ent só me resta perguntar: o que você vai fazer agora?

Boquiaberto, Michael olhou para Sam e, dando de ombros, respondeu, con de que aquilo era o melhor a se fazer:

— Nada, Serena. Não vou fazer absolutamente nada.

— Nada? — repetiu ela, assombrada. — Mas, rapaz, você não entendeu o que eu disse?

— Entendi muito bem — respondeu Michael. — Mas as coisas não são tão fáceis quanto você pensa. Com a Terry, não. — A mulher suspirou. — Você tem razão e tudo. É verdade que sempre saíram faíscas quando eu e Terry simplesment olhávamos. Mas ontem rolou um curto-
circuito tão grande que o melhor, no momento, é que a gente não se veja.

— Mas, filho, eu acho que...

— Serena, agora deixa que eu falo, ok? — Ela moveu a cabeça num gest afirmativo e ele continuou: — Ontem à noite eu deixei bem claro pra sua filha o eu sentia por ela. Mas você e metade do auditório puderam ver a reação

Portanto, e como não estou disposto a receber nenhuma outra
carícia, vou pegar um

avião, voltar pra minha casa e seguir com minha vida. E, se a
Dona Emburrada —

Serena não conseguiu reprimir o riso diante de um apelido como esse — alguma coisa, é ela que vai ter que correr atrás. E pode ter certeza, Serena, de que ela vier me procurar eu não vou dar um chute nela, como ela fez comigo

contrário, vou demonstrar do que sou capaz para fazê-la feliz.

— Como você é romântico... Que brega! — debochou Sam.

E Serena não resistiu e fez um carinho em seu braço antes de se manifestar.

— Não concordo, Michael, mas não vou me meter na relação de vocês. Já que vocês dois são uns idiotas, mas enfim... — E, ao ver a cara de Sam, perguntou

— E você, está rindo do quê? Também vai embora pra casa e não vai fazer nada?

— Serena, se o Michael decidiu fazer as coisas desse jeito, eu respeito ele bem crescidinho e sabe muito bem como deve levar a vida.

Ela não conseguia acreditar no quão estúpidos todos os homens podiam ser matéria de amor.

— Não estou falando da vida do Michael, ô cabeça-dura — Serena o repreendeu.

— Estou falando da
sua vida. Vocês têm que agir como homens, não como crianças,
se é que vocês ainda não entenderam. Sam, repito, estou falando da
sua vida, querido — acrescentou, desesperada.

Claro que ele havia entendido desde o início, mas não estava a fim de falar sobre isso.

— Escuta, Serena, se tem algo que aprendi nesse tempo é a aceitar as coi como são. E, nesse caso, não existe outra saída.

— Michael, querido, pode me deixar a sós com o Sam um minutinho? Pr falar com ele em particular.

Ele fez que sim com a cabeça e se levantou, mas Sam o agarrou pela mão e o fez sentar de novo. E, olhando para Serena, esclareceu num tom ríspido:

— Não tenho segredos com ele. No passado eu cometi o erro de fazer isso, mas já aprendi a lição. Serena, se você quiser falar, vai em frente, mas meu irmão contin aqui.

Michael olhou para ele. Era a primeira vez que falava naquele tom com Serena, e ela não se intimidou e prosseguiu:

— Muito bem, garotão. Vamos conversar, então. Minha primeira pergunta é que não existe uma solução pro relacionamento com a minha filha?

— Porque aconteceu uma coisa que impede que haja uma solução — respondeu.

— Essa resposta não vale, Sam.

Ele não entendia aonde ela queria chegar.

— Desculpa, Serena, mas acho que você está se metendo num assunto particular

— disse Sam.

— Nem você nem seu tom de voz me impressionam. Te fiz uma pergunta

saio daqui enquanto você não responder.

Após trocar um olhar de incredulidade com seu irmão, Sam falou, irritado:

— Fui infiel à sua filha. Mantive uma relação extraconjugal e tive dois filhos. Por isso não tenho como voltar atrás. Agi como um verdadeiro canalha e humi Kate. O que mais você quer que eu diga?

— Você perdoou a Kate em outro momento — respondeu ela, para sua surpresa.

— O que foi que você disse? — Sam não sabia como interpretar aquilo.

— Que em outro momento você perdoou minha filha, inclusive a ajudou e, graças ao seu carinho e à sua perseverança, vocês dois seguiram em frente.

Sam não podia acreditar que Serena também sabia o que havia ocorrido e, quase sem fôlego, murmurou depois de trocar um olhar com Michael:

— Não estou entendendo o que você quer dizer. Seja mais precisa, por favor.

Serena se levantou da cadeira e sentou ao lado dele.

— Sam, nunca te falei nada, mas eu sei tudo o que aconteceu. Sei que a

durante um tempo, teve um caso com outro homem e ficou grávida dele. resolveu fazer um aborto e teve complicações e precisou ser internada no

— Sam a olhou confuso, mas ela continuou: — Também sei que, infelizm aquele aborto impediu vocês de terem mais filhos. E que você, apesar de todo o n que minha filha te fez naquele momento, perdoou e seguiu em frente. E, que você escondeu o problema pra que a gente não soubesse a verdade.

— Serena, você não deveria saber disso — murmurou, confuso.

Com carinho, ela passou a palma de sua mão pelo cabelo molhado de Sam.

— Eu me interei de tudo, mas não disse nada por egoísmo, por minha filha. Sou a mãe dela e você é o melhor homem que ela teve e jamais terá.

Nesse momento, Serena perdeu a compostura e começou a chorar. Sam a abraçou enquanto Michael corria até o banheiro para pegar lenços de papel. Quand acalmou, Serena continuou:

— Nunca tive a chance de te agradecer por continuar ao lado dela. E nun poder te agradecer por amar tanto a Kate quanto você amou e ainda ama.

— Quem te contou foi a própria Kate? — perguntou ele, aturdido.

— Não. Ela não sabe que eu sei.

— Então, quem foi?

Depois de assoar o nariz e beber o copo d’água que Michael lhe deu, ela respondeu:

— Bom, eu fiquei sabendo meio por acaso. Num dos dias que fui visitar no hospital, encontrei uma amiga e ela me disse que sua filha trabalhava lá. Com Kate estava muito fraca, pedi à minha amiga pra falar com a filha dela e se inform se estava acontecendo alguma coisa. E, bem...

— Caramba... — sussurrou Michael, entregando a ela outro lenço de papel.

— Minha amiga disse pra eu não me preocupar. Que, graças à intervençã doutor Sceller, a Kate não tinha nenhuma outra sequela além de não pode

filhos, apesar de terem agido como carniceiros com ela na clínica onde fez o abor

— Sinto muito, Serena. Deve ter sido horrível saber as coisas dessa forma

disse Michael, abraçando-a.

— Pois é — concordou ela. — Foi um desgosto muito grande, mas, apesar de ter ficado sabendo, decidi não abrir a boca.

— Como você se inteirou do resto da história? — perguntou Sam.

— Uma noite, adormeci na poltrona da sala de jantar. Você e a Kate desceram até a cozinha e eu acordei ao ouvir minha filha soluçando e te contando a ve

Escutei tudo, Sam. Foi sem querer. E juro que naquele momento, ao ver sua reaçã com minha filha, tive a certeza de que você era o melhor homem que poderia pass pela vida dela. — Sam se emocionou com o comentário e deu um beijo em Seren ela prosseguiu: — Por isso, e apesar de ter ficado muito triste ao saber que você f infiel, refleti bastante e entendi sua situação também. Sei que, depois do a Kate se afastou um pouco de você. Ficou mais fria e reservada. Vi seu so garotão. Em silêncio, eu percebia sua dor só de te olhar. Sentia que você precisav que alguém te abraçasse e te beijasse. Mas eu não podia fazer nem dizer

Achava que aquele segredo deveria permanecer entre vocês dois.

— Foi difícil, Serena — disse Sam, comovido. — E, mesmo que pareça d dizer assim, admito que, sem querer, acabei conhecendo uma pessoa que m carinho sem pedir nada em troca. Agi mal, reconheço isso e vou pagar pelo meu e o resto da vida. Mas adoro meus filhos, Serena. Todos os quatro. E eles não têm p que pagar pelos erros dos pais.

Emocionado e em silêncio, Michael apenas observava a cena. Sam assumia erro, inclusive o aumentava ao incluir Sasha na história.

— Por isso não entendo por que minha filha não o perdoou. Por acaso el esqueceu que você a perdoou? — insistiu Serena, pegando a mão de Sam.

Cheio de tato, Sam tentou explicar.

— Não, ela não esqueceu. Pode ter certeza disso, Serena. A Kate foi fanta

comigo e com as crianças. Mas às vezes a vida não permite que aceitemo coisas, e eu tenho que me conformar com a decisão dela.

— Mas, Sam, pra você também foi difícil.

— É, foi. Mas, no caso da Kate, foi algo que passou e que achávamos que só eu e ela sabíamos, enquanto no meu caso há duas crianças no meio da história, muda tudo.

— Muda o quê?

— Ué, Serena — disse Sam —, tudo. Acho estranho essa pergunta vir log você, que é a mãe da Kate e deveria estar do lado dela, não do meu.

— Eu estou do lado dela, Sam — falou Serena. — Mas deixa eu te fazer pergunta. Se minha filha não tivesse feito o aborto e o pai da criança tive desaparecido, deixando ela sozinha e desamparada naquele momento, exatar como fez, o que você teria feito? Continuaria casado com ela e aceitaria aquele be ou teria se separado dela?

Ele nem pensou duas vezes. A resposta era bem clara.

— Teria continuado com ela e criado o bebê como se fosse meu filho. To criança merece o calor e o afeto de uma família.

Após alguns segundos de silêncio, em que os três tentavam controlar as emoções, Serena prosseguiu:

— Quero que você saiba que a Kate continua te amando. Eu tenho certeza disso.

— E, olhando para Michael, acrescentou: — E também posso te garantir que a Te está apaixonada por você.

— Acho que você se engana — disse Sam, sorrindo com tristeza. — A K tem carinho por mim, e ontem à noite eu pude comprovar isso.

Ao escutar isso, Serena abriu um sorriso e esclareceu:

— Se você está dizendo isso por causa do Jack, te garanto que minha fill está nem aí pra ele, do mesmo modo que a Terry não dá a menor bola para o Gary

— Beliscou os braços deles e insistiu: — Elas só se importam com vocês. Por isso eu vou perguntar de novo: o que vocês vão fazer com as suas vidas, hein, garotões

Michael e Sam se olharam. Ver os fatos da forma como Serena estava ver maravilhoso, mas os dois sabiam a realidade. E a realidade começava com constatação de que aquelas relações eram difíceis e terminava com a convi deles de não querer morar em Nova York outra vez.

— Serena — respondeu Sam —, o que vamos fazer com nossas vidas é t vivê-
las da melhor maneira que sabemos. E essa maneira é pegando um avião sai daqui a três horas e voltando pra nossa casa.

Desesperada, Serena levou as mãos à cabeça.

— Homens... Homens... Que cabeças-
duras vocês são... — E, ao ver que sorriam,
disse entredentes: — Como diz minha neta, que babacas!

— Vou lavar sua boca com sabão agorinha — brincou Michael.

— Serena! — exclamou Sam, em meio a risadas. — Qual neta disse isso?

Ao se lembrar da conversa que tivera com Ollie na noite anterior, ela com
ajeitando o cabelo:

— Conto o milagre, mas não revelo o nome do santo. — E então se leva
pegou sua bolsa.

— Já está de saída? — perguntou Michael.

Acariciando o rosto dele, ela respondeu:

— Estou. Já falei pra vocês tudo o que eu tinha pra falar.

Enternecido pelo carinho que ela sempre demonstrava a eles, Sam disse:

— Se você esperar a gente se vestir, podemos te dar uma carona de táxi.

— Não precisa. Ainda sei voltar sozinha. Além disso, assim posso dar um
caminhada.

Ficando na ponta dos pés, deu um beijo na bochecha de Michael, e ele a abraçou
com ternura.

— Tchau, garotos. Boa viagem. E espero ver vocês em breve.

— Claro. E escuta... você pode nos fazer uma visitinha quando quiser. No
casa é sua, não se esqueça disso.

O convite a deixou emocionada. Mesmo com o passar dos anos, aqueles d
continuavam sendo os bons meninos que ela conheceu.

— Tá bom — disse, sorrindo. — Quando as meninas forem, pode ser que eu me
anime e vá com elas passar alguns dias. Assim vou conhecer esses pequerruchos.

Sam vibrou. Tinha certeza de que Serena iria se encantar com seus filhos.

— Ótimo. Eu e Michael adoraríamos.

— Eu sei, garotão — respondeu, abraçando-
o. Depois deu um beijo de despedida
e falou: — Façam uma boa viagem e não esqueçam que eu amo vocês.

Dito isso, foi embora. Quando os dois ficaram sozinhos no quarto, Michael tentou animar o irmão, ao ver sua cara desconcertada:

— Vem... a gente precisa se arrumar. Temos duas crianças esperando a gente em Oahu.

Depois de sair do hotel, Serena foi caminhando tranquilamente até o Central Park onde pegou um táxi que a levou de volta para casa. Ao chegar, encontrou sentada no sofá da sala. Vendo sua avó arrumada ao meio-
dia, ela se levantou depressa e perguntou:

— Vó, aconteceu alguma coisa?

— Por que teria que ter acontecido alguma coisa? — E, depois de ter certeza de que não havia ninguém além delas, explicou: — Fui ver seu pai e seu tio.

— Sério? — perguntou a menina. A avó confirmou com a cabeça. — Ent conta: como eles estavam?

Ela se sentou ao lado de sua neta e disse:

— Parecem cansados. Devem ter ido dormir muito tarde. E estão emocionalmente abatidos.

— Pois é, vó, eu te falei. Ontem à noite deu tudo errado. Tadinho do tio Michael.

Que joelhada horrível ele levou da tia. E fiquei com pena do papai quando ele viu mamãe indo embora com o Jack.

Serena sorriu, convencida de que a história daqueles quatro ainda não tinha acabado.

— Não se preocupe. Esses ciúmes podem ajudar.

— Vó!

— Acredita em mim — disse ela, achando graça. — Deixa eles sofrerem mais um pouco e você vai ver como vão voltar rapidinho.

— Você acha, vó? — perguntou, boquiaberta.

— Ah, sim... claro que acho.

— Mas se isso não acontecer? E se depois de ontem cada um decidir seguir sua vida?

Com um olhar malicioso, Serena riu.

— Não se preocupe, querida. A gente vai ter alguma ideia.

— Ai, vó, você é terrível. Está pensando em quê?

Aproximando-se dela, Serena cochichou:

— Por enquanto, ninguém precisa saber que eu encontrei os garotos hoje de manhã. E daqui a alguns dias você fala com seu pai e diz a ele que quer férias de verão em Oahu. Com certeza a Cat vai querer ir também e, claro, a mesma vou junto com vocês, porque eles me convidaram. Então só vai ficar faltando a gente inventar alguma coisa pra convencer sua tia e sua mãe a irem também.

Nervosa e empolgada, Ollie achou ótima a estratégia de Serena.

— Você é genial, vó. Genial! Essas ilhas são maravilhosas para as pessoas se apaixonarem — disse Ollie, abraçando a avó.

Nesse momento ouviram as vozes de Terry e Kate. Serena se levantou e cochichou de novo:

— É o que ouvi dizer, querida. Sabe como é, né? Se a montanha não vai a Maomé...

— Maomé vai à montanha — terminou Ollie, num fiapo de voz.

Animada com os planos que tinham em mente, Serena se virou para ver suas filha
e cumprimentou com alegria:

— Bom dia!

— Só se for pra você — murmurou Terry.

— Nossa, pelo visto você não está de bom humor hoje — respondeu com
sorriso que irritou sua filha.

Kate, que, em vez de ter se acalmado depois dos acontecimentos da noite anterior
estava ainda mais irritada, alfinetou com uma expressão indecifrável:

— Humor?... Humor? Só se for o seu, mãezinha. — E, dirigindo-
se à sua filha,
ordenou: — Ollie, pode nos deixar um minutinho a sós com a vovó?

Serena olhou para sua neta e, após um movimento de cabeça, a menina se
levantou.

— Tá bom.

Depois que Ollie saiu, Serena perguntou sem hesitar:

— O que houve, querida?

Postando-se diante dela, Terry a repreendeu:

— O que houve é que a gente gostaria de saber por que ontem à noite v
mandou o Gary e o Jack ficarem agarrando a gente daquela maneira. O que deu e
você, mãe? Você quer complicar ainda mais as coisas?

— Do que você está falando? — perguntou inocentemente, enquanto obser
sua neta Ollie escondida atrás da porta.

— Mãe, por favooooooor — protestou Kate.

— Olha só, mãe — gritou Terry, mais temperamental que a irmã —, você nunca s
meteu na minha vida e não é agora que eu vou deixar você começar. Mer
quando se trata daqueles vermes imundos de quem eu prefiro nem citar os nomes

— Está se referindo ao Sam e ao Michael? Tadinhos. Não chama eles assim.

— Mãe, de que lado você está? — disse Kate, que não estava entendendo nada.

Serena ia responder quando Terry, retirando o cabelo ruivo do rosto, vociferou:

— Que história é essa de querer ver a reação do Michael? Você ficou louca, mãe?

Não lembra tudo o que aconteceu? E não percebe que, agindo assim, a úr que você faz é prejudicar a gente? Ai, mãe! Eu nunca teria imaginado que você se capaz de uma coisa dessas. Nunca!

Teatralmente, Serena tirou um lenço do bolso de seu casaco e, fazendo car triste, disse num tom de gemido:

— Minhas filhas, vocês têm razão e eu sinto muito. Sei que agi mal, mas não podia ter feito outra coisa.

Ollie estava atônita e mal podia acreditar no quanto sua avó era boa atriz.

— Como assim não podia ter feito outra coisa?

— Ah, mãe, claro que você podia ter feito outra coisa — replicou Terry, cada vez mais furiosa. — Podia ter se mantido fora disso, como sempre fez.

Serena desatou a chorar copiosamente, diante dos olhares perplexos de suas filhas e sua neta.

— É que... — disse em meio aos soluços — é que eu não podia suportar ver os dois chegando tão bem acompanhados por aquelas mulheres lindas, e vocês...

Mas não completou a frase. Continuou chorando enquanto Ollie teve que t boca para não soltar uma enorme gargalhada. Sua avó era uma figura!

Kate e Terry se olharam alarmadas. Sua mãe nunca havia chorado desse jeito.

— Vem, mãe, não fica assim. Por favor, não chora — disse Kate, tentando acalma

la.

Mas Serena, liberando toda a sua veia interpretativa, enxugou os olhos e disse:

— Eu queria que eles vissem como vocês estavam lindas mesmo sem eles

Principalmente, queria que vissem que homens do porte de Jack e Gary ficam lou
por vocês. Ou por acaso vocês acham que pra mim foi fácil ver os dois
acompanhados por aquelas moças, enquanto minhas filhas, minhas lindas fi

estavam sozinhas? — E, depois de um profundo suspiro de lamento, prosseguiu:

Não. Eu não pude resistir. Quis mostrar pra eles que vocês valem muito n
aquelas duas.

Comovida, Terry sorriu e se sentou ao seu lado para abraçá-la.

— Mamãe, mamãe... você é cheia de surpresas — murmurou.

Kate se acomodou do outro lado de Serena e, passando os braços em torn
ombros dela, disse:

— Mãe, pelo amor de Deus, não chora. Fica calma, senão a pressão vai subir. Pra
gente não faz diferença o que eles veem ou deixam de ver. Eu e a Terry
felizes assim, com você e com as meninas. Sério, mãe, não se preocupa.

Abraçada às filhas, Serena piscou um olho para Ollie, que se divertia com aquela
cena. Depois de alguns segundos, ela se desvencilhou do abraço e, levanta
se, murmurou com voz trêmula:

— Minhas filhas, me desculpem. Prometo que não vou mais interferir na vida de
vocês.

Terry a beijou com amor. Sua mãe era maravilhosa.

— Aliás, de onde você vem tão linda e arrumada a essa hora?

Serena teve que conter o riso.

— Fui à igreja. Não consegui dormir direito, pensando no que fiz. E agor
licença, mas preciso subir para o quarto e descansar um pouco até a hora do almo

Estou exausta.

— Isso, mãe — disse Kate. — Sobe e tira um cochilo. E, de verdade, não precisa

se preocupar com nada.

Com o rosto ainda abatido pelo choro, Serena foi embora. Quando as irmã ficaram sozinhas, Terry murmurou:

— Cá entre nós, a mamãe é imprevisível. Você acredita que ela veio da i mesmo?

— Olha, Terry, minha cabeça está doendo tanto que pra mim tanto faz de onde el veio. O importante é que já sabemos por que a mamãe agiu daquela form dá até pena...

— Tadinha da mamãe. Como está sofrendo!

Enquanto isso, Serena ria escondido com sua neta Ollie no caminho para o quarto

— Vó, você é melhor que a Bette Davis. Que drama! Que força! Depois desempenho, você merece um Oscar de melhor atriz.

Achando graça do comentário de Ollie, Serena respondeu, baixando a voz:

— Tá bom, tá bom, sua atrevida. Agora você já sabe: fica de bico calado gente poder levar nosso plano adiante.

— Às suas ordens, Bette Davis.

Cinco minutos depois, as duas, reunidas no quarto de Serena, pensavam em

poderia ser o próximo empurrãozinho.

Capítulo 28

Passado um tempo, Sam começou a planejar as férias de suas filhas. Mal acreditar que elas estariam perto dele em breve. Ollie já dissera que as du morriam de vontade de ir, e Sam não perdeu tempo. Como Serena também se ani a viajar, ele falou com a sra. Talula, que aceitou alugar para eles a casinha ao lado

Era exatamente igual, mas tinha poucos móveis: apenas algumas camas que netos usavam quando iam visitá-la.

Sam ligou para suas filhas, que ficaram muito felizes com a notícia.

— Que legal, pai! — gritou Ollie. — Assim vamos ter mais espaço e poderemos almoçar e jantar juntos todo dia.

— Sim, princesa — disse, sorrindo e olhando para o mar. — O que a mamãe falo sobre a viagem?

— Por ela tudo bem. E até nos animou a te convencer a levar a gente pra conhece algumas ilhas. — Sam sorriu. — Já a tia se irritou um pouco com a vov entendeu por que ela iria com a gente. Mas depois conversou com a mamãe e ach que agora está mais relaxada. Se bem que você sabe como ela é, né? Nu sabe...

— Não se preocupa. Isso vai passar. — Sam não conseguiu reprimir um sorriso.

Podia imaginar o quanto Terry devia estar uma fera.

Quando Sam desligou o telefone, Michael apareceu pela porta, brincalhão sempre.

— Queridinho. Já coloquei as crianças pra dormir. Enfim, sós! — disse, olhar para seu irmão, perguntou: — Por que está com essa cara tão séria?

— Acabei de falar com a Ollie pra contar sobre a casa que vamos alugar, ficou superfeliz.

— E por que você está com essa cara, então?

— Não sei... — suspirou Sam. — Talvez seja pela vontade enorme que eu tenho de ver as duas e abraçá-las.

Michael se apoiou no batente da porta.

— Só elas?

— Engraçadinho... — disse Sam, bufando. — Pois fique você sabendo que a Kat está adorando a ideia de as meninas virem passar uns dias aqui com a ge não posso dizer o mesmo da sua doce e encantadora Terry.

Michael esboçou um sorriso triste ao se lembrar daquela mulher que por t

noites tirava seu sono.

— Ué, Sam, já era de se esperar isso da parte dela. Sua cunhada continua sempre. Não mudou nem um tiquinho. Ainda é uma autêntica barraqueira.

Abatido, Michael deu meia-volta e foi para o seu quarto. Fechou a porta e deitou na cama, preparado para passar por mais uma daquelas intermináveis noites, em q a lembrança e o perfume de Terry inundariam sua mente e seu corpo.

Finalmente chegou o dia. O avião aterrissou na hora prevista e Sam ficou quando os portões do desembarque se abriram e suas filhas apareceram junto com avó.

— Papai! — gritou Ollie, empolgada. — Estamos aqui!

— Papai! — exclamou Cat, enquanto Serena sorria diante da alegria de suas netas ao verem Sam.

Foi correndo na direção delas e as abraçou eufórico.

— *Aloha*, princesas! Que bom que vocês estão aqui!

— E eu? Ninguém vai me abraçar, não? Sou invisível? — disse Serena.

Sorrindo, Sam se virou para ela, deu-
lhe um abraço afetuoso e sussurrou num tom brincalhão:

— Mas como você é ciumentinha. *Aloha,* Serena. Bem-vinda à minha terra.

A mulher sorriu, desvencilhou-se dele e perguntou, olhando para os lados:

— Cadê meu outro garotão?

— Está em casa esperando a gente — respondeu Sam.

— Deve estar com a Sasha e o Tommy — disse Ollie tranquilamente.

— Sim, querida, ele está com eles — confirmou seu pai, pegando a mala Serena.

— E por que não vieram? — perguntou Cat.

— Bom, porque... — começou a dizer Sam, mas Serena o interrompeu.

— Meninas, deixem de perguntas e não vamos perder mais tempo aqui. A Sam, preciso ir à farmácia. — E, ao ver uma ali mesmo no aeroporto, dis dinheiro às suas netas: — Vão até lá e comprem o remédio pra enjoo, por favor.

Quando as meninas se afastaram, Sam fez menção de dizer algo, mas Sere antecipou.

— Por que Michael e as crianças não vieram? Você vai escondê-los enquanto eu estiver aqui? Porque, se for assim, garotão, juro que pego o primeiro avião de vol a Nova York.

— Não. Não é isso — disse Sam, sorrindo, ao se dar conta de que ela o repreendia como no passado. — É só que eu não sabia se devia trazê-los ao aeroporto. Eu estava inseguro em relação a isso.

— Pode ir perdendo essa insegurança, Sam. Eu vim pra cá já sabendo da

realidade.

— Tudo bem... tudo bem — disse ele. — Não se preocupa. Eu não vou ficar inseguro em relação a isso.

— Sam, acho que, depois de tudo o que aconteceu, as coisas ficaram claras entre a gente e...

— Tem razão — interrompeu ele e, para mudar de assunto, cochichou: — sinal, já comentei que você está linda hoje?

Isso lhe trouxe recordações. Era uma brincadeira a que Sam havia recorrid vezes quando queria encerrar qualquer leve discussão entre eles.

— Não começa, vai, seu puxa-saco — respondeu Serena, rindo. — Olha lá, as meninas estão vindo.

— Estamos aqui — disse Cat. — Toma, vó, seus comprimidos.

— Obrigada, querida. Resolvi comprar só por via das dúvidas — disse, enquanto passava pela porta junto com Cat.

Ollie ficou ao lado de seu pai e, surpreendendo-o como sempre, sussurrou:

— Imagino que a vovó já tenha te passado o sermão dela, né?

Sam achou graça do comentário da filha: ela conhecia muito bem Serena.

Quando chegaram à casa alugada para elas, ele desligou o motor do carro. depois de pensar por alguns segundos, resolveu ligá-
lo de novo e foi para a casa ao
lado. Ollie foi a primeira a descer do automóvel e correr para dentro, segu uma tímida mas curiosa Cat, enquanto Sam ajudava Serena a descer.

— Pensei em parar aqui primeiro pra você ver o resto da família antes de pra casinha que aluguei pra vocês.

— Ótimo. Assim que eu gosto. Sem hesitar.

Sam sorriu e, pegando-a pelo braço, andou até o interior da casa. O que Sam não desconfiava é que Serena estava muito nervosa. Iria conhecer o motivo da separa de Sam e sua filha, mas era tão boa atriz que ninguém se deu conta disso. Ao entr naquela casa agradável, luminosa e acolhedora, seu olhar percorreu todos os cant

— Devem estar na parte de trás. Na praia — disse Sam.

Sem deixar de olhar ao redor, Serena parou no meio da sala.

— Que casa maravilhosa. É exatamente como vocês descreveram — disse sinceridade ao se lembrar das vezes que havia escutado falar daquele lugar.

Sam também olhou em volta e fez que sim com a cabeça.

— Pra mim e para o Michael, essa sempre foi nossa casa. Nosso ponto d referência.

Nesse momento apareceu Michael.

— Serena, finalmente você chegou! — disse, abraçando-a.

— Como você está, querido?

Com um amplo sorriso que a emocionou, ele respondeu:

— Melhor agora que você está aqui.

Comovida com aquele encontro caloroso, a mulher murmurou com os olhos cheio d'água:

— Fico feliz em ver que certas coisas nunca mudam.

— Pra você, nunca mudarão.

— Obrigada, garotão — disse e, enxugando as lágrimas, acrescentou: — E estava dizendo ao Sam que a casa é maravilhosa. Que ótima luz vocês têm como ela é harmoniosa.

Michael olhou de um jeito cúmplice por cima dos ombros de Sam e murmurou:

— É nosso ninho de amor. Um lugar muito especial.

Serena caiu na gargalhada com aquele comentário.

— Onde estão as crianças? — perguntou com curiosidade, olhando mais uma vez ao redor.

— Estão falando com a Ollie e a Cat. Vem, vou te apresentar a elas — c Michael e, pegando-a pela mão, os três foram até a parte de trás da casa.

Assim que passaram pela porta dos fundos, Serena ficou maravilhada ao se diante de um mar incrível e cristalino. Mas seus olhos logo se dirigiram a um gru de crianças que estavam num canto da praia.

— Ollie! — gritou Sasha, abraçando Ollie. — Que legal que você está aq estava morrendo de saudade.

— Eu também, linda. Tudo bem por aqui?

— Tudo.

— E a Rachel? Voltou a bater em você? — A pequena confirmou com a cabeça, e Ollie, franzindo a testa, murmurou: — Acho que vou ter que ir atrás dessa menina dizer umas coisinhas a ela. — Ao ver que Sasha sorria, Ollie pegou sua i mão e disse: — Olha, Sasha, lembra que eu te falei que tinha uma irmã?

menina balançou a cabeça, concordando. — Então, ela veio aqui conhecer você e Tommy.

Com uma timidez pouco comum, Cat a cumprimentou:

— Oi, Sasha.

— Oi, Cat — respondeu ela, agarrou com força a mão de seu irmão e di

Esse aqui é o Tommy. Não fala muito porque é pequeno, mas também está feliz e te conhecer, assim como eu.

Cat se aproximou, deu um beijo na bochecha dele e o garoto sorriu.

— Oi, Tommy — falou e, olhando de novo para a menina, perguntou: — Posso te dar um beijinho também?

Sasha não hesitou e, antes que Cat fizesse qualquer movimento, ela mesma

atirou em seus braços e deu um beijo estalado.

— Quer ser minha irmãzinha e do Tommy?

Emocionada, Cat olhou para Ollie, que deu de ombros, e respondeu:

— Claro que quero.

Nesse momento, a menina deu uma risada e, com cara de sapeca, cochichou:

— Você vai ver quando o tio Michael ficar sabendo. Outra menina!

Depois desse comentário de Sasha, entraram felizes na casa, alheias aos ol atentos de Sam, Michael e Serena. Quando notou a presença deles, Sasha pergunt

— Quem está com o papai e o tio?

— É a vovó. Ela veio com a gente — respondeu Ollie.

— Que bom! — disse a menina, pondo-se a correr na frente delas.

A partir da casa, dava para ver as meninas se aproximando e Sasha vindo até eles

Ao chegar diante dos três, ela parou de repente, olhou fixamente para Serena e di

— Oi. Eu sou a Sasha e esse que está vindo com minhas irmãs é o Tommy, meu irmãozinho.

Agachando-se para ficar na altura da menina, Serena respondeu:

— Oi, Sasha. — E, colocando a mão no rostinho dela, murmurou: — Você é muit linda, sabia?

— Sabia. Meu pai fala isso — respondeu, sorrindo. — Diz que eu pareço mamãe. Ela era muito bonita.

Sam fechou os olhos e esperou o desastre. Mas Serena o surpreendeu ao responder:

— Não duvido, querida. Então, só pra confirmar, você é a Sasha e esse rapazinho que vem nos braços da Ollie é o Tommy.

— Isso. Olha só...

Ao imaginar o que a menina ia perguntar, Sam murmurou enquanto a pegava pela mão:

— Sasha, fica quietinha, querida.

— Deixa ela falar, Sam — replicou Serena, olhando-a nos olhos. — Diga, meu amor, o que você ia perguntar?

Ao ver a agonia de Sam, Michael pegou a menina nos braços para dar um mãozinha a ele.

— Xiiii... Serena, você não a conhece. Quando começa a perguntar, ela não para, e você ainda vai ficar muitos dias aqui na ilha. Então é melhor que ela não te encl de perguntas logo no início.

Naquela noite, jantaram todos juntos um churrasco que fizeram nos fundos casa. Foi uma noite bem agradável, na qual voltaram a ser uma família, e faltassem alguns membros dela.

Capítulo 29

Nos três primeiros dias, todos aproveitaram a praia, o sol e o mar. Pareciam felize
e, como Sam e Michael imaginavam, Serena aceitou as crianças com o maior cari
e sem nenhuma restrição, e sempre que podia brincava com elas. Rapidam
decorou o suco preferido de Sasha e a melhor maneira de botar Tommy para dorn

Como sempre, Serena ajudava em tudo e tê-la por perto facilitava a vida deles.

Uma noite, enquanto Sam lia uma historinha para sua filha antes de dormi
interrompeu com uma de suas perguntas inesperadas:

— Papai, você acha que a Serena gostaria de ser minha avó?

Eu, sabia, querida. Sabia que mais cedo ou mais tarde você perguntaria i
pensou Sam e deixou o livrinho sobre a cama.

— Você já tem uma vovó, princesa.

— Não, papai. Ela foi para o céu junto com a mamãe.

Com dor no coração, Sam moveu a cabeça num gesto afirmativo.

— Eu sei, querida, mas ela era sua vovó — disse e, pegando o livro de
acrescentou: — Deita. Fecha os olhinhos e tenta dormir.

— Mas, papai, eu quero ter uma avó como a Ollie e a Cat. Por que eu não posso?

Engolindo com dificuldade, Sam repetiu:

— Sasha, você tem uma avó. Mas ela está no céu, junto com a mamãe,
tudo o que você faz aqui.

— Isso eu já sei — insistiu a menina, que pegou a foto que ficava na sua mesinha
de cabeceira e disse: — Eu sei que minha mãe e minha avó são essas, mas eu que
ter uma mãe pra me abraçar e me fazer sanduíches de queijo e uma avó pra me da
beijinhos e me comprar sorvete. Ollie e Cat têm. Por que eu não?

— Escuta, querida — respondeu Sam, cada vez mais encurralado pelas insistente
perguntas da menina. — Serena te adora e vai te dar todos os beijinhos q

quiser, mas ela não é sua avó e...

— Mas de repente, se eu perguntar, ela vai dizer que sim — interrompeu, sem se dar por vencida. — Ela é muito legal comigo e talvez vá gostar da ideia.

Confuso, Sam largou o livro e, tentando não ser muito duro com uma criança tão pequena, respondeu:

— Olha, Sasha, não acho uma boa ideia. Você é muito nova para entender certas coisas, mas eu sou seu pai e preciso que você confie no que eu te digo. pergunte mais nada, por favor. Promete?

Serena podia ser uma mulher adorável, mas aquilo tudo lhe parecia excessivo.

— Mas, papaaaaaaai... — queixou-se a menina.

— Princesa, a Serena te adora. Posso garantir que ela vai brincar contigo, comprar um monte de sorvete pra você e vai te dar mil beijos e abraços,

favor, promete pra mim que não vai pedir isso a ela.

A cara séria de seu pai, somada às lágrimas que ela viu brotar nos olhos dele, fez a menina finalmente concordar.

— Tá bom, papai.

Sam a abraçou e a beijou na cabeça com ternura. Apesar de estar cercada pessoas que a amavam, a menina sentia falta do que nunca poderia ter e isso aflig seu coração. Do outro lado da porta, Michael havia escutado a conversa entre pai filha e não pôde deixar de suspirar ao ver Sam encolher-
se de tristeza, então voltou ao seu quarto sem dizer nada.

No dia seguinte, lá pelas onze da manhã, estavam quase todos pegando sol na pra

Fazia um dia bonito, mas ventava, por isso a praia logo se encheu de surfistas.

— Pai — disse Ollie. — Acha que posso entrar no mar hoje com vocês e com a prancha?

Ao ver a cara contrariada que Serena fazia, entendeu que ela não gostou muito da

ideia.

— Nem pensar, querida. Hoje só as pessoas experientes vão poder surfar, e você, minha lourinha linda, ainda não sabe o suficiente pra conseguir se virar so dentro.

Aliviada, Serena balançou a cabeça e disse:

— Tá vendo, Ollie? Como você é cabeça-dura!

A jovem ia protestar quando se ouviu a vozinha de Sasha.

— Ollie, vem brincar comigo na areia?

Depois de olhar para seu pai e sorrir, Ollie se levantou.

— Claro. Estou indo agorinha.

Sasha pegou seu balde e foi até a beira da praia. Mas parou no caminho para olha seriamente na direção de Serena. Ao ver que a menina a observava, Seren

Segundos depois, a menina retribuiu o sorriso. Serena não podia ignorar o jeito co Sasha a olhava. Inclusive quando estava fazendo carinho em uma de suas netas, e exigia sua atenção com os olhos ou com gestos. Sasha era uma menina m carinhosa e precisava o tempo todo que alguém a abraçasse e, embora Mic Sam lhe dessem muita atenção, a menina buscava Serena continuamente.

— Uau... uau... — brincou Michael, enquanto não perdia de vista o lugar onde muitos outros surfistas olhavam. — Você viu a bunda daquela menina que e colocando um chapeuzinho no Tommy?

Sam dirigiu o olhar para onde Michael indicava. Junto a seu filho havia uma moç agachada com um minúsculo biquíni que mostrava mais do que escondia.

— Que visão incrível. — Sam riu, olhando descaradamente, assim como to

mundo.

De repente a menina se levantou, e qual não foi a surpresa deles ao ver quem era.

— Cat! — gritou assustado enquanto se aproximava dela correndo com un

toalha. — Como é que você sai de casa assim?

— O que é que tem, pai? — respondeu contrariada, sentindo-se glamorosa com aquele biquíni preto, os óculos Moschino e um chapéu de palha. — Pai, p tira essa toalha de cima de mim agora mesmo.

— Mas você ficou louca? — repreendeu-a Michael, aproximando-se dela com outra toalha. — Como tem coragem de sair desse jeito?

Irritada com a implicância do seu pai e seu tio e a insistência deles em c la com uma toalha, ela gritou, fora de si:

— Vocês estão doidos ou o quê? Nunca viram um biquíni?

— Você chama isso de biquíni? — exclamou Michael, perplexo, e ao ver caras olhando para ela, bradou: — E você aí... ou para de olhar pra minha sobrinh com essa cara ou eu parto pra cima de você!

— Tio Michael! — gritou Cat, envergonhada.

— Tirem os olhos de cima dela — bufou Sam, dirigindo-se a uns meninos. —

Essa é minha filha e tratem de tomar muito cuidado.

— Pai! Tio Michael! — disse, furiosa. — Ou vocês tiram essas toalhas d de mim ou eu mesma tiro e vai ser pior. Isso aqui é um biquíni e não es mostrando nada que as outras também não mostrem. Tirem essas toalhas a mesmo ou eu não respondo por mim!

Aquele ultimato, somado à cara irritada que a jovem fazia, levou Sam e Michael a baixarem as toalhas para deixar passar uma deslumbrante Cat. Envergonhada por pai e seu tio, ela se sentou ao lado da avó e da irmã, que estavam morrendo de rir.

— Me sinto péssimo, Sam — sussurrou Michael, constrangido.

Sam não podia acreditar no que tinha acabado de acontecer.

— Como ela cresceu, né?!

— Ai, meu Deus, eu olhei pra bunda da Cat, minha sobrinha, de uma ma indecente — disse, preocupado. — Me sinto péssimo — repetiu Michael.

— Se serve de consolo — sussurrou Sam —, eu olhei de maneira tão ind quanto você, sem reparar que era minha filha.

Eles se entreolharam com expressão séria e, ao se darem conta do absurdo situação, acabaram caindo na gargalhada, enquanto as meninas os observav desconcertadas.

À tarde, após um maravilhoso dia de sol e praia, Serena comentou que qu para suas filhas. Sam e Michael não hesitaram em oferecer o telefone de

consultou o relógio, discou o número e calculou a hora em Nova York.

— Oi, Kate. Como você está, querida?

Ao reconhecer a voz de sua mãe, ela sorriu.

— Bem, mãe, e vocês? Como estão as coisas por aí? — respondeu, deixa se cair no sofá ao lado da irmã.

Ao ver pelo canto do olho que Sam e Michael estavam atentos à sua con respondeu em alto e bom som:

— Tudo ótimo, filha. Isso aqui é uma maravilha. A casa é uma beleza e onde os garotos moram é um paraíso.

Ao se lembrar com carinho daquela casa, Kate sorriu.

— Sim, mãe. Eu lembro que era um lugar muito bonito. Como estão as meninas?

— Ótimas. Hoje fomos à praia e eu fiquei vendo os garotos surfarem. Kate, você nunca me contou que eles eram tão bons nisso. Ai, mas que medo eu sentia cada que caíam! Parecia que iam quebrar a cabeça.

— Mãe, isso eu te disse há muitos anos. E pode ficar tranquila, porque o Sam e o Michael sabem se virar muito bem na água. Por sinal, como estão seus enjoos?

— Não senti mais nada. Acho que o clima aqui me faz superbem. Bom, e a Terry,

por onde anda?

— Está aqui do meu lado. Espera, vou passar o telefone pra ela. Um beijo, mãe, e diz pras meninas que eu amo as duas.

— Tá bom, querida. Pode deixar que eu falo, sim.

Terry pegou o telefone que a irmã lhe estendeu e disse:

— Oi, mãe, tudo bem?

— Tudo ótimo, Terry — respondeu e viu que Michael ficou tenso. — Est passando umas férias incríveis. Filha, esse lugar é um paraíso.

Terry não pôde reprimir um sorriso e murmurou para fingir que não estava importando:

— Bom, não é pra tanto, mãe.

— É sim, filha — insistiu. — Isso aqui é maravilhoso. Sol, bebidas geladinhas e excelente companhia. Ai, filha, eu adoraria que vocês viessem passar uns dias co gente. Seria ótimo, e acho que o ar daqui faria muito bem a vocês.

Michael ficou petrificado. Terry ali?

— Não acho que seja boa ideia, mãe — respondeu ela rapidamente. — O não está pra isso. Não faz sentido reunir todo mundo agora.

Serena sorriu e repetiu num tom claro e alto:

— Filha, pelo amor de Deus, não teria problema algum. Não acho que os garotos se importariam se você e a Kate viessem passar uns dias aqui. Quer que pergunte?

— Não.

— Tem certeza, filha? Olha que...

Terry se levantou do sofá de um salto, alarmando sua irmã.

— Não, mãe. A resposta é *não*.

— Tá bom, filha... tá bom. Não precisa ficar assim.

Michael sorriu ao imaginar a resposta e relaxou.

— Mãe, escuta — disse Terry, mais tranquila. — O importante é que voc aproveitem e que voltem bronzeadas e descansadas.

— Combinado, filha — respondeu Serena e, ao ver que Sam e Michael tinham id dar atenção às crianças, acrescentou: — Anotem esse telefone para o caso precisarem de alguma coisa e os celulares não funcionarem.

Depois de ter certeza de que a filha tinha anotado o número, Serena se de dela e desligou.

— Hora de dormir — comentou Michael, levantando-
se enquanto pegava Tommy nos braços e incentivava Sasha a dar boa-noite.

— Poxa, tio, só mais um pouquinho! — pediu a menina.

Michael coçou a barba que estava começando a crescer.

— Hummm, vamos ver, você quer que eu leia a parte da história em que princesa lutava contra o duende verde e fedorento?

— Quero!

— Então, meu amor, você tem que deitar agora, porque se ficar tarde eu não vou poder ler.

— Tá booooooooom — gritou Sasha, que numa fração de segundos desapareceu da sala.

Surpresa com o jogo de cintura de Michael para lidar com aquela situação, Serena fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Caramba, Michael, estou vendo que você leva jeito pra cuidar de crianças.

— Adoro cuidar desses diabinhos. E hoje eu fiquei de ler pra Sasha uma histórias preferidas dela.

Sam, que entrava trazendo uma chupeta para Tommy, pegou o menino nos braços

— Não sei o que faria sem o Michael. Ele cuida de todas as minhas necessidades

— disse.

— De todas? — brincou Ollie.

Ao entender a piada de sua filha, Sam riu e Michael esclareceu, achando graça:

— Podemos dizer de quase todas, porque, acredite ou não, eu também ajudo seu pai a conhecer algumas garotas da ilha.

Ollie não gostou nem um pouco de ouvir aquilo, mas disfarçou.

— Aliás, são lindíssimas as moças da ilha — interveio Serena. — Não têm nada a ver com as meninas de Nova York. Fazem mais o tipo “beleza exótica”.

— Têm uns corpos incríveis — concordou Cat.

— São muito exóticas. Como eu! — brincou Michael, caminhando atrás de Sasha

— Não. Você é um palhaço, isso sim — disse Serena.

— Disso não há a menor dúvida — concordou Sam.

— Por falar nas ilhas, podíamos ir amanhã fazer um passeio em Pearl Harbor e na praia de Waikiki. O que vocês acham? — sugeriu Ollie, tentando mudar de assun

— Ótimo! — respondeu Serena, entusiasmada.

— Então está combinado — confirmou Sam. — Amanhã vamos todos a Waikiki.

O passeio foi um sucesso. Primeiro foram a Pearl Harbor. Um lugar histórico ond no dia 7 de dezembro de 1941, morreram 2.335 marinheiros americanos ac atacados de surpresa pelos japoneses. Em consequência daquele ataque, os Estado Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial.

Comovidos pela história, eles visitaram as instalações, incluindo o submarin Bowfin. O tour abrangia também um passeio numa lancha da Marinha dos Unidos. Desembarcaram no Memorial Arizona, construído sobre o casco af do encouraçado
U.S.S. Arizona. Serena terminou a visita com lágrimas nos olhos.

Tudo aquilo trazia recordações que haviam ficado guardadas em seu coraçã durante anos. Ao vê-
la tão triste, Sam a abraçou para que ela pudesse extravasar
seus sentimentos. Depois foram até Waikiki, onde curtiram uma praia incrível.

— Uau. Esse lugar é impressionante — comentou Serena, mais animada.

— Pai — disse Ollie —, quanta gente tem aqui!

Sam olhou ao redor e sorriu.

— Filha, estamos em Waikiki! É o maior destino turístico das ilhas. Isso aqui é o paraíso do turismo.

— E você não faz ideia de como é caro — observou Michael. — Aqui s por tudo. Daqui a pouco vão cobrar até pra respirar.

Ao ver uma casinha de madeira pintada em tons verdes, Ollie disse:

— Olha, pai, naquela construção cheia de pranchas há uns cartazes oferece aulas de surfe.

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro, filha. É a maneira que muitos velhos surfistas encontraram de ganhar a vida.

Michael olhou com curiosidade para o lugar apontado.

— Talvez o Bumasa esteja lá.

— Bumasa? — perguntaram em coro Serena e as meninas.

— É um velho amigo. Vive de dar aulas aos turistas — explicou Sam.

Michael olhou novamente ao redor para localizá-lo e apontou em sua direção.

— Olha, lá está ele. Vamos falar com ele.

Andaram até a casinha. Ao vê-
los se aproximar, Bumasa saiu e deu um longo

abraço neles. Sam apresentou Serena e suas filhas, e ele as elogiou educad dizendo que eram muito bonitas. Conversaram um pouco, depois se desped seguiram seu caminho. À tarde, enquanto pegavam sol na praia, Ollie perguntou:

— Pai, vocês poderiam dar aulas de surfe?

Sentando-se para olhá-la, Sam fez que sim com a cabeça.

— A gente já deu aulas, filha.

— Sério? — perguntou Cat, espantada.

Depois de colocar o chapeuzinho verde quadriculado em Tommy, Michael disse:

— Sério, querida. Há muitos anos, quando não éramos advogados, essa era forma fácil de ganhar dinheiro.

— E com certeza também deveria servir pra vocês conquistarem as garotas

disse Serena, sorrindo, e acrescentou: — E eu não estranharia se soubesse que vo as conquistam até hoje...

Michael piscou um olho para ela.

— A gente faz o que pode, Serena — brincou ele.

Uma gargalhada geral tomou conta do ambiente depois desse breve diálogo que Cat apontou com o dedo.

— Olha, pai, seu amigo Bumasa vai dar uma aula.

Nesse momento, Bumasa, um surfista já não tão jovem, mas ainda cheio d energia, caminhava na direção da água na companhia de uma garota.

— Claro, princesa, é o trabalho dele. Há aulas de surfe nessa praia desde os anos 1930. As ondas não são enormes, mas têm força para fazer a prancha des elas e assim a pessoa pode quase dançar com as ondas.

— Quanto custa a aula? — perguntou Cat, curiosa.

— Acho que uns 45 dólares a hora — disse Michael. — Por que pergunta?

— Só por curiosidade, tio.

— É engraçado ouvir você dizer isso de “dançar com as ondas”. Soa estranho —

observou Serena.

Michael se virou para ela e, depois de piscar para umas meninas que o olhavam, acrescentou:

— Quando uma pessoa está surfando, sente como se o corpo, o mar e o fossem uma coisa só. É a união dos elementos, e esse conjunto faz com c sinta o “Mana”.

— *Mana?* — perguntou Cat. — O que é isso?

Os dois irmãos se olharam, e foi Michael quem respondeu:

— O Mana é a união de várias coisas. É o poder mágico que se sente qu você dança com as ondas. Quando seu corpo sente o Mana, você consegue voar.

Ao ver as caras das meninas, Sam acrescentou:

— É incrível sentir isso e muito difícil de explicar. É como o seu tio diz poder especial. Um pico de adrenalina impressionante. O Mana é o poder.

— Parece bom — disse Ollie. — E, realmente, na primeira vez que consegui me equilibrar por um segundo em cima da prancha, senti uma adrenalina incrível.

— Então imagina quando você pode cavalgar por mais que alguns segund cima das ondas — disse Michael, acariciando os cabelos louros dela.

— Espero sentir o Mana. Eu adoraria! — comentou, sorrindo.

Cheio de orgulho pelo modo como sua filha observava o mar e o surfe, S trocou um olhar com seu irmão e, abraçando aquela pequena, murmurou:

— Tenho certeza de que você vai sentir.

Capítulo 30

Dois dias depois, Ollie e Cat foram até a casa de seu pai para tomar café da manh

como já era habitual.

— *Aloha* — saudou Ollie ao entrar.

— *Aloha*, lindas — respondeu Sam.

— Bom dia, princesas — falou Michael. — Sentem aqui com a gente na mesa.

— Onde está a vovó? — perguntou Sam, surpreso com a ausência.

— Ela estava exausta — explicou Cat. — Disse que preferia descansar um pouco mais.

Ao consultar seu relógio, Michael apressou a pequena Sasha.

— Termina logo o leite pra eu te levar para a escola.

A menina resistiu.

— Não quero ir. Quero ficar aqui com a Ollie e a Cat. E estou com dor barriga.

Michael e Sam se olharam e sorriram. Sasha e seu teatrinho...

— Nem pensar, mocinha. Já conhecemos essa história — sussurrou Sam. -

Ontem você já faltou, isso não vai acontecer hoje de novo.

Com uma expressão emburrada, ela deu um chute no pé da mesa.

— Não é justo. Quero ficar com elas.

Para tentar acalmá-la, Ollie interveio:

— Prometo que vamos te buscar no colégio. Depois a gente vai à praia e construir um castelo de areia enorme pra poder brincar com a Barbie, quer?

A menina coçou o queixo, pensou um pouco e concluiu que não era má i

Bebeu seu leite e respondeu:

— Tá bom. Mas não esquece que vocês vão ter que me buscar.

Sam e Michael se olharam e suspiraram. Aquela menininha estava se torna uma espertinha e sabia como conseguir o que queria.

— Sam, vou dar um pulo no escritório pra ver se chegou alguma correspondência

Volto em uma hora. Vão pensando aí o que vocês querem fazer hoje.

Dito isso, Michael saiu com as crianças e Sam ficou sozinho com suas filhas.

— Então, meninas, o que estão a fim de fazer hoje?

— O que acha de irmos a Honolulu fazer compras?

Sam sorriu. Cat e sua mania de shopping.

— Você é incorrigível, querida — disse ele, mas, como queria satisfazer todos os caprichos delas, aceitou. — Não se fala mais nisso, então. Quando o tio v vamos todos a Honolulu.

— E a vovó? — perguntou Ollie.

— Terminem o café da manhã que eu vou lá falar com ela, depois eu volto.

Sam caminhou até a casa ao lado. Bateu na porta e foi entrando.

— Serena, posso entrar?

— Claro — disse ela, saindo da cozinha.

Ao ver a cara dela, perguntou preocupado:

— O que houve? Está se sentindo mal?

Sentando-se no sofá da sala, ela respondeu:

— Estou um pouco cansada, mas não precisa se preocupar. Sabe como é, filho...

A idade.

Mas a resposta dela não o convenceu.

— Sério. Se você está passando mal, Serena, eu te levo agora mesmo ao hospital.

— Nada disso, Sam, não fala bobagem. Quais são os planos pra hoje?

— Suas netas querem ir a Honolulu fazer compras — disse, rindo.

A mulher fez cara de horror.

— Me recuso. Não vou! Fico esperando vocês aqui tranquilamente.

Mas Sam não achou aquilo uma boa ideia.

— Como você vai ficar sozinha?

— Pelo amor de Deus, garotão. Vocês vão me abandonar pra sempre ou s algumas horas?

Dando-se por vencido, ele acabou aceitando.

— Certo. Mas vai lá pra casa. Lá é mais confortável que aqui. Você pode ligar a tevê e assistir a um filme ou o que você quiser. Além disso, ali tem telefone, para caso de você precisar de alguma coisa. De qualquer forma, tanto eu quant Michael vamos levar o celular. Você pode ligar pra gente.

— Vou tomar um banho e quando eu terminar vou até sua casa.

— Tá. Vem sim. Vamos estar te esperando.

Sam voltou para casa e aguardou a chegada de Serena e Michael.

Pouco depois apareceu Serena com um semblante melhor que o de minutos antes e Sam ficou mais tranquilo. Meia hora mais tarde, Michael voltou e, depois que s irmão comentou os planos das meninas para aquele dia, ele suspirou com sorriso. Pouco depois os quatro saíram, deixando Serena tranquila no balan fundos da casa, de frente para o mar. Mexendo os pés, acabou adormecendo, até q um barulho a despertou. Era o telefone. Sem pensar duas vezes, foi logo atender.

— Alô.

— Bom dia. Por favor, eu gostaria de falar com Sam ou Michael — disse mulher.

— Eles não estão no momento. Telefone mais tarde ou ligue para os celul deles.

A mulher do outro lado da linha suspirou.

— Se você quiser deixar uma mensagem, eu posso tentar entrar em contat eles — acrescentou Serena, tentando ajudar.

— Olhe, estamos ligando da creche da Praia Branca. É sobre a Sasha. Ela caiu e vai ter que levar uns pontos na cabeça.

Serena levou um susto ao ouvir isso e, com as mãos tremendo, perguntou:

— Ai, meu Deus, como está a menina? O que houve?

Ao entender que a senhora com quem falava devia conhecer a menina, a r respondeu:

— Estava brincando com as meninas no balanço, acabou se soltando e bat cabeça. Ela está bem. Só está chorando e sentindo um pouco de dor. Quer que o p dela ou o tio venha logo buscá-la.

Rapidamente Serena se ofereceu para ir até lá.

— Onde vocês estão agora?

— No hospital geral de Oahu. Na emergência.

Sem dar tempo de dizerem mais nada, Serena ordenou:

— Não saiam daí. Estou indo agora mesmo buscá-la.

Desligou o telefone e em seguida digitou o número de Sam, mas estava fo área. Então ligou para Michael, mas também estava sem sinal. Com os nervos à fl da pele, ligou para a central de informações e pediu o número de alguma compan de táxis. Cinco minutos depois, havia um carro na porta de casa, esperando por el

Em vinte minutos chegou ao hospital. Foi correndo até a emergência e perguntou

Sasha Malcovich. Mandaram Serena esperar na sala por alguns minutos. M
espera parecia eterna, até que de repente viu duas moças passarem pelas p
verdes. Uma delas carregava Sasha nos braços. A cara da menina estava vermelh
seus olhinhos, inchados de tanto chorar. Ao vê-
la, Serena andou até ela com o coração apertado.

— Ô, minha lindinha, como você está?

Uma das enfermeiras olhou para ela. Como a menina não respondia, ela própria s
encarregou de dizer:

— Está melhor. Ainda com um pouco de dor, mas agora está bem, não é, Sasha?

— Minha cabeça tá doendo — gemeu a menina, apontando para a testa c
grande curativo. Tinha levado cinco pontos.

— Não chora, meu amor. Vem no meu colo — disse Serena.

Mas a moça que carregava Sasha não a largou. Não conhecia Serena e não podia
deixar as crianças com desconhecidos. Ao ver aquilo, Serena a encarou contrariad

— Sinto muito, mas não posso deixar a menina com a senhora. Tenho que levá-
la à creche para que o pai dela ou o tio vá lá buscá-la.

A menina começou a chorar enquanto estendia os braços para Serena.

— Mas eu quero ir com ela pra minha casa.

— Não pode, querida — insistiu a moça. — Você vai com a gente até a creche.

Comovida com as lágrimas no rosto da menina, Serena insistiu:

— Não está vendo que a menina me conhece? Não sou uma estranha.

— Quero ir com ela — berrou Sasha.

— Temos que esperar seu pai ou seu tio chegar — repetiu a enfermeira.

— Me deem a menina — implorou Serena.

— Sinto muito, senhora, mas não posso. Tente entender.

As duas moças se entreolharam ao verem a cara furiosa de Serena, e uma interveio:

— Me desculpa, senhora, eu realmente sinto muito, mas não podemos deix Sasha com ninguém além das pessoas autorizadas pelo pai dela.

Impotente, Serena via a garotinha chorando desconsolada e perguntou com severidade:

— Bom, quem foi que ligou pra casa do Sam?

A mais alta se manifestou, enquanto a outra tentava acalmar a menina.

— Fui eu.

— Muito bem — disse Serena. — Pois eu sou a pessoa que estava na casa dele, e foi comigo que você falou.

Com olhar frio, a mulher respondeu:

— Sinto muito, senhora, mas já dissemos que não podemos deixá-la levar a menina.

— Eu quero ir com ela! — esperneou Sasha, com o rosto congestionado de tanto chorar.

Firme em seu propósito de não permitir que levassem a menina, Serena nã bola para o que elas disseram.

— Vem comigo, querida. — Mas a moça voltou a puxar Sasha para si. — Faça o

favor de soltar a menina e me deixe levá-la pra casa.

As moças se olharam, sem entender por que insistia tanto, e uma delas perguntou com ironia:

— E quem é a senhora para eu deixar a menina com você?

— Sou a avó dela! Solte a Sasha agora!

Ao escutar isso, as moças lhe entregaram a menina.

— Desculpe, senhora, nós não sabíamos.

Mais tranquila com a menina em seus braços, Serena sorriu.

— Sem problemas, moça. Entendo que você estava apenas cumprindo seu dever.

Faz muito bem — disse e, ao ver que a menina se aninhava em seu peito acrescentou: — Poderiam fazer a gentileza de pedir um táxi para nos levar pra casa?

— Não se preocupe, senhora. Nós a levamos — falou uma delas.

Sasha ficou agarrada ao pescoço de Serena durante todo o trajeto. Quando chegaram em casa, as moças a ajudaram a entrar e se despediram, deixando as
sozinhas pela primeira vez. Depois de se certificar de que a menina estava bem, Serena a acomodou no balanço da parte de trás da casa, pegou água e voltou depressa para perto dela. Ao vê-
la retornar, Sasha estendeu os bracinhos para Serena pegá-
la de novo. Queria carinho. Era o remédio de que ela mais precisava naquele momento.

— Está melhor, querida? — perguntou Serena após alguns minutos.

A menina olhou para ela com os olhos ainda vermelhos pelo choro.

— Ainda tá doendo, mas estou muito bem aqui.

Serena sorriu, feliz por saber que sua companhia a reconfortava.

— Que bom, meu amor. É isso que eu quero: que você esteja bem — sussurrou.

Ela notou que pouco a pouco Sasha ia ficando mais relaxada. Seu corpinho estava caindo no sono. Serena abaixou a cabeça e deu um beijo nos cabelos dela. Ao sentir isso, a menina abriu os olhos e sussurrou, encantada:

— Obrigada.

Emocionada com aquele olhar e aquele “obrigada”, Serena perguntou:

— Obrigada pelo quê, lindinha?

— Por querer ser minha vovó. A que eu tinha está no céu com a mamãe.

Ao ouvir isso, Serena lhe deu outro beijo enquanto lágrimas escapavam por seus olhos. Duas horas mais tarde, continuava sentada no balanço com a menina em se braços, quando de repente escutou um carro chegando e pessoas entrando em casa. Sam apareceu ali assustado, seguido por Michael, com Tommy n atrás dele as meninas.

Serena moveu a mão para indicar que não se preocupassem.

— Acalme-se, Sam... Ela está bem... está bem.

Depois de passar a mão pelo rosto num gesto desesperado, Sam se ajoelhou junto

à cabecinha de sua filha e lhe deu um beijo. Nesse momento a menina acordou e sorriu.

— Oi, princesa. Como você está, meu amor?

— Papai, dói aqui — disse, apontando para o curativo.

Ao ver os olhos dele se enchendo de lágrimas, e sem saber o que dizer, S pôs a mão em seu queixo e acabou falando:

— Não se preocupe, Sam. Essa menininha esperta está bem. — Engoliu o emoções presas em sua garganta e acrescentou: — Deram cinco pontos na testa d e daqui a uma semana temos que voltar lá para retirarem. É isso. Está tud controle.

Michael deixou Tommy nos braços de Cat, ajoelhou-
se diante da menina e beijou a mão dela.

— Caramba, princesa. Que susto você nos deu.

Sam olhou para Serena, que segurava sua filha.

— Obrigado, Serena. Na creche me contaram tudo o que aconteceu. Nosso celulares ficaram sem sinal dentro do shopping. Muito obrigado.

Para aliviar o clima, ela sorriu.

— Por favor, garotão, o que você esperava que eu fizesse? — perguntou e, ao vê-

lo sorrir, acrescentou: — Que maravilha! Quantos agradecimentos estou rec hoje!

— Por que você diz isso? — perguntou Ollie.

— Porque alguém já me agradeceu antes do seu pai — disse, enquanto a menina lhe dedicava um sorriso encantador que deixou Sam e todos os outros sem palavr

— De quem você está falando, vó? — perguntou Cat, curiosa.

Serena olhou orgulhosa para a menina sentada em seu colo.

— Minha linda Sasha me agradeceu também por eu querer ser a vovó del

Nesse momento, Sam se emocionou e Serena piscou para ele, depois acres virando-
se para Tommy: — E claro que também me considero a vovó desse pequerrucho lindo.

Michael engoliu em seco e sorriu. Serena era uma mulher incrível.

Ao ver a cara do seu pai, a menina reagiu com rapidez e, olhando-o, disse para a surpresa de todos:

— Papai, juro que eu não perguntei nada. Foi ela que falou.

Ao escutar isso, Sam e Michael começaram a rir, e Serena perguntou, espantada:

— Que história é essa de perguntar, querida?

Sam pegou Sasha em seus braços fortes e lhe deu um beijo. E, olhando c admiração para Serena, piscou um olho para ela.

— É uma história que eu vou te contar outro dia, *vovó*.

A menina sorriu. Naquela noite, Sasha não se desgrudou de sua avó nem por um

segundo.

Dias depois, foram jantar no restaurante de Dick e Samantha. Honey ficou cuidan das crianças pequenas em casa.

— Prazer em conhecê-
la, senhora — cumprimentou Dick quando Sam apresentou Serena.

Com um sorriso encantador, ela respondeu:

— O prazer é meu.

Nesse momento, Michael foi falar com Makay, o filho de Dick e Samanth estava dando uma mãozinha a seus pais no bar.

— Makay, vem cá, quero te apresentar minhas sobrinhas.

Ele deixou numa mesinha o pano de prato que estava segurando e foi até eles estavam.

— *Aloha*, bem-vindas à ilha — saudou com entusiasmo.

— Estas são minhas filhas, Ollie e Cat, e ela é minha sogra, Serena. — Ao dizer isso, Sam foi logo se retratando, envergonhado: — Desculpa, Serena, é o hábito.

— Mas, garotão, eu acho ótimo continuar sendo sua sogra. Pra que mudar isso?

— Você é incorrigível — respondeu Sam, rindo.

Makay puxou papo com as meninas e juntos eles se dirigiram ao fundo d restaurante. Lá ele apresentou Thais, que estava com um grupo de amigos. As dua jovens conversaram um pouco com eles, até que Sam chamou suas filhas para jan

— Pai, que pessoal simpático! Podemos ir lá tomar alguma coisa com elas

disse Cat, fascinada com aqueles novos amigos.

— Vocês sozinhas? — perguntou Sam.

Michael sorriu ao ver a cara das sobrinhas.

Para que Sam tivesse tempo de assimilar o fato de as filhas terem crescid Serena disse:

— Deixem o pai de vocês pensar um pouco. De qualquer forma, primeiro precisam jantar.

Fizeram uma refeição deliciosa e, na hora da sobremesa, Dick e Samantha sentaram com eles.

— Makay me disse que daqui a pouco vocês vão com eles tomar refrigerante.

Convencido de que não podia negar, Sam revirou os olhos, fingindo contrariedade e concordou.

— É, ele convidou a gente — respondeu Cat, que tinha visto dois morenos incríveis e estava de olho neles.

— Não se preocupa, Sam — Samantha o tranquilizou. — São meninos encantadores e muito responsáveis.

Nesse momento Makay se aproximou, junto de Thais.

— Ollie, Cat — disse a garota com expressão preocupada e nervosa. —

Desculpem, mas... preciso voltar pra casa. — E se afastou sem dar mais explicações.

— Eu te acompanho — disse Makay, com certo constrangimento. — Hoje vamos poder sair. Que tal amanhã?

— Ótimo — concordaram as irmãs, ainda um pouco decepcionadas.

— Então amanhã eu ligo pra casa do pai de vocês — disse, correndo atrás Thais.

Samantha e Dick se olharam.

— Isso não me cheira nada bem. Alguma coisa aconteceu — disse Samantha.

Nesse momento, três caras louros e inconvenientes, que pareciam ter bebido além da conta, começaram a gritar no balcão:

— Garçom... garçom!

Suas vozes fizeram todo mundo no bar olhar para eles enquanto o outro gritava:

— O que tá acontecendo aqui? Por que ninguém serve bebida nessa joça?!

Levantando-se, Dick olhou para Sam e Michael.

— Acho que vamos ter um probleminha.

— Quer que a gente vá junto? — perguntou Michael, já se erguendo também.

— Não se preocupa, amigo. Já estamos acostumados com essas cenas.

No balcão, Dick conseguiu acalmar os ânimos. Os homens pareciam ter se acalmado ao falar com ele.

— Que raiva, pai — resmungou Cat. — Com um programa tão bom que pra hoje...

Sam não respondeu. Apenas esboçou um sorriso de felicidade contida por filhas não terem saído naquela noite.

— Amanhã vocês vão — interveio Serena. — Lembra o que o garoto cor contigo...

Mexendo em seus lindos cabelos castanhos, Michael cochichou:

— Relaxa, querida. Vocês ainda vão ter muitas férias pra poder sair por a novos amigos.

Nesse momento, Dick passou diante deles. Estava acompanhado pelos três homens que haviam causado o alvoroço no bar. Ele arranjou para eles uma mesa lado de fora do restaurante, em frente à praia.

— Resolvido — disse, sorrindo, ao entrar de novo no estabelecimento.

— Que idiotas — disse Michael com raiva. — Como podem ser tão inconvenientes?

Samantha sorriu. Eles estavam acostumados com aquele tipo de gente.

— Alguns estrangeiros — observou ela — acham que estar de férias é beber sem

controle.

— Uma pena desperdiçar a vida desse modo — comentou Serena.

Dick fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Infelizmente, senhora, muitos dos turistas que vêm aqui parecem estar bêbado as férias inteiras.

As horas foram passando e, entre risadas e histórias, quando se deram con eram duas da manhã.

— Senhoritas — disse Michael. — A noite está linda e a companhia é m agradável, mas acho que está na hora de voltarmos pra casa.

— Ah, sim — disse Ollie, rindo. — Antes que os príncipes virem sapos.

— Só um segundo — falou Cat. — Vou ao banheiro rapidinho. Já volto.

— Vou com você — disse Ollie, levantando-se.

Do lado de fora, enquanto esperavam as duas meninas, Serena, Sam e Mic conversavam com Dick e Samantha sobre o que planejavam fazer nas féria minutos depois, saíram Ollie e Cat. Quando se dirigiram ao grupo que as aguarda um dos homens embriagados que Dick havia conduzido para fora pegou C braço.

— Ei, me solta! — gritou Cat, encarando-o.

— Deixa disso, eu sei que você está a fim — reagiu ele, aproximando-se ainda mais dela.

Michael se virou para trás e logo viu o que estava acontecendo. Então rapidamente andou na direção deles.

— Solta minha sobrinha imediatamente ou te dou uma surra! — berrou ele.

— Sai de cima de mim, seu idiota! — gritou Cat, dando um chute na pa dele.

Aquele golpe fez o homem soltar seu braço. Ao ver a cena, Sam se apro

correndo e morrendo de raiva.

— Se você encostar na minha filha de novo, eu te mato! Me ouviu, ô babaca?

— O que você está fazendo com o meu amigo? — perguntou um dos out bêbados inconvenientes.

— Nem metade do que poderia fazer se ele encostar outra vez na minha sobrinha

— disse Michael, enfurecido.

Serena chegou perto do grupo para tentar acalmar os ânimos.

— Garotos, garotos, fiquem calmos. Cat, Ollie, vocês estão bem? — Elas fizeram que sim com a cabeça. — Vem, vamos embora, não queremos encrenca co sem-vergonha.

Ao escutá-la, o terceiro deles se aproximou e provocou Serena:

— Olha a velha louca. O que foi que você disse, vovó?

— Seu desgraçado!! — gritou Serena de repente, deixando todo mundo espantado

enquanto batia na cara dele com sua bolsa, fazendo o sujeito perder o equilíbrio.

O segundo estúpido, ao presenciar aquilo, virou-
se na direção dela com intenções nada boas.

— Sua puta velha.

— O que foi que você disse? — gritou Sam.

Ainda incrédulo diante do que acabava de ouvir, Michael perguntou:

— Você chamou essa senhora de puta?

— Chamei, sim — confirmou o sujeito, cambaleando. — O que é que tem acaso eu não posso dizer o que me dá na telha?

Vendo que aquilo tudo podia acabar em mais confusão, Dick e Samantha tentaram apartar a briga, mas Michael interveio de novo:

— Você pode dizer o que te dá na telha, sim, mas há um pequeno detalh minha frente, ninguém xinga essa senhora, ouviu bem?

Nesse momento levantou o punho para dar na cara dele, mas Sam o detev repentinamente.

— Não, Michael, não bate nele — disse.

Com expressão séria, Michael olhou para ele e perguntou, irritado:

— Por que eu não iria bater nesse idiota?

— Porque quem vai bater nele sou eu. — E depois de dizer isso Sam lhe deu um belo soco no estômago, fazendo o sujeito se contorcer de dor.

Após aquele ataque, o primeiro homem, já recuperado do chute na panturr levantou-
se e empurrou Sam, que acabou caindo. Ao ver aquela cena, Cat e Ollie se puseram a dar chutes novamente no cara, que caiu outra vez. O segundo h que havia sido golpeado com a bolsa, levantou-
se, mas Serena e Samantha deram
bandejadas em sua cabeça. Michael ajudava Sam a se erguer do chão, qua repente o terceiro sujeito se levantou, partiu para cima de Michael e o fez

Cat se lançou contra esse, saindo em defesa do tio, mas ele a afastou bru com a mão e a empurrou contra uma das mesas. Furioso, Sam se atirou c homem e começou a dar socos nele até que Dick fez de tudo para separá-
los, antes que eles acabassem se matando.

— Você está bem, querida? — perguntou Michael, levantando Cat.

Com cara de dor, ela apontou para as costelas e disse:

— Tá doendo aqui, tio.

— Ai, meu Deus — exclamou Serena.

Angustiado e sem se importar com o sangue que jorrava de sua boca, San aproximou dela e disse:

— Onde dói, meu amor?

— Aqui, nas costelas.

Mal conseguindo acreditar naquela pancadaria, Ollie chorava assustada. Samanth

foi até ela e a abraçou.

— Vamos levá-la ao hospital — sugeriu Serena, nervosa.

Morrendo de raiva e ainda com sede de vingança, Michael olhou para os baderneiros que estavam no chão e gritou:

— Se tiver acontecido alguma coisa com a minha sobrinha, eu juro que n vocês.

— A polícia já chegou — informou Dick. — Levem a Cat para o hospital e daqui a pouco eu ligo pra saber como estão as coisas.

Os policiais detiveram os bêbados, e Michael, Sam e Serena seguiram com meninas até o hospital de Oahu. Foram direto para a emergência, e uns m levaram Cat.

— Espero que não seja nada — sussurrou Serena, enquanto esperava que sua neta saísse de novo pela porta.

Sam ficava mexendo o tempo todo no cabelo, num gesto de nervosismo, c enfartando de tanta preocupação, e dizia:

— Não entendo como isso tudo pôde acontecer.

Ao ver a aflição do pai, Ollie tentou acalmá-lo.

— Bom, pai, é muito fácil. Uns bêbados idiotas que não tinham nada pra resolveram armar encrenca com quem aparecesse na frente deles. Calhou d gente.

— Boa explicação — concordou Michael.

— Mas é verdade, tio — prosseguiu ela e, observando o aspecto deles do menina perguntou: — Vocês estão bem?

Sam avaliou os nós de seus dedos, feridos e ensanguentados, e fez um ge afirmativo com a cabeça, enquanto tentava estancar o sangue do lábio com um le de papel que Serena lhe ofereceu.

— É, irmão... — disse Michael, sorrindo, ao ver seus punhos no mesmo e

— Ficamos um bom tempo sem nos meter numa encrenca dessas. Bom, pelo men vi que você continua com seus reflexos em ordem.

— Minha nossa, que susto! — exclamou Serena, olhando ao redor. — O está ficando louco.

Ollie abriu um sorriso para Sam e Michael, a quem ela tanto adorava, e disse:

— Nunca tinha visto vocês dois brigando assim. Quem diria, esse meu pai e esse meu tio, hein?!

— Aliás, Serena, adorei ver você acertando em cheio aquele cara com a s bolsa. Ele ficou desnorteado. Agora já sei de onde veio o pavio curto de pessoa que conhecemos — observou Michael.

— Fica quieto, seu sem-vergonha, porque eu não quero rir.

— Mas é verdade, vó. Você e sua bolsa são uma arma de destruição em massa.

Sam estava totalmente calado e alheio àquela conversa, e Serena, que ente sua preocupação, aproximou-se dele.

— Sam, filho, você está bem?

Tenso, ele respondeu:

— Estou, sim, Serena. Só quero que a Cat saia logo e que ela esteja bem.

Três minutos depois, as portas se abriram e um médico jovem e bonito passou po elas, acompanhado de Cat. Todo mundo se levantou depressa e se aproximou dele

— Como você está, princesa? — perguntou Sam, ainda preocupado.

— Estou bem, papai. Não se preocupa — respondeu Cat, que tentava pare mais velha aos olhos do médico bonitão.

— Não se preocupe, senhor. Apesar de ter sido atingida nas costelas e de sofrido uma pequena fissura em uma delas, vai se recuperar logo com um pouco d repouso e bastante carinho e cuidado.

— Em carinho nós somos especialistas — disse Serena, sorrindo.

— Tem que ficar com o curativo por oito dias e depois vocês voltam aqui com ela pra gente ver como está. — E, dirigindo-
se a Cat, acrescentou: — Quando sentir que
está doendo de novo, pode tomar outro analgésico. Por alguns dias você vai preci tomar esse remédio e, principalmente, o mais importante: nada de movimen bruscos. Entendido, senhorita?

Depois de piscar como uma boba, a jovem fez um gesto afirmativo com a cabeça, deixando todo mundo sem palavras.

— Claro, doutor. Não se preocupe.

O médico foi embora e Michael sugeriu:

— Bom, galera, é melhor a gente ir pra casa porque já está bom por hoje, né?

Ao saírem do hospital e se dirigirem até o carro, Cat, que estava de braço com seu pai, perguntou:

— Quando mesmo a gente tem que voltar?

— Daqui a oito dias — respondeu Serena.

Um sorriso se esboçava no rosto da menina, enquanto ela comemorava entusiasmada:

— Que bom! Espero que, quando a gente voltar, esse mesmo médico me

Ai, meu Deus... ele é tão lindo.

Com um sorriso, Serena respondeu olhando para Sam, que estava calado e sério:

— Caramba, menina, você diz cada coisa...

Aproximando-se de sua irmã, Ollie concordou:

— Mas ela tem razão, vó. O médico é um gato. Dá vontade de torcer o pé ou algo assim, só pra ele poder me atender.

Aquele comentário fez todo mundo rir, menos Sam. E Michael, achando g observou:

— É, meninas, pelo visto vocês puxaram a mim.

Todos caíram na risada outra vez, e Sam parou e acabou explodindo:

— Não estou entendendo nada. O que há com vocês, hein? Estamos saind hospital com a Cat machucada e vocês aí falando sobre a aparência do m

E, apontando para Michael, rosnou: — E você é o pior. Não percebe o que podia acontecido essa noite?

Michael ia responder, mas Ollie se adiantou.

— Pai, não fica assim. Não aconteceu nada de grave. Ah, pai, você não s conta de que foi a maior aventura?!

Tenso, Sam voltou a gritar:

— Aventura?! Você acha uma aventura o fato de sua irmã ter sofrido uma fissura nas costelas? Ai, meu Deus... juro que cada dia que passa eu entendo menos você

Michael e Serena se entreolharam. Sam estava histérico e, quando Michael novamente tentar dizer alguma coisa para acalmar o irmão, Cat interveio primeir

— Pai! Estou bem! E justamente por isso a gente precisa rir. E, sim, o m uma gracinha e agora, quando penso no que aconteceu, não consigo deixar de rir situação. — Sam a encarou. — E hoje descobri um lado do meu pai e d que eu não conhecia e...

— E o que me diz da bolsada que sua avó deu? — disse Michael, rindo.

Impagável.

— Isso foi incrível mesmo — concordou Ollie, rindo. — Ver a vovó dando golpe com a bolsa dela naquele cara é uma das coisas mais engraçadas que já p

na minha vida.

— E o que me diz do soco que o tio deu no cara quando ele se meteu com a vovó e como o papai fez ele desabar no chão? — lembrou Cat, também achando a maio graça.

— Fiquem vocês sabendo, garotões, que eu me senti superprotegida com vocês.

— Foi um prazer, Serena — disse Michael. — Por sinal... quero que você me dê umas aulinhas de *bolsada-combat*.

Sam os observava enquanto todos riam à beça. E, depois de soltar a adren acumulada por aquele episódio, começou a rir também e todo mundo relaxou.

— Tio — protestou Cat, levando as mãos às costelas. — Não me faz rir, porque eu não posso.

Ainda caminhando em direção ao carro, Michael reparou em dois jovens q pareciam Makay e Thais.

— Esse é o Makay?

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça, e em seguida disse a Serena meninas que entrassem no carro.

Com semblante sério, ele e Michael se aproximaram do casal e ouviram o

gemidos da jovem. Aceleraram o passo alarmados e, quando estavam a po metros, Michael perguntou:

— O que está acontecendo, gente?

Makay abraçava Thais, que estava aos prantos. Sam chegou mais perto del disse:

— O que houve, linda?

A moça tentou falar, mas apenas conseguiu dizer num fiozinho de voz:

— Minha... minha mãe está internada.

Sem entender ainda o que havia ocorrido, Michael perguntou:

— Mas o que aconteceu?

Thais não conseguia falar, e Makay se encarregou de responder:

— Aconteceram alguns problemas na casa dela. A mãe da Thais está internada e o pai morreu.

Ao escutar aquilo, Thais se debulhou em lágrimas novamente, e Michael deu um beijo em sua cabeça e sussurrou:

— Sinto muito, querida.

— Eu também — respondeu ela em meio a soluços. — Mas principalmente pela minha mãe.

— Sabe o que aconteceu? — perguntou Sam com expressão séria.

— Houve uma briga em casa. Meu pai chegou bêbado, bateu na minha m pegou uma faca de cozinha e cravou duas vezes nela. Ao ouvirem os gritos da mi mãe, os vizinhos chamaram a polícia, meu pai fugiu e bateu com o carro.

— Ah, querida, sinto muito — sussurrou Sam.

Com raiva contida, a jovem murmurou:

— Eu não fico triste por meu pai ter morrido. Pra ser sincera, fico até fe uma pessoa má, que nunca amou a gente. Mas ela, minha mãe, não merec tratada dessa forma.

Nesse momento, Samantha e Dick vieram correndo até eles.

— Meninos, o que houve?

Makay contou a história a seus pais, e Samantha abraçou a jovem, que ch copiosamente em seus braços. Ao lembrar que o esperavam, Sam disse:

— Gente, preciso ir porque as meninas estão esperando no carro.

— Como a Cat está? — perguntaram Dick e Samantha.

— Bem, apenas sofreu uma fissura na costela. Não se preocupem.

Comovido, Michael olhou para Sam.

— Vou ficar com eles, caso precisem de alguma coisa.

Seu irmão fez que sim com a cabeça. Se suas filhas e sua sogra não o estivessem esperando no carro, ele também ficaria ali. Em seguida, todas elas pergunt sobre o que tinha acontecido e se surpreenderam ao escutar o relato.

— Isso sim é um problema sério, muito sério — sussurrou Serena. — Tadinha da menina e da mãe dela. Devem ter vivido um inferno.

— Tem razão — concordou Sam e, depois de olhar para elas com ternura, disse:

— Vamos pra casa. Vocês precisam descansar.

Capítulo 31

Depois dos acontecimentos da noite anterior, eles foram presenteados com dia ensolarado. Passaram a manhã na praia, e na hora do almoço todos estavam e casa. Cat se acomodou confortavelmente na poltrona, com uma bandeja de no colo, enquanto os demais se sentaram ao redor da mesa.

— Como está a mãe da menina? — perguntou Serena.

Exausto por ter passado a noite inteira no hospital, Michael olhou para ela respondeu:

— Considerando a gravidade do quadro, até que está bastante bem. Vai pr continuar internada pelo menos duas ou três semanas. Aquele desgraçado d baita golpe na coitada. Ela quebrou duas costelas e fraturou um braço, est várias contusões na cabeça e levou facadas na perna e em um dos braços.

Todos ficaram horrorizados.

— Tadinha — comentou Ollie.

— É horrível — sussurrou Serena.

— Que desgraçado esse marido dela! — disse Sam. — Não me estranha

Thais tenha dito que não lamenta a morte do pai.

— Que situação horrível — repetiu Serena. — E essa menina, o que ela vai fazer agora?

Michael tomou um gole d'água e respondeu:

— Por enquanto vai ficar com o Dick e a Samantha, até que a mãe receba alta ou a avó chegue de Lanai. Logo, logo vamos saber o que poderemos fazer por elas.

Cat, que até então estava quieta, pediu:

— Pai, me dá um analgésico que a dor está voltando.

Sam se levantou em seguida. Pegou o remédio e um copo d'água e se aproximou carinhosamente dela.

— Pronto, aqui está, querida. Já, já vai passar — disse baixinho, acarician cabelos dela. — Quer que eu vá com você até minha cama e lá você des pouquinho?

— Quero sim, pai. Acho melhor.

Com cuidado, ele a ajudou a se levantar e a levou até a cama. Quando S voltou para a sala, Ollie tinha saído com Sasha e Tommy para brincar na praia.

— Sam — disse Serena. — Eu estava comentando com o Michael que se melhor ligar pra Kate e contar o que aconteceu com a Cat.

Consultando o relógio, ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro. Eu já tinha pensado nisso ontem à noite. Quando a Cat levantar, a gente liga.

— Ótimo, filho. Assim que eu gosto — disse Serena.

Naquela tarde, quando Sam achava que ninguém estava escutando, ele deci telefonar para Kate. O que ele não sabia era que Serena, junto com as netas, estav observando tudo e já tinha traçado um plano com elas.

Com as mãos trêmulas, Sam discou o número de telefone que por muitos

havia sido o seu também. Depois de dois toques, alguém atendeu.

— Alô.

— Oi, Terry. Aqui é o Sam.

Estranhando aquela ligação repentina, ela respondeu:

— Oi, Sam, tudo bem?

Ao notar que a voz dela estava tranquila, Sam sorriu. Gostava muito de Terry e às vezes sentia falta de seu maravilhoso senso de humor.

— Tudo e você? Como está?

Terry se sentou para falar com ele e respondeu de modo bem direto:

— Preparando uma viagem.

— Vai viajar? Que ótimo. Pra onde?

Ela achou estranho que sua mãe não tivesse comentado nada com eles e esclareceu:

— Vamos pra Europa com uns amigos, eu, Kate e Shalma.

Embora lamentasse que sua ex fosse viajar com pessoas que ele nem conh Sam respondeu:

— Que beleza. Espero que se divirtam.

— É o que todas nós esperamos. — E, acelerando a conversa, perguntou:

que você queria?

— Falar com a Kate. Pode passar o telefone pra ela?

— Só um minuto. Vou chamar. Acho que ela está no quarto arrumando a mala.

— Obrigado, Terry, eu espero.

Com o aparelho nas mãos, Terry correu escada acima à procura de sua irmã. Ao entrar no quarto, viu Kate toda envolvida com a arrumação da mala, e, tap bocal, murmurou:

— Adivinha quem está na linha?

Kate lançou um olhar travesso na direção dela e respondeu:

— Pela sua cara, deve ser o George Clooney ou alguém do tipo.

Terry negou com a cabeça e, cochichando para que ele não escutasse, sussurrou:

— É o Sam.

Kate ficou paralisada ao ouvir aquele nome.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou.

De repente Terry se deu conta dessa possibilidade e respondeu com cara d preocupação:

— Ai, meu Deus... nem cheguei a perguntar.

Sem perder um segundo, Kate tirou o telefone da mão de sua irmã e atendeu.

— Sam.

Nervoso ao escutar a voz dela, conseguiu dizer:

— Oi, Kate, tudo bem?

Mas ela não queria conversar. Queria apenas saber o que estava se passando.

— Tudo, mas fala. Aconteceu alguma coisa?

Ele suspirou, e Kate, levando as mãos à boca, disse na frente de Terry:

— O que houve, Sam? Fala logo.

Sem querer alarmá-
la demais, Sam se acomodou numa cadeira e começou a

contar, enquanto três pares de olhos o observavam pela porta entreaberta:

— Ontem a Cat caiu. Sofreu uma pequena fissura na costela. Vai precisar ficar de repouso alguns dias, mas está bem. Não se preocupe.

Kate se assustou com a notícia e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Minha filha... Mas ela está bem?

— Está. Não se preocupe. Está tudo bem. Mas achei que eu deveria te avisar.

De repente Sam notou a presença de alguém e, ao se virar, viu Cat se aproximando dele.

— Está falando com a mamãe? — perguntou ela, e Sam fez um gesto afi com a cabeça. — Passa pra mim. Quero falar com ela.

— Kate, pra você ver que ela está bem, vou colocá-
la na linha — disse Sam, com um sorriso nos lábios.

—
Aloha, mãe — saudou Cat ao pegar o telefone. — Estou viva. Então pode ficar tranquila.

Ao escutar a voz dela, Kate suspirou aliviada.

— Querida, você está bem? Está sentindo dor?

— Mãe, dói um pouco, mas é assim mesmo — respondeu Cat. — Mas estou bem sim. Só que eu ficaria boa mais depressa se você estivesse aqui comigo.

Surpreso, Sam olhou para sua filha, mas permaneceu calado enquanto Kate falava do outro lado da linha.

— Fico mais calma agora que falei contigo, querida. Está se divertindo por aí?

— Pra caramba, mãe... Está muito legal! É tudo tão diferente, tão alucinante, que

às vezes parece que estamos vivendo em outro mundo — disse, e em seg voz de criança pequena e sussurrou: — Mas estou com saudades e queria mãezinha.

Cat tossiu e a dor na costela a fez se contorcer. Alarmado, Sam chegou perto dela acomodou-a numa cadeira e perguntou preocupado:

— Cat... Cat... você está bem, querida?

— Estou, sim, pai — disse bem baixinho. — Eu senti dor quando tossi.

Do outro lado da linha, Kate gritava assustada:

— Cat! Cat! Sam! Alguém está me ouvindo?

Pegando o telefone das mãos de sua filha, Sam respondeu:

— Kate, não se preocupe, está tudo bem. É que ela tossiu e isso fez a co doer e...

Sem permitir que ele terminasse a frase, Kate tomou uma decisão e, para espanto de Terry, disse:

— Sam, amanhã eu pego um voo pra Oahu. Preciso ver a Cat.

Boquiaberto, Sam mal conseguia acreditar no que tinha acabado de ouvir e perguntou:

— O que foi que você disse?

— Que amanhã eu pego um voo. Tem problema?

Sam estava surpreso, mas conseguiu reagir rápido e dizer:

— Não, não. Claro que não. Acho ótimo que você venha. É só que eu nã esperava.

Cat sorriu discretamente e piscou para a avó e a irmã, que em silêncio se abraçaram atrás da porta. O plano havia funcionado.

Sem querer pensar no que acabava de dizer, Kate acrescentou:

— Então está combinado. Quando eu souber o número do meu voo, eu lig por favor, será que você poderia me buscar no aeroporto?

— Claro — respondeu Sam, nas nuvens.

Eles então se despediram, e Kate se virou para sua irmã, que ainda estava boquiaberta com o que tinha escutado:

— Desculpa, Terry, mas não vou poder ir pra Europa. A Cat sofreu um acidente e eu quero estar com ela.

Ao ouvir a palavra “acidente”, a jovem se assustou e perguntou:

— O que aconteceu?

— Pelo que disseram, ela caiu e fraturou uma costela ou alguma coisa assim. Mas não sei se devo acreditar que foi só isso ou se tem algo mais que eles es escondendo.

Desconcertada, Terry não disse nada e, sem perder um segundo a mais, Ka perguntou:

— O que você vai fazer? Vai pra Europa ou vem comigo?

Sem pensar duas vezes, Terry respondeu:

— Se você diz que a menina está bem, eu vou pra Europa. Não quero pi Oahu.

Kate sentou na poltrona para refletir sobre a decisão que acabava de toma olhou fixamente para a irmã.

— Preciso que você venha comigo — implorou, com olhar de súplica.

— Sem chance, Kate. Sem chance.

— Por favooooooooor — disse, segurando sua mão. — Preciso do seu ap para estar ali com o Sam e com as meninas. Com certeza a Shalma vai entender p que a gente não pode ir com ela pra Europa.

— Não, Kate. Não tenho nada a fazer em Oahu.

— Por favor... por favooooooor — insistiu Kate.

— Ai, Kate... — disse Terry, irritada. — Você sabe que o que está me pedindo é muito difícil pra mim. Não quero encontrar com ele e...

— Eu sei, mas preciso que você esteja ali comigo.

O pedido insistente da sua irmã, somado à sua vontade secreta de ver Mic acabou fazendo Terry ceder. Sentando-se ao lado de Kate, ela murmurou:

— Tá bom. Vou ligar pra Shalma. — E, apontando o dedo, acrescentou: - que fique bem claro que eu estava muito a fim de ir pra Veneza e conhec italiano gato que se derretesse por mim e dissesse o tempo todo que sou maravilhosa.

— Você não precisa de italiano nenhum — cochichou Kate. — Tenho cert que algum havaiano gato vai te dizer isso também — acrescentou, provoca irmã.

Com fingida indiferença, Terry negou com a cabeça.

— Espero que esse cara de quem você está falando nem chegue perto de porque senão ele vai ter problemas comigo — murmurou. — Ah... se vai!

Dito isso, as duas sorriram, enquanto a muitos quilômetros de distância Se perguntava, surpresa:

— A Kate vem pra cá amanhã?

Estampando um sorriso de orelha a orelha, Sam confirmou com a cabeça, sem se dar conta de nada.

— Vem. Quando ela fizer a reserva, vai me ligar pra passar o número do voo e m dizer a que horas chega, pra eu poder buscá-la no aeroporto.

Serena não cabia em si de tanta alegria. Seu plano tinha dado certo. Sua estaria ali em breve. Agora só faltava Kate arrastar Terry junto, e tudo seria perfe

— Eba! A mamãe vem pra cá! — comemorou Ollie enquanto trocava um ardiloso com sua irmã, e as duas davam risadinhas. — Isso é maravilhoso. A tia v

também?

Sam franziu a sobrancelha e respondeu:

— Não sei, filha. Ela não me disse mais nada.

— Bom, filho — disse Serena, sorrindo e deitando-
se na espreguiçadeira da praia.

— Mais uma pra Oahu. Nesse ritmo, acho que vamos acabar todos aqui.

Aproveitando que Sam caminhava de volta para casa, ainda radiante pela iminent
visita de Kate, as três se entreolharam com cumplicidade.

— Caramba, Cat. Você é uma excelente atriz.

A jovem sorriu.

— Isso foi mais que um empurrãozinho. Foi um belo de um empurrão, isso sim –

acrescentou Ollie.

As três começaram a rir. Quando Michael chegou em casa naquela noite e recebe
a notícia, de início ficou surpreso, mas depois acabou se alegrando por seu irmão.



Uma segunda chance



Capítulo 32

Kate havia ligado na noite anterior para informar que chegaria ao aeroport Honolulu por volta das três e meia da tarde. Sam estava muito ansioso qu atendeu o telefone. Ainda não podia acreditar que iria vê-la em poucas horas.

Michael chegaria mais tarde. Havia saído cedo para ver Dick e Samantha, queriam organizar toda a papelada de Thais e sua mãe, Vaitere, em relaçã novo status de viúva, entre outras burocracias. Mas primeiro iriam com Th enterro do pai dela.

Às três e quarenta da tarde, Ollie e Sam esperavam impacientes no aeroporto. Os painéis informavam que o avião já tinha aterrissado e que os passageiros s pelo portão 3. Com a adrenalina a mil, Sam tentou respirar fundo e, acompanhad filha, aguardou que o portão fosse aberto.

— Mamãe! — gritou Ollie, acenando para ela.

Ao vê-los, Kate abriu um sorriso de orelha a orelha, enquanto Sam ficou paralisado. Sua ex-mulher estava linda de jeans e blusa vermelha.

— Oi, querida — respondeu Kate, abraçando a filha. Logo que viu Sam, cumprimentou-o também. — Oi, Sam.

Com um movimento automático, ele se aproximou dela e lhe deu dois beijinhos.

— Oi, Kate.

Olhavam-se nos olhos quando alguém falou:

— Ei, querida, não vai cumprimentar sua tia, não?

Incrédula, a menina se virou e gritou surpresa:

— Tia Terry! Que legal que você está aqui!

Espantado, Sam esboçou um sorriso e pensou na cara de Michael quando a visse.

— Oi, Sam — disse Terry, sem se aproximar.

Mas ele deu um passo à frente e a cumprimentou com dois beijos.

— *Aloha*, Terry, que surpresa. Eu não sabia que você viria.

Com uma expressão difícil de decifrar, a ruiva disse:

— Eu também não sabia. Foi uma decisão de última hora.

Sem conseguir tirar os olhos de Sam, Kate perguntou:

— Como está a Cat?

— Bem — disse, e seu sorriso fez Kate estremecer. — Não se preocupe.

Pegaram as malas e andaram até o carro. Aquela paisagem trazia muitas recordações a Kate. Tudo estava igual, e parecia que tinha sido ontem que ela este lá pela última vez. Quando chegaram a seu destino, Sam foi diretamente para a ca que haviam alugado para Serena e as meninas. Assim que estacionou o carro, Ser

apareceu na porta, e Kate e Terry se atiraram em seus braços.

— Querida! Que alegria te ver aqui também! — comemorou ela ao avistar Terry.

Aquela visita superava todas as suas expectativas. Todos estavam juntos en Oahu e isso era um ótimo sinal. Ansiosa para ver sua filha, Kate perguntou:

— Cadê a Cat?

Feliz por ter suas filhas por perto, Serena pôs os braços em torno dos ombros das duas e disse, já andando:

— Está na casa do Sam e do Michael. Vem, vamos até ela. Ela vai se surpreender quando vir vocês.

A casa permanecia em silêncio. Sasha e Tommy estavam na creche. De re Kate deu de cara com sua filha dormindo numa poltrona azul na sala. Sam sorriu vê-la, enquanto Kate se agachava e a beijava.

Ao sentir o beijo, Cat abriu os olhos e gritou de alegria.

— Mãe! Oi, mãe! Que bom que você veio!

Radiante por estar ao lado de sua filha e ver com seus próprios olhos o que havia acontecido com ela, Kate perguntou:

— Como você está, querida?

— Bem. Melhor agora que você está aqui — sussurrou com ternura, enqu
Serena e Ollie sorriam.

Ainda nas nuvens, Sam olhava para todas elas. Kate, sua Kate, estava ali.
Oahu. Mas ele acordou de seu sonho quando Terry resolveu se pronunciar.

— Bom... imagino que minha presença também te deixa feliz, não? — co
Terry, rindo e fazendo menção de abraçar a sobrinha.

Ao vê-
la, Cat ficou eufórica e, depois de trocar um olhar com suas cúmplices,
gritou:

— Sua presença é um luxo, tia! Que bom que você está aqui! Que bom!

Todos riram durante um bom tempo, antes de se sentarem para fazer um lanche e,
com delicadeza, contarem a Kate exatamente o que acontecera. No início, ela olh
para Sam com cara de reprovação, e ele tentou lhe explicar a situação de
bastante suave, para não assustá-
la. Mas, quando as meninas falaram da bolsada que
Serena deu e da briga em que Michael e Sam se meteram, todo mundo c
gargalhada outra vez.

— Claro que agora, contando a história toda, fica engraçado, mas garanto que na
hora eu não achei a menor graça — disse Sam, sorrindo.

— Se eu estivesse ali, dava um belo chute no saco deles — comentou Te
todos morreram de rir.

Sem conseguir evitar, Sam cochichou:

— É, né? Você continua muito coerente, sempre atingindo onde mais dói.

Ao dizer isso, todas olharam para ele, e Serena interveio para botar panos quente

— Bom... bom... foi mesmo uma cena e tanto.

Ao ver que Kate olhava com adoração para sua filha, Sam sussurrou para ela:

— Sério, Kate, não precisa se preocupar com nada. Está tudo bem.

Achando graça da história, Terry disse após dar um gole em sua cerveja:

— Caramba, mãe, eu não sabia que você tinha essa habilidade toda com a bolsa.

Sorrindo para todo mundo, especialmente para as netas, a mulher comentou:

— Tenho muitas outras habilidades, filha, que você logo vai descobrir.

Às seis da tarde, Michael telefonou para avisar Sam de que buscaria as cr na creche quando estivesse voltando para casa. E, sem conseguir se segura perguntou:

— Como está a Kate? Chegou bem?

— Está ótima. Agora está se instalando na casa ao lado — respondeu, sem querer dar mais explicações. Ele estava doido para ver a cara de seu irmão quand encontrasse a Terry ali. — Até mais.

Enquanto as duas mulheres desfaziam as malas na outra casa, Sam aprovei para tomar uma cerveja sentado no balanço do quintal. Era incrível, pensou estava todo mundo junto outra vez, a família que eles foram durante tantos anos.

— Um dólar por seus pensamentos — disse alguém de repente, às suas costas.

Ao se virar, deu de cara com o olhar divertido de sua cunhada.

— Terry, eu não sabia que você estava aqui. Quer uma cerveja?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, e ele se levantou, abriu a gela entregou uma cerveja para ela. Depois se acomodaram no balanço novamente.

— Que casa linda você tem, Sam. É uma maravilha — disse ela, para qu gelo.

— Pois é, a gente adora isso aqui — respondeu no plural, e ela entendeu. — Essa casa sempre foi o nosso lar. Nosso ponto de referência. Foi a maior sorte estivesse disponível quando voltamos pra ilha.

E os dois permaneceram calados por alguns minutos, olhando para o mar, até que Terry, muito séria, acabou falando:

— Sam, eu queria pedir desculpas pelo que eu te fiz naquele dia. Foi mal... você sabe como sou impulsiva e...

Sam a conhecia. Sabia que Terry nunca pedia desculpas só por pedir. Se e estava pedindo agora, é porque se arrependia de verdade. Ele tomou um g cerveja e respondeu:

— Está desculpada, sua boba... — Ela lhe deu um leve empurrão. — Sei que agi mal num determinado momento e assumo as consequências. — E, fazendo a sorrir,
gesticulou. — Mas cada vez que me lembro daquilo, ai... volto a sentir dor.

Envergonhada, Terry tapou o rosto e protestou:

— Ai, meu Deus, Sam! Mil desculpas, mas você já me conhece: primeiro

burrada, depois penso melhor no que fiz. Esse é meu erro.

Brindando com a cerveja dela, Sam a olhou nos olhos.

— Às vezes dá pra perdoar alguns erros, e esse é um deles. Mas já te di muitas vezes, Terry: você precisa pensar antes de agir, porque você é muit impulsiva e isso pode fazer as pessoas se afastarem.

— Eu sei — concordou ela, dando um gole na cerveja.

De novo ficaram em silêncio, contemplando as ondas, até que Sam falou:

— Quando é que você vai perguntar por ele?

— Por ele quem?

Sam a encarou e, ao ver em seus olhos um traço de cumplicidade, respondeu:

— Pelo Pato Donald.

— Você conhece o Pato Donald? — brincou ela.

Achando graça daquela conversa, Sam respondeu:

— Ah, Terry, nem vem, a gente se conhece. Por acaso você não vai perguntar pel Michael?

Terry fingiu indiferença e deu de ombros.

— Não pretendia fazer isso, não. Humm, vamos ver: por que eu deveria pergunta por ele?

— Porque eu acho que chegou o momento de vocês serem sinceros e col as cartas na mesa.

— Sinceros?! Cartas na mesa?!

— Ahã...

— Olha, Sam, não sei o que está passando na sua cabecinha, mas já estou sendo sincera quando digo que não tenho a menor intenção de saber dele. E, qu colocar as cartas na mesa, eu com esse... esse... idiota, não jogo de jeito nenhum!

— Hummm, ok.

Sam se recostou e, em silêncio, começou a se balançar com os pés. Ningu falou nada até que finalmente Terry murmurou:

— Ok, eu desisto. Cadê o Michael?

— Cuidando de um problema de uns amigos nossos.

Terry estava morrendo de curiosidade e não conseguiu segurar outra pergunta:

— Ele sabe que estou aqui?

Sam negou com a cabeça, e ela perguntou, olhando diretamente nos olhos dele:

— Pisei na bola com ele, né?

Sam fez um gesto afirmativo.

— Acho que os últimos encontros entre vocês não foram lá muito bons –

comentou ele e, tocando a ponta do nariz dela, murmurou: — Não se esq
primeiro pensar, depois agir. Não o contrário. Vai ser melhor pra você.

E Terry abriu seu coração como nunca antes havia feito quando o assunto

Michael.

— Sei que ele sente alguma coisa por mim — acabou admitindo. — Sem
soube porque ele nunca negou. E o pior de tudo isso é que eu também sinto algo p
ele. Mas, Sam, pensa bem: nossa relação é impossível. A gente ia se mata
questão de dias! E... e...

Sam ficou surpreso diante daquela revelação sincera e repentina.

— Fico feliz em saber que você gosta mais dele do que eu imaginava. Nunca teria
imaginado — sussurrou ele com cumplicidade.

Ao se dar conta de que havia se aberto demais para ele, Terry tentou muc
rumo da conversa e resolveu alfinetá-lo.

— Eu também não teria imaginado tudo o que aconteceu com você — murmurou
irritada.

Aquela ruiva não era fácil, e pelo visto nunca mudaria. Quando se sentia
encurralada, partia para o ataque.

— Não estamos falando de mim, Terry, mas de você e do Michael — res
Sam. — Não muda de assunto, que eu te conheço, tá?

— É que eu não sei por que estou falando disso com você. Logo com você!

— Porque gosta de mim e sabe que eu nunca faria nada pra prejudicar você ou o
Michael. E, agora que chegou o momento da verdade em relação a vocês dois, de
eu te dizer que faz anos que vejo como vocês olham um para o outro. E o que esta
claro pra mim é que só vocês podem fazer com que haja alguma coisa ou
sou um mero espectador que se dispõe a escutar com paciência as duas pa
isso. E agora, Terry, minha querida, você pode voltar a me atacar e se ab
comigo, como sempre faz quando ouve alguma verdade que te desagrada.

Aquelas palavras e sua sinceridade a fizeram sorrir apesar de tudo, porque

sabia que Sam tinha razão. Suspirou e se recostou no balanço.

— Sentia falta dessas conversas com você — confessou ela.

De repente ouviram alguém se aproximando, e os dois se viraram para ver era. Logo deram de cara com Kate.

— Oi — cumprimentou ela, meio tímida. — Terry, a mamãe quer que você vá lá pra ela explicar alguma coisa da casa ou sei lá o quê.

— É pra já — disse, levantando-se do balanço.

— Corre, corre, ô covarde! — gritou Sam, sorrindo.

Terry deu meia-volta, piscou para ele e desapareceu pela porta.

— Que história é essa? — perguntou Kate, achando graça do adjetivo que usou.

— Terry teve um momento de lucidez — respondeu Sam, sem revelar mais do qu isso. — Quer beber alguma coisa?

Kate se sentou ao lado dele e pegou a cerveja que sua irmã havia deixado.

— Lucidez? Lucidez em relação a quê?

Sam tentou desfrutar daquele momento: Kate, ele e o mar ao fundo.

— Terry me pediu desculpas pelo que aconteceu naquele dia e ainda falamos, de passagem, sobre o que ocorreu entre ela e o Michael na última vez que se viram.

Ao se lembrar daquele momento, Kate sorriu disfarçadamente.

— Tadinho do Michael. Toda vez que me lembro daquele episódio, me dá arrepios.

Morrendo de vontade de beijá-la, Sam disse:

— Espero que eles conversem. — E, para mudar de assunto, pois não fazia ideia do quanto Kate sabia a respeito dos sentimentos de sua irmã, ele pergunto

você? Como está?

Kate deu de ombros. Sabia que aquela pergunta era inevitável.

— Bem. Assimilando as mudanças e tudo o mais.

— Sinto muito, Kate, e...

Mas ela não o deixou terminar e levantou a mão.

— Sam, não vamos mais falar disso. Agora a gente deve levar adiante as vidas da melhor maneira possível, pra não prejudicar as pessoas que nos a nossa volta.

— Sei disso.

— Onde estão a Sasha e o Tommy? — perguntou ela.

Sam compreendeu que ela não queria falar sobre o que tinha acontecido, e encerrou a conversa e respondeu:

— Na creche. O Michael vai buscá-los antes de voltar pra casa.

— E eles estão aceitando bem as mudanças?

— Estão, sim — suspirou, contemplando o mar. Não podia continuar olhando par ela, porque não resistiria de tanta vontade de beijá-
la. — São pequenos e se adaptam muito rápido a tudo.

— Ollie comentou comigo que ela e a Sasha se dão superbem — disse K nervosa por tê-lo tão perto.

— É difícil não se dar bem com a Sasha. Até a Cat, com toda a sua desconfiança, acabou se derretendo. Tenho três filhas maravilhosas.

— Sim. São ótimas.

— E sua mãe é incrível, hein?

— Minha mãe?

— Eu sempre soube que ela era fantástica, mas esses dias, aqui comigo, e mais do que fantástica. Só pra você ter uma ideia: a Sasha está chamando

“vovó”.

— Sério? E o que a minha mãe diz disso?

Sam suspirou, pois sabia o que estava por vir e confessou:

— Está adorando. — E, meio preocupado, acrescentou: — Mas, conhecendo Sasha, tenho medo de que, quando ela vir você e a Terry aqui e souber que mãe e a tia da Ollie e da Cat, ela queira que vocês sejam o mesmo pra ela.

Kate ficou tensa. Não estava disposta a aceitar aquilo e reagiu:

— Então você vai ter que explicar pra ela de alguma maneira que eu não mãe dela, nem Terry é a tia. Concorda?

Embora a resposta dela fosse dolorosa para ele, Sam não estava em condições de contestar nada.

— Não se preocupa. Vou tentar explicar tudo direitinho. Só queria te prevenir do que poderia acontecer, porque conheço a menina. Aliás, quanto tempo você ficar aqui?

Aquela pergunta a pegou de surpresa. Kate não havia planejado nada.

— Bom, não sei... alguns dias até eu ter certeza de que a Cat está melhor. Depois a gente volta pra casa e vê se ainda é possível ir pra Europa, como tínhamos planejado.

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça e, encarando-a de repente, perguntou:

— Está saindo com alguém?

— Tenho uns amigos. E você?

— Tenho umas amigas.

Interrompendo a conversa, Ollie chegou até eles e, ao ver como se olhavam, quis saber:

— Do que vocês estão falando?

Kate se levantou e acariciou o rosto de sua filha.

— De nada em especial, querida. Vou ver se a Cat quer alguma coisa. — seguida desapareceu.

Ao perceber que havia interrompido algo, Ollie se sentou ao lado do pai e sussurrou:

— Cheguei numa hora ruim, né?

Sam olhou para ela e, abraçando-a, respondeu:

— Princesa, você nunca chega numa hora ruim.

Capítulo 33

— Você está bem? — perguntou Michael, aproximando-se de Thais.

— Estou, sim, Michael. Obrigada — respondeu ela, olhando para ele com sorriso triste. — Eu só quero que isso termine logo e eu possa voltar ao hospital p

ficar perto da mamãe. Só estou aqui porque ela me pediu. Porque, sincera esse sujeito que está ali dentro — apontou para o caixão — não me desperta nenh sentimento bom. Não tenho o menor carinho por ele. Nunca foi legal com a mam nem comigo, apesar de ela sempre ter gostado muito dele.

— Isso que você está dizendo é muito duro, menina — falou Michael, cie revelação cruel que ela estava fazendo.

Thais balançou a cabeça, concordando.

— O mais duro é viver isso todo dia, mas já acabou. O pesadelo finalme terminou e eu só espero que eu e a mamãe possamos começar a viver em paz.

Samantha, que havia escutado tudo em silêncio, acariciou o braço dela com ternura.

— Claro que sim, querida. Agora vocês vão poder viver em paz, e não se preocupe com nada. Faremos todo o possível pra ajudar vocês.

A menina olhou para eles e murmurou agradecida:

— Vocês todos são tão bons comigo e com a mamãe que eu nem sei com
poder pagar por tudo o que estão fazendo pela gente. Se não fosse por vo
estaria sozinha no meio desse monte de problemas.

— Não pensa nisso — tentou animá-
la Makay, que a adorava. — Agora o que
você precisa fazer é seguir em frente, viver sua vida, e de preferência melhor do q
antes.

Ela concordou com a cabeça e, ao se lembrar de algo, perguntou:

— Que horas a vovó chegaria mesmo?

Samantha respondeu:

— Dick foi buscá-la no aeroporto, não se preocupe. Ele vai levá-la ao hospital.

Ao ver o caixão do seu pai sendo baixado à sepultura, a menina respirou aliviada.

O inferno que foi obrigada a aguentar desde pequena havia finalmente acabado, e
que ela mais desejava agora era ver a avó, voltar para perto da mãe e, co
dito segundos antes, poder viver em paz.

Depois do funeral, Michael a levou de carro até o hospital junto com Sam
Makay. No trajeto, ele falava para distrair a menina. Ao chegar, parou o c
na entrada.

— Michael, eu adoraria te apresentar à minha mãe — disse Thais ao se despedir
dele.

Mas Michael tentou deixar para outro dia. Ele tinha pressa. Estava ansioso
ver Kate.

— Eu também adoraria, mas talvez seja melhor em outro momento.

Thais não se deu por vencida e, olhando-o nos olhos, implorou:

— Por favor. Minha mãe vai adorar te conhecer.

Incapaz de recusar, acabou estacionando o carro e os acompanhou. Assim saíram do elevador e chegaram ao sexto andar do hospital em que Vaitere internada, deram de cara com a médica que cuidava dela.

— Dra. Newton! — gritou Thais ao vê-la. — Como está minha mãe?

A médica sorriu diante da presença da jovem. Não podia esquecer a expressão de dor daquela menina na noite em que chegou com sua mãe ao hospital.

—
Aloha, Thais — cumprimentou a mulher. — Sua mãe está respondendo mu bem ao tratamento.

— Sério? — disse a menina, chorando de emoção, e Makay e Michael se aproximaram para confortá-la.

— Não precisa mais chorar — consolou a médica, reparando em Michael primeira vez. — Sua mãe está bem. Ela precisa te ver alegre, porque o m remédio para um doente é a energia positiva dos que estão ao seu redor.

Totalmente de acordo com o que a médica dizia, Michael sorriu e balanço cabeça, concordando.

— Então já sabe, né, querida? Vem, enxuga essas lágrimas e vamos lá ve mãe.

Makay, que havia assumido uma postura protetora em relação a Thais, tiro lenço do bolso e ofereceu à menina.

— Vem, querida — incentivou Samantha. — Levanta esse ânimo e vem v mãe.

Enquanto os dois jovens caminhavam até o quarto 605, Samantha e Michael fora falar com a doutora.

— Meu nome é Michael Talaua e sou amigo da família — apresentou-se, estendendo a mão.

Aquela médica bonita e sensual cravou novamente seus olhos em Michael.

— Dra. Amanda Newton.

Consciente daqueles olhares, e numa tentativa de se fazer notar, Samantha perguntou:

— Doutora, o que a senhora disse é verdade?

— Dentro do possível, sim — respondeu ela. — As costelas fraturadas vã demorar um pouco para deixar de incomodar. O braço quebrado também v um tempo para sarar. As contusões e os hematomas, que é o que mais se primeira vista, vão desaparecer, e as facadas que ela levou não atingiram p vitais, felizmente. Acreditem em mim — insistiu a bela médica —, em duas ou tr semanas ela vai receber alta, mas precisará de ajuda em casa durante um tempo. -

Nesse momento o bipe da médica começou a tocar. — Vocês me dão lice preciso ir. Mas fiquem tranquilos que estou bem atenta ao quadro dela.

— Nós agradecemos — disse Samantha, que ainda observava como os doi paravam de se olhar.

A doutora se encaminhou com passos firmes em direção ao balcão das enfermeiras, e de lá falou por telefone durante alguns segundos. Pouco depois, el viram ir embora com uns papéis na mão.

— Vem, sorrisinho — brincou Samantha. — Vamos ver a Thais.

— Sorrisinho? — perguntou Michael, rindo.

Entre risadas e brincadeiras, chegaram ao quarto. Assim que entraram, vira Thais beijando sua pálida mãe. A pobre mulher de cabelo escuro e olhos estava inchada como um balão pela quantidade de golpes que havia sofrid

Samantha se aproximou dela e a cumprimentou.

— *Aloha*, bonitona. Como você está, querida?

— Melhor... melhor — respondeu bem baixinho, olhando-a com seus olhos inchados.

De repente irrompeu uma voz potente, com um acentuado sotaque havaiano.

— Espere só alguns dias e ela vai voltar a ser a linda mulher de sempre.

— Sra. Bahole — alegrou-se Samantha, chegando perto dela para lhe dar dois beijinhos. — Que bom vê-la de novo! Ainda que seja nessas circunstâncias...

— Entendo, entendo — concordou a mulher, triste.

Nesse momento Thais pegou a mão de Michael e o conduziu até a cama mãe.

— Mamãe, esse aqui é o Michael. O advogado amigo do Dick e da Samantha que vai ajudar a gente a pôr toda a papelada em ordem.

A mulher tentou sorrir, e Michael, comovido, só conseguiu dizer:

— Prazer em conhecê-la, senhora. Não se preocupe com nada. Meu irmão e eu ajudaremos em tudo que pudermos.

Vaitere estendeu a mão para apertar a de Michael, e com um fio de voz murmurou

— Obrigada. Muito obrigada. E, por favor, não me chame de senhora.

— Tudo bem — disse ele, sorrindo. — Não se preocupe com nada. O importante agora é que você se recupere e saia logo daqui.

— Michael — chamou Samantha para atrair a atenção dele. — Essa aqui é a sra.

Bahole, a mãe de Vaitere.

Aproximando-se daquela mulher de feições marcantes e intensos olhos negros, Michael a cumprimentou.

— Prazer em conhecê-la, senhora.

A mulher olhou para ele com gratidão, disse:

— O prazer é meu.

A porta se abriu e uma enfermeira entrou para injetar medicação no soro
Vaitere. Todos saíram do quarto, e Michael aproveitou a ocasião para se despedir.

— Preciso ir. Tenho que pegar a Sasha e o Tommy na creche.

— Você tem filhos, Michael? — perguntou a sra. Bahole.

— Bom, não sei bem o que responder — disse ele e, ao ver como ela o
com cara de espanto, esclareceu: — Não, não são meus. São os filhos do meu irm
Sam.

A mulher balançou a cabeça em sinal afirmativo.

— São umas crianças encantadoras — disse Samantha. — Um dia desses
tem que conhecê-las. Vai adorar.

— Quando a senhora quiser — completou Michael.

Observando-
o com aqueles seus belos, porém cansados, olhos negros, a mulher disse:

— Vou dizer a mesma coisa que minha filha: não me chame de “senhora”, porque
assim você está me fazendo parecer mais velha. — E, aproximando-
se dele,
acrescentou: — Michael, obrigada pela ajuda que você está nos dando ness
momento difícil. Não quero parecer cruel, mas não sinto a menor pena por esse se
vergonha ter se matado. Ah, e, por favor, faça tudo o que tiver que fazer
preocupe com o dinheiro, porque vamos pagar seus honorários.

— Sra. Bahole — sussurrou, olhando para ela. — Não se preocupe com nada. —

Consultou o relógio e disse: — Tenho que ir, senão não vai dar tempo de buscar a
crianças. Até logo.

Enquanto Michael se afastava pelo corredor, a mãe de Vaitere o observava e dava
graças a Deus por sua filha e sua neta terem amigos tão bons ao lado delas.

Capítulo 34

— Chegamos! — gritou Michael ao entrar em casa, com Tommy pendurado em s

ombros.

— Papai! Papai! — exclamou Sasha. — Vem ver o desenho que eu fiz pra você.

Ao ouvir a voz da filha, Sam foi correndo em sua direção.

— Oi, princesa. É lindo! Sempre quis ter um desenho assim — disse, abraçando-a.

Michael interveio:

— Achamos tão bonito que vamos prender com um ímã na porta da geladeira, nã é, querida?

— É, sim, pai. Eu e o tio decidimos isso no carro, no caminho pra cá.

Sam foi até a cozinha, onde fez o que a menina pediu.

— Então não se fala mais nisso. Aqui fica ótimo.

Orgulhosa do que havia feito, a criança olhou ao redor e perguntou:

— Cadê a Ollie, a Cat e a vovó?

— Já estão vindo — respondeu Sam. — Anda, vai lavar as mãos que eu dar uns biscoitinhos.

Quando a menina correu para o banheiro, Michael perguntou:

— E aí, como estão as coisas?

— Tudo bem... por enquanto tudo bem — respondeu com um meio sorriso.

— E esse sorrisinho, hein? Aconteceu algo emocionante?

Ao ver que Terry se aproximava pela porta de trás, Sam respondeu:

— Não, ainda não. Mas está pra acontecer...

Michael deu uma risada ao ver seu irmão tão otimista, e nesse momento uma voz surgiu:

— Sam, minha mãe disse que...

Mas Terry não conseguiu continuar, porque diante dela estava seu maior objeto d desejo.

— Oi, Michael — balbuciou como pôde.

— *Aloha*, Terry. Você por aqui? — respondeu quando foi capaz de reagir.

— Vim fazer companhia pra Kate. Foi ela que me pediu — explicou, nervosa, ser tirar os olhos dele.

Virando-se para Sam e encarando-o com olhar assassino, Michael suspirou.

— Mas que divertido — disse e, olhando para ela, acrescentou: — Estou encantado com sua visita. E já sabe, né? Se precisar de algo, pode esquec moro aqui.

— Seu idiota! — protestou ela.

— Sim. Eu sou mesmo — disse Michael, emitindo um risinho desagradáv

Além de ser o garanhão da ilha. Tem mais alguma coisa que essa sua boc meiga gostaria de dizer?

— Ah, claro... Não me provoca, hein! — bufou Terry.

Ao ver a confusão que estava se armando, Sam fez menção de dizer alguma coisa quando uma irrequieta Sasha apareceu na sala.

— Papai, já lavei as mãos. Me dá o biscoito?

Conhecendo Sasha e sabendo que ela não tinha papas na língua, Sam a pegou nos braços antes que ela perguntasse alguma coisa ou fizesse algo que pudesse Terry.

— Olha, querida, essa é a Terry, tia da Ollie e da Cat. Ela veio passar u com a gente.

Ainda furiosa com a recepção de Michael, Terry se esforçou para sorrir, a reparou nos pontos que a menina tinha na cabeça. Nesse momento entraram Sere

as outras.

— Olha só minha pequerrucha — gritou Serena.

— Oi, vovó — disse, atirando-se em seus braços.

— O que é que vocês fazem com as crianças aqui? — perguntou Terry em tom de brincadeira.

Sam sorriu. Ver Sasha e Cat machucadas dava mesmo o que pensar.

— Pois é, filha — explicou Serena. — A gente se meteu na maior encrenca.

— Tô com dodói — disse a menina, olhando para Terry e sem se dar co presença de Kate. — Mas já não está doendo tanto, e quando dói é só ur pouquinho.

Terry tentou reprimir o riso diante da expressividade da menina.

— Puxa, sinto muito, Sasha. Deve ter sido uma pancada forte.

— Afffff... o maior susto. — A menina suspirou, e Terry acabou esboçand sorriso.

Kate tomou coragem, respirou fundo e disse:

— Oi, Sasha. Lembra de mim?

Ao vê-
la, a menina arregalou seus olhos azuis e gritou com um sorriso de orelha a orelha:

— Papai... papai! É a sua amiga Kate, aquela moça bonita que me deu ur Barbie.

— Eu sei, princesa — respondeu Sam, sorrindo, apoiado no batente da po lado de Michael, que não abria a boca. — Mas não precisa gritar.

Empolgada em ver tanta gente, a menina olhou para Kate e disse:

— Ainda tenho aquela Barbie, mas o Tommy vive roubando de mim. Mas

cuido dela porque é uma das minhas preferidas.

— Não se preocupe — disse Kate. — Tenho certeza de que o Tommy só brincar um pouquinho com ela. — E, chegando mais perto da menina, acr

— Fico feliz por você se lembrar de mim.

A menina estendeu a mão e, com um sorriso que desarmou Kate, tocou o dela e disse:

— Você cortou o cabelo.

— É.

— Adorei — falou Sasha e, olhando para seu pai, que as observava com atenção, comentou: — Papai, a Kate está linda, né?

Michael sorriu e cochichou no ouvido de seu irmão:

— Essa menina é uma autêntica neta da Serena.

Sam olhou para ele sem entender nada e, movimentando-se com nervosismo, acabou balbuciando:

— Sim, querida, a Kate está linda.

Consciente de que aquela situação era constrangedora para todos, Kate quis mudar de assunto e perguntou:

— Onde está o Tommy?

— Ali — disse Michael.

— Oi, Tommy — cumprimentou-o Kate, indo para perto dele. — Nossa... que moto mais bonita você tem. Posso ver?

Sorrindo, o menino lhe entregou a moto e segundos depois esticou os brac para que ela o pegasse.

— Você quer vir comigo? — Tommy fez um gesto afirmativo com a cabe

Kate, sem pensar duas vezes, pegou-o nos braços diante do olhar atento de Sam e dos outros presentes.

Com a pequena Sasha nos braços, Serena observava a cena quase às lágrimas. Às vezes ela se surpreendia com suas filhas, ao ver como elas reagiam às dificuldade da vida.

Sam estava tão nervoso que não conseguia falar. Ollie e Cat, por sua vez, estavam adorando ver seus pais juntos na mesma casa, e Terry e Michael tentavam não olh um para o outro, a fim de evitar um curto-circuito.

— Foi o tio Michael que comprou essa moto. É igual à dele — comentou pequena Sasha.

— Você tem uma moto? — quis saber Terry.

— Tenho. Mas pra você é como se eu não tivesse.

Todos olharam surpresos para ele.

— Você quer andar de moto com o tio? — perguntou Sasha, incapaz de f boca fechada.

— Nem sonhando — murmurou Michael, mas sua voz acabou saindo tão alta que todo mundo escutou.

— Isso nunca me passaria pela cabeça, seu metido — respondeu Terry, irritada.

— Por que você não quer levar ela pra passear, tio? — perguntou a meni olhando para Michael.

Arrependido de ter pensado em voz alta, Michael se abaixou e, tentando amenizar a situação, disse:

— Princesa, não é qualquer um que pode andar na minha moto...

Terry fez menção de responder, mas acabou ficando quieta. Sua irmã Kate dirigido a ela um olhar de recriminação. Mas a criança era curiosa demais.

— Vocês estão bravos? — perguntou.

Sam pegou a menina nos braços.

— Chega de perguntas, linda... — sussurrou ele.

— Mas por quê? — insistiu.

Querendo acabar com aquela situação tão desconfortável, Michael mudou d

assunto:

— Quem quer sorvete de morango?

Sasha esqueceu tudo e gritou:

— Eeeeeeeeeeeeeeeuuuuu!

Quando Michael desapareceu com a menina, Serena olhou para Terry, que deu de
ombros.

— O que acham de jantarmos no restaurante do Dick? — propôs Sam, se
vontade de sair de casa para acalmar os ânimos.

Empolgados com a ideia, todas entraram no carro de Sam, enquanto Ollie subiu n
moto do tio. Quando chegaram lá, Sam se aproximou do balcão junto com Kate, e
emocionada, cumprimentou Dick e Samantha. A última vez que tinham se visto h
sido no casamento da alemã com o havaiano.

Terminado o jantar, Dick e Samantha foram até a mesa deles, e ela brincc
Michael ao falar da médica. Essa conversa não passou despercebida a Terry, que,
entanto, se esforçou para disfarçar o mal-estar.

Serena olhava encantada para todos eles. Estava maravilhada por ter ao seu lado
as pessoas a quem mais amava no mundo, entre eles aquelas duas crianças
passaram a fazer parte da sua vida. Depois da sobremesa, Kate tentou repr
bocejo, e Sam, solícito, sugeriu que voltassem para casa. Kate e Terry deviam est
cansadas da viagem. Ao chegarem, todos se despediram, e cada um foi pa
respectivas casas.

Capítulo 35

Quando entraram em casa, Serena e as meninas foram se preparar para do deixando Kate e Terry sozinhas em seu quarto.

— Kate, como você está? — perguntou Terry, da cama.

— Estranha, e você?

— Com vontade de sair correndo — brincou Terry. — Aliás, que gracinha aquela menina. E o menino é um fofo.

Kate balançou a cabeça, concordando, e sorriu. Mas não queria pensar neles.

— E sobre o Michael, o que você me diz? — perguntou.

Terry não conseguia tirá-lo da cabeça.

— Ele me odeia — murmurou.

— Normal — concordou Kate. — Você o humilhou não faz muito tempo.

— Não me dirigiu a palavra a noite inteira.

— Dá um tempo pra ele.

— Não vou dar tempo coisa nenhuma... E digo mais: não dou a mínima para ele!

— Terry, para com essa bobagem. Você está louca pra que ele fale contig adianta negar!

Ela não respondeu. Estava com raiva demais.

— Sei que talvez você não goste de tocar no assunto, mas preciso lembrar que o último encontro de vocês não foi exatamente divertido. Michael terminou f trapo no chão, morrendo de dor.

— Você tem razão. Mas ele fez por merecer, o cretino.

— Terry... — protestou Kate, mas, ao ver a irmã bufar, acabou desistindo contra-argumentar. — Vamos dormir. Estamos precisando.

— Boa noite.

Em poucos segundos, Kate começou a respirar profundamente e Terry dedu que ela havia adormecido. Tentou fazer o mesmo, mas era impossível. Fico revirando na cama e ao fim, desesperada, decidiu se levantar e tomar um d'água. Na cozinha, com o copo na mão, abriu a porta dos fundos da casa e resolv se sentar no balanço para relaxar ouvindo o barulho do mar. Sentindo a br seus cabelos enquanto se balançava no compasso das ondas, seus olhos acabaram fechando e ela pegou no sono.

De repente, acordou sem saber quanto tempo tinha passado desde que adormecera. Alguém a havia coberto com uma manta azul. Voltou a olhar frente e viu que a cor do horizonte e também a do mar tinham mudado d última vez que ela observou, e subitamente escutou uma voz a seu lado:

— Uau... A Cruella de Vil acordou.

Terry logo reconheceu a voz e o sotaque.

— Michael? — perguntou, sobressaltando-se.

Ele estava sentado nos degraus da entrada da casa, e seu rosto exibia uma expressão divertida.

— Sim, senhora. Esse é meu nome.

*Ai, meu Deus, que humilha*ção ...
, pensou ela, horrorizada, e se ergueu do balanço imediatamente.

— Devo ter adormecido. Não sei há quanto tempo estou aqui.

— Bom, considerando que são sete da manhã e que eu te encontrei aqui roncando e morrendo de frio por volta das cinco...

— Roncando?! — gritou. — Foi mal, gatinho, mas sinto te informar que ronco, não.

— Tem certeza?

— Absoluta!

Michael sorriu e fez menção de dizer alguma coisa, mas ela se antecipou:

— Você disse que são sete da manhã?

Michael se levantou e foi se acomodar ao lado dela no balanço.

— Pra ser mais exato, são sete e vinte.

Confusa, Terry retirou o cabelo do rosto, que estava despenteado por causa brisa, e sussurrou:

— Sentei aqui pra tomar um copo d'água e... putz, devia ser tipo uma ou duas da madrugada!

— Então que belo cochilo você deu no balanço, hein! Hoje você vai ficar com o corpo todo moído.

O que me dói é não ter coragem de te beijar, seu idiota, pensou ela, acal

Ter Michael tão perto era perturbador, mas Terry se esforçava para aparent normalidade.

— E você, o que está fazendo acordado tão cedo? — Mas antes que ele dissesse qualquer coisa ela reparou na roupa azul e preta de borracha que ele estava usand

— Eu ia surfar um pouco.

— A essa hora?

— É. Acordei do nada, não consegui pegar no sono outra vez e decidi relaxar con minha prancha na água.

Ai, Deus... ai, Deeeeeeus, ele está incrível!

— Por que você não me acordou antes? — disse ela e, ao ver como ele a olhava, fez mais uma pergunta: — O que você ficou fazendo desde as cinco da manhã?

Ajeitando o cabelo que o vento havia soltado do rabo de cavalo, Michael com sua sensualidade característica:

— Brincava com você. Pensei em pintar um bigode na sua cara, mas acab ficando com preguiça. — Ao ver que ela enfim abria um sorriso, ele acrescentou:

A primeira coisa que fiz foi te cobrir com a manta. Depois entrei na água e nadei pouco, e por último sentei aqui pra ouvir você roncar.

— Ai, Michael — protestou ela, imaginando aquela cena horrorosa. — Vo terrível. Como não me acordou?

Ele estava adorando ter a situação sob controle e deixar Terry confusa daq jeito.

— Porque eu não sabia se você ia me atacar. E, diante dessa dúvida, resc deixar você exatamente onde encontrei. Mas, claro, cobertinha pra não peg friagem. Sou idiota a esse ponto com minhas *inimigas*, como você pode ver.

Terry se sentiu péssima e decidiu que havia chegado o momento de lhe pe desculpas.

— Sinto muito... Me desculpa pelo modo como me comportei aquele dia n desfile.

— O que foi que você disse?! — perguntou, fingindo não ter entendido, e

tivesse escutado direitinho.

— Que eu peço desculpas por ter te tratado tão mal na última vez que a gente se viu.

— Uau... — disse ele, rindo. — Pena que eu não posso gravar esse mom histórico.

— Michaeeeeeeeel — resmungou ela. — Você sabe como eu sou: primeiro faço a bobagem, e só depois eu paro pra pensar. É meu grande defeito e eu tenh consciência disso. E por isso peço desculpas. Agi como um animal e não justificativa pra esse comportamento.

Conseguir que Terry, por iniciativa própria, pedisse perdão já era um grand triunfo. Por isso, e sabendo que aquela atitude era inédita, ele respondeu:

— Eu te perdoei antes de voltar a Oahu.

— Sério?

— Sério — respondeu ele, sorrindo. — Sou idiota a esse ponto.

Desconcertada ao ouvir isso, Terry se limitou a sussurrar timidamente:

— Obrigada.

— Podemos ser sinceros um com o outro?

Inquieta por aquela pergunta, sentiu vontade de afastar o cabelo que a bris acariciava em seu belo rosto moreno. Michael era especial para Terry.

— Sim. Claro.

Ele estava disposto a falar tudo que guardou para si durante tanto tempo.

— Se eu te beijei naquela noite, foi porque passei anos desejando isso e...

Mas, ao ver a expressão dela, mudou o tom de voz e acrescentou: — Eu preciso pedir desculpas por ter tomado a liberdade de te beijar.

— Está desculpado. Mas, Michael, foi tudo tão precipitado que...

Ele a interrompeu:

— Precipitado? Você acha precipitado eu te beijar depois de passar mais de vinte anos desejando isso e reprimindo essa vontade? Olha, gata, ver você toda manhã pra mim mais uma tortura do que um prazer. Durante anos fui testemunha silenci de centenas de coisas que eu gostaria de não ter visto, mas aguentei porqu sempre estava acima de tudo. E você acha precipitado? Fala sério, Terry! Você nã tem nem ideia do que foi pra mim te ver e não te beijar. E... e outro dia, quando te e começou a tocar nossa maldita música, precisei te beijar de uma vez por todas p que você soubesse o quanto eu gosto de você e...

— Precisou? Você “precisou” fazer isso?

— Exatamente — respondeu ele, sem parar de olhá-la. — Precisei.

— E por acaso não pensou no que eu precisava?!

Pronto para o contra-
ataque, Michael se levantou do balanço, ficou de frente para

Terry e, decidido a se afastar antes que ela o ferisse de novo, disse:

— Sabe de uma coisa, linda? Por muitos anos, toda vez que tocava “Desafinado”

e você dançava essa música comigo, toda derretidinha, eu pensava ver em você al que, claro, já percebi que não passa de imaginação minha. Mas, mesmo que você recuse a admitir, no dia em que te beijei, por uma fração de segundo eu sensação de que você estava curtindo tanto quanto eu. — Ela não respond acrescentou, com certa ironia: — Mas tudo bem, calma, depois desse tão beijo eu aprendi a lição de que ninguém se aproxima da Terry se ela não fim.

— Michael...

Irritado e convencido de que aquela conversa havia chegado ao fim, ele arrematou:

— Espero que você aproveite bastante os dias que passar aqui, na minha terra, e tenha ótimas férias. E pode ficar tranquila que eu não vou cruzar seu cam visão, se isso também te incomoda.

Terry ficou frustrada ao vê-lo desistir antes mesmo que ela pudesse falar.

— Michael. Escuta, eu... — sussurrou.

Mas ele, cada vez mais ressentido, não a deixou continuar.

— Não importa, Terry. Já está tudo bem claro entre a gente. Volta pra ca dorme.

Ela ficou paralisada. Queria lhe dizer tantas coisas que não sabia por onde começar. Mas, em vez disso, Terry o viu se afastar, chegar até a praia, arrancar su prancha da areia e voltar irritado para casa, onde deixou a prancha apoiad entrada e desapareceu pela porta.

— Por que você não falou nada pra ele? — perguntou Kate de repente.

Assustada, Terry se virou para sua irmã.

— O que você faz aí escondida que nem um fantasma? Está bisbilhotando

perguntou num tom queixoso.

Sem sair da casa, Kate negou com a cabeça.

— Acordei e, como vi que você não estava, vim te procurar e te vi aqui falando com o Michael — respondeu.

Agitada e irritada com o fato de Michael ter sido tão duro, Terry protestou:

— Ah, claro! Aí você aproveitou e ficou aqui escutando. Bisbilhoteira!

— Cheguei quase no final e reconheço que escutei o que ele disse — exp triste ao ver o quanto a irmã estava angustiada. — Mas o que eu não entendo é po que você não disse o que pensa ou sente por ele. Terry, pelo amor de De Michael acabou de abrir o coração pra você, e você não fez nada. Ficou só ouvinc com cara de tacho.

Terry estava irritada consigo mesma.

— Não deu. Ele não me deixou falar. Você não viu?

— O que eu vi é que ele é mais corajoso que você e pelo menos luta pe quer. Caramba, Terry, o que você vai fazer?

— Ué, você não escutou o que ele disse?

— Você pode convencê-
lo. Pode se jogar de cabeça nessa história, como ele se jogou, e fazê-
lo mudar de ideia.

— Não posso, eu... — sussurrou Terry com o coração a mil.

— Pô, Terry, reage! Acho que é o Michael. Ele está voltando — disse Kate, mas, ao ver a porta da casa ao lado se abrindo, cochichou, escondendo-se.

Terry se virou e, sem sair do lugar, viu Michael se aproximando dela com passos firmes exalando sensualidade. Quando ele estava a apenas dois metros de distânci ela perguntou baixinho:

— Está acontecendo alguma coisa, Michael?

De um salto, ele subiu os três degraus e a olhou fixamente nos olhos.

— Sim... está acontecendo isso. — E, pegando-
a pela cintura, puxou Terry para si e a beijou.

O encontro de seus corpos emocionou os dois durões. Com determinação, Michael a apertou contra si e devorou sua boca, enquanto ela saboreava aquele be delicioso e ardente. Ela passou a mão pelo cabelo escuro dele e, o provoc apertou-
se contra ele enquanto sentia o calor tomando conta do próprio corpo.

Ficaram assim por alguns segundos, até que ela disse, num tom de gemido:

— Para...

— Não. — Mas, ao sentir o olhar que ela lhe dirigia, acabou soltando-
a a
contragosto. — Desculpa. Não consegui controlar de novo meu desejo por

Terry, quando te vejo, você me faz perder o controle e...

Dessa vez foi ela quem não o deixou continuar. Aproximando sua boca da Michael num gesto provocante e agarrando-o com força, sussurrou:

— Escuta, ô garanhão da ilha...

— Começamos mal...

— Cala a boca e me escuta — exigiu ela. — Não parei de pensar em você e, se tivesse me deixado falar antes, eu teria feito exatamente isso que você aca fazer.

Incrédulo, ele abriu um sorriso encantador que desarmou Terry completamente. E

começou a dar beijinhos nos lábios dela e na ponta do nariz.

— Nunca é tarde pra fazer isso.

— Você tem razão — concordou ela e, encostando sua boca na de Micha mordiscou seu lábio inferior, passou a língua em torno da boca dele e sussurrou: -

Acho que existe uma coisa muito especial entre a gente e, nos dias em que eu fica aqui, quero descobrir se você também quiser isso.

— Eu também quero, linda, e espero que o que a gente descubra seja tão intenso

pra você quanto é agora pra mim.

Depois de se olharem nos olhos com a respiração entrecortada, voltaram a se beijar, até que Michael se deu conta de que era preciso parar naquele exato instante senão ele não resistiria e iria levá-la para a cama.

— Odeio dizer isso, mas, se eu continuar aqui, não vou conseguir me controlar —

disse e, depois de lhe dar um último beijo nos lábios, acrescentou: — Anda descansar. Amanhã, se você quiser, a gente pode sair pra jantar. Precisamos conversar sobre várias coisas. Que tal?

Lamentando não poder levar adiante aquele jogo sedutor, Terry se afastou dele e, enquanto entrava na casa, cochichou para que ninguém escutasse:

— Vou adorar jantar com você.

Sentindo-se no céu, Michael sorriu como uma criança enquanto a observava.

— Não comenta com ninguém sobre nosso encontro. Quero ver a cara de pessoas — disse, rindo.

Achando graça também, ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e, quando fechar a porta da casa, ouviu:

— Terry... Terry.

Virou-se depressa para ele e perguntou:

— Que foi?

Com uma sensualidade e um jeito malicioso que a fizeram sorrir, ele disse enquanto caminhava para sua casa:

— Mesmo que você negue, sinto te dizer que você ronca.

— Você é terrível, Michael — disse ela, rindo e vendo-o se afastar. — Terrível.

Michael, o homem que a havia deixado na pior, voltara a lutar por ela e sua proposta. Estava completamente absorta em seus pensamentos quando d repente ouviu:

— Você é que é terrível.

Virando-se para sua irmã, que continuava meio escondida na sombra, perguntou:

— Você continua aí, sua bisbilhoteira?

Enxugando as lágrimas, Kate fez que sim com a cabeça.

— Foi tão romântico... — disse.

Incrédula, Terry se aproximou de Kate, cujo rosto ainda estava coberto de lágrimas.

— Está chorando? Ah, para com isso, sua boba... — repreendeu Terry com ternura.

— Terry, é que fico tão feliz por você — disse, abraçando-a.

Aquele sincero carinho de Kate deixou Terry emocionada.

— E por que agora eu também estou chorando?

— Não sei — respondeu Kate, rindo, e sem soltá-
la acrescentou: — Anda, vamos

pra cama. Precisamos descansar. E pode ficar tranquila: não vou comentar ninguém sobre o jantar de vocês.

Capítulo 36

No dia seguinte, por volta das onze e meia da manhã, o telefone tocou na Michael e Sam. Era Thais, que perguntava por Michael, e Sam entrou no quarto d para acordá-lo.

— Bom dia. Aconteceu alguma coisa? — perguntou Michael, ainda sonolento.

— Desculpa te acordar, Michael — falou a garota. — Mas é que acabaram de me ligar da seguradora do carro do meu pai e disseram que eu tenho que pag determinada quantia por causa do automóvel e... Ai, Michael... eu não tenh dinheiro, como vamos pagar por tudo isso? — sussurrou agoniada. — Eu não sab a quem pedir ajuda e...

— Não se preocupa. Você fez bem em me ligar — disse, espreguiçando-se. —

Você disse que ligaram da seguradora? — perguntou, agora sentado na cama.

— Isso, mas fiquei tão nervosa que quase não entendi o que eles disseram deram um número de telefone pra falar com um tal de Stephen Mawnster.

Nesse momento Sam entrou no quarto novamente para lhe entregar uma xícara de café. Michael balançou a cabeça em agradecimento.

— Vamos fazer uma coisa, Thais. Te vejo à uma da tarde no meu escritório, e de lá a gente liga pra seguradora. Pode ser?

— Ok. Combinado — disse Thais, sorrindo aliviada do outro lado da linha

Obrigada, Michael.

Quando a conversa acabou, Sam interrogou o irmão com o olhar.

— Ligaram da companhia de seguros exigindo o pagamento de alguma co

explicou Michael.

Sam suspirou.

— Já imaginávamos que isso aconteceria. Você sabe como algumas seguradoras agem como abutres.

Michael bebeu o café de um trago só e devolveu a Sam a xícara vazia, levantando-se.

— Vou tomar um banho pra ver se eu acordo de vez.

Antes de sair, Sam perguntou:

— Vem cá, você não tem nada pra me contar, não?

Michael entendeu logo do que ele estava falando e, sorrindo, apoiou-
se no batente da porta.

— Que fofoqueiro!

Sam deu uma risada.

— Ainda não falamos sobre a chegada de uma tal de... Terry. Não é?

Com uma cara que deixou Sam desconcertado, Michael pousou sua mão no ombr
dele.

— Em primeiro lugar, você é um péssimo irmão por não me avisar que essa peste
tinha vindo junto com a Kate. Nunca vou te perdoar por isso! E, segundo, tenho u
encontro essa noite.

— E sobre a Terry...

— Não — cortou Michael, surpreendendo-
o. — Não quero tocar nesse assunto. O

que eu quero, na verdade, é que você não conte comigo pra levar a famíl
passear por aí. Entendido?

— Está dizendo que vai dispensar a mim e as meninas que vieram de Nova York?

— Exatamente! Dispenso! Tenho coisas mais importantes pra fazer do que
todas as suas mulheres pra passear.

— Pô, Michael, não faz isso comigo.

— Foi mal, irmão, mas não quero saber de nada disso.

Estranhando aquela recusa, Sam franziu as sobrancelhas.

— Você tem um encontro? — perguntou.

— Tenho.

— Com quem?!

Michael estava disposto a irritá-lo.

— Com uma gata incrível.

— É a médica que a Samantha mencionou ontem à noite?

— Não.

— Então com quem? — insistiu Sam, mas, ao perceber que o irmão não revelaria nada, murmurou: — Tá bom. Chega. Desculpa não ter te contado que a T junto com a Kate. Mas pensei que seria uma surpresa pra você e...

— Surpresa! — exclamou Michael. — E que surpresa, hein!

Sem entender a reação de seu irmão, Sam cochichou para ninguém mais ouvir:

— Então, se foi uma surpresa o fato de ela ter vindo pra ilha, pode me e por que justamente agora você marcou de sair com outra mulher?

— Sou masoquista mesmo — brincou Michael.

— Mas desse jeito você nunca vai conseguir o que quer com ela.

Michael chegou mais perto do irmão e o pegou fraternalmente pelos ombros.

— Sam, acho ótimo que a Terry esteja aqui — disse. — Mas eu tenho u encontro essa noite e não vou desmarcar por nada nesse mundo.

— Faz o que achar melhor — alfinetou ele, irritado, e se afastou. — Mas depois não reclama.

Enquanto via Sam distanciando-
se, sorriu para si mesmo ao imaginar a cara que o
irmão faria quando descobrisse com quem ele iria sair.

Michael tomou um banho, vestiu uma camisa branca e calça social azul, pegou o capacete e andou até sua moto. Ao passar pela porta, viu Serena se aprox junto com Kate, Terry e as meninas, e se deteve diante delas.

— Aonde vai tanta beleza junta? — perguntou.

Ai, meu Deus... esse homem é muito gostoso, pensou Terry, sem deixar nir perceber sua reação.

— À praia — respondeu Serena. — Sam e as crianças estão aí dentro?

Colocando o capacete, ele subiu em sua moto.

— Deixei uns pestinhas ali — brincou ele, sem olhar um segundo para Te

Despediu-se e arrancou com a moto: — Bom, meninas, estou indo. Até mais.

Terry sorriu e ficou observando-
o se afastar, até que de repente sentiu alguém segurando seu braço.

— Para de fazer essa cara de boba, senão vão acabar reparando — sussur Kate.

Nesse momento, ouviram as vozes das meninas:

— Uau, como o tio está gato! — suspirou Ollie, olhando para Cat, que concordou

Serena acrescentou, virando-se para suas netas:

— Além de lindo, o garotão tem um encanto especial, né?

Terry olhou para todas elas com cara emburrada. Sua irmã estava achando a maio graça disso.

— Mãe — interveio Kate. — O Michael sempre foi muito simpático.

Num tom de indiferença, Terry comentou:

— De simpatia o inferno está cheio. — E, depois de dizer isso, passou na frente de todas elas, que a olharam perplexas.

Dez minutos mais tarde, estavam curtindo o sol e a brisa, enquanto se bar na praia maravilhosa em frente à casa.

Capítulo 37

Quando Michael chegou à porta de seu escritório, Thais já estava lá.

— *Aloha*. Está aí esperando há muito tempo?

— Acabei de chegar — respondeu, enquanto ele abria a porta.

Assim que entraram, sentaram e se acomodaram diante da mesa marrom-escura.

— Bom, vamos lá. Me conta o que aconteceu.

A garota, nervosa, tirou o cabelo do rosto.

— Hoje, lá pelas nove e meia da manhã, o telefone tocou. Era um tal de Stephen, da companhia de seguros Mulahoe. Disse que, depois de analisar o caso do acidei do meu pai, concluiu que teríamos que pagar não sei o quê, e... e... e...

Com um sorriso, Michael olhou para a menina e disse, pegando o telefone:

— Calma. Me dá o número da seguradora que eu vou ligar pra eles.

— Eu... bom... eu... também quero comentar outra coisa com você.

Ao ver sua expressão constrangida, Michael desligou o telefone.

— O que você quer contar?

A garota abriu a bolsa, tirou uma espécie de livrinho e o estendeu a Mich enquanto explicava:

— Ontem eu estava juntando a roupa do meu pai para doar a instituições caridade e encontrei isso em uma das gavetas.

Michael pegou o que ela lhe entregava.

— É um cartão do banco Aloha Oahu. Uma conta no nome do seu pai.

— Sim... isso eu vi.

— Thais, seus pais tinham alguma conta conjunta?

— Tinham — respondeu ela, entregando-

lhe outro cartão. — Essa não é deles. —

E, depois de um suspiro, murmurou: — Acho que a mamãe não sabe da dessa conta. Aqui tem dinheiro suficiente pra ela poder viver tranquilament muitos anos, sem se preocupar em trabalhar. Com esse dinheiro poderíamos termi de pagar a casa e acertar várias outras coisas, mas o problema é que está nome dele. Podemos sacar o dinheiro do banco?

— Não é fácil — respondeu Michael, suspirando. — Mas vamos ver o qu podemos fazer. Me dá uns dias pra eu ver se consigo fazer alguma coisa, ok?

A menina sorriu e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Não comenta nada com sua mãe. Não quero que ela crie expectativas de algo que não necessariamente vai ser possível. Podemos ligar pra seguradora agora?

— Combinado. Não vou falar nada, pode deixar — respondeu.

Michael discou o número da seguradora e perguntou pelo senhor Mawnster. Vinte minutos depois, desligou o telefone. Então Michael se virou para ela e explicou:

— Vou direto ao ponto, Thais. Seu pai assinou uma cláusula no seguro determinando que, se o acidente fosse por embriaguez, a empresa não pagaria nad

Por isso, não vamos poder receber o dinheiro que a seguradora costuma dar em ca de morte.

— Não queremos o dinheiro — respondeu ela rapidamente. — Mas e aqu história de que temos que pagar sei lá o quê?

— É pelos danos que seu pai provocou na estrada com esse acidente.

— Sério? — perguntou ela, incrédula.

Michael balançou a cabeça num gesto afirmativo.

— Sério, querida. Vocês têm que pagar 600 dólares.

— E isso é tudo?

— É. Nada mais — disse ele, sorrindo ao ver como ela respirava aliviada.

Conversaram mais um pouco, depois se levantaram e se dirigiram até a porta.

— Quer que eu te deixe em algum lugar? — perguntou Michael.

A jovem negou com a cabeça e consultou seu relógio.

— Tenho que ir à joalheira aqui do lado deixar uma coisa da minha mãe. Depois vou para o hospital.

— Vem — disse, pegando-
a pelo braço. — Eu te acompanho na joalheria e depois
te deixo no hospital. É caminho pra mim.

Ao chegar à joalheria, Michael entrou junto com a garota.

— *Aloha*.

— *Aloha* — responderam Michael e Thais.

— Em que posso ajudá-los? — perguntou o vendedor enquanto Michael observava uma das vitrines.

A jovem abriu a bolsa e tirou um objeto.

— Queria que vocês consertassem o fecho desse broche.

O funcionário o pegou e analisou por alguns segundos.

— Fazia tempo que eu não via um desses. Já não se produzem peças como essas tão delicadas e principalmente tão bem-
trabalhadas. Ah... e essa aqui, além disso,
pode ser utilizada como pingente. Que interessante.

Thais sorriu. Era uma relíquia familiar.

— É uma joia da minha família. Algo muito especial.

Michael se aproximou deles.

— O que é especial?

— Esse broche — disse ela, mostrando a ele. — É uma joia da minha família que pode ser usada como broche ou pingente. Você gosta?

Michael se deteve pela primeira vez naquele pequeno objeto e, com a boca seca, perguntou:

— Posso ver?

Thais fez que sim com a cabeça, enquanto falava com o funcionário. O broche era a metade de um coração folheado a prata. Michael ficou sem palavras, nem piscou enquanto tentava captar cada detalhe. Como aquilo era possível? Aquele objeto era igual, para não dizer idêntico, ao que sua mãe lhe havia deixado no orfanato, num envelope entregue a Daula.

— É maravilhoso — repetiu o funcionário. — Já não se fazem trabalhos como esse. Se você fosse a um antiquário, tenho certeza de que te dariam um bom dinheiro por ele.

— É tão antigo assim? — perguntou Michael, sem tirar os olhos do broche.

— Essa peça tem pelo menos duzentos anos.

— Eu nunca levaria num antiquário — disse Thais. — É uma coisa muito especial pra gente.

Como se queimasse suas mãos, Michael o soltou.

— E a outra metade do broche? — perguntou o funcionário, curioso.

— Como assim?! — reagiu Thais.

— Esse broche é a metade de um coração entrelaçado, está vendo? — Apontou um fiozinho de prata que deveria ser unido a outro. — Só se pode entrelaçá-lo com o par exato dele. Já te disse que essas peças são únicas. Irreproduzíveis. Não dá pra unir duas peças que não foram criadas juntas, no mesmo momento.

— Nunca me falaram que havia outra metade. Vou perguntar à minha mãe e à minha avó. Com certeza elas sabem de alguma coisa — respondeu Thais, surpresa

O funcionário colocou o broche numa bolsa marrom.

— Vai ficar pronto em três dias.

— Ótimo — disse Thais, sorrindo. — Tchau.

Saíram para a rua, mas Michael continuava calado. Sua mente estava em turbilhão.

— Michael, está tudo bem?

Ele sorriu, tentando reagir, mas não conseguia tirar da cabeça a pergunta d joalheiro: *E a outra metade do broche?*

— Está, sim. Fica tranquila. Eu só estava pensando na história desse broche.

— Eu e a mamãe o deixávamos escondido. Sabíamos que, se o papai encontrasse iria vendê-
lo. Ele o procurou por muito tempo, mas eu entreguei à minha amiga Luna, que guardou na casa dela. Ontem, finalmente, a mamãe pediu pra e broche ao hospital. Segundo ela e a vovó, esse broche ou pingente é um amuleto sorte. Se bem que, infelizmente, nunca deu sorte pra minha mãe.

— Vocês precisam esquecer o passado e pensar que a vida segue em frente.

— A gente pensa nisso, Michael, mas não é fácil esquecer.

— Eu sei que não fácil, mas agora tudo vai ser diferente. Inclusive sua a aqui e eu tenho certeza de que ela vai ajudar vocês — falou ele, emocionado.

— É uma mulher incrível. Eu amo muito ela.

Michael fez um gesto afirmativo com a cabeça. E de repente sentiu vonta saber mais sobre ela.

— Lembro que a Samantha me falou que ela não vive em Oahu. É verdade?

— É. Ela mora em Lanai.

— Ela é de lá?

— Não. É daqui mesmo, de Oahu. Acontece que, quando se casou com meu avô, foram morar no Havaí. Ele trabalhava no Banco da Ilha, e foi no Havaí q mãe nasceu. Quando a mãe do meu avô ficou viúva, todos foram morar em Maui depois que ela morreu, mudaram-se para Lanai e lá estão até hoje.

— E o seu avô?

— Morreu há dois anos. Ele também não dava uma vida boa pra minha a

comentou a garota, suspirando. — A verdade é que nem minha mãe nem minha a tiveram sorte no amor. Mas, quando meu avô morreu e minha avó começou a visi a gente, as coisas pioraram. Meu pai não suportava a vovó.

— Por quê?

— Porque minha avó sempre soube que ele não era bom pra minha mãe. Quando eu tinha seis anos, meu pai nos trouxe a Oahu pra nos afastar do carinho da vovó.

toda vez que ela vinha visitar a gente e via que eu e minha mãe estávam malvestidas ou mal-alimentadas, ela se irritava e enfrentava meu pai.

— Claro — disse Michael.

— As visitas foram ficando cada vez mais espaçadas, até que chegou um momento em que a vovó só vinha três ou quatro vezes por ano, pra não causar ma problemas pra minha mãe.

— Coitada da sra. Bahole. Realmente sofreu um bocado.

— Pois é — concordou a jovem. — A vovó também não teve uma vida

Meu avô era muito rígido com ela. Era um homem de outro tempo, bastan conservador e machista, e achava que ela deveria fazer tudo por ele, senão aborrecia. Ficava jogando na cara dela que era ele que botava comida na pagava as roupas dela.

— A vida das pessoas é realmente curiosa — disse Michael. — Sua avó tão ativa, tão dinâmica e tão boa pessoa que a gente sente a maior tristeza ao ouvi uma história dessas.

— É triste mesmo, ainda mais quando a gente vê os olhos dela cheios de lágrimas e quando ela diz, em resposta às minhas perguntas, que às vezes as lembranças sã tão reais que a fazem chorar. Imagino que ela pense nos pais dela ou em sua famí já desaparecida.

Michael se sentia cada vez mais confuso. A história. O broche.

— Qual é o nome da sua avó?

— Ela se chama Thalia — respondeu, quando já estavam bem perto da moto. —

Adoro esse nome. Se um dia eu tiver uma filha, vai se chamar assim.

Ao ouvir esse nome, Michael ficou sem fôlego. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Sentiu a saliva engasgada na garganta, e as palavras pareciam desintegrado, para nunca mais voltar. Sua cabeça ia explodir. Como aquilo estar ocorrendo? Será que a Thalia poderia mesmo ser sua mãe?

Quando subiram na moto, Michael dirigiu automaticamente até o hospital, prestar atenção ao trajeto. Aquela hipótese estava deixando-o aflito. Assim que chegaram, ele estacionou a moto e os dois entraram no hospital para ver Vaitere.

Ela parecia melhor e, ao vê-lo chegar junto com sua filha, abriu um grande sorriso e escutou atentamente o que Michael tinha a contar sobre o problema do seguro. não disse nada a respeito da conta bancária.

Instantes depois, a porta do quarto se abriu, e a avó da garota entrou com sanduíche nas mãos.

— *Aloha* — cumprimentou, bem-humorada. — Que alegria ver minha linda neta e seu amigo bonitão.

Nervoso, Michael estendeu a mão para ela e disse num fiapo de voz:

— *Aloha,* sra. Bahole. É um prazer vê-la de novo.

— Eu digo o mesmo — respondeu e, mostrando o sanduíche, explicou: — tinha comprado isso aqui pra comer, mas se vocês quiserem eu vou lá em

trago mais um pra vocês.

— Mãe — protestou Vaitere. — Eu falei pra comer alguma coisa com ma sustança do que um sanduíche.

— Não estou com muito apetite, filha — disse, sorrindo com carinho.

— Isso não está certo, sra. Bahole — interveio Michael. — Assim a senhora vai ficar doente e depois vamos ter que cuidar da senhora também.

A mulher olhou fixamente para ele e falou com ternura e simpatia:

— Já te disse outro dia, Michael, pra não me chamar de "senhora". O me você me chamar pelo nome. É Thalia.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Pois então, Thalia, acho que você deve descer e comer alguma coisa. T por que não leva sua avó lá embaixo e vocês duas comem com calma? Eu fico aq com sua mãe, e assim a gente conversa um pouquinho.

A garota se levantou rapidamente.

— Vem, vó, eu também não comi nada. Vamos lá embaixo comer alguma coisa.

Thalia finalmente se deu por vencida.

— Está bem. Mas que fique claro que vou à cafeteria porque acho que es deixando em boas mãos — disse, olhando para sua filha. — De qualquer forma, n vamos demorar muito.

— Vai lá, mãe. Vai com a Thais pra ela comer também.

As duas desapareceram pela porta, deixando Michael a sós com Vaitere. Passaram algum tempo tratando das questões burocráticas que deveriam resolver depo morte do marido dela. Michael a observava com discrição. Percebeu que os olhos Vaitere, apesar da cor meio amarelada que tinham por causa dos golpes so eram iguais aos de sua mãe, e pela primeira vez admitiu que aqueles olho

iguais aos seus. Será mesmo que ela poderia ser sua irmã?

Vaitere se deu conta de como ele olhava para ela e ficou um pouco inquieta com isso. Aquele advogado era excessivamente amável com ela. Será que queria mais do que ser seu advogado?

Quarenta e cinco minutos depois, Thalia e Thais voltaram ao quarto com um sorriso nos lábios.

— Toma, Michael — disse Thalia, entregando-lhe um pacote embrulhado em papel alumínio. — Come esses sanduíches quentinhos. Você também está de barriga vazia.

Ele concordou com cara de bobo.

— Realmente estou com fome.

Por volta das seis da noite, despediu-se delas e prometeu voltar outro dia.

Precisava de respostas e só poderia encontrá-las investigando um pouco.

Capítulo 38

Naquela tarde, quando Michael chegou em casa, estacionou a moto e, sem cumprimentar ninguém, foi direto para o quarto. Abriu o armário e de lá tirou a caixa de madeira em que estava guardado o broche de prata. Ele o pegou entre suas mãos e olhou para o objeto durante um bom tempo. Era idêntico ao que Thais havia levado para consertar. Mas ele precisava confirmar se faziam um par. Ainda com o broche nas mãos, pegou a carta que a sra. Daula lhe entregou quando ele se tornou maior de idade e voltou a lê-la:

Querido Michael,

Tanto seu pai quanto eu te amamos do fundo do coração, mas as circunstâncias deixar aqui. Não sei quando vou poder voltar para te buscar, mas quero que quando eu acordar, pensarei em você, porque te levo no meu coração. Deixo contigo coração, com a esperança de que algum dia nossas vidas voltem a se unir.

A mamãe te ama.

T.

Ao longo dos anos, Michael havia lido aquela carta centenas de vezes, ma
repente voltou a lhe dar a importância de antes. O broche em forma de meio cora
e a inicial T eram as únicas pistas que ele tinha sobre sua família, em especial sob
sua mãe. E de súbito, naquele dia, sem querer, sem esperar, um broche e uma mul
chamada Thalia lhe haviam devolvido as esperanças.

Depois de guardar no armário a caixinha com seus tesouros, saiu do quart
um largo sorriso. Poderia mesmo ser verdade tudo o que ele imaginava? A

na cozinha, viu Sam preparando umas bebidas para levar à praia.

— *Aloha,* irmão — disse Sam e, ao vê-
lo sorrindo, murmurou: — Uau, vejo que você teve um bom dia.

Michael se aproximou dele e pousou a mão em seus ombros.

— Foi um dia surpreendente, Sam. Acho que encontrei minha mãe.

Sam olhou espantado para ele.

— O quê?! — exclamou.

Numa fração de segundo passou pela cabeça de Sam a vez que ele pensou
encontrado um parente e o sofrimento que aquilo lhe causou. Nunca esque
desprezo com que ele e Michael foram tratados e o quanto choraram depo

Naquele dia eles prometeram um ao outro jamais voltar a procurar os pare
perdidos. Mas de repente lá estava Michael, todo feliz, dizendo que achava
encontrado a mãe.

— Me conta — exigiu Sam. — Como? Onde? Eu não sabia que você est
procurando por ela.

Michael lhe pediu calma e, principalmente, disse para ele falar mais baixo.

— Eu não estava procurando... — murmurou, mais calmo que seu irmão.

Impaciente, Sam voltou a perguntar:

— Mas como? Onde você teve notícias dela?

Com um turbilhão de emoções, Michael lhe contou passo a passo como ha chegado àquela conclusão e, quando terminou de falar, Sam disse, incrédulo:

— A avó de Thais? Você está falando sério?

Michael balançou a cabeça, com um sorriso radiante.

— Tão sério quanto esse assunto é pra mim.

— Michael, eu não queria que você sofresse por isso e...

— Tranquilo, irmão. O que tiver que ser será. — E, ao imaginar o que passava na cabeça dele, acrescentou: — Não se preocupa. Ninguém vai me magoar e não vou permitir que façam isso com você. O que aconteceu naquela vez muito mal porque éramos dois jovens bobos e inexperientes. Hoje somos c homens que sabem lidar com o que acontece e aceitar o que tiver que ser.

— Fico feliz em saber disso — falou Sam e o abraçou emocionado. — Só me diz em que eu posso ajudar. E pode contar comigo.

— Por enquanto em nada, Sam. Tenho que saber mais sobre elas e, principalmente, comprovar que o broche se encaixa naquele que eu tenho.

— E se ele se encaixar?

Michael levou as mãos à cabeça.

— Meu Deus, Sam. Eu nem saberia o que fazer!

Nesse momento Ollie entrou na cozinha à procura de seu pai.

— Que história é essa de “não saberia o que fazer”? — perguntou.

Sam se afastou rapidamente do irmão e, sem saber o que dizer, murmurou sair do aperto:

— Filha, é que seu tio tem um encontro hoje à noite.

A menina se aproximou, encarou os dois e perguntou com curiosidade ao tio:

— Sério? Com quem?

Retomando o controle da situação, Michael cochichou na orelha de sua sobrinha:

— Com alguém muito especial.

— Poxa, tio — resmungou, irritada. — Sacanagem você deixar a gente aqui e sai
por aí sabe-se lá com quem.

Achando graça, Michael se aproximou dela e a tomou pelo braço.

— Minha querida, na vida nem sempre as coisas são do jeito que a gente quer, e
essa noite é importante demais pra eu adiar.

Mas Ollie não se dava por vencida e insistiu:

— Mas, tio, hoje a gente queria jantar na pizzaria do porto.

Abrindo os braços, Michael repetiu:

— Não vai dar, princesa. Vocês vão ter que ir sem mim. Mas prometo que a gente
volta lá outra noite.

Ao ver a cara emburrada da filha, Sam interveio para dar uma mãozinha a
Michael:

— Ollie, o tio tem a vida dele aqui em Oahu. Não é justo que você quei
meter e dizer com quem ele pode sair.

Indignada, a menina deu meia-volta para ir embora, mas antes protestou:

— Eu também não gosto de muitas coisas, mas não digo nada. — E, olhando para
seu tio, acrescentou: — E você pode sair com quem quiser. Não tenho na
isso! Mas, quando eu voltar a Nova York, não venha me dizer que está c
saudades de mim, porque agora eu estou aqui e você vai sair com outra.

Dito isso, a menina saiu da cozinha batendo a porta com força. Os dois se olharam
incrédulos. Aquela era mesmo a doce Ollie?

— Caramba... — brincou Michael, ao vê-la tão aborrecida. — Ela realmente não
gostou do meu encontro de hoje à noite.

— Não liga pra ela — disse Sam e, dando um tapinha de leve em seu o

opinou: — Mas você bem que podia ter deixado o encontro para outro dia quando as meninas já tivessem ido embora daqui.

— Impossível, irmão — insistiu com um sorriso todo bobo. — Ah, e olha só: não comenta nada com ninguém sobre aquele outro assunto, ok?

— Sem problemas — respondeu Sam e, entregando-lhe a bandeja de bebidas, sugeriu: — Vem, me ajuda a levar as bebidas antes que elas entrem apressadas aq

Michael abriu a porta dos fundos da casa e gritou:

— Quem quer uma bebida geladinha?!

Sasha se inclinou na direção dele para arrancar um copo de laranjada, e M sorriu. Kate e Terry pegaram uma limonada que Sam estava trazendo, enqu Serena, Cat e Ollie observavam Michael com cara de poucos amigos. Ele percebe contrariedade delas, mas achou graça. Jogaram frescobol na praia e por fim foram dar um mergulho no mar, para se refrescarem.

Num momento em que não havia ninguém ao redor de Terry e Michael, e sussurrou:

— Ei, linda... — Mas ela nem se dignou a olhar para ele. — Não contou ninguém sobre nosso encontro, né?

— Não — murmurou ela, atirando-se na água. Estava tão nervosa que não conseguia olhar nos olhos dele.

Nesse instante os outros saíram da água e se enxugaram com as toalhas. Michael consultou o relógio e disse:

— São sete e vinte da noite. Te espero às oito e meia da noite.

Surpresa, ela se virou para ele. Queria estar deslumbrante naquele primeiro encontro.

— Você vai me dar só uma hora pra eu me arrumar?

Extasiado pelo visual sexy que Terry lhe oferecia, molhada e de biquíni, e

sorriu.

— Terry, meu amor. Você não precisa de tempo pra ficar linda. Você *já é* linda.

Ai, meu Deus... me dê força pra eu me segurar e não beijar ele aqui mes pensou e esboçou um sorriso tímido.

— Ok, então. Oito e meia.

Dito isso, começou a nadar nas águas cristalinas de Oahu enquanto Michae decidiu sair do mar. Cinco minutos depois, Terry também saiu, pegou uma toalha secando-se, falou:

— Vou já pra casa. Quero tomar um banho. Assim vou ser a primeira!

— Nossa, que espertinha — disse Kate com um sorriso que não indicava nenhum emoção.

— De boba sua irmãzinha nunca teve nada — disse Michael, para botar r lenha na fogueira.

— Nem todos somos tão espertos quanto você... ô *garanhão* — reagiu Terry, entrando na brincadeira.

Trocaram um olhar que deixou claro para todo mundo que eles continuava provocando um ao outro. E Michael, apoiando-se num cotovelo para encará-la, disse:

— Valeu pelo *garanhão*. Sinto muito não poder dizer o mesmo de você.

— Olha aqui, seu idiota. Vai se ferrar! — respondeu, bufando. Depois se virou e caminhou para casa diante da cara séria de todos e em meio às risadas de Michael

Kate não podia acreditar que eles ainda estavam naquele joguinho, mas sorriu ao ver como Sam olhava desconfiado para seu irmão. Ao ver sua filha indo e daquela forma, Serena olhou para ela com pena. Imaginava que ela queria se arru e ficar bonita para o jantar de logo mais.

— Mas ainda está cedo, filha — disse Serena, depois de lançar um olhar duro na direção de Michael. — Espera mais um pouquinho. Não temos pressa.

— Mãe, deixa ela — interveio Kate. — É melhor ela ir logo tomar banho. Pensa que somos mais quatro e, quanto antes começarmos, antes terminamos. — Olhan para as outras, avisou: — Por sinal, eu sou a segunda, tá?

Com um sorriso de orelha a orelha, Terry tomou banho cantando, algo que costumava fazer quando estava feliz. Ao se olhar no espelho, decidiu que exagerar na maquiagem. Sua pele havia adquirido um bonito bronzeado. Só pouco de sombra nos olhos, rímel e brilho nos lábios. O cabelo ela decidi solto. Sabia que isso a favorecia.

Saiu do banheiro e entrou direto no quarto. Avaliou as roupas que tinha trazido e acabou decidindo vestir uma calça branca de linho de cintura baixa e um top fren

única azul-
celeste. Nervosa, consultou o relógio. Eram oito e quinze da noite. Olhou-
se impaciente no espelho para ajeitar o cabelo. Não se convencia de que e bom. Ao fim, viu um lenço azul de Kate e decidiu pegá-
lo. Amarrou na cabeça como um pirata e finalmente ficou satisfeita.

Voltou a olhar as horas. Eram oito e vinte e cinco da noite. Pegou sua bo enfiou nela o indispensável e saiu rumo à casa onde os outros continuavar tranquilamente deitados em frente à praia. Michael havia ido embora pouco dela e espiava pela janela do seu quarto para ver se Terry iria ao encontro

Ao vê-la aproximar-
se com determinação, ele sorriu. Estava linda e ele mal podia
acreditar que *enfim* iria sair com ela.

Olhou-
se no espelho, viu que a camisa de linho branca e a calça verde também de
linho caíam bem nele, saiu da casa e, com um amplo sorriso, encaminhou-se em
direção aos outros. Terry ainda não havia chegado. Quando passou tão linc porta, todos o olharam e, para gerar mais expectativa, Michael exclamou:

— Senhoras e senhores! Chegou a hora do meu encontro. Agradeço a exc companhia de vocês, mas acho que...

— Divirta-
se, então — interrompeu Cat, enquanto os outros estavam em silêncio.

— É, tio, que você aproveite bastante o encontro — acrescentou Ollie, en Serena se segurava para não dizer nada.

— Mas, princesas, o que deu em vocês? — brincou, ao vê-las tão contrariadas.

Sam suspirou ao reparar na cara de suas filhas e principalmente na de sua sogra.

A coisa estava ficando feia. Kate olhou para Michael e lhe deu uma pisca cúmplice.

— Que você tenha uma noite incrível! E não se preocupe: outro dia saire todos juntos pra jantar.

— Obrigado por essas palavras, Kate — disse Michael, encantado. Mas, olhando de novo para suas sobrinhas, insistiu: — Mas o que vocês têm, hein? Pela vocês, parece que estou indo pra guerra.

Nesse momento, Terry chegou perto deles, e todos olharam para ela com cara de enterro. O que Michael estava fazendo — indo embora e deixando-os sozinhos —

não tinha perdão.

— Ué, gente, o que houve? — perguntou ao notar a surpresa de todos.

Mas ninguém respondeu, exceto o próprio Michael.

— Não sei, Terry — disse e, sem aguentar mais um segundo, puxou-a pelo braço e acrescentou: — Está pronta para o nosso encontro?

— Prontíssima — respondeu, agarrando-o.

As caras de perplexidade de todos, com exceção da de sua irmã, eram impagáveis.

— Mas... então... seu encontro é... — sussurrou Sam, morrendo de rir.

Michael fez que sim com a cabeça.

— O encontro tão importante era com a tia Terry? — perguntou Ollie, incrédula, enquanto sua avó e sua irmã sorriam aliviadas.

— Claro, querida — confirmou ele, olhando para ela. — Eu nunca marcaria outro encontro, com vocês aqui. Mas, como é com ela, tenho certeza de que vocês vão me perdoar.

Serena estava muito feliz.

— Perdoadíssimo, garotão — disse ela.

Incapaz de aguentar por mais um segundo a vontade que tinha de beijá-lo, Terry o puxou apressando-o.

— Bom, gente, estamos indo. Tchau.

Kate e Terry se olharam cúmplices por um instante.

Quando já estavam sozinhos, passando pela entrada da frente da casa, Terry conseguiu mais reprimir seu desejo e imprensou Michael na parede, atirou-se contra ele e o beijou. Ele se excitou como ela não podia imaginar..

— Uffff... tia Terry, pelo visto a noite promete.

— Ah, sim... tio Michael. Não tenha dúvida, garanhão.

Minutos depois, subiram na moto e partiram, ansiosos para aproveitarem ao máximo.

Capítulo 39

O encontro de Michael e Terry não poderia ter começado melhor. Ele a levou jantar num restaurante que ficava perto do porto, onde ela pôde degustar pratos típicos da ilha.

— Me explica: que pratos maravilhosos são esses?

Ainda em êxtase por finalmente estar saindo com ela, Michael sorriu.

— Esse aqui é um mix de vegetais salteados muito comum na região. Aquele ali à direita se chama salmão lomi-lomi, e o outro são filés de Kiawe defumados.

— Todos têm uma cara ótima e eu estou com um apetite voraz.

— Hummm... essa história de apetite voraz tem duplo sentido? — perguntou.

Terry lhe deu um rápido beijo na ponta do nariz e disse, enfiando um pec verdura na boca:

— Duplo e também triplo.

— Uau... então não se fala mais nisso. Vamos começar os trabalhos.

Após terminarem de degustar aquelas iguarias tão diferentes das que Terry estava acostumada a comer em Nova York, ela colocou a mão na barriga, indicar satisfação.

— Estava tudo delicioso, Michael. Vou explodir.

— Ainda não, porque falta a sobremesa — respondeu, animado com o fat tudo estar correndo tão bem.

Nesse momento, uma nativa chegou e deixou alguns pratos em cima da m deles. Terry ficou encantada com a diversidade de cores que viu ali.

— Isso aí é o quê? — perguntou.

— Doce de arco-íris ou Manju.

— Doce de arco-íris? Manju? — repetiu, achando graça. — Eu nunca tinha ouvido falar nessas sobremesas.

— Prova. São pasteizinhos recheados de abacaxi e coco. Mas os meus preferidos são os de maçã. Esses são de nozes...

— Nem ousa tocar neles, você é alérgico — alertou Terry.

— Pode ficar tranquila. Está tudo sob controle — disse ele, sorrindo ao v ela se lembrava daquele detalhe.

Terry provou todos aqueles pasteizinhos saborosos. Cada vez que ele coloc um em sua boca, ela fechava os olhos e suspirava de prazer. Aquilo estav excitando Michael, mas ele se negava a pedir que ela parasse de fazer aqu

encantador. Depois do jantar, Michael a levou a uma boate que tocava as canções
moda.

— Essa música é diferente — comentou ela, sorrindo.

Seguindo o ritmo com a cabeça e os ombros, ele explicou:

— Chama-se música javaiana. É a mistura da música havaiana com a jamaicana.

— Parece boa e é bem animada — disse Terry, enquanto ele a pegava pela cintura
e tentava dançar com ela.

Mas só de encostarem um no outro, já queriam se beijar. Após um beijo
que fez o bar inteiro tremer, Michael a olhou fixamente.

— Sabe de uma coisa?

— Fala...

— Uma velha lenda da ilha diz que um jantar saboroso, um ambiente como esse e
a companhia certa são o mais próximo do paraíso.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e o beijou.

— Nunca discordaria disso — sussurrou, deixando-
o arrepiado. — Eu já estou no paraíso.

Michael respondeu com outro beijo ardente e depois, entre risadas cúmplic
foram até a pista, onde ele exibiu seus incríveis dotes de dançarino. Por v
quatro da manhã, decidiram voltar para casa. Mas, quando chegaram, não
conseguiam se desgrudar. A noite estava quente e, ao ver as luzes da casa apagad
decidiram dar um mergulho no mar.

— Vem, vou te levar à minha praia preferida da ilha.

De mãos dadas com Michael, Terry se deixou guiar. Confiava nele como
havia confiado em nenhum homem. Ele jamais faria mal a ela. Caminharam uns
minutos e chegaram a um lugar onde as rochas de areia branca escondiam
pequena e preciosa enseada.

— Que lugar mais lindo! Parece cenário de filme.

— É mesmo. Devo confessar — disse Michael, tirando os sapatos. — Pas noite inteirinha de ontem construindo essa praia pra você se render aos me encantos hoje — brincou ele.

Ela sorriu e, passando os braços em torno de seu pescoço e chegando mais perto dele, sussurrou:

— Não precisava fazer nada disso. Já me rendi aos seus encantos há séculos.

Sem conseguir evitar, ele abriu um sorriso, enquanto percebia que ia ficando cada vez mais excitado. Ao notar aquela ereção contra seu corpo, Terry estreme olhando-o com malícia, cochichou:

— Isso que estou sentindo junto ao meu corpo... é o que eu acho que é?

Com um pouco de vergonha, mas ao mesmo tempo achando graça, Michae que sim com a cabeça. Não podia nem falar. O momento com o qual sem sonhado finalmente chegara e ele era incapaz de reagir.

— Nossa.... tio Michael, olha só como você me deixa — suspirou excitada e com a boca seca.

Michael estava em êxtase ao ver como ela olhava para ele, e por fim acal

conseguindo articular algumas palavras.

— Ahhhh.... tia Terry — falou, também suspirando. — Acho que não vou respeitar nem mais um segundo. Te desejo tanto que, se eu não te possuir imediatamente, acho que vou me desintegrar. Então, se você não quiser que aconte agora mesmo o que estou pensando, é bom sair correndo daqui e *já*.

Com um olhar cheio de tesão, ela sorriu, tirou os sapatos e sussurrou, deixando-o arrepiado:

— Não... não me respeite.

Assim que ouviu isso, Michael a levantou e ela entrelaçou as pernas em s cintura. Beijando-

a com paixão, começou a andar na praia e se deteve quando a água já estava na altura dos quadris. Colocou Terry no chão sem parar de olhar para ela tirou o top azul-celeste enquanto ela desabotoava a camisa de linho branca dele. Ao ver que Michael estava quase sem conseguir respirar, Terry comentou:

— Se você ousar fazer alguma piadinha sobre os meus peitos, juro que vo pagar, Michael. — E, ao vê-lo tão calado e contemplativo, acrescentou: — Isso aqui é tudo natural. Nada a ver com os peitos siliconados com que você está acostumado.

— São lindos, querida — murmurou, excitado. — São os peitos mais bonitos que eu já vi em toda minha vida.

Sem dizer nada, voltou a levantá-la como se fosse uma boneca e, beijando primeiro um seio e logo o outro, fez Terry soltar um gemido e se entrelaç outra vez. Os beijos dela eram apaixonados, e seus lábios, doces e saboros

algo que ele já imaginava havia anos, mesmo sem nunca os ter provado. Terry est *caliente* e louca para continuar com o que haviam começado. Depois de passar su mãos úmidas pelo pescoço dele, e logo por seus bíceps e seu abdômen, el sussurrou, com as mãos paradas no botão da calça dele:

— Michael, não aguento mais. Estou morrendo de desejo.

Ao escutá-la, os olhos dele se iluminaram. Tirando a calça embaixo d'água ao mesmo tempo em que ela terminava de se despir, fez uma bola com as ro atirou na beira da praia. Terry riu. Nus e com a respiração entrecortada, el rapidamente enroscou suas pernas em torno da cintura dele e murmurou:

— Pensei nisso centenas de vezes, mas nunca imaginei que seria assim.

Ele sorriu enquanto suas mãos massageavam a bunda de Terry embaixo d'água.

— Como você pensava que seria, linda?

— Não sei. Mas nunca imaginei algo tão mágico e romântico quanto isso.

Os dois se encaravam, e Terry o sentiu colocando a ponta dura e molhada pênis entre suas pernas. Após soltar um suspiro e agarrar-se a seus ombros, ela se abriu para ele. Ainda com os olhos fixos nos dela, Michael foi entrando p pouco, até estar inteiro dentro dela.

— Ai, Terry...

— Não para — sussurrou, mordendo o pescoço dele ao sentir seu membro dentro dela.

Agarrada a seu pescoço, cheia de tesão e completamente entregue às suas carícias, Terry se deixou levar. A fusão com Michael era viciante e sensual. O pra que ele proporcionava era devastador, e isso a fez estremecer. Enredando seus dec no cabelo molhado de Michael, ela tensionou o corpo contra ele e começo arquear para cima a cada investida dele. No início, Michael tentou domina situação com estocadas lentas, mas a cada movimento, o puro desejo, deix o louco. Queria se fundir em Terry com força, mas precisava se controlar. D que ela sentisse tanto prazer quanto ele ou até mais.

Como se tivesse lido seu pensamento, ela murmurou:

— Com força... vai... bem fundo.

Nunca na vida Michael havia desejado tanto possuir uma mulher como agora com Terry. E, ao escutá-la, por puro instinto animal ele a penetrou de um jeito voraz, fazendo-a gritar de paixão. Com um sorriso desconhecido até então para ela, tirou a sua enorme ereção, centímetro a centímetro, mas em seguida a possuiu nov

Quando Terry achava que ia desmaiar, ele a agarrou com força e, numa se estocadas rápidas e vigorosas que a deixaram louca, chegou ao clímax.

Nesse momento, Michael encostou os lábios em seu ouvido e, com a voz carregada de erotismo, balbuciou:

— Sou totalmente seu, e você é totalmente minha...

Depois de dizer isso, tirou o pênis de dentro dela com um gesto viril, enquanto se

deixava levar pelo prazer. Consciente disso, Terry se abraçou com mais for Michael para sentir tanto os espasmos dele quanto os seus próprios.

Quando os braços exaustos de Michael a pousaram de volta ao chão, ele mergulhou por completo na água para se refrescar, e ela fez o mesmo. Se depois, Terry notou a mão dele em seu corpo. Ele a pegou e a tirou da água. Quar conseguiu abrir os olhos, viu Michael encharcado. Sem dizer nada, ele a beijou co tanta paixão que ela teve a sensação de que ficaria sem ar. Depois ele se afastou u pouco dela e disse, olhando-a fixamente nos olhos:

— Sabia que você é a mulher que eu mais desejei na vida e por você eu capaz de fazer qualquer loucura?

Ela sorriu, deu um beijinho rápido em sua boca e respondeu:

— Não sabia, mas adorei ouvir você dizendo isso.

Embriagados pelo momento e pelo que sentiam um pelo outro, caminharam em meio a beijos, risos e abraços, sob o céu estrelado, rumo à beira da praia, onde minutos depois fizeram amor loucamente outra vez.

Capítulo 40

Depois de uma noite tórrida de sexo, Terry resistia a se levantar da cama continuava enrolada nos lençóis, quando sua irmã se jogou em cima dela p despertá-la.

— Quero saber tudo — exigiu Kate.

— Por favor, me deixa dormir, estou morta — resmungou Terry.

Mas Kate estava muito curiosa e, sem se dar por vencida, cochichou no ouvido de sua irmã:

— Morta estou eu de vontade de saber.

Terry não lhe deu ouvidos, mas, dez minutos depois, ao ver que Kate não ia deixá

la em paz, acabou cedendo.

— Ok, mas depois você me deixa dormir — disse, espreguiçando-se, e a irmã concordou. — Jantamos num restaurante perto do porto, onde comemos sal lomi-lomi e outro peixe que eu acho que se chamava Kiawe ou algo assim. E sobremesa uns pasteizinhos de coco, abacaxi e maçã.

— A comida me parece perfeita, mas agora eu quero algo mais substancial.

Terry olhou de um jeito divertido para sua irmã, levantou uma sobrancelha continuou:

— Também fomos a uma boate de música havaiana e jamaicana. O Micha explicou que esse tipo de música se chama javaiana. — Ao ver Kate sorri comentou: — Você precisava ver o ritmo do pessoal de lá. Ficamos até bem tarde depois voltamos pra casa.

Curiosa para saber mais, Kate a examinou com o olhar e insistiu:

— Só isso? Não posso acreditar.

Achando graça, Terry acrescentou, esperando sua reação:

— Ok... está bem... conversamos muito. Nos divertimos pra caramba e no bem, você sabe, fizemos o que no fundo estávamos há anos querendo faze

nossa... Michael é incrível... alucinante... sensual... devasso...

— No primeiro encontro?

— É... no primeiro.

— Mas que pouca vergonha, hein!

Com expressão brincalhona, tirou do rosto uma mecha de cabelo e cochichou:

— Você me conhece, né, maninha? Se quero alguma coisa, vou atrás dela fim e não me preocupo com bobagens.

— E foi bom com o *tio* Michael? — perguntou Kate, rindo.

Terry suspirou e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Bom não. Foi maravilhoso!

Ao perceber a alegria da irmã, Kate sorriu e comentou, com uma pontinha de inveja branca:

— Fico muito feliz pelos dois.

Terry sentou na cama e fez um carinho na bochecha de Kate.

— Bem, bisbilhoteira, que tal me deixar dormir um pouquinho agora?

— Tá booooooooom.

— Me chama na hora do almoço — suspirou Terry, dando as costas à irmã.

Ao sair, Kate fechou a porta atrás de si e foi encontrar a mãe e as meninas, que se preparavam para ir à casa de Sam.

— A tia já acordou? — perguntou Ollie.

Pegando sua filha pela cintura para continuarem andando, mentiu:

— Não. Está dormindo como uma pedra.

Todas se olharam com um sorriso travesso. Ao chegarem à casa de Sam, saiu correndo com cara de angústia.

— Vovó... vovó...

Ao ver a pequena, Serena a tomou nos braços imediatamente.

— Minha linda, o que foi? — perguntou.

— O papai e o tio querem me levar no hospital pra tirarem isso — disse indicando os pontos da testa. — Estou com medo, vozinha. Não quero ir. Não que iiiiiiiiiiir.

— Quer que eu vá com vocês? — perguntou Serena com um sorriso terno e uma

voz tranquilizadora.

— Quero! — gritou a menina, abraçando-
a. — Assim eu vou ter certeza de que ninguém vai me machucar.

A mulher beijou a menina com ternura e depois a soltou.

— Então diga ao papai que a vovó irá com vocês.

Sasha saiu correndo para dar a notícia e, quando todas entraram na sala, v
Sam lutando com o pequeno Tommy. Ele não queria calçar os sapatos e, e
Sam botava o pé direito, o menino tirava o esquerdo e vice-versa.

— Que encrenca você arrumou, hein, pai! — disse Ollie, rindo.

— Ele está me tirando do sério — respondeu Sam, um pouco alterado.

Sem dizer nada, Kate se aproximou do menino.

— Vem cá, Tommy — falou ela, e Tommy rapidamente lhe estendeu os b

Kate se sentou com ele no banquinho, pegou um pé e pôs na própria orel
fez o menino sorrir. — Sabe o que seu pé me falou? — O pequeno nego
cabeça. — Bom, ele me disse que quer calçar o sapato. — Sem dizer uma palavra
Tommy pôs o sapato no pé, depois colocou o outro pé na outra orelha, e
achando graça, fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Esse pé está dizendo qu
também quer ter um sapato.

Sam a observava atônito, e ela, sem dirigir o olhar a seu ex-
marido, perguntou à

criança:

— O que fazemos? Colocamos o sapato?

Tommy concordou com a cabeça, feliz da vida. Estava um pouco atrasado
aprender a falar, mas era esperto e entendia tudo.

Depois que o problema dos sapatos foi resolvido, Kate soltou o menino e, olhand para Sam, cochichou:

— Já sabe, né? Da próxima vez, é só conversar com os pés dele.

Sam balançou a cabeça, enternecido, e, ao ver Serena a seu lado, perguntou:

— Sasha me disse que você vai com a gente ao hospital. É verdade?

— Se você não se importar... Não me custa nada, e assim a menina vai ficar mais tranquila.

Nesse momento Michael apareceu na sala com o cabelo ainda molhado do banho

— Estou pronto — disse, olhando para seu irmão.

— Por que você está acordado? — perguntou Ollie, curiosa ao vê-lo tão disposto.

— A tia continua dormindo como uma pedra.

Ao ouvir falar de Terry, Michael sorriu feito um bobo, mas, vendo como mundo olhava para ele, respondeu:

— Tenho um monte de coisas pra fazer. Se não fosse por isso, querida, p garantir que eu estaria fazendo o mesmo que a Terry.

— Vocês se divertiram ontem? — quis saber Cat.

— Sim. Foi ótimo — respondeu ele, sentindo a pressão de todos, que o olhavam fixamente. — Aliás, preciso levar vocês nesse lugar que a gente foi ontem

Tenho certeza de que vão adorar.

— Qual? O de música javaiana? — perguntou Kate, surpreendendo-o.

— Você falou com a tia? — perguntou Ollie, olhando para sua mãe.

— Falei.

— Mas ela não estava dormindo?

— Estava.

Kate e Michael sorriram e se entenderam ao trocar um olhar cúmplice.

— Espero que essa peste tenha te contado o quanto ela se esbaldou ontem.

— Ah sim... ela me contou, sim — confirmou Kate, em um tom malicioso.

Encantada pelo que imaginava ter acontecido e em especial por ver que sua mãe e seu tio haviam recuperado a cumplicidade que tinham perdido, Ollie se ap da sua avó e cochichou no ouvido:

— E tudo isso sem empurrãozinho.

— Empurrãozinho? — perguntou Sam. — Que empurrãozinho?

Ao ver a cara da sobrinha, Michael deu uma risada e, pegando Tommy nos braço exclamou enquanto saía da casa:

— Vamos fugir! A rainha das bruxas vai entrar em ação.

Capítulo 41

Quando entraram no hospital, deram de cara com a dra. Amanda Newton, reconhecer Michael, lhe lançou um sorriso cativante e sensual. O gesto nã despercebido a Serena.

— *Aloha,* Michael.

— *Aloha,* Amanda — cumprimentou ele. — Como estão as coisas hoje?

— Como sempre... estou atolada de trabalho.

Ao ver todas as pessoas olhando para ela, sobretudo Serena, Michael se v para eles e, meio constrangido, falou:

— Esse é o Sam, meu irmão. Essa é a Serena, uma amiga, e essa aqui é a Sasha, minha sobrinha. Viemos para tirar os pontos da testa dela.

A menina se escondeu atrás da perna de Michael. Vendo isso, a médica se agachou e disse, para acalmá-la:

— Não se preocupe. Não dói nada.

Com a mão enfiada na boca, a menina murmurou bem baixinho:

— Estou com medo.

— Por quê, linda?

— Porque vai doer, né?

— Nããããããããão... isso não dói — afirmou Amanda.

— Promete?

— Prometo. — E, estendendo-
lhe a mão, acrescentou: — Se você vier comigo, eu mesma posso tirá-
los pra você.

A menina não se moveu. Ela não conhecia aquela médica, mas Sam se abolhou fixamente para Sasha e disse:

— Vai, princesa. Pode ir com ela.

— Estou com medo, papai.

Comovido pelo pânico nos olhos dela, Sam tentou tranquilizá-la:

— Escuta, Sasha. Essa médica é amiga do tio Michael. Pode ir tranquila com ela.

A gente te espera aqui.

— Vem comigo, lindinha — insistiu Amanda. — Prometo que, além de nã machucar, vou te dar um presentinho. Que tal?

A menina, assustada, voltou a olhar para seu pai.

— Acho que é um bom trato.

Serena, que até então estava só observando a situação, botou a mão na cabeça da menina e disse:

— Papai tem razão, querida. Vai com a doutora.

A menina olhou para todos e, soltando-se da perna do seu tio, pegou a mão da médica. E Michael, tocando sua cabeça com orgulho, elogiou:

— Essa é minha princesa. A menina mais corajosa do mundo.

Amanda pegou a menina pela mão e disse:

— Me esperem na sala que fica no final desse corredor. Em dez minutos devolvo essa lindinha pra vocês.

Quando Amanda se afastou, Michael andou até o elevador.

— Enquanto esperamos, vou subir pra visitar a Vaitere — disse a seu irm Serena. — Quando elas duas terminarem, me deem um toque no celular o quiserem, podem subir e eu apresento vocês a ela.

Serena fez um gesto afirmativo com a cabeça e, quando ficaram a sós, Sa murmurou:

— Espero que Sasha esteja calma.

— Não se preocupa, garotão — tranquilizou-o Serena. — Tenho certeza de que essa médica tão simpática vai tratá-la muito bem. Você a conhece faz tempo?

Sam esclareceu com um sorriso:

— É a primeira vez na vida que eu vejo essa mulher. Mas pode ficar tra Michael só tem olhos pra Terry.

Serena se deu conta de que o havia entendido perfeitamente.

— Você viu como ela olhava pra ele? Parecia estar despindo o Michael só com o olhar — disse, sentando-se num dos bancos da sala de espera.

Sam caiu na gargalhada.

— Caramba, Serena, que comentário é esse, hein!

Percebendo o quanto suas palavras soavam ridículas, ela admitiu:

— Tem razão. Sou exagerada.

— Muito!

— Ahhh, é que eu achei que ela ficou toda boba na hora de falar com o Michael.

— Serena, o Michael é livre e desimpedido.

— Ah, Sam — protestou. — Você entende o que estou falando.

— Sim... eu entendo, mas só em parte — respondeu ele, rindo.

Sem querer ficar ouvindo a brincadeira dele, Serena mudou um pouco de assunto

— Como será que foi a noite dele com a minha filha ontem, hein?

— Segundo o Michael, foi ótima.

— Sim, mas o que eu gostaria de saber... — insistiu a mulher — é se ho alguma coisa entre eles.

Sam a olhou boquiaberto e exclamou, num tom brincalhão:

— Mas que fofoqueira!

— Você conversou com ele?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho. E, se eu tivesse conversado, não te contaria. — E, ao ver que ela sorria

acrescentou: — Mas fica tranquila. Só de ver o sorriso do Michael e o bo dele, o resto você já pode imaginar.

— Pensar em ver esse casalzinho junto me deixa animada — cochichou S encantada.

— Veremos, Serena. Veremos...

— Filho, fui testemunha de como eles se olhavam durante anos. E ver qu finalmente eles parecem começar a se entender me deixa radiante de alegri

Olhando direto nos seus olhos, continuou: — Assim como eu também fica radiante se outro casalzinho que eu amo ficasse junto novamente.

Sam fechou a cara.

— Serena, não confunda as coisas.

— Uiiiiiiii.... Deus me livre!

Sam era incapaz de reprimir o riso diante daquela expressão.

— A vida é como é e...

Nesse momento se ouviu um grito.

— Papai! Vovó!

Sasha apareceu correndo, seguida da médica, e segurava um enorme pirulit colorido.

— A doutora estava certa! Não doeu nada!

Serena aplaudiu, e a garotinha, ao dar pela falta do tio, perguntou:

— Cadê o tio Michael?

— Já está vindo, meu amor — respondeu Serena.

— Mas eu quero mostrar meu pirulito pra ele — insistiu.

Ao vê-la tão feliz, Sam disse:

— Quer beber alguma coisa geladinha?

— Sim, papai. Quero um suco de laranja.

— Quer ir com a gente à cafeteria do hospital? — perguntou Sam, virando-se para a doutora.

Num gesto sensual, Amanda tirou do rosto uma mecha de cabelo louro e seguida respondeu:

— Obrigada pelo convite, mas tenho pacientes me esperando. — Apertaram-se as
mãos e ela acrescentou: — Foi um prazer conhecer vocês. — E desaparec corredor.

— Essa mulher é uma descarada — alfinetou Serena.

Sam sorriu, mas logo se esqueceu de tudo e se concentrou em sua filha.

— Vem, diabinha. Vamos tomar alguma coisa na cafeteria. Vou mandar un mensagem para o tio Michael e avisar que estamos esperando ele lá.

Enquanto isso, no quarto 605, Michael visitava Vaitere.

— Você está cada dia melhor.

Apesar de estar ainda com uma péssima aparência, a mulher concordou.

— Realmente estou muito melhor. Mas me sinto uma inútil, sem poder to conta de mim mesma sozinha.

— Você tem que dar tempo ao tempo. Ainda é cedo. — Michael tentava animá-la.

— Agora você aproveita, e tudo o que precisar, é só pedir.

— Você é muito gentil — respondeu ela, grata pela atenção de Michael, mas sem entender direito por que ele estava ali. — O que você faz aqui num sábac manhã?

— Vim ao hospital com meu irmão e minha sobrinha, pra tirarem uns po testa dela. A propósito, a Thaís não está aqui?

— Está com a mamãe. Devem chegar daqui a pouco.

— Se você quiser, posso ficar até elas chegarem.

— Eu agradeço, Michael, mas não posso aceitar isso — respondeu ela, cada vez mais confusa com a presença dele ali.

— Por quê?

Vaitere foi incapaz de continuar com aquela aflição, então acabou respondendo:

— Me desculpa se estou sendo sincera demais e até meio ríspida, mas nã conheço direito e não entendo por que você quer me acompanhar quando sozinha aqui. Compreendo e agradeço por nos ajudar nas questões jurídicas realmente não entendo sua postura nesse momento.

Michael a olhou fixamente. Adoraria admitir a ela o porquê daquela visita e fazer mil perguntas. Mas não era hora nem lugar para isso.

— Minha postura se chama amizade. Nada mais. — E, antes que ela diss algo, acrescentou, andando até a porta: — Eu tento cuidar dos meus amig talvez você tenha razão e eu esteja sendo chato e impertinente com minhas visitas

Vaitere se sentiu péssima. Aqueles olhos escuros como os dela e de milha polinésios indicavam que ele estava sendo sincero e verdadeiro. Inclusive p que estavam querendo lhe dizer alguma coisa que ela não entendia. Então, envergonhada e irritada consigo mesma por ter sido tão mal-
agradecida, murmurou:

— Por favor, Michael, eu não quis dizer isso.

— Tudo bem. Sem problemas — respondeu ele, sorrindo. — Sei o que você quis dizer.

— Me escuta, por favor — insistiu a mulher. — Nunca tive muitos amigos que se preocupassem comigo do jeito que você está fazendo, e por isso sou muit desconfiada. Mas posso garantir que tanto minha mãe quanto minha filha e estamos muito felizes de ter te conhecido e de ter sua ajuda.

Ele compreendeu as palavras dela e, aproximando-se da cama, disse baixinho:

— Adorei sua sinceridade e, principalmente, fiquei muito satisfeito em ver você está melhor. E não se preocupa: eu não busco em você nada além d amizade verdadeira. Amanhã eu ligo pra ver como você está.

— Vamos ficar felizes se você vier nos visitar — disse Vaitere, segurando a mão dele.

— Então pode deixar que eu vou voltar.

Capítulo 42

Naquele mesmo dia, depois de voltar do hospital e dar parabéns a Sasha por ter si tão corajosa, enquanto todos comiam ao redor da enorme mesa, pensando programação dos próximos dias, Sam sugeriu que viajassem pelo Havaí.

— Ouçam — disse ele. — Se a gente se organizar, podemos ir a muitos lugares.

As ilhas são lindas e eu tenho certeza de que vocês vão adorar.

Sentado em frente a Terry, Michael sorriu enquanto os pés deles se encont embaixo da mesa.

— Humm, vamos ver, meninas. Posso propor um belo passeio pelas ilhas

interveio.

— O que você propõe? — perguntou Terry com malícia.

Sua vontade era dizer que iria lhe sugerir mil coisas diferentes do que sug aos outros, mas, contendo o impulso de se levantar e beijá-
la, apoiou os braços na mesa e, olhando-
a diretamente nos olhos, respondeu com ar sedutor:

— Praias paradisíacas. Vulcões lendários. Histórias milenares e... *Hula!* ... muito ritmo e *Hula!* ...

— Humm, parece bom — disse ela, animada. Michael a fascinava.

Como se estivessem a sós, Michael moveu a cabeça e sussurrou:

— Você parece melhor ainda.

Todos se olharam surpresos. O estado de encantamento daqueles dois beira sem-
vergonhice. Desde que haviam saído, na noite anterior, não paravam de se olhar e de sorrir feito bobos.

Kate, que observava tudo aquilo sabendo direitinho o que estava rolando, c para Sam e os dois sorriram, embora ela tenha sentido no peito uma ponta frustração. Sua irmã começava uma bonita história com alguém muito espe enquanto ela acabara de terminar a sua. Mas estava disposta a seguir com sua vid se sentia feliz com a companhia de todos, então sem pensar muito decidiu sua estada ali.

— Isso que o Michael está propondo é bem interessante. Pode ser divertido visita as ilhas e conhecer as culturas locais — disse Kate, surpreendendo Sam.

Todos começaram a falar entre si, e ela se aproximou um pouco mais de Sam.

— Você se importa se eu ficar mais uns dias com vocês? — perguntou Kate.

Sam franziu a testa e, com o mesmo carinho que tiveram durante anos, pe a pela cintura e lhe deu um beijo no pescoço.

— Não fala bobagem — respondeu. — Acho maravilhoso que você fique todo o tempo que quiser.

Kate ficou petrificada. Não esperava uma reação como aquela. Ao se dar c do que havia feito, Sam fechou os olhos e cochichou enquanto observava pelo can do olho que Serena prestava atenção na cena:

— Certo. Admito que passei do limite. Desculpa.

— Tudo bem. Sem problemas — sussurrou ela, acalorada. — Eu entendo. vezes também preciso me controlar pra não fazer certas coisas.

— Pois, então faça!

— Sam, não! — murmurou, olhando ruborizada para ele.

Ao ver sua filha enrugando a testa, Serena, que estava do outro lado da m tentou chamar sua atenção.

— Vamos, Michael... conta pra gente. Estamos escutando.

Saindo de seu sonho particular com Terry, ele respirou fundo e explicou:

— Podemos passar uns dois dias na ilha do Havaí. Pegamos um voo diret chegamos lá rapidinho. Aí podemos visitar Maui e Kauai. Os voos entre as ilhas s bem curtos e...

— Mas, garotão, o que você considera um voo curto? Eu odeio avião! —

exclamou Serena.

Jogando para trás uma mecha de seu cabelo escuro, Michael sorriu.

— Só pra você ter uma ideia, de Oahu a Maui o voo dura apenas vinte minutos.

— Ah, que ótimo! — disse a mulher.

— Eba! Vamos passear alguns dias! — vibrou Cat.

Sam e Kate voltaram a se olhar. Os dois se preocupavam com a fissura na costela mas Sam estava disposto a satisfazer todos os caprichos da menina. Então olhando para ela:

— A excursão me parece uma ideia incrível. Mas primeiro vamos esperar próxima consulta com o médico. Quando ele disser que você já pode viaja planejamos o passeio. O que vocês acham?

— Perfeito — suspirou Terry.

— Ótimo — concordou Michael.

— Excelente ideia — respondeu Serena, olhando para os dois com uma expressão feliz.

Depois dessa conversa, todos continuaram comendo entre risadas e planos, enquanto Kate, aturdida, ainda sentia os lábios de Sam em seu pescoço.

Capítulo 43

Os dias passaram e o clima entre todos continuava muito bom. Serena apr

as meninas estavam felizes, e as crianças menores, radiantes. Michael e Terry viv intensamente sua particular história de amor, e Sam e Kate se observavam cautela.

Durante aquele período, Michael visitava Vaitere no hospital sempre que p

Ansioso por ajudá-
las, moveu céus e terra para falar com o amigo Josef, que trabalhava no banco em que o pai de Thais tinha a conta bancária. O amigo explic a ele que não seria fácil sacar aquele dinheiro, mas também não era algo impossív e prometeu ajudá-lo.

E assim foi. Dias depois, Michael recebeu uma ligação de Josef avisando havia conseguido depositar o dinheiro na conta da mãe de Thais no banco. Micha se sentiu feliz e aliviado por elas. Vaitere chorou de emoção. Esse dinheir resolveria muitos de seus problemas.

O romance entre Michael e Terry ia de vento em popa. E todos ao redor divertiam muito quando flagravam os dois se beijando em qualquer canto. repente, a paixão contida durante anos havia aflorado e era impossível para noite, depois de jantarem com a família, os pombinhos escapavam para cu intimidade. E toda noite convidavam Sam e Kate a acompanhá-
los, mas eles nunca iam.

— Acho que deveríamos fazer alguma coisa — propôs Terry certa noite num bar que ficava numa linda varanda, enquanto via as pessoas dançando.

Michael lhe deu um rápido beijo no ombro e aspirou seu perfume.

— Se você quiser, a gente pode dar um *empurrãozinho*.

— Um empurrãozinho? Pra quê?

Michael a puxou para si.

— É uma longa história que um dia eu te conto.

— Promete?

— Claro — disse, depois de beijá-la com paixão. E, separando-

se dela alguns
centímetros, cochichou: — Fique sabendo que você me deixou sem palavras quar
me falou que sua irmã continua apaixonada pelo Sam.

— Se você abrir o bico, te esfolo vivo!

— Escuta, ô cabeça-
dura — respondeu ele, ao mesmo tempo em que bagunçava o
cabelo dela e dava uma leve beliscada em seu nariz. — Eu achava que só
continuava apaixonado, mas, se você me diz que é recíproco, a gente tem que faz
alguma coisa.

— Se a Kate souber que eu contei para você... ela me mata.

— Calma, linda. Aqui está seu guarda-costas.

Terry soltou uma gargalhada ao ver os gestos e as expressões que Michael fazia.

— Kate não está feliz, mas é incapaz de tomar uma atitude. Está se senti
insegura e...

— Insegura?

— É, Michael. Kate não consegue se concentrar em nada.

Surpreso ao ouvir aquilo, o jovem deu um trago em sua bebida e, franzin
testa, disse:

— Pra mim é estranho escutar isso. Kate é uma das pessoas mais seguras que já
conheci na vida. E nunca hesita diante de qualquer decisão.

— Você tem razão. Ela era assim. Mas depois do que aconteceu eu garan
ela mudou muito. Está morrendo de insegurança, principalmente quando o assunt
o Sam.

— Mas pelo que eu vejo eles estão se dando bem.

— É que, além de tudo, ela é uma boa atriz — disse Terry, esboçando um sorriso
triste.

Desconcertado pelo que estava descobrindo, Michael acrescentou:

— Bom, ela pode ter ele quando quiser. Se está sentindo tanta falta assim que fale ou faça alguma coisa, não acha?

— O Sam é que deve tomar a iniciativa — opinou Terry, na defensiva. — No fim das contas, foi ele que arruinou todo o futuro que tinham juntos.

— Acho que há coisas que você não sabe e que talvez façam com que a também tenha que fazer a parte dela — respondeu Michael, irritado com o voz de Terry.

— Ah, não me diga?

— Sim, espertinha.

Desvencilhando-se do seu abraço, ela disse:

— Para sua informação, *espertinho*, sei bem mais do que você pode imaginar.

Depois de um silêncio constrangedor entre os dois, Michael olhou fixamente para ela e falou:

— Você pode me dizer por que estamos discutindo? Porra, Terry, nós dois sabemos muito bem o que aconteceu entre eles, e, convenhamos, nenhum dos doi exatamente um santo nessa história. Os dois pisaram na bola, mas acho qu amor que sentem, deveriam dar uma nova chance um ao outro. A única co

precisam fazer é se aproximarem de novo.

Essa conclusão os fez sorrir, e Terry chegou perto de Michael outra vez, aninhou-se em seus braços e disse:

— Então vamos ter que fazer com que se aproximem. E acho que a viagem pelas ilhas que estamos planejando vai ser de grande ajuda. Eles passaram a lua de mel não foi? — Michael fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Pois então com que eles se lembrem dessa época.

— Se eles ficarem sabendo, matam a gente!

Dando de ombros, a ruiva aproximou sua boca da de Michael.

— Se eles matarem nós dois juntos, não tem problema, não acha?

Michael a beijou com paixão e, quando começou a tocar a música de que os dois gostavam, convidou-a para dançar. Instantes depois, em meio à multidão do lugar, dois apaixonados se beijavam enquanto dançavam, como mais um casal entre tan outros ali.

Naquela madrugada, Kate estava sentada nos degraus dos fundos da casa, observando, pensativa e enfeitiçada, as ondas quebrando na beira da praia.

— Não vai dormir?

Ao reconhecer a voz da mãe, Kate deu de ombros.

— Estou sem sono, mamãe.

Serena sentou ao lado dela. Gostaria de fazer algo para que sua filha sorri como antes, mas não sabia o quê.

— Será que sua irmã vai voltar muito tarde?

Assim espero, pensou Kate.

— Com certeza, mamãe. Não precisa se preocupar. Ela deve estar muito bem.

Serena a olhou com tristeza.

— E você, querida, como está se sentindo?

Kate desviou o olhar das ondas e o fixou em sua mãe.

— E por que essa pergunta agora, mamãe?

— Por nada, filha — respondeu Serena, não dando importância. — Só quero sabe se você está bem.

Sabendo bem o motivo, ela enfim respondeu:

— Muito bem.

Mas Serena não conseguia mais ficar quieta diante daquilo tudo, então pegou con força a mão de sua filha e a repreendeu:

— Chega, Kate!

— O que houve, mamãe?

— Por que você se conforma em ficar nesse estado quando poderia estar

incrivelmente bem?

Kate bufou. Conhecia Serena muito bem e sabia que ela podia ser um tan insistente.

— Mãe, aonde você quer chegar?

Sem soltar a mão dela, Serena fez Kate olhá-la nos olhos.

— Querida, sou sua mãe e sei quando você está feliz e quando não está. mais que você se esforce pra me fazer acreditar que você está bem, eu se você está fingindo. Definitivamente, você não está bem.

— Olha, mãe, não vamos fazer um drama em cima disso tudo ou...

— Reparei no jeito como você olha para o Sam e acho que...

— Chega! — cortou-a Kate, irritada, e se soltou, levantando-se.

— *Não.* Você e eu vamos conversar.

Nervosa e agitada, Kate encarou sua mãe. Não queria discutir com ela sobre sua vida, mas pelo visto estava difícil escapar.

— Olha só, mãe, você vai me desculpar, mas não quero falar sobre isso.

— Mas eu quero. Vi sua cara outro dia quando o Sam te deu um beijo n pescoço. Você acha que eu sou cega? Ele quer outra chance. É só olhar pra ele qu gente já percebe isso.

Incrédula com a teimosia da mãe, Kate esclareceu.

— O que aconteceu é assunto meu, exclusivamente meu, e eu não vou pe
que você nem ninguém se meta na minha vida, entendeu? E, quanto ao beijo daqu
dia, foi algo... algo...

— Escuta, ô cabeça-dura...

— Não! — gritou. — Não quero escutar. Tomei uma decisão e só preciso
você a respeite. E, quanto ao Sam, sempre vou me dar bem com ele porq
boa pessoa e é o pai das minhas filhas. Mas, fora isso, não quero mais nada. Ele t
a vida dele, e eu a minha. Assim é melhor pra todo mundo.

Serena se levantou para ficar da altura de sua filha.

— Sei que o Sam não é perfeito, mas você também não é. Eu te defendo e sempre
vou te defender porque você é minha filha, mas desta vez você não tem razão.

— Do que você está falando?

Mas Serena não respondeu. Mordeu a língua, deu meia-volta e entrou na casa.

Surpresa com o sermão inesperado da mãe, Kate se sentou novamente nos
degraus. Por que Serena teria feito aquele comentário? Quando conseguiu r
Kate suspirou. O que faria com sua vida? Do lugar onde estava, tinha um
maravilhosa do mar, do céu e da casa de Sam, que bem naquele momento saía pe
porta dos fundos de sua casa.

Com o coração apertado, Kate o viu olhar para ela de longe e acenar. Tev
vontade de fugir, mas Sam já vinha em sua direção. À medida que ele se

aproximava, ela pôde observá-
lo. Estava moreno, lindo e sexy. Terrivelmente sexy
com aquela bermuda cáqui meio caída, deixando um pouco à mostra os ossinhos
sua cintura.

— A senhorita está sozinha? — brincou ao chegar mais perto.

— Estou.

— Posso sentar?

Kate concordou com a cabeça, enquanto começava a sentir seu corpo estremecer.

Havia anos ela não era invadida por aquela sensação de frio na barriga, e foi senti isso de novo justamente com o homem que havia partido seu coração. Ma mudar a expressão do rosto, perguntou:

— As crianças estão dormindo?

Sam fez que sim com a cabeça e, ao olhar para Kate a pouquíssimos centímetros de distância, percebeu o quanto ela estava linda sob o luar.

— Finalmente pegaram no sono e eu posso ter um instante de paz.

Os dois sorriram.

— São ótimas crianças — murmurou ela.

— Mas me deixam esgotado — comentou ele, apoiando os cotovelos nos degraus

— E agora que eu não tenho o Michael, que me ajuda pra caramba, fico duplame esgotado.

— Ah, sem essa. Você se sai superbem com eles.

— Em geral, sim. Mas há momentos de caos total.

Ambos contemplavam o mar, que naquela noite estava especialmente agitado.

— Quer dar uma volta na praia? — sugeriu Sam após um rápido silêncio.

Ela adorava estar com ele naquela praia que trazia belas recordações. Começaram a passear sem se dar conta de que Serena os observava entre as sombras sorriso nos lábios. Ao chegarem à beira da água, onde seus pés se molhar murmurou:

— Não mudou nada. Está tudo exatamente igual a como eu me lembrava.

Sam concordou.

— Fomos nós que mudamos. Estamos mais maduros, mais velhos.

Kate não pôde reprimir um sorriso. Ele tinha razão. Os dois haviam muda amadurecido.

— Velhos? Mas com esse look você parece mais jovem do que há alguns anos.

Envaidecido, Sam parou e olhou para ela com determinação.

— Se vamos falar sobre isso, tenho que dizer que você está muito mais a agora com esse novo corte de cabelo e esse macacão jeans do que com a coque, os terninhos da Armani e suas camisas brancas da Ralph Lauren.

Os dois deram uma risada.

— Obrigada, Sam — disse Kate e, passando a mão pelo cabelo, acrescentou: —

Foi ideia da Terry. Ela acabou me convencendo, e realmente não me arrependo.

— E eu, pra minha sorte — continuou Sam —, não preciso mais usar ter gravata todo dia. Aqui na ilha se vive de outra maneira. É tudo mais tranquilo, se tanta sofisticação nem tanta pressa.

— É uma forma diferente de viver — concordou Kate. — Outra cultura, modo de lidar com a vida, e, sinceramente, acho que eu não conseguiria viver ass

Aquele comentário atingiu em cheio o coração de Sam, mas ele não ousou rebate

Não disse nada. Apenas cravou nela seus olhos inquietantes. Desejava dize coisas que os pensamentos eram confusos. Então decidiu ficar quieto. Tinha certe de que, se confessasse o que ainda sentia por ela, Kate daria suas férias p encerradas e voltaria a Nova York. Por isso, limpou a garganta e disse:

— Amanhã temos que ir ao hospital com a Cat.

— A que horas?

— A consulta é às onze e meia da manhã. Espero que nos digam que est bem.

— Com certeza vão dizer. Não se preocupe — afirmou ela, cheia de otim

enquanto brincava com a água a seus pés.

Nesse momento Sam se lembrou do que havia ocorrido horas antes entre e
quando ele a beijara no pescoço, e isso o levou a perguntar com preocupação:

— Kate, você vai voltar pra Nova York ou vai ficar pra viajar com as m

— E, ao ver como ela o olhava, acrescentou: — Desculpa pelo que aconteceu hoj

— Do que você está falando? — perguntou ela, mesmo sabendo a resposta.

— De quando agi sem pensar e te dei um beijo no pescoço. Sei que isso
justifica, mas foi um gesto automático e...

— Tudo bem, sem problemas — disse ela, na dúvida sobre se gostaria ou não de
outros "gestos automáticos" como aquele. E, tentando deixar o assunto de
prosseguiu: — Quanto à sua pergunta, estou com tanta vontade de fazer essa viag
que acho que você vai ter que me aguentar por mais uns dias. — Sam fe
expressão exagerada de horror e ela sorriu. — Além disso, a Terry vai ficar. O qu
você acha que ela me diria agora se eu dissesse pra gente ir pra Europa?

Encantado com a resposta de Kate, Sam deu uma boa risada.

— Por sua integridade física, melhor você não dizer nada a essa barraqueira. Voc
conhece a figura e sabe como ela reage quando alguma coisa não lhe agra
sinal, você não acha incrível o que está rolando entre eles?

— Acho. Estou superfeliz. Já era hora.

— Só espero que tudo termine bem — comentou Sam, abaixando-
se para pegar uma pedrinha que brilhava.

— Pois é. Porque os dois são duas bombas-relógio.

— Convenhamos — disse Sam —, a Terry tem um gênio do cão. Depois

acalma, fica tudo bem, maaaaaas...

— Eu sei.

— E você não pode negar que o Michael tem uma personalidade mais tranquila.

— É, não dá pra negar. Se bem que o gatinho havaiano também apronta das suas.

— *Gatinho* havaiano?

Kate adorava vê-lo sorrir daquela maneira.

— Acho que tudo vai dar certo entre eles — disse ela, tirando a pedra das mãos dele. — O importante numa relação é a vontade de estar junto e de curtir outro, e vontade eles têm, e muita, por sinal. O resto vem depois.

Assim que fez esse comentário, arrependeu-se. Sam, ao ver sua expressão, olhou em direção ao horizonte e suspirou.

— Você tem toda a razão.

Ruborizada e um tanto nervosa pelo rumo que a conversa tomava, Kate se desculpou.

— Bom... já é tarde. Estou cansada e acho melhor a gente voltar.

Sam concordou. Voltaram lado a lado para suas respectivas casas, mas cad mergulhado em seus próprios pensamentos. Ao chegarem em frente à casa Kate estava hospedada, Sam se despediu com uma leve carícia no ombro olhar para ela, caminhou até sua casa. Quando já estava lá dentro, abriu a geladei pegou uma cerveja e se atirou no sofá, onde ficou vendo as horas passand relógio. Ele estava sem sono nenhum e só conseguia pensar em Kate.

Capítulo 44

No dia seguinte, no hospital, o médico examinou Cat e informou que ela recuperando bem. Eles comentaram sobre a viagem e ele não se opôs. Cat levar uma vida normal.

Michael se despediu de Sam, Kate e Cat, que voltaram para casa, e sem l foi até o quarto de Vaitere. Assim que o viu, ela sorriu encantada e, dez depois, agradeceu novamente pelo dinheiro que ele havia conseguido recuperar.

— Esse dinheiro vai nos ajudar a seguir em frente — disse ela e, olhando fixamente para Michael, perguntou: — De onde será que veio esse dinheiro?

— Isso não importa, filha — falou Thalia. — O importante é que agora v contam com uma quantia que vai ajudar muito vocês.

— Exatamente — concordou Michael. — Esse dinheiro é o que vocês pre pra poder retomar a vida de vocês e tentar fazer tudo o que nunca puderam fazer.

— Vou poder visitar Nova York? — perguntou Thais.

— Claro — disse Vaitere, entusiasmada por ver sua filha tão feliz.

— Se vocês forem, eu vou dar um monte de dicas. Morei vários anos lá e conheç muito bem a cidade — comentou Michael, sorrindo.

Mãe e filha se olharam emocionadas. Finalmente a vez delas tinha chegad poderiam respirar aliviadas e sorrir. Depois, Thais se aproximou de Thalia, observava cheia de orgulho.

— Aliás, vó, eu e a mamãe queremos contar uma coisa.

Michael se levantou rapidamente da cadeira.

— Bom, estou indo, então. Assim vocês podem conversar com mais tranquilidad

Mas Thais o deteve, e Vaitere disse:

— Michael, fica aí. Tudo isso é graças à ajuda que você tem nos dado.

Com um sorriso meio envergonhado, Michael sentou novamente na cadeira, enquanto Thalia, surpresa, olhava desconcertada para eles.

— Meninas, o que houve? Estou ficando nervosa.

Thais se aproximou dela, pegou suas mãos e falou:

— Vó, eu e a mamãe temos pensado que, depois do que aconteceu, e com dinheiro que entrou agora, você poderia vir a Oahu pra morar com a gente. Em La você está sozinha, e aqui poderíamos ficar as três juntas e recomeçar.

A mulher ficou sem palavras. Aquilo era o que ela mais queria no mundo Lanai ela não tinha companhia. Levantando as mãos para o alto, ela então murmu

— Obrigada, Jesus... por fim o senhor escutou minhas preces.

Discreto no segundo plano, Michael não pôde deixar de se emocionar.

Naquela noite, depois de jantarem todos juntos pela primeira vez desde qu Terry haviam chegado, Sam e Michael ficaram a sós. Precisavam conversar. Bota Sasha e Tommy para dormir, pegaram umas cervejas e saíram para os fun casa.

— Sério, Sam, você precisa ir porque eu quero te apresentar a elas — dis Michael. — Além disso, acho que seria uma boa ideia contratar a Vaitere escritório. Nós dois sabemos que lá é melhor ter uma presença física do q secretária eletrônica, não acha?

Sam sorriu. Por várias circunstâncias da vida, Michael estava vivendo agora num bolha de felicidade. Sam só esperava que aquilo não tivesse um fim trágico.

— Tá bom, seu chato. Amanhã te acompanho pra você conhecer as três e propor Vaitere o que você quiser. Agora só resta saber o que ela vai achar disso.

— Ela vai adorar.

Sam deu um longo gole em sua cerveja e, ao ver o sorriso bobo de Mich

perguntou:

— Por que você tem tanta certeza de que elas são quem você pensa?

— Não sei, Sam — respondeu, cravando seus olhos escuros nele. — Mas alguma coisa nelas que... Agora só preciso confirmar. Mas não sei como f sem levantar suspeitas nem prejudicar ninguém.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Você pode achar um disparate, mas com uns exames de sangue dá pra extrair DNA e...

Michael bufou e disse:

— Ah, claro. Se você quiser, vou lá e digo pra elas: vamos fazer uns tes

DNA porque eu acho que vocês são minha mãe, minha irmã e minha sobrinha... C
acha que elas reagiriam?

Depois de dar mais um gole na cerveja, Sam respondeu, movendo-se no balanço:

— Com certeza te chutariam pra fora de lá, e não seria pra menos.

— É complicado, mas logo eu vou ter alguma ideia. Tenho que ter.

Sam sorriu. Se alguém tinha boas ideias, esse alguém era Michael.

— Não duvido. Espera um tempo e você vai ver só como surge alguma coisa.

Depois de alguns minutos em silêncio, em que apenas ouviam o barulho do mar e
observavam as ondas, Michael acabou dizendo:

— A vida é surreal, Sam. Às vezes você se depara com coisas que achav
nunca aconteceriam, e em outras situações você fica louco tentando o impossível.

Sam moveu a cabeça, concordando. Depois olhou para a casa em que Kat
Terry dormiam.

— Pois é, a vida é mesmo complicada.

Ao ver para onde seu irmão olhava, Michael perguntou:

— Você vai fazer alguma coisa em relação à Kate?

— Não.

— Por quê?

— Porque me sinto um idiota.

— Idiota por quê? — disse Michael, sorrindo, e Sam suspirou.

— Tenho medo de estragar a boa relação que a gente tem hoje se eu resolver falar
com ela sobre meus sentimentos. Não quero que se assuste nem que saia correndo

— Você acha que ela se assustaria?

— Não sei — respondeu Sam. — Às vezes eu a pego me olhando de uma forma que me dá a entender muitas coisas. Mas, quando ela percebe que estou olhando, ignora e muda de expressão. Nesses dias tentei me aproximar, mas ela não permite falar de certos assuntos. E logo sempre aparece alguém quando tento ficar sós com ela, e assim não dá pra gente conversar direito.

Michael pensou em Terry e sorriu.

— Isso pode se resolver na viagem que vamos fazer pelas ilhas.

— Michael — disse ele —, o fato de você estar vivendo num mundo cor-de-rosa com a Terry não quer dizer que todas as outras pessoas possam viver igual.

— Escuta, irmão — comentou Michael —, quando falo da viagem, me refiro fato que a gente vai poder visitar lugares em que vocês dois estiveram. Talvez isso reacenda a chama e...

— Michael, não! Quero que essa viagem seja ótima pra todo mundo. Não tortura pra Kate. Porque, se uma coisa está muito clara pra mim, é que quando todos nós aproveitemos muito esses dias. Quero que todos sejam felizes. Só isso.

— E você, hein? Por acaso não quer ser feliz?

Sam deu uma risada e recebeu em troca um empurrão amistoso de Michael.

— Dentro da minha nova maneira de viver, posso dizer que já sou feliz -

confirmou Sam. — Moro na minha ilha, tenho as pessoas que amo ao meu lado e

— Não estou falando desse tipo de felicidade — interrompeu-o Michael. — Essa eu já sei que você tem. Me refiro àquela outra felicidade que você sente quando e ao lado de alguém que te abraça toda noite e diz que te ama.

— Pra isso tenho você, queridinho — replicou Sam, brincando. Não queria pensa no assunto.

— Palhaço! — exclamou Michael, ao ver que ele não queria conversa. — Repito estou falando de você ter ao seu lado alguém que te deseje, que te beije toda noite toda manhã. Que te abrace e você possa sentir seu coração e o dela baten mesma frequência. E não me diga que você tem a mim pra isso, porque n

respondo pelos meus atos.

— Desculpa, queridinho... mas o seu coração e o meu batem na mesma frequência, sim — brincou Sam, levantando-
se do balanço. — Mas, bom... desde
quando você diz tanta baboseira romântica?

Achando graça, Michael também se levantou do balanço e foi atrás de Sa lhe dar um soco de brincadeira, mas perdeu o equilíbrio. Os dois acabaran sobre a areia da praia e morreram de rir.

— Sério, idiota. — Michael riu, olhando para as estrelas. — Você devia tentar de novo com a Kate. É ela que você ama, e eu estaria mentindo se não reve ela sente a mesma coisa por você. — Ao ver como o irmão o olhava, Mi cochichou: — Tenho a melhor fonte de informação.

Sam fez um gesto afirmativo com a cabeça e tirou areia da boca.

— Confio em você e na sua fonte, mas o problema é que a Kate já não confia em mim, e eu entendo os motivos dela.

— Talvez você esteja enganado.

— Eu sei. Mas não me sinto com forças pra ser rejeitado.

Sentando-se, Michael tirou a areia do cabelo e afirmou decidido:

— Houve uma época em que você se arriscou pra conhecer uma garota c Kate, e você se saiu bem. Também se arriscou ao montar seu próprio neg Nova York, e outra vez se saiu bem.

— Isso já faz tempo.

— Eu sei, Sam. Mas o que estou querendo dizer é que você precisa volta arriscar. Por você, pela Kate e pelos seus quatro filhos. — Ao ver que Sam negav com a cabeça, ele prosseguiu: — Escuta, eu me arrisquei ao abandonar mi aqui e ir embora com você, e deu tudo certo. E agora acabo de voltar a me arrisca ao deixar Nova York e, quanto a Terry, acho que pode funcionar. Inclusive estou arriscando ao acreditar que encontrei minha mãe, mas, se não for, não tem proble também. A vida continua, Sam, e eu estou disposto a me arriscar por mil

coisas.

— Não tenho forças, irmão.

— Ah, sem essa, Sam. Por que você diz que não tem forças?

— Destruí a Kate, destruí uma família e...

— Sam... olha pra mim — cortou-
o Michael. — A vida é loucura. Loucura por
viver, por amar, por sorrir. Veja, por exemplo, a minha história com a Ter
loucura! Mas, quando eu vi ela aqui, na minha ilha, no meu território, dec
arriscar, e faria isso mil vezes de novo porque essa doida e cabeça-
dura é a única
mulher que me tirou o sono a vida inteira. E olha pra mim: eu estou feliz
dentro de quinze dias, um mês ou sete anos eu vire um coitado porque minha hist
não deu certo. Mas caramba... vai ter valido a pena enquanto durou. Quem
tirar isso? Quem vai apagar minhas lembranças? Ninguém, Sam. Absolutam
ninguém. E por isso, por essas lembranças, por esses momentos incríveis e
felicidade que você pode encontrar, você tem que se arriscar. Eu e você somos do
sobreviventes, dois batalhadores, e não vou permitir que você deixe escapa
oportunidade. A Kate está aqui. Ela te ama. Você ama ela. Por que não tentar?

Surpreso por todas as coisas que Michael lhe disse de coração, Sam sorriu

Estendeu a mão a ele, e os dois se levantaram juntos do chão.

— Acho que a Terry está te deixando meio fora de si. Você acaba de falar como
um personagem de novela. O que essa feiticeira está fazendo com você?

Michael caiu na gargalhada e, tentando dar pouca importância ao assunto,
cochichou sem imaginar que dois pares de olhos os observavam:

— Ela está me deixando apaixonado. Você acha pouco?

Abraçados pelos ombros, trocavam confidências enquanto se dirigiam à por
casa:

— Sabe, Michael? Você faz bem em se arriscar. Mas não se esqueça: se as coisas
derem errado com a Terry, você vai ter que se arriscar a ter uma relação mais séria

comigo.

— Anda, palhaço, se manda e vai dormir, que eu não sei o que você tem cabeça — respondeu, em meio a risadas.

Enquanto falavam sobre sentimentos, os homens continuavam sem saber que hav olhos inquietos do outro lado da casa, no escuro, observando-os às escondidas.

— Ah, como eu gostaria de saber do que eles estão falando — sussurrou Terry.

— Que bisbilhoteira! — replicou Kate.

Terry olhou incrédula para sua irmã.

— Ah, então eu sou a única? Fala sério! Pode me dizer o que você faz a escuro, observando o Sam e o Michael, enquanto fala baixinho comigo? — sorriu. — Será que isso é bisbilhotar ou o nome certo é "curiosidade mór relação aos outros?

Achando graça, ela respondeu:

— Para com isso... Fica quieta, ô histérica!

— Histérica, eu? Escuta, bonitona, só pra lembrar que eu estava na cama, dormindo tranquilamente, quando você veio toda esbaforida me dizer que e estavam em casa, conversando no balanço. Agora vai me dizer que não queria sab o que eles estão falando?

Ao ver que Terry levantava a voz, Kate a encarou e a repreendeu:

— Terry, por favor, quer parar de gritar? Assim você vai acordar a mamã meninas.

— Repito: vai me dizer que você não queria saber o que eles estão falando?

— Ok. Admito que eu adoraria saber.

Com um sorriso triunfal, Terry cochichou:

— Viu, eu sabia! — E, olhando para eles, sussurrou: — O que estão faze agora? Eles se jogaram no chão... Por quê?

— Vai saber — disse Kate, rindo.

— Ai, meu Deeeeeeeeeeeus... Eu daria tudo pra estar ali no chão com M em cima de mim.

— Terry!

— É sério! O Michael me deixa louca. Não consigo parar de pensar nele!

Kate deu uma risadinha e cochichou:

— Acho que vou começar a ter pena do coitado.

— Tem que ter pena de mim! — exigiu, com cara séria. — Esse garanhão da ilha é o cara mais sexy e bom de cama que já me apareceu na vida. Cada vez que a ge transa e ele sussurra coisas no meu ouvido... Deeeeeeeeeeeus! Ah e nem t quando...

— Chega! Não quero mais ouvir isso!

— Ai, garota, deixa de ser careta! — brincou Terry.

— Não é isso... não é caretice — balbuciou, olhando-a nos olhos. — O problema

é que minha vida sexual é inexistente e eu não estou a fim de escutar alg faz morreeeeeeer de frustração.

— Bom... então pode deixar comigo que eu vou te dar um Jeremias de presente e solucionar esse teu probleminha.

— Um Jeremias?

Terry chegou bem perto de sua irmã e lhe disse no ouvido:

— Minha amiga Nínive tem um vibrador que ela apelidou de Jeremias e uuuuuuf... diz que é maravilhoso.

— Hummm, de repente é uma boa ideia!

— Pois é, menina.

As duas riram sem fazer barulho e voltaram a olhar na direção de Sam e Michael.

Kate adorava observar Sam. Vê-
lo sorrir ao lado de seu irmão era um dos prazeres
de que ela sempre adorou desfrutar. De repente viu Terry se arrastando no chão.

— Aonde diabos você vai?

— Não estou vendo eles — queixou-se Terry.

Foi em silêncio até a porta, mas antes de abri-la Kate a deteve.

— Se você abrir essa porta, eu te mato, te degolo. Se você fizer isso, vã que a gente estava espiando eles como duas adolescentes com os hormôni da pele e loucos.

— Temos pouco de adolescentes, já de loucos...

Aproximando-se com cuidado da fresta da porta entreaberta, elas os viram levantar do chão.

— Fecha a porta, que eles estão vendo a gente!

— Pô, Kate, assim você quase me arranca um dedo! — E, enfiando a cabeça pela fresta, exclamou: — Caracaaaaaaaa.... Você está vendo o que estou vendo?

Kate colocou a cabeça junto à da irmã, observou os dois homens e, ao entender o que ela queria dizer, perguntou:

— Está se referindo à aparência deles? A estarem superatraentes?

— Atraentes?! Estão é muito gostosos, isso sim. Ai, Kate... olha o abdôm tanquinho do Michael! Deus do céu!

— E o Sam...

— Que corpinho mais delicioso. Adoraria sair agora mesmo, deitar com el praia e passar a língua pelo...

— Terry!

— Ok. Quando eu chegar a Nova York, compro um Jeremias pra você.

Nesse instante, os homens olharam em direção à casa. Kate, fechando a pe pressas, sussurrou:

— Eles estão vendo a gente!

Dois segundos depois, decepcionadas, elas os viram entrando em sua própr

casa. Ainda abaixada no chão junto com Kate, Terry disse:

— Pronto... o show acabou. Hora de ir pra cama sonhar.

— Mas justamente agora estou sem sono.

— Normal. — Terry brincou. — Depois da visão espetacular que esses do gatos nos ofereceram, quem é capaz de ir sozinha pra cama?

Sem se levantar do chão, as duas se olharam e começaram a rir. Aquilo e surreal. As duas às escuras, jogadas no chão, boquiabertas ao lado da porta da cas

— Adoro viver esses momentos com você. São divertidíssimos! — coment Kate.

— E eu adoro te ver sorrir.

As duas enfim se levantaram e Terry cochichou:

— Vem, vamos pra cama.

— Atrás de você, tia Terry.

Nesse instante, as luzes se acenderam e Serena apareceu.

— O que vocês duas estão fazendo aí? — perguntou, surpresa.

Terry se endireitou rapidamente e, apontando para a irmã, respondeu:

— Essa é a última vez que você me chama pra ir fumar um cigarro, e ai cima maconha. — E desapareceu diante da expressão incrédula de Serena.

— Vocês estavam fumando maconha?

— Mãe, não liga pro que ela diz — disse Kate, rindo. E antes de sair bocejou com cinismo: — Ai, ai, estou morrendo de sono! Vou pra cama.

Serena sorriu para si mesma. Havia escutado toda a conversa. Justo quando voltava para seu quarto, Ollie apareceu com cara sonolenta.

— O que houve, vó?

— Nada, querida — respondeu Serena, rindo. — Eu estava com vontade de fumar um cigarro.

A menina arregalou os olhos.

— Um cigarro? Mas, vó, você não fuma!

— Sempre tem uma primeira vez — disse, sorrindo para sua neta e dando ombros. — Anda, vamos pra cama. Já está tarde.

Ao entrarem no quarto, Ollie sussurrou:

— Sério, vó, eu não sabia que você fumava.

Serena deu um beijo em sua neta e, enfiando-se na cama, disse:

— Nem eu.

Capítulo 45

No dia seguinte, Cat tomava café da manhã quando perguntou:

— Quando a gente vai viajar?

— Daqui a três dias — respondeu Sam e com um gesto lhe pediu que fic quieta. Não queria que Sasha soubesse de nada. Fariam aquela pequena viagem s as crianças menores.

Mas a menina estava atenta a tudo e, enquanto bebia um copo de leite, perguntou

— Aonde a gente vai?

— A nenhum lugar, querida — respondeu Sam.

Ollie e Cat se olharam e a pequena insistiu:

— Papai... você sabia que mentir é feio?

— Sei, sim, meu amor.

— E por que está mentindo pra mim? — Mas, antes mesmo que ele pude responder, Sasha disse: — Eu quero viajar também.

Sam olhou para Michael e suspirou. O momento inevitável havia chegado.

— Escuta, princesa, você e o Tommy vão ficar uns dias aqui em casa com Honey, enquanto nós, mais velhos, vamos viajar para um lugar.

— Nãããããão. Eu quero ir. Eu quero iiiiiiiiir.

— Deixa eu explicar, querida: você e o Tommy são muito pequenos e ficam cansados de tanto andar.

— Não... Eu não sou pequena! — gritou.

— Em poucos dias a gente vai estar de volta, e eu prometo trazer um presente lindo pra você.

Virando-se comicamente para o seu tio, fez uma careta de choro.

— Tio Michael, você me leva?

— Não posso, querida. O que o papai falou é verdade. Vocês vão estar bem melhor em casa.

Sasha fez cara emburrada e, numa fração de segundo, sem que ninguém pudesse fazer nada para evitar, a menina abriu o berreiro. Nesse momento chegou Terry, que ao ver aquele drama todo, perguntou:

— O que está acontecendo aqui? — E, alarmada pelas lágrimas da menina, acrescentou: — Por que está chorando, lindinha?

Como boa atriz que era, Sasha a olhou com cara de infinita tristeza e a a

Aquele gesto comoveu Terry, que a pegou entre seus braços.

— Papai não qu... qu... quer... me levar com vocês. Diz que eu e o Tomr podemos ir porque somos pequenos. Ma... mas eu quero iiiiiiiiiir — berrou.

— Não chora, querida. Vamos ver o que se pode fazer. — Terry tentou consolá-la e, voltando-
se na direção de Sam e Michael, que a observavam, perguntou: — Por

que ela não pode ir?

Michael também se sensibilizou com o choro da menina e fez menção de responder, mas Sasha se adiantou:

— O papai e o tio acham que eu... eu vou atrapalhar todo mundo.

Sam e Michael olharam surpresos para a menina e intervieram.

— Isso é mentira — disseram em coro.

Terry enxugava as lágrimas da menina com um lenço, sentindo o corpinho estremecer todo, de tão abalada que ela estava. Aquilo a comoveu.

— Princesa — disse Michael, olhando nos olhos da menina. — Você sabe que, se pudéssemos, levaríamos vocês com a gente, mas...

Mas a menina não queria ouvir palavras de consolo. Queria ir com todo mundo e berrou desconsolada:

— Quero ir. Por favooooor.... Quero iiiiiiir. Vou ser boaziiiiinha.

Nesse momento, Serena e Kate entraram na cozinha e, ao se depararem co aquela cena, se assustaram. O rosto de Sasha estava todo vermelho, de tanto chor contrariedade. As duas tentaram acalmar a menina, até que Sam, olhando p irmão, murmurou:

— E aí, o que a gente faz?

Michael foi responder, mas Kate, que o havia escutado, entrou na conversa falou:

— Ela vem com a gente e não se fala mais nisso.

Sam olhou para ela, incrédulo.

— Kate, com ela não vamos poder visitar muitos lugares. Sasha ainda é m pequena.

Agoniada com os soluços da menina, Serena se meteu na conversa também e diss em alto e bom som:

— Não tem problema. Eu cuido dela. Quando vocês quiserem fazer algum passeio que seja muito cansativo, eu e ela ficamos no hotel.

— Tem certeza, Serena? — perguntou Sam.

Serena fez um gesto afirmativo com a cabeça, surpreendendo a todos.

— Tanta certeza quanto de que eu fumo.

— Que você fuma?! Como assim? — perguntaram todos, exceto Terry e Kate, qu sorriam.

Sem poder reprimir a risada, a mulher se agachou junto à garotinha e, dep tirar uma mecha loura de cabelo do rosto dela, disse:

— Promete pra mim que você vai ser muito obediente o tempo todo, senhorita.

Feliz por ter conseguido o que queria com a choradeira, Sasha parou de chorar e, esboçando um enorme sorriso, concordou:

— Tá bom, vovó. Eu prometo.

Michael estava atônito diante do dramalhão que a menina havia feito.

— Essa daí arrasaria em Hollywood, isso sim! — disse ele ao irmão.

— Pois é — respondeu Sam, rindo.

Meia hora depois, Sam e Michael avisaram que estavam indo ao hospital. Tinham que tratar de certos assuntos por lá.

Capítulo 46

Chegaram ao hospital ao meio-dia. Subiram ao quarto em que Vaitere estava internada, e, como havia prometido, Michael a apresentou ao irmão. Sam f observando-os enquanto conversavam. Ou estava ficando louco ou de fato via muitas semelhanças entre aqueles dois. Tinham o mesmo sorriso!

Um tempo depois, Thalia apareceu.

— Mãe! — exclamou Vaitere, sorridente. — Temos visita. Esse aqui é o S irmão e sócio do Michael.

Sam esboçou um sorriso encantador e a cumprimentou com um aperto de mãos.

— Prazer em conhecê-la, senhora.

— Digo o mesmo — respondeu ela e acrescentou: — Você é irmão desse anjo tão encantador que está resolvendo a nossa vida. É realmente um prazer te co Sam.

— Anjo, meu irmão? — debochou Sam e perguntou num tom divertido: — Como você conseguiu enganar essas senhoras?

— Sabe como é, né? Usando todo o meu charme — respondeu Michael, dando de ombros.

— Filho, se não fosse por você, com toda essa papelada que minha filha tem que resolver, não saberíamos nem por onde começar. Além disso, pra gente você é ma que um advogado — acrescentou Thalia.

— Obrigado, Thalia. — Michael olhou para ela comovido.

Sam e Michael ofereceram a Vaitere a vaga de trabalho sobre a qual tinha comentado na noite anterior. Elas se emocionaram com a proposta, e Vaite na hora, com lágrimas nos olhos de tanta alegria.

— Obrigada. Só posso agradecer mil vezes a vocês. E mesmo assim não suficiente.

Sam, ao vê-la tão emocionada, quis esclarecer:

— Vaitere, nós precisamos de alguém no escritório, e você precisa de trab

Então a ajuda é mútua.

Depois de combinarem certas coisas e rirem de outras tantas, chegou o momento de irem embora. Ao saírem do quarto, encontraram Amanda, a médica.

—
Aloha, Michael — cumprimentou ela e, olhando para Sam, disse: — Você é o pai da Sasha, né?

— Sim, sou eu. Sam, precisamente.

— Amanda — disse ela, estendendo-lhe a mão. — Como vai a menina?

Dessa vez foi Michael quem respondeu:

— Está ótima. Uma pestinha, como sempre.

Os três sorriram.

— É um bom sinal — disse a médica e, olhando para Michael, perguntou

Posso falar um minutinho a sós com você?

— Vou até a máquina pegar uma Coca-Cola — Sam foi logo dizendo.

Quando ele se afastou, Michael olhou com cara de preocupação para a médica.

— Algum problema com a Vaitere?

Com um sorriso provocante, Amanda jogou seus cabelos sedosos para trás.

— Não. Está tudo bem. Só queria convidar você pra jantar uma noite dessas.

Ao ver a cara de surpresa de Michael, ela prosseguiu:

— Não sou o tipo de mulher que espera o convite de um homem. Se est interessada em alguém, tomo a atitude, sem rodeios.

— Hum, esse não é um bom momento — respondeu ele, atônito pela frar dela. — Vou sair de viagem por alguns dias com parentes que estão visitando a ill

— Ahhh... que pena — retrucou ela, decepcionada. — Mas posso esperar. está meu cartão. Quando voltar, me liga.

Michael pegou o cartão e fez que sim com a cabeça, enquanto Sam, que diante da máquina de bebidas, sorria ao ver a cara de espanto do irmão.

— *Aloha* outra vez — disse uma voz a seu lado.

Era Thalia, a mãe de Vaitere.

— Vim pegar alguma coisa geladinha e também uns chocolates, que ajuda adoçar a vida.

— Faz muito bem — disse Sam, sorrindo. — O que você quer?

— Primeiro, que me fale de você — respondeu ela.

Sam balançou a cabeça, concordando.

— Ótimo. Mas me diga: o que vocês querem comer?

Thalia se agachou para ver os produtos da máquina e, ao se aproximar, Sam ficou sem respiração. A mulher tinha na nuca um sinal igualzinho ao de Michael. Um s que parecia uma borboleta. Sem saber o que estava passando pela cabeça naquele momento, Thalia disse:

— Acho que queremos uma laranja e uma barra de chocolate dessas aqui — disse ela, deixando o sinal à mostra novamente ao se abaixar. — Filho, eu me esqueci d

trazer meus óculos e não enxergo nada. Mas sei que a gente gosta desses embalagem verde. Eu e Vaitere somos alérgicas a nozes.

Como Michael, pensou Sam. Mas conseguiu reagir a tempo.

— Faço questão de pagar — disse ele, com a boca seca.

A mulher concordou, esboçando um sorriso encantador, e acrescentou enqu olhava para Michael, que continuava falando com a médica:

— Muito obrigada, filho. Sua mãe deve ter muito orgulho de vocês. São c
rapazes muito educados e amáveis.

Sam se limitou a concordar com a cabeça e logo abaixou para pegar as coisas que
ela pedira. Quando caíram a laranja e as barras de chocolate, ele entregou
Thalia.

—
Aloha outra vez, Thalia — cumprimentou Michael, que já havia se livrado
Amanda.

— Vim aqui pegar um docinho e seu irmão fez a gentileza de pagar. — Olhou par
Sam, que sorria para ela, e disse: — Ele é tão educado e cortês quanto você.

— Recebemos a mesma educação — disse Sam, comovido, passando o braço em
torno dos ombros do irmão.

— Então quem os educou fez de vocês homens excelentes — afirmou Tha
deixando-
os sem saber o que dizer. — Bom, meninos, preciso ir porque a Vaitere
está sozinha. Muito obrigada de novo pelo emprego que vocês ofereceram
filha. Ela é muito trabalhadora e tenho certeza de que vocês não vão se decepcion

Até logo. — E, sorrindo, foi embora.

— Elas são mulheres encantadoras, né? — disse Michael minutos depois,
enquanto se encaminhavam em direção à saída do hospital.

Sam concordou e, nervoso com os pensamentos e as conclusões que pairavam em
sua cabeça, deteve-se.

— Acho que ela é mesmo sua mãe.

Com o coração a mil por hora, Michael suspirou.

— Por que você está dizendo isso?

— Ela tem o mesmo sinal que você na nuca. Também é em formato de borboleta,
e ela e a Vaitere são alérgicas a nozes.

Michael ficou paralisado diante daquelas observações, mas a convicção de não dava lugar a dúvidas. Sem saber se ria ou chorava, acabou dando um que fez todo mundo se virar para olhá-lo, enquanto os dois se abraçavam.

— Eu sabia! Eu sabia! — exclamou, radiante.

— Bom, irmão, vamos encarar isso tudo com tranquilidade. Agora temos descobrir uma maneira de confirmar essa suposição. — E, olhando-o nos olhos, sussurrou: — Tomara que você tenha encontrado elas. Tomara.

Michael concordou e, depois de se recompor da euforia do momento, propôs:

— Vamos tomar alguma coisa. Minha garganta está seca.

Saíram do hospital e entraram no primeiro bar que encontraram. Ali conversaram fizeram planos para descobrir a verdade de toda aquela história. Quando fo Michael deixou cair o cartão que Amanda lhe dera. Sam se abaixou para lo e sorriu ao ler “me liga”.

— Você deixou cair isso aqui.

Ao ver do que se tratava, Michael revirou os olhos.

— Você acredita que a médica me convidou pra jantar e me veio com um discurso de que não é o tipo de mulher que fica esperando o convite de um homem?

— Sério?

— Sério — disse Michael, rindo.

— Uau, como os tempos mudam. Quando eu estava na “pista”, éramos nós homens, que tínhamos que dar o primeiro passo.

— Mas já não é assim. Isso acabou!

— E o que você respondeu?

Pegando o troco, Michael admitiu:

— Falei que estou indo viajar e que ligo na volta.

— Uiiiiiiiiiiiiiiii... Não quero nem pensar como certa ruiva que eu conheç reagir quando souber disso.

— Nem eu — disse Michael, suspirando. — Não vou ligar pra marcar de

Mas me dá o cartão que é sempre bom ter conhecidos em todos os lugares.

Ao entregar a ele, Sam alertou:

— Toma cuidado, cara, que você já sabe como a Terry é.

— Não se preocupa. A única mulher que me interessa é essa ruiva — dis sorrindo ao pensar nela. — Vem, vamos logo, porque temos que ver o lan viagem na agência do George. Ele com certeza vai arrumar hotéis pra gen hospedar.

E foi exatamente o que aconteceu. Na agência do amigo George, eles planejaram o roteiro e tomaram todas as providências relativas à viagem.

Capítulo 47

Na manhã da viagem, Honey chegou pontualmente para cuidar de Tommy. Depoi se despedirem dele, partiram para Honolulu no carro de Sam. Lá pegaram um avi para a grande ilha do Havaí.

Foram recebidos com os *Lei*, os colares típicos feitos de flores frescas e plumas.

Depois um carro os levou ao hotel Aloha Hawaii, onde eles se dividiram em quar

O primeiro era para Cat e Ollie, o segundo para Serena e Sasha, o terceir Terry e Kate e o quarto para Sam e Michael.

Deixaram a bagagem no hotel e foram comer. Estavam famintos. Foram a restaurante típico das ilhas, onde degustaram peixes tropicais como o *opakapaka* e o *apah* e carnes deliciosas temperadas com especiarias. De sobremesa, além pasteizinhos recheados, provaram frutas fritas tropicais e as famosas nozes macadâmia cultivadas apenas no Havaí. À tarde visitaram o Tropical Botan Gardens, um jardim majestoso, repleto de flores e plantas que eles nunca l visto.

— Que maravilha — disse Serena.

— É, vovó, é muito lindo! — exclamou Sasha, que segurava sua mão.

Terry e Michael, que caminhavam abraçados, aproximaram-se de Serena.

— Estão vendo essas plantas? Chamam-se espadas prateadas.

— Que nome mais guerreiro — zombou Kate.

— Pois ali onde vocês estão vendo, elas vivem entre sete e setenta anos — disse Sam. — Só floresce uma vez em toda sua vida e depois a planta inteira morre. Ah

e só crescem aqui e em Maui.

— Impressionante — comentou Serena, ao ver aquela planta tão rara.

— Papai, o Havaí tem uma flor especial, né? — perguntou Ollie.

— Tem, sim. É o hibisco amarelo. Em 1959, deixou de ser flor territorial e passou a ser estadual, e em 1988 o Havaí determinou que seria a flor símbolo do estado.

Havaí é conhecido também como a Ilha das Orquídeas.

Todos continuaram o passeio, onde aprenderam que a Kukui Tree era a árvore do Havaí e que o Hawaian Goose, “Nene”, era o pássaro do estado daquela ilha.

No dia seguinte, acordaram bem cedo e foram até a cidade de Hilo, a ma ilha, onde chovia praticamente o ano inteiro. Depois visitaram um lugar le onde todos os que acreditavam ter sangue azul podiam fazer o teste numa chamada Naha. Ali, tentando a sorte, eles morreram de rir.

Na sequência, visitaram o vale Waipio. Um local considerado o antigo espírito do Havaí, rodeado por montanhas em que os alpinistas mais experientes se lançavam desafio de escalá-
las. Kate sorriu ao estar novamente ali e não se surpreendeu ao ver
a cara de todos ao contemplar as maravilhosas lagoas e cascatas que encontraram caminho. Não pôde deixar de pensar em sua lua de mel.

— Ainda têm cavalos selvagens soltos por aqui? — perguntou a Sam,

aproximando-se dele.

— Sim. Mas hoje pelo visto estão todos escondidos.

— Estar aqui é como viver num sonho — comentou Kate, sorrindo. — É tudo tão maravilhoso que nem parece de verdade.

Sam a observou. E, encantado por vê-la sorrir, respondeu justo no momento em que Ollie o agarrava pelo braço:

— Essa é uma das vantagens de morar numa ilha. Você pode se permitir como num conto de fadas.

Sem dizer mais nada, Sam se afastou com sua filha, contando-lhe mais curiosidades. À tarde, visitaram o Mookini Heiau, um templo onde, em ou épocas, se realizavam sacrifícios humanos e que, segundo as lendas, foi co em uma só noite por mais de 15 mil homens possuidores de uma força in para finalizar a visita, Sam e Michael as levaram a um local espetacular: o Waime Kamuela, um lugar de cascatas fabulosas e vegetação exuberante e o únicc mundo onde se podiam ver dois arco-íris do início ao fim ao mesmo tempo.

Naquela noite, depois de voltarem ao hotel e se fartarem no jantar, sentaram-se na área externa do restaurante para tomar umas *piñas coladas*. Estavam cansados, mas felizes.

— Rapazes — comentou Serena. — Estou surpresa com tudo o que vi. Tu nesse lugar é tão autêntico que dá pena de ir embora.

— Papai, o Havaí é tão bonito! — exclamou Ollie, depois de dar um gole na sua *piña colada*.

— Pois é, querida — concordou ele, feliz por compartilhar aquela viagem todas elas. — Esse lugar é especial e mágico — acrescentou e, sem conseguir evi olhou na direção de Kate, que estava com Sasha no balcão de sorvetes. — A Ilha Havaí é a maior e tem um pouco de tudo: praias lindas, jardins, cachoeiras, desert vulcões e até neve. Amanhã vamos visitar o Parque Nacional dos Vulcões. Mauna Loa e o Kilauea estão em atividade.

— Pai! — alarmou-se Cat. — Eles estão ativos mesmo? Que medo!

— Não é pra assustar vocês — disse Michael, rindo. — Mas o lendário Kilauea está em atividade há muitos anos.

— Ai, garotos — interveio Serena. — A gente vai acabar tendo que sair correndo... É mesmo seguro visitar esse lugar?

Michael sorriu, enquanto sentia a excitação no olhar de Terry. A noite che eles tinham planos.

— Não se preocupem — tentou acalmá-la Michael. — É totalmente seguro.

Dez minutos depois, a impulsiva Terry se levantou, agarrou Michael pelo b com determinação, e os dois se despediram dos outros. Iam dar um passei queria ir junto, mas Sam não deixou. Michael tinha avisado que os dois p algumas horas no quarto.

No dia seguinte, visitaram o Parque Nacional dos Vulcões acompanhados d guia local. Ele explicou que o vulcão Kilauea estava em erupção e que a lava corr por túneis subterrâneos até chegar ao mar. Uma vez ali, produziam-se nuvens

incríveis de vapor que se elevavam até o céu. Depois o guia os levou a u seguro, onde puderam comprovar o que ele havia acabado de explicar.

Sam e Kate disseram a todo mundo que, ao anoitecer, o espetáculo seria surpreendente, e não estavam enganados. Grandes línguas de lava a 1204ºC corria até chegar ao mar, ampliando com seu fluxo o território do Havaí. Na mesma noit enquanto contemplava aquele show da natureza, Sam se aproximou decidido de K e segurou sua mão, aproveitando que todos os outros admiravam o mar. P do seu contato e sorriu para si mesmo ao perceber que ela não o afastou. Talvez s irmão tivesse razão e ele devesse tentar reconquistar Kate naquela viagem.

No último dia no Havaí, visitaram um rancho em Kohala, onde andaram a cavalo junto com os *paniolos* (os caubóis havaianos) originários do México e ajudaram a separar o gado. À tarde, para se despedirem da ilha, fizeram um passeio d helicóptero. Compraram camisas de estampas havaianas e nozes de macadâmia e, hora do jantar, participaram de um luau. No dia seguinte, às oito da manhã, cansa da noite anterior, pegaram o voo que os levou diretamente a Maui.

— Bem-vindos a Maui, a Ilha do Vale — disse Michael, sorrindo.

Deixaram tudo no hotel, alugaram uma van e foram tomar banho de mar
de Slaughterhouse. Um lugar onde se podia nadar, surfar e ver diversos pe
exóticos e tartarugas.

— Esse lugar me faz sentir no paraíso — comentou Terry, olhando ao redor.

Michael a pegou pelo braço, deu-lhe um beijo e cochichou:

— Com você do meu lado, é como estar lá mesmo.

— Pelo amor de Deus, Michael — debochou Sam, enquanto Serena e as meninas
riam. — Quanta melação. Estou até ficando enjoado!

Michael riu e lhe deu um empurrão.

— Anda, vai dar um mergulho, que você está precisando, seu mala.

Entre risadas e mergulhos, passaram horas na praia, e Sasha pôde brincar
vontade na areia, fazendo castelinhos com Serena e com todo mundo que aparecia
se juntava a elas.

Na hora do almoço, Michael sugeriu que fossem à praia de Hookipa. Ele adorava
o lugar. Só os surfistas veteranos e mais experientes se aventuravam naquelas onc
gigantes e agitadas. Depois da refeição, Michael e Sam alugaram umas pra
após verificarem o estado delas e passarem parafina, despediram-
se das meninas,
que ficaram na praia pegando sol. Como dois garotos que acabam de ganh
novos, correram para o mar e perderam a noção do tempo.

Serena estava inquieta. O que seus garotos estavam fazendo entre as ondas
parecia perigoso.

— E não se cansam? — perguntou ela.

— Mamãe, não se preocupe com eles — respondeu Kate, olhando na dire
mar. — Eles sabem quando devem sair.

Cat olhou para sua tia Terry, que tirava fotos havia horas.

— Tia, você vai acabar com a bateria.

Mas Terry não conseguia deixar de fotografá-
los. Ver Michael e Sam em cima das
pranchas era um espetáculo à parte. Muitas vezes tinha ouvido sua irmã co
sobre a habilidade deles surfando, mas só conseguiu acreditar quando viu com seu
próprios olhos.

— Não tem problema, querida. Tenho duas baterias totalmente carregadas.
lugar precisa ser registrado e imortalizado. Além disso, estou tirando umas fotos d
seu pai e do Michael que eles vão adorar.

— Vamos brincar de nos enterrar na areia? — propôs Ollie.

— Vamos — concordou Sasha.

Segundos depois, as três irmãs se levantaram e, afastando-
se um pouco da avó,
Ollie e Cat começaram a cobrir o corpo todo de areia, como se fossem um croque
sendo polvilhado de farinha.

— Ai, ai, ai! — gritou Serena, tapando os olhos ao ver Sam pegar uma o

Não quero nem ver. Vai como um louco!

Kate sorriu. Ver Sam curtindo sobre a prancha e sorrindo abria seu coraçã
como se toda a couraça que ela havia tentado manter naqueles meses de repente s
rompesse, e isso não lhe fazia nada bem. Ela não queria sentir isso.

Serena estava sofrendo ao vê-los.

— Kate, pelo amor de Deus, fala pra eles saírem. — Mas Kate negou co
cabeça, e Serena continuou: — Ai, minha nossa, olha só o Michael... ai, a

assim ele vai quebrar a cabeça.

— Mãe, calma... — disse Terry, sem conseguir segurar o riso diante da re
dela e aproveitou para tirar uma foto de Serena com cara de horror.

Mas Serena suava e não era por causa do sol e do calor.

— Ai, meu Deus, assim ele vai morrer! — gritou de novo ao ver as manobras de Sam em cima da prancha, caindo contra as ondas.

— Isso não é nada comparado a tudo o que eles sabem fazer ali. — Kate tranquilizá-
la e abriu um sorriso. — Se você se assusta com isso, espera só até ver esses dois desaparecendo no tubo. Você vai ter um ataque.

Terry a olhou perplexa.

— Tubo? O que é isso?

— É quando você consegue se enfiar na onda e seguir dentro dela — exp Kate, passando protetor solar nos braços.

— Você fazia isso, irmãzinha?

— Eu bem que gostaria de já ter feito — suspirou, largando o creme num canto.

— Mas essa loucura eu deixo para os verdadeiros surfistas como eles. Eu consegu me equilibrar sobre a prancha, mas sem fazer grandes coisas. Eles cresceram com surfe, eu só pratiquei por uns dois anos.

— E você não tem vontade de tentar de novo? — perguntou Terry.

Kate ia responder, mas Serena interveio, fora de si:

— Nem pense! — E, tapando o rosto, exclamou: — Ai... olha só o Mich se matar!

As duas irmãs olharam rapidamente em direção ao mar.

— Mãe, por favor, relaxa. Que susto você me deu! — queixou-
se Terry ao ver Michael rindo.

Nesse momento um barulho insistente atraiu a atenção delas.

— Tem um celular tocando — avisou Serena. — É o do Michael.

— Não atende — disse Kate. — Quando sair da água, ele liga de volta.

Mas o telefone continuava tocando, e na sexta vez Terry acabou atendendo.

— Alô.

— Michael? — perguntou uma voz de mulher.

— No momento ele não pode atender. Quer deixar algum recado? — resp
ela, aturdida ao ouvir aquela voz tão sugestiva.

— Aqui é a Amanda — disse a mulher do outro lado da linha. — Você é um dos
parentes com quem Michael está viajando?

— Mais ou menos — respondeu Terry, franzindo a testa.

— Bom, espero que vocês estejam se divertindo.

Irritada, e diante do olhar atento de sua mãe e sua irmã, Terry disse:

— Sim, estamos nos divertindo à beça.

Após um silêncio incômodo, a mulher falou:

— Pode dizer pra ele telefonar pra Amanda? Preciso conversar a respeito
Vaitere. Diz pra ele que, se eu não estiver no celular, ele pode ligar pra minha cas

O número está no cartão que eu dei pra ele na última vez que a gente se viu.

— Não se preocupe, Amanda — Terry repetiu seu nome para não esquece

Assim que eu encontrar com ele, vou passar o recado.

— Ok. Passar bem. Tchau.

— Obrigada — respondeu Terry e desligou.

Exasperada, largou o celular de Michael no lugar onde estavam os outros
aparelhos, enquanto pensava em quem poderia ser a tal da Amanda.

— Ai, meu Deeeeeus! — gritou Serena ao ver como as ondas seguidas
derrubavam Sam e Michael. — Será que vão lembrar que estamos aqui?

— Duvido — disse Kate e, ao ver sua irmã soltar o celular de Michael, acrescentou: — Os surfistas costumam perder a noção do tempo quando es

água.

Mas, apesar de ter dito isso, Kate sabia que Sam não havia esquecido que estavam ali. Através de seus óculos escuros, e sem ser observada de perto ninguém, ela havia comprovado como ele olhava continuamente para elas e esperava sua vez de pegar uma onda. Ao observá-
lo, milhares de momentos como aquele inundavam a mente de Kate.

Ela o via nadar até a onda e pegá-la com a mesma graça e desenvoltura de antes, o que lhe deu a sensação de que os anos só haviam passado para ela. Quando Sam caía, ela o via ressurgir das águas, com seu cabelo castanho grudado nos seu sorriso encantador, e isso a fazia suspirar. Desde o início daquela viag vinha se aproximando dela, o que de certa forma a assustava. Mas algo em interior a impedia de se afastar dele. Será que estava ficando louca?

Enquanto Kate observava Sam, Terry estava tão furiosa depois daquela liga que não havia tirado nem mais uma foto. Quem diabos era Amanda? A d transformou em agonia. E se Michael estivesse brincando com ela? E se p aquilo fosse apenas um amor de verão?

Uma hora depois, o pesadelo de Serena acabou quando viu Sam e Michael saindo da água sãos e salvos.

— Vocês estão bem?

Extasiado, Sam cravou a prancha na areia, pegou uma toalha e secou o rosto.

— Estamos.

— Sam, você não se machucou naquela queda em que a prancha caiu em cima de você? E você, Michael, não machucou o braço quando esbarrou no Sam n hora em que vocês disputaram uma onda?

Eles a olharam surpresos.

— Estamos bem, Serena. Você não está vendo? — disse Michael.

Mas a mulher estava tão tensa que, surpreendendo a todos, começou a gritar:

— Vocês ficaram loucos? Como ousaram se meter na água com ondas tão perigosas? Deus do céu, vocês poderiam ter morrido! Loucos... é isso que são... Loucos!

Todos olharam para Serena, e Kate chegou bem perto dela e tentou tranquilizá-la.

— Mãe, calma. Eu falei que eles sabem o que fazem.

Sam olhou para Kate, mas aquilo foi mais que um simples olhar. Ele a desejava.

Durante o tempo em que permaneceu no mar, não conseguiu tirar os olhos

Estava linda com aquele biquíni vermelho, mas Sam precisava conter seus mais primitivos.

— Serena, a gente não sabia que você tinha ficado tão preocupada.

Depois de tomar um gole de Coca-Cola, a mulher respondeu nervosa:

— Preocupada?! Se fosse só isso...

Nesse momento as meninas se aproximaram cobertas de areia. Kate bufou enquanto amarrava uma canga na cintura, sob o olhar atento de Sam.

— Se vocês demorassem um pouquinho mais, ela iria arrancar vocês da a arrastá-las até aqui com um puxão de orelha.

Michael se enxugou com a toalha e olhou para Terry, mas ela desviou o então ele foi falar com Serena para acalmá-la um pouco.

— Serena, minha querida, hoje foi brincadeira de criança. Eram umas marolinhas de nada. Não se preocupe, mulher, que eu e Sam temos tudo sob controle.

— Tudo sob controle?! — disse Serena, ainda nervosa. Mas, ao se dar co cena que estava fazendo ali, respirou fundo e acrescentou: — Desculpem,

Não sei o que me deu. Acho que me assustei ao ver as manobras de vocês na água

Kate deu de ombros sem querer dizer nada. Sam, todo bobo e excitado ac
la tão sensual, apressou o grupo.

— Chega, está bom de praia por hoje. Vamos voltar para o hotel.

Michael concordou e, aproximando-
se de Terry, perguntou baixinho para que ninguém escutasse:

— Ruiva, por que essa cara tão séria?

Ela teve vontade de arrancar-lhe os olhos, mas conteve sua fúria.

— A Amanda te ligou — respondeu sem olhar para ele.

— Amanda?

— Sim, Amanda — repetiu num murmúrio.

— Quando?! Aconteceu alguma coisa? — quis saber Michael, inquieto.

— Não sei. Só pediu pra você ligar de volta e...

Antes que ela pudesse completar a frase, ele pegou o celular e procurou o número de Amanda entre seus contatos, enquanto Terry o fuzilava com o olhar. Pc telefonema era só para informá-
lo de que Vaitere tinha recebido alta. Quando
desligou, feliz com a notícia, Michael gritou.

— Sam, a Vaitere já está em casa!

— Sério?! — disse Sam, aproximando-se do irmão. — Então vamos ligar pra ela agora mesmo. Por que tão rápido?

Embora continuasse atento à cara contrariada de Terry, Michael estava radi com a ótima notícia que acabava de receber e respondeu:

— Hoje de manhã, quando os médicos fizeram a ronda, viram que ela estava tão bem que perguntaram se ela queria ter alta. E ela, óbvio, aceitou.

Instantes depois, fizeram o que Sam sugeriu e telefonaram para Vaitere. Ka observou como Sam falava por telefone com aquela mulher e, ao ver a al

seus olhos, uma pontinha de ciúmes atravessou seu coração. Mas que bobagem er essa agora? Por acaso não era ela mesma quem fazia de tudo para que Sa aproximasse além da conta?

Terry estava cada vez mais irritada, mas Michael parecia não perceber. Ela tentou controlar os ciúmes, porém algo dentro dela fervilhava de raiva e, depois d forte no chão, afastou-se para molhar os pés na beira do mar. Estava precisando.

Quando desligaram o telefone, andaram todos até o carro em meio a brincadeiras e risadas, mas Michael, ao avistar Terry lá trás na praia, foi até ela. Vendo que ele aproximava, ela mudou de rumo e começou a andar até onde estavam sua mãe, su irmã e suas sobrinhas.

— Terry, espera! — gritou Michael. Conseguiu alcançá-
la e a segurou pelo braço.

— Espera! O que você tem?

Como ela não respondia, ele insistiu:

— Querida, não me assuste. O que houve?

— Não quero falar com você agora, Michael — respondeu Terry, furiosa.

— Aposto uma bebida que meu irmão vai ganhar essa e conseguir fazê-la sorrir

— disse Sam a Kate num tom cúmplice, enquanto se apoiava no carro.

Kate olhou para Sam e bateu sua mão na dele, num gesto de cumplicidad eles já tinham feito centenas de vezes.

— Acho que não. A Terry está muito irritada com ele — comentou ela.

Serena e Ollie se entreolharam discretamente ao ver os dois juntos convers

De repente, ouviram Michael gritar sem se importar com o fato de estar s observado a uma distância de poucos metros.

— Vamos lá, Terry! Pode me dizer de uma vez por todas por que você n

falar comigo?!

Com um terrível ataque de ciúmes, a ruiva ergueu o queixo e, surpreender Michael, alfinetou furiosa:

— Liga pra Amanda se quiser falar com alguém.

Nesse instante Michael não conseguiu reprimir um sorriso malicioso.

— Está com ciúmes, é? — perguntou no ouvido dela.

Terry se sobressaltou e se afastou dele, embora começasse a perceber que estava fazendo papel de idiota.

— Ciúmes, eu? — respondeu, tirando o cabelo do rosto.

— É... *você*.

— Ah, fala séééééééério! Você não me conhece!

Soltando tudo o que estava em suas mãos, Michael a agarrou pela cintura, puxou-a para si e sussurrou, consciente de que todos estavam assistindo àquela cena:

— Vem cá, minha ciumentinha.

— Me solta!

Ao ver seu olhar felino, Michael rapidamente segurou as mãos de Terry e imobilizou suas pernas para que ela não aprontasse uma das suas.

— Vamos esclarecer algumas coisas — disse ele. — Amanda é a médica

Vaitere. Eu dei meu telefone pra que ela me ligasse diante de qualquer eventualidade.

— Como querer sair com você, por exemplo.

— Terry, minha linda — disse ele, com um sorriso sensual. — Eu só tenho olhos pra você.

Mas Terry era osso duro de roer.

— Tira a mão de cima de mim ou eu não respondo por mim.

Mas ele não permitiu que ela se movesse.

— Ei, não fala assim comigo...

— Falo como eu quiser.

— Lembra, querida... primeiro pensar, depois agir. Meu amor, não duvide de mim na primeira oportunidade que surge. — E, desconcertando-a por completo, colou sua boca na orelha dela e disse: — Te amo e não estou disposto a te perder. Entendeu?

Aquilo era tudo o que Terry precisava ouvir.

— Michael, tenho medo de te amar demais e...

Sem deixá-la terminar, ele a beijou ardentemente.

— Escuta, linda. A única coisa que pode acontecer entre a gente é o que *a gente* quiser, e eu só quero que aconteçam coisas boas.

Desarmada diante dessas declarações, dessa vez foi Terry quem o beijou.

Devorou os lábios dele com tanta paixão que ele se desmanchou todo.

— Que nojo! Estão dando beijo de língua! — exclamou Sasha, alarmada.

Todos sorriram. Sam se aproximou um pouco mais de Kate e sussurrou em ouvido:

— Você me deve uma bebida.

Ela concordou, sobressaltada, e ia se virar para dizer alguma coisa, quando ouviu Cat provocando os tios:

— Estamos de olho, hein! Controlem-se, porque há crianças aqui.

Nesse instante Michael e Terry pararam de se beijar e deram de cara com expressões de felicidade de todos.

— Calma, meninas! Tem pra todas! — brincou Michael, agarrando uma acalorad
Terry.

Capítulo 48

Na manhã seguinte, visitaram o vulcão mais alto do mundo, o Haleakala. Enquan
guia brincava a respeito de o vulcão estar dormindo ou não, Sam tentou c

as meninas a fazer uma excursão até a cratera, onde poderiam passar a no
contemplar seu mágico nascer do sol.

— Nem pensar, garotão! — disse Serena. Aquela era a oportunidade perfeita para
que ela e as meninas retirassem o time de campo e deixassem os dois casaizinhos
sós. — Vão vocês quatro e eu fico com as meninas no hotel.

— Tem certeza, Serena? — perguntou Michael. — É um espetáculo
impressionante.

— Certeza absoluta, filho...

— Eu volto para o hotel também — disse Kate, confusa. Já havia estado naquele
lugar com Sam anos antes.

Sam se lamentou em silêncio, mas sorriu quando Serena interveio:

— Pelo amor de Deus, Kate. Faz o favor de ir nessa excursão e se divert
importa se você já esteve lá ou não. Aproveita a paisagem!

— Isso! Fica aí e aproveita, mamãe! — incentivou Ollie, apoiada pelos outros.

Encurralada, Kate acabou dando o braço a torcer. Ficaria lá. Depois de alm
em Hala, Serena e as meninas pegaram um táxi e voltaram para o hotel, e
Sam, Kate, Michael e Terry seguiram a dica do guia: alugaram sacos de d
compraram roupas quentes numa lojinha das redondezas. Em seguida, entraram n
carro que os levou durante quase uma hora por uma estrada sinuosa em d
cratera.

Começaram a subida devagar. O cume ficava a 3 mil metros de altitude, e
implicava um esforço considerável. Terry e Michael estavam com excelente
o que fez Sam e Kate relaxarem e se divertirem. A montanha era selvagem

de grandes pedras negras, mas, determinados a alcançarem seu objetivo, ele desistiram. Às dez da noite, por fim chegaram a seu destino. Acenderam u fogueira e se sentaram ao redor. O guia, um nativo da ilha, pegou no son depois de comer.

— Está começando a ficar frio — observou Michael, colocando uma manta sobre Terry, que aceitou com um sorriso.

— Que horas são? — perguntou Kate.

— Meia-noite e vinte — respondeu Sam, sentando-se ao lado dela. — Já passou da hora da bruxa — brincou ele.

Nervosa, Kate se enrolou em sua manta e, com um sorriso que atingiu em cheio o coração de Sam, sussurrou:

— Então não temos nada a temer.

— Fiquem tranquilos — disse Michael num tom brincalhão. — As bruxinh foram embora para o hotel, e a que sobrou aqui eu estou segurando bem firme.

Todos riram, e Sam, ao ver seu irmão e Terry se beijando de novo, cochichou:

— Aliás, você me deve uma bebida.

— Eu sei. Não esqueci.

— Você perdeu essa aposta por não acreditar no poder de persuasão do Michael.

Não conhece a figura? — acrescentou, feliz por vê-la sorrir novamente.

— Conheço, sim, mas também conheço a Terry e não imaginava que ela se daria por vencida tão depressa.

Os dois voltaram a sorrir.

— Talvez seja porque está apaixonada? — opinou Sam.

Ela o encarou, percorreu lenta e pausadamente com seus olhos aquele rosto a que tanto havia amado e, reprimindo a vontade de beijá-lo, acabou balbuciando:

— Talvez.

Por um bom tempo os quatro conversaram animadamente sobre o quão maravilhosa estava sendo a viagem, quando Terry se sentiu apertada.

— Gente, desculpa, mas estou com vontade de fazer uma coisa que... Ai, onde eu posso fazer?

— Onde você quiser, querida. Quer que eu te acompanhe? — disse Michael num tom brincalhão.

Terry se levantou, olhou fixamente para ele e o avisou com um dedo:

— Nem pensar. — Depois se dirigiu à sua irmã: — Vem você comigo, por favor.

Não quero ir sozinha.

Depois de aguentar mais algumas brincadeiras de Michael, as duas se afastaram e deixaram os dois homens diante da fogueira. Eles as seguiram com o olha elas desapareceram na escuridão.

— Posso saber qual é seu problema? — perguntou Terry, baixando as calças.

— Do que você está falando?

— Você sabe muito bem.

— Não. Não sei.

— Aproveita, Kate. Vive o momento — incentivou Terry, incapaz de permanecer calada. — Estamos num lugar mágico e você está aí toda tensa. Faz o fav deixar seus sentimentos aflorarem. Sam está desesperado pra ter uma chanc você e...

— Faz o favor de calar a boca.

— Não.

— Como você pode me dizer isso num momento como esse?

— Porque eu percebo que você está tão tensa... tão tensa que dá a impressão de

que, se eu te bater com o dedo, você vai se quebrar!

— Mas você acha que pra mim é fácil ver você e o Michael se beijando o tempo inteiro na nossa frente? — cochichou Kate, irritada. — Ah, não, bonitona, não é r fácil... Está sendo desesperador. E, quanto ao Sam, você sabe perfeitamente eu sinto por ele, mas não quero me dar mal de novo. É tão difícil entender isso?

— Olha só, linda — reagiu Terry, abotoando a calça. — A única coisa qu entendo é que aqui todos nós somos humanos. E, sim, ele pisou na bola. Mas ante foi você que pisou na bola com ele.

— Inacreditável! — protestou Kate.

— Inacreditável o quê?

— Antes você estava do meu lado — reclamou Kate, nervosa, mas sem levantar a voz, ao mesmo tempo em que tirava uma mecha de cabelo do rosto.

— E ainda estou, Kate.

— Então por que você me diz isso agora? O que deu em você? Descobriu que o Michael é maravilhoso e isso a fez mudar de opinião?

Terry fez um gesto afirmativo com a cabeça, dando-
se conta de que sua irmã tinha alguma razão.

— É verdade — respondeu. — Nesses últimos dias me dei conta de que muito tempo ao não ter me deixado levar pelo coração. Você sabe que durante an me neguei a investir numa relação com o Michael por medo de... de... estragar tu

Mas agora percebo meu grande erro. Estar com ele é a melhor coisa que aconteceu. Agora entendo o que você sempre sentiu pelo Sam. Ver o Mich cuidando de mim e me mimando me faz lembrar o jeito carinhoso como c cuidava de você. Sei que você precisa dele. Precisa do calor dele. E você que ele sente a mesma coisa?

— Ai, Terry...

— Só estou te dizendo pra aproveitar o momento e...

Mas não puderam continuar a conversa. Vendo que as duas não voltavam, Sam e Michael ficaram preocupados e saíram atrás delas.

— Vocês assustaram a gente — repreendeu-as Michael.

Esquecendo tudo o que pretendia dizer à sua irmã, Terry se agarrou ao braço dele

— Desculpa, querido. A gente ficou conversando e acabou perdendo a noç tempo.

— Bom... bom. Já que você está aqui, preciso fazer uma coisa e só você pode me ajudar — sussurrou Michael, dirigindo a ela um olhar repleto de desejo, enquanto afastavam de Sam e de Kate.

Assim que ficaram a sós na escuridão da noite, Sam foi o primeiro a rom gelo.

— Como são sem-vergonha.

Os dois tinham se dado conta da clara intenção de Terry e Michael ao de los sozinhos.

— São feitos um para o outro — respondeu Kate por fim, ainda agitada p palavras de sua irmã.

Caminharam em silêncio até chegarem a um penhasco, onde se sentaram e

começaram a conversar sobre as meninas, os colégios, o trabalho e várias coisas sobre as quais havia tempo eles não falavam.

— Nunca vou me cansar de te pedir perdão — disse Sam de repente.

Ela o encarou.

— Não precisa. Você já me pediu e eu já aceitei.

— Eu sei — respondeu ele num tom de lamento. — Mas por minha culp os nossos planos foram por água abaixo.

— Sam, sinceramente, acho que o que você fez foi a gota d’água que fez transbordar o que eu mesma comecei.

Sem se atrever a tocá-la, apesar da proximidade entre os dois, ele sussurrou:

— Sinto muito a sua falta, Kate. Até hoje, às vezes eu me viro na cama durante a noite esperando te encontrar.

O coração de Kate batia a mil por hora. Ela também estava com muitas saudades, mas não iria confessar.

— Às vezes penso no porquê disso tudo. Por que encontrei a Nicole? Por continuei com ela? Por que eu não soube dizer “não” na hora em que deveria?

Sem conseguir evitar, Kate ergueu a mão e fez carinho no rosto dele. Pre tocá-lo.

— Sam, para com isso, querido... para agora. Por favor, eu... — Mas não terminar a frase.

Sentir o toque dela em sua bochecha foi o bálsamo de que ele tanto precisava. O

alívio para sua dor. Sam nem hesitou: disposto a arcar com as consequências, ele beijou. Pousou seus ansiosos lábios sobre a boca de Kate e, surpreso, perc como ela o aceitava. No início foi um beijo delicado, pausado e saboreadc lentamente, mas logo se tornou um beijo ardente e apaixonado. Por alguns se beijaram com prazer, até que ela finalizou o gesto com uma mordiscada no láb inferior dele.

— Kate...

Com a respiração entrecortada, os dois se olharam. Não era necessário falar nada.

Sam a puxou para si e juntos eles caminharam até uma grande rocha escurecida p passar dos anos, e na qual uma fenda na parede lhes garantia privacidade.

— Kate, se você não quer continuar com isso, diz logo, porque depois eu não vou conseguir parar. Desejo muito você, querida... — sussurrou, sem parar de olhá-la.

Ela reagiu com um beijo apaixonado. Excitada, percorreu com suas mãos o corpo musculoso dele por sobre a blusa. Sam era grande e tinha os músculos be definidos. Sexy e devasso. Terno e erótico. Dominador e sedutor. Um exce amante dentro e fora da cama e que sempre soube do que ela gostava.

Sem pensar duas vezes, ele tirou a blusa e ficou nu da cintura para cima. respirava ofegante enquanto se derretia de prazer diante daquele poderoso c

masculino. Enlouquecida e tocando-o com devoção, ela deslizou os braços pelo pescoço dele e o puxou para si.

— Sam... eu estava com saudade — sussurrou, disposta a tudo.

Excitado pelo momento, ele sorriu e, enquanto ela dava mordidinhas em se ombros, ele enfiou as mãos por baixo da blusa dela e buscou os seios. Tc voracidade em seus mamilos e isso a fez gemer. Quando já estavam duros tirou o casaco, a blusa e o sutiã e os mordeu. Passou a língua por eles al vezes, até deixá-los vermelhos e quentes.

Quando conseguiu o que queria, parou de lambê-los e ergueu os olhos para observá-

la. Kate, decidida a continuar com aquele joguinho erótico de que ela tanto precisava e que tanto adorava, agarrou-o pelo cabelo e o fez se ajoelhar. A cabeça de Sam ficou entre suas pernas e ele sorriu como um lobo faminto ao entender o ela estava pedindo. Primeiro ele aproximou seu rosto e o passou suavemen virilha, depois pousou sua boca sobre a calça dela e a mordeu. Quando Kate jogo cabeça para trás, Sam perguntou:

— Tem certeza, Kate?

— Sim... sim...

Com movimentos certeiros, Sam tirou as botas dela e depois a calça. Quando ele removeu lentamente sua calcinha, ela achou que ia morrer de tanto tesão. Agacha diante de Kate, que a essa altura já estava completamente nua, abriu as pernas del e, sem hesitar, meteu-se entre elas. Sua boca estava ardente e voraz, e ele lhe acariciava a bunda, convidando Kate a se deixar cair sobre ele. Extasiada e com o olhos fechados, apoiada sobre a rocha áspera, ela gemia de prazer, enquanto Sam abrindo caminho até chegar faminto ao clitóris duro e molhado.

Kate fechou os olhos outra vez e, achando que ia perder o controle, soltou gemido mais forte e abriu mais ainda as pernas, cada vez com mais tesão. Sam, q a conhecia melhor que ninguém, ao sentir seus espasmos de prazer, enfiou um de nela, depois dois e por fim três. Ele os movia com movimentos circulares fazia gemer mais e mais.

Quando ele parou, ela abriu os olhos e deu de cara com o olhar sensual confiante de Sam, que tirava suas próprias botas e sua calça. Por um momento, K tomou consciência de como estava: completamente nua e recostada sobre uma ro com as pernas abertas e louca para fazer tudo o que Sam quisesse.

Sem perder um segundo, Sam, já totalmente despido, imprensou-a em cima da rocha e a beijou.

— Kate... — sussurrou num tom sensual.

Entre gemidos de luxúria, Sam levantou as pernas dela e voltou a introduzir vário dedos em sua vagina quente e molhada. Kate baixou sua mão e, num gest determinado, pegou o membro duro de Sam e o colocou onde ela queria.

que penetrá-la *já*. Carinhosa e excitada, ela fez menção de falar, quando Sam se aproximou de sua boca e sussurrou, prestes a explodir:

— Não posso mais segurar, querida.

Morrendo de tesão, e enlouquecida por tudo o que Sam a fazia sentir ness momentos, ela encostou seus lábios no ouvido dele e, em meio a gemidos, murmurou:

— Sam... vem agora.

Como num sonho, e depois de olhar para ela por alguns segundos, ele a c com luxúria. Ao sentir a súplica naqueles olhos que ele tanto adorava, Sam a baix até o chão, virou-a e, após colocá-la com o rosto contra a rocha, apoiou seu joelho entre as pernas dela e as separou. Kate se deixou levar, sem resistir. Gostava de se sentir possuída e dominada por ele. O sexo entre eles sempre havia sido f ardente e selvagem.

Sam se abaixou novamente diante dela e enfiou a cabeça entre suas coxas ousadia, passou sua língua pelos lábios da vagina e, depois de abri-los com os dedos, deleitou-se, enquanto ela se entregava a ele sem pensar em nada. Com o pênis duro como uma pedra, Sam a fez dobrar os joelhos até que a vagin encaixada na boca dele. Ele a agarrou com frenesi pela parte de cima das lambeu o sexo dela até engolir seu fluido suculento e doce.

Ele a sentia estremecer. Escutava seus gemidos e, quando os dentes aperta clitóris, ela gritou e se contorceu com vários espasmos. Sem dar trégua, Sam volt a chupar o clitóris cada vez mais inchado e, quando Kate grunhiu entre gemidos, se levantou, colocou a ponta do pênis ereto na abertura da vagina e, com movimento direto e certeiro, penetrou-a.

Aquela invasão deliciosa e *caliente* os fez gritar de prazer. Ele deu um tapa na bunda dela e a obrigou a vibrar de novo. Depois a segurou por trás dos quadris, n gesto possessivo, e começou a mover-se em um ritmo selvagem que agradava aos dois.

O calor entre eles não parava de aumentar, e Kate arqueava o corpo para receber Sam cada vez mais e mais. Estava insaciável. Ele a penetrava seguidas ve entrando fundo, até que não conseguiu mais aguentar e, depois de mais un bunda de Kate e um suspiro rouco, deu uma investida forte e acabou goza na hora em que ela soltava um gemido, e os dois chegaram juntos ao clímax.

Exausto, Sam a virou e, pegando-a nos braços, voltou a apoiá-la contra a rocha.

Ele a beijou com voracidade, enquanto ela apertava seu corpo contra o dele e sent o pênis latejando de novo em busca de mais. Ainda molhada, ela guiou seu memb até a entrada da vagina e voltou a fazê-lo penetrar. Inebriada, Kate enroscou suas pernas ao redor da cintura de Sam, que a segurava pelo traseiro e começava a mo

la para entrar e sair. Várias estocadas brutais, uma vez depois de outra... a

Sam jogou sua cabeça para trás e gozou novamente, enquanto Kate, enlouc tentava tomar fôlego e sentia a vagina se retorcendo e vibrando.

Quando Terry e Michael chegaram ao acampamento e viram apenas o guia adormecido em seu saco de dormir, estranharam não encontrar Kate e Sam.

— Onde será que esses dois se meteram?

— Não sei. Talvez os dois tenham afogado um ao outro e se atirado na cratera —

brincou Michael.

Mas Terry sorriu e sussurrou com uma careta engraçada:

— Uiiiiiii... Isso é um bom sinal. E só pode querer dizer duas coisas. Ou juntos ou, como você diz, eles se afogaram na cratera. E eu aposto na pri opção.

— Não tenho tanta certeza. De repente estão só conversando.

— Michael, não seja ingênuo — disse Terry e acrescentou: — Você chamaria de *conversar* o que nós dois acabamos de fazer?

— Ahã... pode-se dizer que sim. — E, aproximando-se de novo dela, agarrou-a por trás e murmurou em sua orelha: — O que acha de a gente desaparecer outra v para *conversar* mais um pouquinho? Ainda tenho um monte de coisas pra te dizer.

— Você é insaciável, tio Michael — cochichou ela.

— Com a tia Terry eu sou, sim. Com certeza!

Mas, quando sentiu novamente as mãos dele debaixo de sua blusa, Terry s desvencilhou e falou baixinho:

— Para com isso, Michael. O guia está aqui.

— Vamos, gatinha... Ele não está nem vendo — insistiu, num tom divertido.

— Não. Aqui não.

Michael não conseguiu segurar uma gargalhada, e ela rapidamente tapou a dele. Não queria que o guia acordasse. Sem desperdiçar mais um minuto, Michae puxou para si outra vez.

— Calma, linda. Eu nunca faria nada na frente de ninguém. Prezo muito a intimidade e não compartilharia nada com um estranho. Mas não se esquece: quan a gente chegar no hotel, quero o que você me prometeu, hein? Jacuzzi, ca massagem.

— Pode deixar. Você vai ter isso tudo. Prometo.

Feliz pelo que aquele homem a fazia sentir, ela deu um beijo na ponta de seu nari e murmurou:

— Amor, pode pegar mais um casaco na mochila? Estou com frio.

— Claro, linda.

Enquanto ele revirava a mochila em busca do que ela havia pedido, Terry pensava

em Kate e Sam. Torcia com todas as suas forças para que eles estivessem

aproveitando aquela noite e finalmente se reconciliando.

Sam e Kate estavam abraçados e respiravam ofegantes. Acabavam de fazer novamente, e cada vez tinham mais consciência do que estava acontecendo eles. Quando decidiram dar por encerrada aquele encontro apaixonado, afastaram se.

Em silêncio e sem olhar um para o outro, eles se vestiram, até que Sam equilíbrio devido ao cansaço que sentia nas pernas, mas Kate foi rápida e o impec de desabar no chão. Aquele abraço repentino fez os dois reagirem.

— Que bom que você me segurou. Eu já me via rolando pelo chão.

— Deu pra evitar — disse Kate, sorrindo.

Por alguns segundos eles observavam um ao outro. O olhar de ambos dizia muita coisa, e eles voltaram a se abraçar com força.

— Foi maravilhoso, Sam.

— Maravilhoso, querida — concordou ele, aspirando o perfume do cabelo

— Você é tão doce, Kate, tão encantadora, que não sei o que vou fazer c minha vida sem você.

Aquelas palavras a apunhalaram. Foram como um duro golpe para Kate. P alguns instantes imaginou que... e agora ele falava de um futuro sem ela. Incapaz dizer o que pensava, desvencilhou-se do seu abraço e tentou sorrir.

— Se apressa e se veste. O Michael e a Terry devem estar procurando a gente.

Ao sentir seu sorriso, Sam desejou despi-
la de novo. Daria sua vida para voltar com ela, mas não queria pressioná-la. Ela havia deixado bem claro que nunca conseguiria viver na ilha.

— Tem razão. É melhor a gente ir.

Dez minutos depois, voltaram em silêncio ao acampamento. O guia continu dormindo como uma pedra, enquanto Terry e Michael, abraçados perto da contemplavam o horizonte. Ao vê-

los chegar, Terry olhou para sua irmã. Percebia
que ela estava feliz, mas algo no olhar de Kate ofuscava esse sentimento.

— Caramba, a gente já estava quase chamando os bombeiros — brincou Michael

— A gente foi dar um passeio — desculpou-se Sam.

— Gostaram do que viram? — perguntou Michael enquanto Terry continua olhando para a irmã.

— Sim, foi maravilhoso — respondeu Kate.

Michael se surpreendeu. Esperava uma resposta do seu irmão, e não dela. por sua vez, tinha consciência de que havia algo que inquietava Kate, entã desvencilhou do abraço de Michael e disse:

— Desculpem, garotos, mas preciso ir outra vez no...

— Calma, deixa de ser mijona — provocou Sam, que nesse momento aju Kate a vestir outro casaco. Como ela tremia, ele deduziu que estivesse com frio.

— Querida, posso ir com você? — ofereceu-se Michael em tom brincalhão.

— Nem pensar — disse ela e, olhando para sua irmã, falou: — Kate, voc acompanha?

Minutos depois, quando as duas já estavam longe o bastante da fogueira, Terry se manifestou:

— Está tudo bem?

— Sim, tudo ótimo.

— Não mente pra mim. Eu sei que alguma coisa está errada — observou Terry.

— É sério, não tem nada. É só que estou exausta.

— Kate — alertou Terry, plantando-
se diante dela com as mãos na cintura. — Ou
você me diz agora mesmo o que está acontecendo ou eu juro que armo um escând tão grande que as autoridades da ilha virão pra tirar a gente daqui.

Kate suspirou de frustração e murmurou sem olhar para ela:

— Segui seu conselho. Me deixei levar e a gente acabou transando. Foi maravilhoso.

— Aêêê! Viva! — aplaudiu Terry. — Mas então por que você está desse jeito?

— Porque ainda amo ele.

— E isso é ruim?

Kate negou com a cabeça.

— Mas, se ele não quer que eu viva com ele, isso é um problema, sim - ela, surpreendendo Terry.

— Que bobagem é essa que você está falando? Tenho certeza de que você ouviu errado — reagiu Terry, boquiaberta.

— Acabei de fazer amor com ele e sei que ainda o amo. Mas as palavras deixaram muito claro que nossa relação não tem volta. — Ao dizer isso, l mãos ao rosto e começou a chorar.

— Ei, Kate... Me escuta — interveio Terry, tentando acalmá-
la. — Para de chorar pra gente poder conversar.

Kate enxugou as lágrimas com a manga do casaco que ainda exalava o cheiro de Sam e de sexo.

— Sou uma idiota. Sei que ele me ama. Mas também sei que não quer v comigo. Ele deixou isso bem claro — disse Kate, com a voz embargada. — Terry

essa noite foi maravilhosa. A gente se encontrou, sabe? Eu gozei de um j havia muito tempo não acontecia, e eu sei que ele sentiu a mesma coisa. Mas nos relação é impossível. Simplesmente impossível.

Terry cada vez entendia menos. Se Kate amava Sam, e Sam amava Kate, qual era o problema, então?

— Humm, vamos ver, por que você acha que ele não quer voltar com você?

Jogando uma mecha de cabelo para trás, respondeu, com o nariz entupido de tant chorar:

— Ele fala da nossa relação como algo do passado. E, quando fala do futuro, não me inclui.

— Então se inclua você mesma, ué.

— Não.

— Diz pra ele que você quer reatar. Deixa claro que você o ama, que ninguém é perfeito...

Com um sorriso triste, Kate a interrompeu:

— Não, Terry. Do meu jeito, eu já disse isso. Ele me conhece.

— Eu acho que...

— Olha, Terry, vou aproveitar essa noite e o que resta da viagem pra me divertir.

Depois vou pegar um avião e voltar pra casa. E juro pelas minhas filhas c começar uma vida nova. Se ele conseguiu refazer a vida dele sem mim, eu também consigo.

— Mas me escute, por favor...

— Não, Terry — interrompeu-a Kate. — Não continue. Esse assunto só me faz mal e eu preciso parar de me sentir assim.

Aflita pela tristeza que as palavras e os olhos de sua irmã refletiam, Terry acabou cedendo.

— Tudo bem, Kate. — E, dando-lhe um beijo, acrescentou: — Vamos, que eles estão esperando a gente.

— Mas você não queria fazer...?

— A vontade passou. Vamos.

Terry entendia as emoções da irmã naquele momento. Apesar de o rosto de Kate estampar a felicidade que estava sentindo, seus olhos ocultavam o lamento. chegarem ao lugar onde estavam Michael e Sam, as irmãs se sentaram jun para acompanhar o amanhecer esplendoroso daquela região. O céu avermelhado c finos rasgos que variavam em um amplo espectro de cores se movimentav deles como em uma dança, enquanto o sol lutava para sair. De onde estav podiam ver que havia muitas nuvens cobrindo parte da subida à cratera e camada de nuvens sobre eles próprios. A imagem era espetacular. Um sonho!

— Que frio! — sussurrou Michael, abraçando Terry.

— E que bonito! — disse ela.

— Isso é maravilhoso — murmurou Kate, aninhada nos braços musculosos Sam. — Tão lindo e mágico quanto na primeira vez que assisti.

— É um verdadeiro espetáculo — concordou Sam, inebriado pela proximidade e pelo perfume da ex-mulher.

Nesse momento o guia se aproximou.

— E aí, pombinhos, a espera e o esforço de chegar até aqui valeram a pe

perguntou.

Todos fizeram que sim com a cabeça, sorridentes, enquanto contemplavam aquele maravilhoso amanhecer sentados no teto do mundo.

Capítulo 49

Naquela tarde, ao chegarem ao hotel, contaram maravilhados sobre o espetáculo c haviam presenciado ao vivo e em cores. Mas, desde sua chegada ali, Kate se senti incomodada. De um lado estava feliz pelos momentos que tinha vivido com Sam noite anterior, mas de outro se sentia abatida ao pensar que eles dois não voltariam ficar juntos. Não era fácil controlar seus sentimentos nem seu desejo quand assunto era Sam. Desde o ocorrido, ele estava mais próximo, mais receptiv até isso afligia o coração de Kate, como se ela tivesse levado uma punhalada.

Sam olhava para ela intrigado. Conhecia Kate melhor do que ninguém e sabia que se ela se entregara a ele na noite anterior, era porque sentia algo. Mas, po

lado, ele não entendia sua mudança de atitude desde que haviam chegado

De repente ela voltou a ficar distante e fria com ele, e Sam não compreer quê.

Naquela noite, quando todos dormiam, Kate se sentiu entediada por estar t entre as quatro paredes de seu quarto e resolveu descer até o bar do hotel. Precisa beber alguma coisa. Não conseguia dormir. A vontade de estar com Sam e ficando insuportável.

— Opa, voltamos a nos encontrar — disse Sam ao vê-la.

Ao ouvir sua voz, ela se virou e o cumprimentou.

— Oi, Sam. Eu não tinha te visto.

— Acabei de descer.

Feliz, de certo modo, por tê-lo encontrado, Kate retirou o cabelo do rosto num gesto charmoso e tentou esboçar um sorriso.

— Ótimo! Assim eu te pago a bebida que estou devendo.

— Boa ideia — disse ele, sorrindo.

Sem pedir permissão, ele se acomodou a seu lado e perguntou:

— O que você quer beber?

— Um uísque com gelo.

Surpreso, Sam se aproximou dela e sussurrou com uma intimidade que a c arrepiada:

— Pela bebida que você pediu, concluo que não estava conseguindo dormi precisa relaxar.

Kate sorriu e, olhando para o copo que ele segurava, observou:

— Posso dizer o mesmo de você, não?

— Eu bebo pra esquecer, Kate — respondeu Sam, e em seguida pediu ma bebidas ao garçom.

Kate fechou os olhos ao sentir o hálito dele perto de seu rosto. Esquecer. disso que ela precisava.

— Você está tentando esquecer o que aconteceu entre a gente ontem à noite?

— De certa forma, sim.

— Por quê? Não foi bom? — disse ela, abrindo um sorriso frio.

— Claro que foi bom. Eu e você sempre nos entendemos superbem na cama. Mas Kate, eu preciso de mais e...

— Sam, não continua.

— Por quê?

— Porque, se você continuar, a trégua que havia entre a gente vai acabar.

Aturdido e confuso, Sam a encarou e replicou, furioso:

— Trégua? Você chama de trégua o que eu e você fizemos ontem? Cham trégua o jeito como a gente se beijou e fez amor há apenas algumas horas? Chama trégua o fato de eu não conseguir tirar você da cabeça e minha vontade d para o meu quarto, te jogar na cama e...? Pelo amor de Deus, Kate, isso enlouquecer. Não sei o que você quer. Estou tão confuso que...

— Sam, você voltaria a Nova York?

A pergunta o desestabilizou por completo. Isso só podia significar que ela perdoava totalmente e que lhe dava uma nova oportunidade. Quis gritar qu

que queria voltar com ela, mas as coisas haviam mudado e, se alguma coisa estav clara para ele, era que não queria voltar a ser aquele Sam de Nova York. Outra ve não. E, com o coração partido, olhou fixamente para ela.

— Kate, eu não posso voltar a Nova York — disse num sussurro.

— Por quê? Lá temos nossa casa, nosso escritório, nossa vida e...

— Não, Kate. Em Nova York eu não tenho nada.

— Isso é mentira — protestou ela.

— Não, querida. Pensa bem, por favor. Minha casa, meu trabalho e minha estão aqui em Oahu e você sabe disso.

— Sam... — insistiu ela, num gemido, mas ele prosseguiu. Precisava fazer isso.

— Não vou voltar a Nova York — afirmou com convicção. — E eu não posso te pedir que abandone tudo pra que... — Sam bebeu de seu copo e, tentando aparent segurança, acrescentou: — Eu te amo, Kate, e amo as meninas. Mas também amo Sasha e o Tommy e não quero uma vida cheia de engarrafamentos, pressa esnobe. Por você, por nosso amor, deixei o pouco que eu tinha pra começ vida nova, mas não vou fazer isso de novo. Não mais.

Ao perceber nos olhos de Kate a dor que ela sentia, Sam pegou suas mãos.

— Você não imagina o quanto eu te amo, querida. E por isso preciso entender que você não queira largar sua vida em Nova York, com todo seu sucesso pro para morar aqui comigo. Você sempre fez questão de deixar claro que queria ter s própria empresa e uma vida confortável. Você sempre lutou pra conquistar

justamente por isso não posso te pedir pra abandonar sua cidade.

— Eu sei — concordou ela, entendendo agora por que ele a havia excluído de sua vida na noite anterior. Sam a conhecia e sabia o que certas coisas represen para ela.

— Eu lutei por tudo o que você queria — continuou ele. — Mas você se soube que esse estilo de vida não era muito a minha cara. Você sabe que, por mim, teríamos dedicado mais tempo a nós dois e às meninas. Sabe, muitas ve quando olho para a Sasha e o Tommy, me culpo ao pensar tudo o que pe infância da Cat e da Ollie e... sinto muito, querida, mas não quero que isso aconte de novo.

Sam tinha razão. Gostando ou não, ela tinha que admitir que ele estava ce decidiu se abrir com ele de uma vez por todas.

— Sei que, por egoísmo meu, você deixou de visitar a sua terra e parou de surfar.

Sei que por mim você deixou tudo e eu retribuí muito mal quando... — Ele segur
forte suas mãos, puxou-
a para mais perto de si e a beijou. Não queria escutar mais
nenhuma crítica, nenhum pedido de desculpas. O que ele queria era estar

Sam a amava, mas as diferenças de seus mundos tornavam impossível um
relacionamento. Por isso, quando separaram seus lábios, mantendo-
os a poucos centímetros um do outro, ele murmurou:

— Querida, vamos nos permitir ser felizes.

Com os olhos cheios de lágrimas e o coração dilacerado, Kate fez um ges
afirmativo com a cabeça.

— Sim.

Abraçados no bar do hotel, e sem se importar com os olhares curiosos da
pessoas ao redor, Sam tomou coragem e, com o coração partido por saber
consequências de suas palavras, disse:

— Você precisa refazer sua vida, Kate. Me esquecer. Precisa fazer o que
realmente sempre teve vontade e nunca pôde por minha causa, por eu esta

lado. No começo também me custou muito, mas olha pra mim agora: estou de no
na minha terra, sou dono da minha vida e quero muito voltar a viver. Mas, Kate, e
preciso que você também faça isso.

— Vou fazer — disse ela e caiu em prantos. — Vou fazer, Sam. Prometo.

E, incapaz de permanecer mais um segundo ao lado dele, desvencilhou-se do seu
abraço.

— Desculpa, Sam, mas agora preciso me afastar de você — sussurrou, olhando-
o nos olhos.

Ele fez que sim com a cabeça e, dilacerado, observou-a se afastar. Sam a
conhecia e sabia que, depois daquilo, Kate desapareceria completamente de
vida.

Capítulo 50

Na manhã seguinte, todos pegaram a balsa para a ilha de Lanai. Michael
continuavam no mesmo clima de paixão. Beijos e afagos o tempo todo. E
isso, Kate e Sam tentavam sorrir apesar da tristeza que sentiam cada vez
olhares se cruzavam.

Assim que chegaram a Lanai, surpreenderam-
se ao encontrar uma cidade pequena,
mas charmosa, com casas pintadas seguindo as cores do arco-íris.

Por volta das nove da noite, chegaram exaustos ao hotel e, da enorme varanda do
quarto de Serena, telefonaram para o serviço de quarto e pediram algo para jantar

— Conta pra gente mais histórias tradicionais e lendas das ilhas. Eu adoro

pediu Ollie ao pai, que, disfarçadamente, observava Kate penteando Sasha.

— No leste de Lanai — disse Sam — fica a praia do Naufrágio. E reza
que, nas noites sem lua, ainda é possível ouvir os lamentos dos guerreiros
gente que diz que seus fantasmas continuam ali.

Achando engraçada a expressão das filhas, continuou o relato:

— Na Ilha do Havaí, por exemplo, fica o templo do Deus Ku. Ali eram realizados
sacrifícios humanos, e reza a lenda que o sangue ainda surge entre as rochas. — A
meninas fizeram cara de horror. — Dizem que os velhos deuses havaianos recorre
a esse templo e pedem ajuda pra solucionar seus problemas.

— Olha como fiquei toda arrepiada! — exclamou Cat.

— O templo do
Hula — disse Michael, rindo — fica em Kauai e é dedicado a
Laka, a grande deusa do
Hula. Antigamente, os dançarinos que se especializavam
em sua arte não podiam cortar o cabelo. Tinham muitos alimentos e relaçõ

sexuais.

— Coitadinhos — debochou Terry. — Que vida cheia de sacrifícios eles levavam

Michael sorriu e, sem se importar com o fato de todos estarem olhando, d

beijo nela.

— Tem também a caverna de Waianapanapa, em Maui — acrescentou San sorrindo. — Diz a lenda que a linda princesa Popalaea escapou de seu marido cru mas ele acabou a encontrando e a matou. Desde então, a caverna adquiriu tonalidade vermelha.

Nesse momento, Kate apareceu de mãos dadas com Sasha.

— Eu me lembro de uma lenda que você me contou e que me impressionou muit e a história se passava aqui, na baía de Manele ou Puu Pehe de Lanai. Acho que s chamava a rocha dos amantes. — Sam sabia do que ela estava falando. — me engano, uma garotinha de Maui chamada Puu Pehe foi raptada por um guerreiro de Lanai. Ela era muito bonita, e ele, com medo de que ela o abandonas resolveu escondê-
la entre as pedras. Mas um dia, quando voltou de sua busca por alimento, ele a encontrou boiando na água. Mergulhou para salvá-
la, mas a moça
havia se afogado. O rapaz a enterrou no alto da rocha e depois se jogou do penhas e se matou.

Sam olhou espantado para ela. Nunca teria imaginado que Kate se lembrar daquela história que ele lhe contara havia tantos anos.

— Meu Deus — falou Serena. — Aqui não tem nenhuma lenda divertida, não?

Michael caiu na gargalhada e, aproximando-
se dela, cochichou em tom brincalhão:

— A rocha de Kauleonanahoa Phallic, que fica na ilha de Molokai, é outra lenda.

As mulheres que desejam ter um filho só precisam ir até lá com presentes oferendas e passar a noite ao lado da pedra. Dizem que, quando a mulher volta pa casa, já está grávida!

— Michael, você acha isso divertido? — interveio Terry, enquanto saboreava um dos abacaxis típicos da ilha.

Ele deu de ombros e murmurou:

— É uma curiosidade. Pelo menos essa lenda não fala de mortes, bruxas, guerreiros ou fantasmas.

— Alguém sabe qual é o peixe mais famoso do Havaí? — perguntou Sam a suas filhas.

Sasha gritou, empolgada:

— Eu sei, papai! Ele se chama Humuhumunukunukuapua'a. Não é pra cor dizem que esse nome é tão comprido quanto o peixe.

— Bravo! — elogiou Michael, beijando-a.

A menina riu ao ver a reação do tio.

— Lembro que o papai me contou isso num dia em que eu estava com febre e não



conseguia dormir.

— É verdade, princesa — disse Sam, olhando-a com carinho.

— Aposto que vocês não sabem que o alfabeto havaiano só tem 12 letras. Cinco vogais, que são a, e, i, o, u, e sete consoantes: h, k, l, m, n, p, w — falou Michael.

— Bom, então você é tão havaiano quanto eu sou tchecoslovaca — brincou Terry

— Garanto que você usa mais que cinco vogais e sete consoantes.

Todos soltaram uma gargalhada, e Michael prosseguiu:

— Aqui se fala inglês. É a língua oficial do estado. Mas às vezes também se ouve pidgin, por causa dos imigrantes e da mistura étnica que se criou no Havaí.

— Pidgin? O que é isso? — perguntou Cat.

Ao ver o interesse que a filha demonstrava, Sam explicou:

— O pidgin é uma mistura de diferentes idiomas. Apesar de a base ser havaiana, tem elementos do inglês, do chinês, do japonês, do filipino e de outras línguas.

— Realmente — afirmou Michael. — Inclusive já faz tempo que a Câmar Representantes havaiana declarou o pidgin um dos idiomas oficiais do Havaí.

— Uau, que conversa culta — ironizou Terry.

— Tio Michael — disse Sasha. — Posso fazer uma pergunta?

Todos se voltaram para ela, e Michael fez que sim com a cabeça.

— Aquela mulher da foto que está na sua mesinha de cabeceira é a Terry, né?

O grupo todo olhou para ele, e Terry perguntou admirada:

— Você tem uma foto minha na sua mesinha de cabeceira?

Ao ser descoberto pela pequena sobrinha, Michael tentou minimizar o fato brincou:

— Sim, eu confesso. Tenho uma foto sua, mas não está na mesinha de cabeceira, como disse essa pequena aspirante a bruxa. — A menina sorriu. — Sua fo atrás da porta do meu quarto, e toda noite eu a uso no tiro ao alvo.

Todo mundo riu.

— Ô pingo de gente, o que você estava fazendo bisbilhotando a minha mesa, hein

— perguntou Michael.

— Que eu saiba, ela não é a única a fuçar as mesinhas — brincou Ollie, ganhando um cascudo.

Uma hora depois, quando todos foram para seus respectivos quartos, Micha Terry saíram para dar um passeio na fina areia branca de Lanai.

A visita a Lanai acabou e o grupo seguiu rumo a Kauai, a Ilha Jardim. Visitaram o picos de Waialeale e Kawaikini e a praia de Poipu. Um lugar perfeito para crianças. Ali Michael e Sam alugaram novamente umas pranchas, apesar do protes de Serena. O sol brilhava e a sede era tão grande que Serena e as meninas foram a

um quiosque para comprar água. Quando ficaram sozinhas, Terry olhou para a irm que estava pegando sol, e perguntou:

— O que houve? E não vai me dizer a mesma coisa de todos esses dias, porque estou cansada disso.

Sem paciência para a mesma pergunta toda manhã, Kate tirou os óculos, sentou-se e respondeu:

— Sim, o de sempre.

Terry olhou para Sam e Michael, que aproveitavam as ondas, e suspirou.

— Outra vez com isso?

— Como você quer que eu pare de pensar nisso? O homem que eu amo não quer voltar comigo...

— E você? Por acaso está disposta a largar tudo pra ficar com ele?

— Terry...

— Não. Não acho que você esteja com a razão. Morar em Nova York é maravilhoso, eu adoro, mas viver ao lado da pessoa que você ama é mil melhor. Ele já fez isso por você. Por que agora você não faz a mesma coisa por el

— Não acho que funcionaria, Terry... não acho que...

— Querer é poder, ô cabeça-dura de uma figa. Mas você quer o quê? Que ele se ajoelhe e...

— Que ele me peça. Só quero isso. Que ele me peça!

— Isso é inacreditável. Não dá pra te entender, irmãzinha. Sendo bem sinc acho que você está perdendo completamente a noção das coisas.

— Eu pedi a ele na época. Por que ele dá como certo que eu não largaria tudo pra ficar com ele? Por quê? — protestou Kate.

— Porque ele te ama e sabe que é uma decisão muito difícil pra você. Te certeza de que o Sam não quer que você jogue isso na cara dele se de re amanhã as coisas não derem certo.

Kate sabia que a irmã tinha razão.

— Eu estou aqui, ué. Acho que estou dando a entender muitas coisas.

— É um homem, Kate — insistiu Terry. — E pra essa espécie é preciso deixar as coisas muito claras. Só assim eles entendem. Escuta, Kate, quando eu decidi vir c você pra cá, sabia muito bem quem eu ia encontrar aqui. E, como eu que com o Michael apesar do nosso começo tumultuado, embarquei fundo ness também embarcou?

— Sim... naquela noite no...

— Ok. Aquela noite no vulcão foi especial pra vocês, mas, quando ele nã incluiu na vida dele, em vez de você ficar quietinha como uma múmia, de dito alguma coisa pra ele saber o que você realmente quer. Por que não f agora, então?

— Não posso... não sei.

— Olha só, gata — disse Terry, cansada de tanto drama. — Não me venh história da carochinha. Pare de se esconder atrás do computador e resolva vez por todas a sua vida.

Esfregando os olhos para enxugar as lágrimas, Kate sussurrou ao ver Sam sobre as ondas:

— Quero que essa viagem acabe logo para eu poder voltar pra casa. Só isso.

— O que você tem, Kate? — perguntou Sasha de repente, surpreendendo as duas

— Nada, querida, não foi nada.

Mas a menina insistiu:

— Por que você está chorando?

Para minimizar o fato, Terry se apressou em responder:

— Ela não está chorando, querida.

— Está, sim. — E, abaixando-
se, perguntou: — Está com medo por causa do papai e do tio?

— Com medo?!

Apontando para eles, a garotinha acrescentou:

— Não se preocupa. O papai e o tio estão bem na água. Não precisa se assustar igual à vovó Serena.

Terry e Kate sorriram. A menina era um amor. E, para mudar logo de ass Terry mentiu:

— Entrou areia nos olhos dela, não é, Kate? — Ela fez que sim com a cabeça. —

E eu ia assoprar.

— Posso assoprar? — perguntou Sasha.

Tirando os óculos, Kate concordou.

— Claro, querida.

Terry sorriu, levantou-se e caminhou com a máquina fotográfica nas mãos em direção à beira da água. Depois de a menina assoprar várias vezes, Kate piscou.

— Obrigada, Sasha. Já estou melhor.

A menina balançou a cabeça em sinal de aprovação e, empolgada por tê-la ajudado, perguntou, estendendo seu sorvete:

— Quer um pouquinho?

— Não, obrigada, querida.

— É de morango.

— Hummm. Que delícia! Nosso sabor preferido — disse Kate, sorrindo.

— E está muuuuuuuito bom. Prova!

Incapaz de dizer não àquela criaturinha tão linda, Kate experimentou o sorvete.

— Delicioso!

— Quer que eu fale pra vovó comprar um pra você?

— Não. Agora não. Mais tarde.

A menina sentou a seu lado e começou a tomar o sorvete. Em silêncio, as olhavam para o mar, onde Sam e Michael se divertiam surfando.

— Quando a gente voltar pra casa, você vai ficar lá pra sempre?

— Não, meu amor.

— E quanto tempo você vai ficar?

Kate, que sabia que a menina era a rainha das perguntas, respondeu:

— Só mais uns dias. Depois volto pra Nova York.

— Por quê?

— Porque meu trabalho e minha casa estão ali.

— E a vovó? E a Ollie, a Cat e a Terry?

— A mesma coisa. Todas nós temos que voltar.

Olhando-a nos olhos, a menina inclinou a cabeça e disse:

— Já sei! Tenho uma ideia. Por que vocês não ficam morando aqui?

Sem perder a paciência, Kate retirou do rosto uma mecha de cabelo e explicou:

— Porque a gente tem nossa casa. A Ollie e a Cat têm os colégios delas e...

— Mas eu quero que vocês fiquem aqui comigo — disse a menina, fazendo cara de choro.

— Sasha, querida... — sussurrou Kate.

Mas a menina a interrompeu e, com um olhar suplicante, disse, deixando Kate se

palavras:

— Eu queria que você fosse minha mamãe.

— Sasha... — interveio Kate, desconcertada.

— Nós duas gostamos de sorvete de morango, e você sabe colocar o Tommy pra dormir muito bem. Você é muito legal e eu acho — cochichou, como se fosse segredo — que meu pai gosta de você como namorada, porque tem uma foto sua em casa e na gaveta da mesa do seu trabalho.

Terry, que se aproximava delas nesse momento, tirou uma foto das duas e em tom brincalhão:

— Caraaaaaamba, pelo visto há fotos nossas circulando pela ilha.

Sasha olhou para ela e prosseguiu com suas perguntas:

— Você também vai embora pra casa quando as férias acabarem?

Kate e Terry se olharam. Aquele era um assunto que Terry procurava evitar. Mas, gostando ou não, mais cedo ou mais tarde ela teria de enfrentá-lo, e, sentando-se ao lado da menina, falou:

— Claro, querida. Quando as férias acabarem, tenho que voltar para o meu trabalho.

— E você não pode trabalhar aqui?

— Não, meu amor. Eu trabalho em Nova York.

— Mas, se você for embora, não vai mais ser a namorada do tio, e eu quero que seja você. — queixou-se a menina outra vez.

Terry não gostou desse último comentário, mas, tentando não ser muito ríspida, falou:

— Sasha, o que tiver que ser... será. — E, ao ver a cara de choro que a menina fazia, acrescentou num tom mais suave: — Prometo vir te visitar sempre que puder. E se eu ganhar na loteria vou comprar uma casa aqui. Que tal?

— Legal!

Por uns instantes a menina permaneceu calada e continuou tomando seu sc
quase derretido. Kate e Terry se olharam e suspiraram. Aquela ali era uma
jornalista, tamanha sua curiosidade. Instantes depois, Serena apareceu junto
outras meninas, que se sentaram ao redor dela, e Sasha disparou:

— Tenho uma ideia melhor que a loteria. Por que você não casa com o t
você fizesse isso, continuaria aqui, poderia ter filhos e eu ajudaria a cuidar deles.
já ajudo a cuidar do Tommy.

Terry ficou sem respirar. O que aquela pequena criatura estava dizendo? Se
por sua vez, não conseguiu reprimir o riso, e Ollie, achando graça também
murmurou ao ver a cara da tia:

— Hummm... que assunto mais interessante. Casamento à vista?

Kate sorriu ao ver a careta que Terry fez para sua filha.

— A ajuda que a Sasha está oferecendo não tem preço — disse Kate. — pense que é todo dia que se recebe uma oferta dessas.

Cat, que até então estava calada, entusiasmou-se.

— Seria muito legal! A tia e o tio casados. Que máximo! — comentou, deixando tia ainda mais irritada.

— Querem parar com bobagem? — reclamou Terry.

— Mas, tia...

Sem querer escutar mais nada, Terry levantou as mãos e, depois de fulminar todas elas com o olhar, cravou seus olhos na garotinha e disse:

— Deixa eu explicar, Sasha: eu e seu tio somos amigos e...

— Mas seria muito legal — animou-se a menina. — Se você casar com o tio, vai ser minha tia Terry. — E, virando-
se para Kate, prosseguiu: — E se você casar com
meu papai, vai ser minha mamãe, e assim vocês nunca mais vão precisar ir embo

daqui.

Nesse instante, Kate, que bebia da lata que sua mãe lhe havia entregado, a
engasgando. Olhou pasma para sua irmã, como se dissesse: “Essa menina
louca!”

— Opa... a coisa está ficando mais interessante — brincou Ollie.

Serena, ao ver a expressão nos rostos das filhas e vendo que Sasha as est

colocando num aperto, dirigiu-se às garotas e disse:

— Meninas, por que não vão até o carro e me trazem o chapéu de palha
esqueci? Sasha, não quer ir com elas?

Cat e Ollie se levantaram a contragosto, mas, pegando a menina pela mão
levaram-
na dali antes que ela continuasse com suas ideias. Quando se afastaram,
Kate, que se abanava com uma revista, sussurrou:

— Quero que essa viagem acabe logo. Preciso voltar pra casaaaaaaaaaaa.

— Essa menina é um monstro de saias — murmurou Terry. — Numa fraç
segundos, ela nos casou, engravidou e de uma hora pra outra nos transformou nu
família enorme.

Serena sorriu, mas entendia o quanto suas filhas não gostavam nada daque
conversa.

— As crianças sempre dizem o que querem. São inocentes e... — disse, tentando
fazê-las sorrir.

— Inocentes? — falou Terry num tom de deboche.

— Não levem essas coisas a sério — insistiu Serena. — Ela só falou o que sente.

Sasha é uma menina encantadora que gostaria de aumentar a família. Só isso.

Horrorizada, Kate não estava mais para brincadeiras e rosnou:

— Não quero mais ouvir nem uma palavra sobre o assunto.

— Mas, filha... cadê seu senso de humor?

— Mamãããããae — cochichou Terry. — Fica quieta!

— Amanhã, quando chegarmos a Oahu, pego o primeiro avião pra me lev volta pra casa — disse Kate, curta e grossa.

— Pra que tanta pressa se estamos nos divertindo tanto? — preocupou-se Serena.

Mas, ao ver o olhar da filha, sussurrou: — Está bem, filha, nem uma palavra mais

Capítulo 51

Naquela noite estrelada, tendo ao fundo o oceano verde-esmeralda, eles participaram
de um lindo luau na praia de areias brancas que ficava em frente ao hotel última noite delas ali. No dia seguinte, voltariam para Oahu.

— Bom, meninas — disse Michael, enquanto desciam no elevador. — Hoj gente tem que se divertir à beça. Então não quero ver ninguém indo cedo pra cam porque hoje é dia de se esbaldar.

— Isso... dançar pra caramba — brincou Terry.

— Eu vou dançar muito — disse Sasha, agarrada a Kate, que por sua vez sorriu.

— Que pena. Daqui a pouco vai acabar — comentou Ollie, entristecida, enquanto caminhava ao lado do tio.

— Isso sempre poderá se repetir — animou-a Serena.

Sam sorriu. Realmente havia sido uma viagem muito especial. Mas, embor tivesse dito nada, em seu íntimo ele sabia que isso nunca aconteceria de novo.

O luau estava mais animado que em outros hotéis. Aquilo era uma cortesi habitual das ilhas. Ninguém podia ir embora sem ter participado de um. O convidados eram recebidos com colares repletos de orquídeas coloridas e fl silvestres, e as mesas estavam decoradas com incríveis esculturas de gelo e tropicais.

As tochas haviam sido colocadas estrategicamente em volta do lugar onde pessoas saboreavam iguarias ao som de melodias tropicais e tambores. Em traves enormes havia o Frango Luau, um frango cozido com leite de coco. Mas o que m chamou a atenção de todos foi o *imu*. Um forno subterrâneo em que se colocava um porco inteiro envolvido em cascas de banana para assar durante quatro ou horas. Depois de assado, removiam-se as cascas de banana e o luau poderia começar.

— Que linda aquela menina — disse Serena, apontando para uma das dançarinas.

— E como dança bem! Olha como mexe os quadris.

— Que maneiro! — disse Cat, empolgada.

Sentado de frente para Kate, Sam dava de comer a Sasha.

— Os movimentos do *hula* têm significados diferentes, e o movimento das mãos também — respondeu Sam, olhando para Serena, que bebia uma *piña colada*.

— Não me diga, garotão?

— Ahã — disse ele, sorridente. — Há alguns anos era uma dança restrita cerimônias religiosas. Mas com o tempo o *hula* passou a fazer parte de todas as ocasiões e celebrações. E, com seus movimentos, os dançarinos representav animais, as plantas, as ondas do mar etc.

— Sério, pai? — perguntou Ollie, e ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

A música estava num volume bem alto, e Cat perguntou aos gritos:

— E o que estão representando agora?

Sam olhou para os dançarinos e, depois de trocar um sorriso com Kate, d ombros e respondeu:

— Sinceramente, querida, não faço ideia. Não sou especialista em *hula*.

Michael, que observava e aplaudia o espetáculo junto a Terry, entrou na conversa

— Existem dois tipos de *hula*. O antigo, conhecido como "Kahiko de *hula*" e
apresentado com a roupa tradicional, com as vozes dos nativos e com a percussão
o
hula moderno, que é esse de agora, apresentado com trajes vistosos e colo
violões e ukeleles, entre outros instrumentos.

— Eu estou aprendendo — disse Sasha com empolgação. — No colégio e
ensinando a gente a dançar.

Todos sorriram, e Terry a incentivou.

— E por que você não dança, querida?

A menina se aproximou dela e cochichou:

— Agora não. No colégio explicaram que, enquanto os atores estão dançar
gente não pode interromper. Tem que esperar eles tirarem a gente pra dançar.

— Mas que menina aplicada — disse Serena, sorrindo. Ela espetou um pedaço de
carne no garfo, passou para Sam e disse: — Vamos, Sasha. Acabe de jant
poder dançar depois.

— Esse violão é o ukelele? — perguntou Cat.

— Não é ukelele — corrigiu Sasha. — O certo é ukulele.

Sam caiu na gargalhada. Sua filha cada dia o surpreendia mais com algo novo qu
aprendia. Havia se adaptado perfeitamente à ilha, e isso o enchia de orgull
seu sorriso logo se desfez quando ele viu Kate distante e com cara séria, observar
os dançarinos. Então ele estendeu a mão por cima da mesa e a pousou sobre a del

Ao sentir o contato de sua pele, Kate olhou para ele.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou.

Olharam-
se nos olhos durante alguns segundos. Aquela música os transportava para muitos anos antes, para um momento feliz de suas vidas. Mas essa recordaçã foi interrompida quando uma das dançarinas andou até Michael, e ele, ince por Terry e sem um pingo de vergonha, acompanhou da melhor forma que ritmo da música.

Pouco a pouco as pessoas se animaram a dançar e, instantes depois, estava todos requebrando à vontade. Passaram grande parte da noite dançando e b água de coco e suco de frutas tropicais.

Lá pelas quatro da manhã, Serena, Sasha e as meninas decidiram ir dormi enquanto os quatro adultos continuaram na festa da praia, à luz das tochas começavam a se apagar. Michael e Terry passearam pela praia, trocando be afagos, e com isso se afastaram dos outros dois, que ficaram a sós também.

— As férias foram boas, né? — murmurou Sam, ao ver a expressão de Kate.

— Foram, sim — respondeu ela. E, não conseguindo mais guardar para si estava pensando, deteve-
se, olhou Sam nos olhos e disse: — Amanhã, quando a gente chegar a Oahu, vou pegar um avião e voltar pra Nova York.

— Amanhã? — Kate confirmou com a cabeça, e Sam sentiu um aperto no coração. — Por que tanta pressa?

— Preciso ir embora.

Sam tentou se aproximar dela, mas Kate recuou. Ele insistiu e dessa vez a segurou

pelo braço para que não se afastasse. Quando estava a poucos centímetros dela, el sussurrou:

— Por favor, espera mais um dia. Pensa nas meninas. O que elas vão ach quando te virem indo embora às pressas?

— Não sei.

— Kate, minha presença te incomoda tanto assim?

Sentir-se entre os braços dele, seu cheiro e o sussurro de sua voz, fez Kate erguer o rosto para olhá-lo nos olhos e dizer:

— Não, Sam, mas preciso ir.

— Mas amanhã? Como você vai embora amanhã? Assim vai parecer que a gente discutiu e...

— Tá bom — cedeu ela. — Vou depois de amanhã, então. Mas não adiarei minha viagem nem mais um dia. — E, sem hesitar, acrescentou: — Quero voltar pra New York antes das meninas. Elas ficam mais uma semana com você.

Morrendo de vontade de gritar que não queria perdê-la e que sua vida perderia de novo o sentido sem ela, Sam chegou ainda mais perto de Kate e, encostar testa na dela, insistiu:

— Fica enquanto as meninas estiverem aqui.

— Não.

— Por favor...

— Não, Sam — balbuciou, prestes a chorar. — Não posso.

Entendendo a dor que ela sentia, Sam fechou os olhos, pegou-a pela nuca com desespero, aproximou-a dele e a beijou na testa. Permaneceram assim por alguns instantes, até que ele a soltou e murmurou:

— Tivemos momentos muito bons, né?

Com o coração a mil, Kate retirou do rosto dele alguns fios de cabelo, num gesto carinhoso.

— Tivemos. Foi uma viagem ótima.

Enfeitiçados pela lua que brilhava sobre a ilha, encararam-se sem saber realmente o que fazer ou dizer, até que Sam colocou a mão no rosto dela e o acari

Segundos depois, Kate fechou os olhos. Não queria que ele visse suas lág brotarem.

— Kate...

E, sem dizer mais nada, Sam a beijou com tanta ternura e desespero que ela teve que se agarrar em seu pescoço para não cair. Ao sentila estremecer entre seus braços, por um segundo Sam pensou em pegála e levá-la a seu quarto. Estava louco
de desejo por ela. Mas aquilo não seria uma solução. Kate iria embora de qualque maneira, e a lembrança dessa noite iria atormentá-lo.

Engolindo as lágrimas, Kate se afastou dele a contragosto. E, na tentativa de puxa

conversa depois daquele beijo devastador, Sam apontou para Terry e Micha continuavam caminhando pela praia, e disse:

— Como acha que a história desses dois malucos vai acabar?

Kate tragou o nó de emoções que apertava sua garganta e respondeu:

— Espero que bem. Eles merecem.

Cravando os olhos nos dela, Sam pegou sua mão com força e, sem desviar o olha sentiu sua alma dilacerando-se.

— Eu também te desejo o melhor. Você merece.

— Obrigada — murmurou Kate e, tentando sorrir, acrescentou: — Eu digo mesmo em relação a você. E já sabe, né? Quando for a Nova York, apare casa pra ver a gente.

Sam fez que sim com a cabeça e, arrasado pela situação em que se encontravam, perguntou num tom de urgência:

— Kate, por que isso tudo teve que acontecer com a gente?

Ela acariciou o rosto dele e respondeu com sinceridade:

— Não sei, Sam. A rotina, os anos que passamos juntos, a vontade de qu

conhecer alguma coisa diferente. Realmente não sei. Mas o que sei é que eu lame tudo isso do fundo do meu coração.

Abraçaram-
se de novo e dessa vez foram os dois que buscaram suas bocas com desespero. Aquela era a despedida deles, e precisavam recordar o sabor un outro.

De longe, Terry e Michael observavam a cena.

— Eles estão se beijando?

Michael fez que sim e sorriu.

— Bom, ruiva, parece que isso está começando a funcionar.

Terry sorriu também. Finalmente sua irmã havia cedido.

— Ótimooooooo. Estão voltando para o hotel abraçadinhos — disse ela, apontando emocionada para os dois.

Feliz por ver seu irmão abraçado à mulher amada, Michael se voltou para Terry e agarrando-a num gesto possessivo, puxou-
a para si e murmurou perto da sua boca:

— Agora eu quero que você olhe pra mim e me diga que me ama.

Incapaz de negar, ela o abraçou e afirmou:

— Te amo.

— Espera, espera, que eu não pude aproveitar direito — brincou, olhando ela. Ainda parecia mentira que a mulher dos seus sonhos enfim estava em braços. — Repete, mas mais devagar, querida. Quero saborear cada palavra.

Terry sorriu com sensualidade. Depois, ficando na ponta dos pés, beijou o pescoço de Michael, mordeu o lóbulo de sua orelha e, por fim, olhou inte fixamente para ele.

— Te amo. Te adoro. Te desejo. Preciso de você.

Michael levou a mão ao coração num gesto cômico e caiu para trás. Terry foi logo montando em cima dele, enquanto a água molhava os dois.

— Estou morto e acabei de chegar ao paraíso. Você é um anjo?

— Sim... da Victoria's Secret. — ela brincou, rindo. E, abaixando-se, sussurrou no ouvido dele: — Minha vontade agora é ser qualquer coisa pra você, menos um an

Michael sorriu. Os olhos dela revelavam suas segundas intenções e, quando sentiu que ela lhe desabotoava a calça molhada pela água do mar e enfiava a mã baixo da sua cueca, ele murmurou excitado:

— Hummmm... Terry, linda, o que é que você quer, hein? — E, levantando a saia dela também molhada, tocou sua calcinha minúscula. — Ai, meu Deus... v deixa louco.

— O que eu quero é fazer amor com você — respondeu ela, levando o m duro de Michael ao centro de seu desejo e afastando a calcinha para um lado, enfi o pênis aos poucos e murmurou, arqueando-se: — Estamos sozinhos na praia. Eu e você. E estou louca pra transar com você.

— Querida... — gemeu ele, ao sentir os movimentos certeiros dela. — Tô camisinha.

Mas para ela dava no mesmo. Não importava se havia uma borracha entre eles ou não. Terry apertou seu corpo ao encontro do dele e, mexendo os quadris de trás pa a frente, suspirou.

— Quando você não conseguir mais segurar, me avisa e eu mesma tiro.

Michael ia protestar, mas um beijo o calou. Ter Terry sobre ele, segurando mãos e beijando-o com paixão, sendo ela mesma que havia tomado a iniciativa, era a coisa mais sensual que Michael já tinha vivido.

— Aaaaiiii... não vou conseguir segurar por muito tempo — suspirou ele, senti-la se movendo e devorando-o com ardor.

Ela não respondeu. Não podia deter seus movimentos. Seu fogo interior ar

Terry o beijava com voracidade e queria lhe dar prazer, muito prazer. E cu momento.

— Ai, meu Deus, Michael...

— Que foi, amor? — gemeu ele, olhando-
a bem nos olhos, enquanto agarrava sua
bunda num gesto possessivo e a apertava contra ele.

— Você é tão...

— Tão...?

— Grande... tão...

Orgulhoso e excitado pelo que ela dizia, ele a puxou para si a fim de ass controle da situação e, fazendo-
a girar, deitou em cima de Terry, retirou lentamente o pênis e perguntou:

— Quer mais?

— Quero.

— A gente está no meio da praia. — Michael riu.

— Não estou nem aí — disse ela, gemendo enlouquecida. — Quero mais.

Molhada, excitada e louca para tê-
lo dentro de si, Terry ergueu os quadris e, ao
sentir como ele a segurava pelas pernas e a penetrava, soltou um gemido tesão. Sentia a força de Michael em todo o seu corpo, e a cada vez ela t impressão de que ia explodir de prazer. Eles estimulavam um ao outro cor movimentos e suas ações. Michael aumentou o ritmo enquanto Terry o olh prazer, até que uma enxurrada de emoções e sensações os dominou, e Mic rapidamente saiu de dentro dela.

Com a respiração ofegante, eles ficaram um tempo esparramados na beira da prai às escuras, até recuperarem o fôlego. Depois de alguns minutos, começaram a ser frio. Michael se levantou e estendeu a mão para Terry.

— Vamos para o seu quarto. Com certeza o Sam deve estar no nosso com a Kate.

Terry concordou e sorriu. Encharcados, voltaram ao hotel em meio a risadas, e lá pretendiam continuar sua festinha particular. No elevador eles se beijaram e foram logo entrando no quarto de Terry. Entre gargalhadas e carícias, desp se novamente, até que ouviram:

— Peraí, o que vocês estão fazendo?

Surpresa, Terry se virou para a irmã e perguntou:

— Kate! O que *você* está fazendo aqui?

— Por acaso esse é meu quarto. Ou eu me confundi? — perguntou ela, rindo.

Michael logo se deu conta de que nada do que tinham imaginado em rela Sam e Kate estava acontecendo.

— Desculpa, Kate — disse ele, entre dentes, enquanto tentava vestir a cal molhada.

— A gente pensou que você estivesse com o Sam — explicou Terry.

— Pois pensaram errado — respondeu Kate, tentando não soar ríspida.

Incomodado pela forma como as duas se olhavam, Michael se aproximou de Terr e lhe deu um beijo na bochecha.

— Até amanhã, meu amor. Acho que é melhor eu ir. — E, voltando-
se para Kate, repetiu: — Sério, Kate, desculpa.

— Tudo bem, seu bobo — respondeu ela, sorrindo. — Anda, vai logo tro roupa, senão vai acabar pegando uma pneumonia.

Irritada com o fato de aquela noite maravilhosa acabar daquela forma, Ter acompanhou Michael até a porta e o beijou.

— Até amanhã, querido. — Fechou a porta e foi falar com a irmã, que a esperava com as mãos na cintura. — Desculpa, Kate, a gente pensou que você estivesse co

o Sam no quarto dele.

— E por que vocês pensaram isso? — perguntou Kate, sentando-se na cama e guardando na mala o livro que estava lendo.

— Porque a gente viu vocês se beijando na praia e voltando abraçados pa hotel.

Kate fez um gesto afirmativo com a cabeça e, com o olhar turvo pela dor sentia, explicou:

— A gente estava se despedindo. Falei para o Sam que, quando a gente chegar a Oahu, vou voltar pra Nova York.

— Como é que é?!

— Falei que vou voltar pra casa. Imediatamente!

— Mas por que tanta pressa?

— Porque chegou a hora de voltar pra casa. As férias foram incríveis, mas... isso acabou.

— O Sam te ama e...

— Eu sei que ele me ama — disse Kate com certa amargura. — Mas nã suficiente pra me pedir pra ficar com ele.

Cansada de discutir aquele assunto mais uma vez, Terry suplicou:

— Por favor, fica mais uns dias.

— Não, Terry — respondeu, metendo-se na cama. — Eu pretendia voltar amanhã, assim que chegássemos a Oahu, mas o Sam me pediu pra esperar mais um dia, pa as meninas não acharem que a gente discutiu.

— Eu vou voltar com você — falou Terry, com voz triste.

— Nem pensar — discordou Kate. — Você fica aqui e volta com a mam meninas. Michael não me perdoaria nunca se você voltasse pra casa agora comig

Terry se aproximou da cama da irmã. Separar-

se de Michael naquele momento
seria uma tortura para ela, mas não deixaria sua irmã sozinha numa situaç
aquela. Terry a conhecia muito bem e sabia que, por trás da fachada de fı
escondia-se a verdadeira e sensível Kate. Então, esboçando um sorriso, sentou-
se na cama e disse com determinação:

— Quanto ao Michael, não precisa se preocupar. Tenho certeza de que ele
entender. Ele faria tudo pelo Sam e vai compreender minha decisão de nã
abandonar num momento como esse. Além disso, vim aqui com você e vo
pra casa com você.

Emocionada, Kate começou a chorar.

Capítulo 52

Às nove da manhã, Serena bateu na porta do quarto das filhas. Tinham qu
aeroporto, e ela se surpreendeu quando viu as duas vestidas e sentadas
tranquilamente na varanda, tomando um café. O que Serena não sabia era
naquela noite elas não tinham dormido. Às dez estavam todos reunidos co
bagagens no saguão do hotel para pegar a van que os levaria ao aeroporto.

— Você volta amanhã pra Nova York?! — gritou Michael, olhando para Terry se
conseguir acreditar.

— Escuta, querido, e não levanta a voz — disse ela, tentando acalmá-lo.

— Ah, sem essa de me mandar não levantar a voz — resmungou ele.

— Eu vim com a Kate e vou voltar com ela — explicou Terry com firm

Não acho justo que eu fique aqui toda feliz enquanto ela volta arrasada e sozinha
casa.

— Porra... e eu? Não pensou em mim? Não pensou em nós dois? — prot
Michael, incapaz de raciocinar.

Ai, meu Deus, o que é que eu fui arrumar? O que eu faço?
, pensou Terry. Sentia-se entre a cruz e a espada.

— Escuta, Michael...

Transtornado, ele se virou e se afastou sem lhe dirigir o olhar. Precisava tomar un pouco de ar para assimilar a informação. Kate se aproximou da irmã.

— O que houve? — perguntou.

Com cara irritada, Terry olhou para ela e deu um beijo em sua bochecha.

— Nada que não possa ser resolvido.

O voo para Oahu foi rápido, e à uma e meia da tarde já estavam todos e beijando Tommy, que ao vê-los não parava de dar gritinhos de alegria.

Naquela mesma tarde, Kate reservou duas passagens para o dia seguinte. Michael que continuava chateado com Terry, ouviu a ligação em que ela fazia a re soltou palavrões enquanto saía da casa. Na fuga, topou com Terry, que sor ofereceu um gole de sua cerveja, mas ele recusou, irritado. Partiu com a moto e s afastou, deixando-a triste e indecisa.

Michael queria esquecer a decepção e decidiu visitar Vaitere. Ao vê-lo chegar, Thais saiu rapidamente para recebê-lo e, depois de lhe dar um abraço caloroso, convidou-o a entrar. Thalia preparava alguma coisa na cozinha. Meia hora mais tarde, ao se dar conta de que não poderia tirar Terry da cabeça, despediu-se de todas e prometeu voltar outro dia.

— Deixa eu te acompanhar até a porta — disse Vaitere, que caminhava d

muletas.

Quando os dois saíram da casa e chegaram até o lugar em que Michael h parado a moto, Vaitere pegou seu braço e falou:

— Tem alguma coisa séria acontecendo com você. Dá pra ver pelo seu olhar.

Michael suspirou.

— Não é nada — disse, tentando não dar importância ao assunto. — Um amigas minhas que estão passando as férias aqui... vão embora amanhã e meio triste com isso.

Vaitere se atreveu a perguntar:

— Alguém em especial?

Sem saber por quê, Michael sentiu vontade de se abrir.

— Sim. Muito especial.

Vaitere levou a mão ao coração e disse com expressão de alívio:

— Graças a Deus. — Michael a olhou surpreso, e ela prosseguiu: — Des pelo que vou dizer, mas eu estava preocupada. Por um instante fiquei com medo a pensar que sua gentileza excessiva era porque você havia se apaixonado por uma nós.

Michael não pôde reprimir uma risada diante de um comentário desses.

— Sério? — Ela fez que sim, e ele esclareceu: — Como já falei há algum tempo, minha gentileza é pura amizade. Mas, convenhamos, não seria nem um pouco dif se apaixonar por uma de vocês. Todas são maravilhosas.

Vaitere sorriu e, tomando coragem, falou:

— Michael, tem uma coisa que não consigo entender direito nessa história que as pessoas podem ser gentis e amáveis, e mesmo solidárias diante do aconteceu com a gente, mas o que você fez não é só isso. Não é só gent compaixão. É algo mais, e eu gostaria de saber.

— Sério que você acha que existe algo por trás da minha amizade?

— Alguma coisa me diz que sim, embora eu saiba que não é nada de ma

Pegou a mão dele e sussurrou: — Gostaria que você confiasse em mim e dissesse o que é que está por trás disso tudo. Amigo é pra essas coisas, né?

Comovido, Michael fechou os olhos e suspirou.

— Talvez algum dia eu seja capaz de te contar essa história — acrescento abrindo os olhos.

— Tá vendo? Eu sabia que tinha alguma coisa aí.

Depois de pensar por alguns segundos, Michael olhou fixo para aquela mu
disposto a revelar tudo o que rondava sua mente, respondeu:

— Prometo voltar com respostas daqui a alguns dias.

— Ok. Vou estar aqui.

Despediram-
se com dois beijinhos. Michael arrancou com a moto e foi embora.

Precisava falar com Terry.

A melancolia pairava no ambiente devido à proximidade da partida de Kat
Terry. Kate passou grande parte da tarde arrumando a mala. Era uma ótima descu
para não estar perto de Sam. Inquieto com a situação, mas sem poder fazer nada,
ficou brincando com Tommy e as filhas na areia da praia.

Terry ajudava sua mãe a preparar o jantar quando ouviu a moto de Micha

Pouco depois ele apareceu na cozinha. Cumprimentou Serena com um beijo no rc
e puxou Terry pela mão, obrigando-a a acompanhá-
lo até seu quarto. Quando
entraram, ele trancou a porta e, apoiando Terry nela, a beijou.

— Desculpa... desculpa... — disse, afastando apenas alguns milímetros seus
lábios dos dela.

Ela quis responder, mas a emoção deixava a voz embargada, e só o que e
conseguiu fazer foi retribuir os beijos enquanto o escutava dizer:

— Estou tão triste por você ir embora que estou me comportando como um idiota

Me desculpa, querida.

— Eu é que tenho que pedir desculpas por ter tomado a decisão de ir se
conversar primeiro com você. Mas a Kate está arrasada e eu não poderia
la sozinha.

Michael entendeu que teria agido da mesma forma. E, sem se separar dela
concordou:

— Você fez o que tinha que fazer.

Emocionada, ela o beijou e, quando sentiu suas respirações se acelerarem e que a coisa começava a esquentar, murmurou:

— Michael... minha mãe está a poucos metros da gente, e as meninas...

Num gesto brincalhão, ele mordeu os lábios e tirou as mãos dela, contrariado.

— Ai, meu Deeeeeeeus... É só chegar perto de você e... Aiaiai!!! Preciso enfiar num caminhão cheio de gelo.

Ela riu ao entender a que ele se referia. Beijou-o de novo e sussurrou:

— Sinto muito por provocar tanto calor em você.

— E eu sinto muito por não poder deixar rolar esse calor — murmurou e irônico, e deu uma mordidinha no pescoço dela. Depois cochichou: — Ma noite... ah, pode contar que eu farei isso...

— Faremos — afirmou ela e, olhando-o nos olhos, murmurou: — Vou morrer de saudades de você.

— E eu mais ainda. Posso garantir — respondeu ele, beijando-a de novo.

Capítulo 53

Durante o jantar, todos riram ao lembrar alguns episódios cômicos da viag onze da noite, Terry e Michael se levantaram e se despediram. Queriam fi sozinhos e saíram de moto. Tommy adormeceu e Sam o levou para a cam minutos depois, Kate se retirou, com a desculpa de que precisava terminar de faze as malas.

— Vovó — perguntou Sasha —, você vem contar uma historinha pra mim?

— Eu vou — ofereceu-se Ollie.

— Eu também — disse Cat, levantando-se. — Adoro as histórias que a Ollie conta.

As meninas se meteram no quarto de Sasha e, de lá, pouco depois, dava

ouvir suas risadas.

— Foi uma viagem incrível — comentou Serena, andando até os fundos da casa.

— É uma pena que tudo isso acabe tão rápido.

Sam moveu a cabeça, concordando, e sentou-se no balanço.

— Você tem razão. Foi muito bom ter conseguido reunir todo mundo ness viagem.

Serena acomodou-se ao lado dele e perguntou:

— Sam, por que a Kate está indo embora tão depressa? Pensei que estava bem entre vocês.

— Por minha culpa — admitiu ele.

— Sua culpa?!

Olhando para a mulher que lhe dera tanto carinho, ele suspirou.

— É difícil explicar, Serena.

Ela entendia cada vez menos. Antes pensava que a viagem os tivesse unido, mas de repente tudo foi por água abaixo.

— Não quero ser egoísta. A Kate é feliz em Nova York com a vida conf que leva e com o trabalho dela, e eu aqui não posso oferecer nada disso. quê, as crianças moram aqui e acho que este é um lugar excelente para educá-las.

— Não duvido — falou Serena e, olhando-
o diretamente, perguntou: — Você não
quer mesmo tentar de novo com ela? Olha, garotão, mesmo que minha fill esforce pra esconder o que sente, eu a conheço. Sou a mãe dela! Mas por que voc se recusa a tentar mais uma vez? Eu vejo como você olha pra ela, como a observa não consigo entender isso e...

Sam a interrompeu:

— Estou explicando, Serena. Não tenho forças pra pedir que ela abandone tudo e

venha morar aqui comigo. E eu também não tenho vontade de voltar pra Nova Yo

Nossa história foi maravilhosa enquanto durou, mas hoje não dá mais. Simplesme

não tem como.

— Você é um covarde, garotão.

— Covarde?

— É. Com todas as letras: co-var-de.

Ele sorriu ao ver a expressão de seu rosto.

— Não acho que seja covardia. Só estou sendo realista pra tentar entender a vida.

— Covarde! — repetiu ela, levantando-
se do balanço. — E eu só vou te dizer
uma coisa que aprendi com o passar dos anos. A vida não foi feita pra ser entendi

A vida foi feita pra ser vivida! E agora com licença que vou dar um passeio. A no
está linda e me deu vontade de caminhar.

Sam a viu afastar-
se. Por uns instantes pensou na palavra que ela usou para defini-lo.
Covarde? E também ficou refletindo sobre o comentário dela de que a
vida está aí para ser vivida. As risadas das filhas o fizeram voltar à realidade. San
levantou do balanço e foi até o quarto de Tommy. O menino dormia tranquilamen

Ao ver que tudo estava em ordem, saiu novamente e, olhando para a casa
pensou em Kate. Desejava estar com ela nesse restinho de tempo que falta
de ela ir embora. Então decidiu caminhar até lá. Ao entrar, foi direto para o quarto
a encontrou sentada na cama olhando o mar. Estava linda, mas quando Ka
estava linda?

— Oi — sussurrou ele, apoiando-se no batente da porta.

Aquela voz a sobressaltou. Ao vê-
lo, Kate não conseguiu dizer nada, apenas olhar
para ele. Era tão alto que parecia ocupar toda a porta. Vestindo aquela ber

cinza e a camiseta azul-celeste de Lanai que suas filhas lhe deram de presente, era a imagem viva da juventude.

— Sam, o que foi? — perguntou, levantando-se da cama.

Ele ficou tentado a lhe pedir que não fosse embora, mas afinal voltou à realidade e respondeu:

— Nada. Só vim aqui pra ver se você precisava de ajuda.

Kate olhou ao redor e deu de ombros.

— Já está tudo arrumado. — Fez-se um breve silêncio, até que ela acrescentou:

— Sam, estou cansada e preciso dormir.

Consciente de que deveria deixá-la partir, deu um passo atrás para sair de seu campo de visão e murmurou:

— Pego vocês às nove pra levar ao aeroporto. Descansa, Kate.

Num fiapo de voz ela respondeu:

— Tchau, Sam.

Angustiando, Sam voltou irritado para sua casa e sentou no balanço. Enqu isso, na penumbra do quarto, Kate o observava pela janela e chorava.

Num barzinho da moda em Oahu, Michael e Terry dançavam abraçados. E quand DJ, amigo de Michael, pôs a música “Desafinado”, Terry achou que ia mo tanta emoção. Essa melodia e o olhar viril e sensual dele a deixavam toda derretic

Agarrou-se no pescoço de Michael, dançando de olhos fechados, e se deixou levar.

— Vou sentir muita saudade, sua resmungona — sussurrou ele no ouvido dela.

Ela o olhou com expressão terna e jogou a cabeça para trás.

— E você acha que eu também não vou?

Michael a apertou mais ainda entre seus braços. Apostava muito naquela relação e não estava disposto a deixá-
la recuar nenhum passo. Aproximou os lábios dos dela e disse:

— Quero e preciso pensar que você vai sentir tanta saudade de mim quanto eu de você.

— Como você é bobo — falou Terry e, soltando-
se de seu pescoço, avisou com o
dedo erguido: — O que você tem que fazer é se comportar direitinho na ausência.

— Você duvida?

— Ah, Michael, você sabe que eu te conheço...

— Você me conhece, é? — Ele brincou.

— Conheço... e muito bem, por sinal — respondeu ela. — Você é um garanhão da ilha e...

Sem deixá-
la completar a frase, Michael a beijou e, querendo dar o assunto por encerrado, falou:

— Um garanhão da ilha que está louco por você.

Inebriada pela paixão do momento, Terry sorriu, mas não ia dar o braço a torcer.

— Certo. Mas você está proibido de olhar para outras mulheres na minha ausência. Sei que você fica babando quando vê uma bundinha gostosa. Ma ficar sabendo de alguma coisa, Michael, juro que não sei do que sou capa entendido?

Como um adolescente apaixonado, ele abriu um sorriso de orelha a orelha. música tocava ao fundo, e ele a ergueu entre seus braços musculosos.

— Prometo, querida. — E, para fazê-

la sorrir também, apontou: — Está vendo aquela linda moto estacionada ali?

Terry olhou na direção que ele indicava e sorriu.

— Sua moto? Sua adorada moto? — perguntou, achando graça.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Posso garantir que nenhuma bundinha gostosa a não ser a sua vai subir nela.

— Ótimo — disse ela, rindo. — Que honra, querido! Sabendo disso, vou embora mais tranquila.

— Além do quê — continuou ele, ao pensar em Vaitere e sua família —, quando

você voltar, talvez eu tenha uma surpresa pra você.

— Surpresa?

— Ahã...

— Ah, conta logo, vai... Anda.

Michael negou com a cabeça e, beijando a ponta do nariz de Terry, disse:

— Não, amor. Não quero me precipitar. Além do mais, do jeito que você curiosa, sei que você vai embora com a dúvida e vai voltar pra cá nem que seja só pra saber do que estou falando.

Seu comentário a fez rir e, com olhinhos apaixonados, ela murmurou:

— Você é maravilhoso, Michael.

— A única maravilhosa aqui é você.

Dançaram, riram e se beijaram. E, quando Terry lhe pediu um segundinho para ir ao banheiro, ele foi até o balcão e pediu duas *piñas* com rum.

— Opa... olha só quem está aí — disse uma voz por trás dele. — Não sabia que você já tinha voltado.

Ao se virar para ver quem era, Michael deu de cara com a deslumbrante médica.

— Amanda — disse ele. — O que você está fazendo por aqui?

Sua aparência era muito diferente da que ele costumava ver no hospital. C aquele vestido de seda bege bem colado, ela estava supersexy. Aproximand se dele, Amanda apontou para um sujeito de aspecto nórdico que os observava.

— Estou tomando um drinque de despedida com um amigo. E você?

Sem querer dar detalhes de sua vida, respondeu:

— Tomando algo com uma amiga.

A jovem olhou ao redor e, ao não ver a mencionada amiga, cochichou:

— Michael, preciso te dizer uma coisa.

— Pode falar.

— Quero te pedir desculpas por ter me insinuado pra você há alguns dias meu Deus... Como me envergonho de ter sido tão oferecida...

— Mas por que você está dizendo isso agora? — perguntou ele, franzindo a testa em sinal de surpresa.

— O Klaus é meu namorado, mas até alguns dias atrás ele era meu ex – apoiando-
se no balcão e apontando novamente para o nórdico, que não parava de olhá-
los. — Mora na Alemanha e eu aqui, e não conseguimos lidar com a distância.

— Michael fez um gesto afirmativo com a cabeça, e ela acrescentou: — C terminamos, me senti sozinha e decidi me comportar como uma piranha. Mas gra a Deus recuperei a prudência e o bom senso e preciso que você saiba que eu não e daquele jeito que demonstrei pra você, apesar de minha aparência às vezes indica contrário.

— Tudo bem, não se preocupa — falou ele, meio espantado com aquela

abordagem, e acrescentou sem saber mais o que dizer: — Espero que a re vocês esteja melhor.

Amanda sorriu em direção ao homem nórdico.

— Estou feliz, Michael. O Klaus veio até aqui e me pediu em casamento. aceitei.

— Parabéns! Essa é uma ótima notícia!

— Imagina só... — disse ela, sorridente. — Vou ser a senhora Bonhuleir.

Michael deixou escapar uma gargalhada e, com cumplicidade, olhou para Klaus e ergueu seu copo. O nórdico, ao entender o motivo daquele gesto, levantou próprio copo e sorriu.

— O que vocês vão fazer? Vão morar aqui ou você vai com ele pra Alemanha?

— Estamos pensando a respeito, mas tudo depende dos nossos trabalhos. De todo modo, o mais importante pra mim é que eu e o Klaus nos amamos. — E, ao ver q ele olhava para o fundo do bar, perguntou: — E como foi a viagem?

— Foi ótima!

Michael passou a lhe contar as maravilhas das ilhas sem se dar conta de que, ao sair do banheiro, Terry parou ao vê-
lo tão animado conversando com aquele
mulherão louro. Quem era ela e o que fazia conversando com ela? Por alg instantes ela ficou só olhando e foi tomada pelo ciúme ao ver a loura toc familiaridade o ombro e a cintura de Michael. E, quando não pôde mais a aproximou-
se lentamente deles. Ao notar sua presença, Michael sorriu e se apressou a dizer:

— Terry, essa é a Amanda Newton.

Amanda? Ele falou Amanda? , pensou ela, pestanejando.

A loura olhou para ela e sorriu.

— *Aloha,* Terry. Prazer.

Tentando controlar a vontade de partir para cima dela, Terry não conseguiu evitar a pergunta:

— *Aloha,* Amanda. Foi você que ligou para o celular do Michael um dia desses, né?

— É, fui eu, sim. — Dando-se conta do que aquela pergunta significava, esclareceu: — Liguei pra falar sobre um paciente. Só isso. Aliás, acho que vocês divertiram à beça na viagem. — Terry concordou, e Amanda prosseguiu: — Mich estava me falando de um hotel em Maui. Daqui a um mês vou passar cinco dias lá

Desde que você não vá com o Michael, pode passar o tempo que quiser, pensou, mas não disse nada. Michael a pegou pela cintura, beijou seu cabelo e falou:

— Eu recomendei a ela o hotel onde a gente se hospedou. Lembra?

Terry fez que sim. Mas, ao ver o jeito como ela fazia isso, Michael percebeu que alguma coisa passava pela cabecinha dela. Instantes depois, Amanda pegou

cervejas e se despediu.

— Bom, gente, minhas bebidas chegaram. Adorei te conhecer, Terry. — Pi para ele com cumplicidade e disse: — A gente se vê, Michael.

Conforme a loura se afastava rebolando os quadris, Terry grunhiu, para a surpresa dele:

— Que vadia, essa mulher!

— Querida — falou ele, rindo. — Por que você diz isso?

— Vai dizer que não reparou no jeito como ela te olhava? — respondeu T encarando-o cheia de ciúme e jogando o cabelo para trás.

— Está com ciúme, é? — perguntou Michael, achando graça da cara emb que ela fazia.

— Nããããããããão.

— Está, sim! Está com ciúme! — disse ele, rindo.

— Seu bobo! — exclamou ela.

— Sou bobo por você, sua *ciumentinha*... — E, abraçando-a, explicou: — A Amanda é só uma amiga. No meu coração e na minha cabeça só tem lugar pra vo linda.

Ao se dar conta da cena tão ridícula, Terry se aninhou em seus braços.

— Você diz isso pra todas.

— Isso eu só digo pra você — respondeu, beijando-a apaixonadamente.

Por volta das três da manhã, foram de moto até a pequena e escondida pr particular onde tinham feito amor no primeiro encontro. Tendo como comp apenas o céu, a brisa, o mar e a areia de Oahu, amaram-se de novo com paixão, enquanto suas mentes lembravam a eles que dentro de algumas horas o de separá-los outra vez.

Capítulo 54

Às sete da manhã estavam todos de pé. E às nove Sam e Michael já colc malas no carro para levá-las ao aeroporto.

— O que vocês enfiaram aqui dentro? Pedras? — perguntou Sam, olhando Terry.

— Alguma, sim — confirmou Terry, achando graça. — Mas levo principal muitas recordações — acrescentou.

Quando acabaram de ajeitar a bagagem no carro, Michael se aproximou dela com cara séria e disse, puxando-a pela mão:

— Eu e você vamos na minha moto.

— Ótimo — respondeu ela, sorrindo e pegando o capacete que ele lhe entregava.

Mas, percebendo a tristeza de Michael, Terry acariciou o rosto dele e sussurrou:

— Logo, logo vou estar de volta.

Michael sorriu pela primeira vez naquele dia e lhe deu um beijo. Quando chegaram ao aeroporto, uma sensação estranha tomou conta de todos depoi despacharem as malas. Serena estava tensa. Kate, calada. Terry, inquieta. A meninas estavam tristes. Sasha chorava e Tommy passava de um colo a ou encontrar consolo. O sorriso de Michael desapareceu, e Sam, arrasado, obs todos.

Pelos alto-falantes se escutou a chamada de embarque para o voo de Nova York.

Querendo acabar com aquela tortura de uma vez por todas, Kate deu um abraço d despedida em sua mãe.

— Eu ligo quando a gente chegar, mãe.

— Está bem, querida. Façam uma boa viagem. — Depois abraçou Terry e enfatizou: — Não se esqueçam de ligar mesmo, hein?

Com um sorriso triste, Terry balançou a cabeça, concordando. Dentro dela voz gritava que ela deveria continuar ali, que merecia isso. Mas, quando olhava p a irmã, lembrava que não podia deixá-la sozinha.

— Meninas, nos vemos daqui a alguns dias. Comportem-se e fiquem de olho no tio Michael — disse Terry às sobrinhas, distribuindo-lhes beijos.

Todo mundo sorriu, inclusive Michael.

— Sam — disse Kate. Deu um rápido abraço nele e sorriu. — Até mais. esquece: quando for a Nova York, me liga pra gente tomar alguma coisa.

— Pode deixar — respondeu ele, tentando sorrir. — E já sabe, né? Ligue quando chegarem lá.

— Pai — brincou Ollie. — Você está igual à vovó.

Ao escutar o comentário da neta, Serena cochichou, apontando para ele co dedo:

— Depois de tantos anos vivendo juntos, alguma coisa ele aprendeu comigo.

Sam sorriu enquanto observava Kate se aproximando de Sasha.

— Não quero que você vá embora — murmurou a garotinha.

— Sasha, querida — sussurrou Kate, agachando-se. — Não gosto de te ver chorar, muito menos por minha causa, linda.

Sem disfarçar sua tristeza, a menina insistiu:

— Não quero que vocês vão embooooooooora.

Percebendo o olhar de Sam voltado para ela, Kate se sentiu péssima.

— Shhhh... Passou... passou... Para de chorar senão seus olhos vão ficar inchados. — E, depois de enxugar as lágrimas de Sasha com um lenço, K

acrescentou: — Dá um sorriso pra mim. Assim, quando eu me lembrar de imagem que vai vir à minha cabeça é de você sorrindo.

Sasha olhou muito séria para ela e disse:

— Mas eu não quero que você se lembre do meu sorriso.

Surpresa, Kate perguntou:

— Por que diz isso, lindinha?

— É que o papai — falou a menina, num gemido — sempre me diz que, quando eu pensar na mamãe, devo me lembrar dela sorrindo, e isso porque eu não vou ma ver ela. Mas eu quero te ver de novo.

Kate suspirou, comovida. Depois ergueu o olhar para encontrar o de Sam e falou, abraçando-a:

— Prometo que a gente vai se ver de novo. Mas eu queria te ver sorrindo antes de pegar o avião. Além disso, eu quero que você vá pra Nova York. Assim poder estar com a gente. Vai querer me visitar lá um dia?

— Sério?

— Claro!

Nesse momento a menina parou de chorar e, virando-se para o pai, perguntou:

— Papai, vou poder visitar a Kate?

Sam se abaixou junto a elas, deu um beijo na cabeça da filha e sussurrou, olhando para Kate:

— Prometo, princesa.

Não muito afastados deles, Terry e Michael se despediam como dois autênticos apaixonados.

— Não quero que você vá... não quero que você vá... — dizia Michael em seu ouvido.

— Michael, por favor. Assim você vai me fazer chorar, e acho que as lágrimas das crianças e de alguém que você sabe quem já são mais que suficientes por aqui.

Sem querer soltá-la, ele acabou cedendo.

— Desculpa, querida. Mas é que nunca ninguém me fez sorrir como você. Nunca ninguém me fez sentir o que você me faz sentir e...

— Chega...

— Terry...

Ela pôs a mão em sua boca para que ele se calasse. Precisava que ele ficasse quieto ou então acabaria berrando mais que Sasha.

— Escuta, Michael. Prometo te ligar hoje à noite e amanhã e no dia seguinte em pouco tempo, assim que meu trabalho me permitir, eu volto.

Entendendo o significado de suas palavras, Michael balançou a cabeça num gesto de aprovação e, com um sorriso que deixou Terry toda derretida, ele disse:

— Mas você vai ter que cumprir o que está prometendo, ou então eu mesmo vou

lá te buscar.

Pelos alto-falantes se ouviu a chamada final dos passageiros, e Terry, após olhar para a irmã, deu um beijo rápido na boca de Michael.

— Comporte-se, hein, garanhão havaiano, ou eu juro... que te mato!

Instantes depois, as duas irmãs — com os olhos encharcados de lágrimas e muito emocionadas — acenaram no portão de embarque, dando-lhes adeus com um sorriso forçado e o coração partido.

Enquanto caminhavam, Terry e Kate não trocaram nenhuma palavra. Estavam com os nervos à flor da pele e a cabeça cheia de recordações.

— Você é uma idiota — disse Kate, por fim. — Não sei por que tem que comigo.

Terry respondeu sem olhar para ela:

— Se viemos juntas, vamos embora juntas.

— Mas como você pode ser tão cabeça-dura?

— Ah... olha quem fala! — brincou Terry.

Após um silêncio tenso entre as duas, Kate pegou a mão da irmã.

— É que eu não aguento isso. Não consigo suportar a ideia de carregar a por você e o Michael terem que se separar. É tão difícil entender?

Terry continuou impassível e disse:

— Se não fosse hoje, seria daqui a cinco dias. Que diferença faz?

— Cinco dias no caso de vocês é um *século* — argumentou Kate. — Por favor, fica. Muda sua passagem e volta com a mamãe e as meninas.

— Nem pensar.

— Mas... você não vê que está cometendo um erro grave?

Mas Terry não queria pensar assim.

— Eu disse que volto com você e não se fala mais nisso.

Agoniada, Kate contra-
atacou e, parando no meio do corredor de acesso ao avião,
firmou as mãos no rosto da irmã para que ela a olhasse e implorou, sem se import
com as pessoas em volta:

— Por favor, Terry, por favor. Sei que você se preocupa comigo. Não tenh
dúvida disso. Mas agora é hora de demonstrar que você é esperta e que n
desperdiçar a oportunidade de estar com o Michael. Por favooooooooor... Não fa
com que eu me sinta pior do que já estou me sentindo.

Ao ver a súplica nos olhos da irmã, Terry se deu por vencida e acabou cedendo.

— Tá bom, sua chata — murmurou, feliz.

— Ótimo — disse Kate, sorrindo para ela.

— Você vai ficar bem?

— Prometo, Terry. Juro por Deus!

Kate lhe entregou a passagem, e Terry, sorridente, deu um rápido beijo no rosto d

irmã e correu entre as pessoas que passavam. Kate a seguiu com o olhar e chorou
emoção ao ver que sua irmã estava indo atrás de seu amor. Depois se vir
continuou andando até o avião.

Como o aeroporto era pequeno, Terry chegou rapidamente ao saguão princi

Olhou para todos os lados e tentou localizar algum de seus parentes, mas
encontrou ninguém. E, ao lembrar onde Michael havia estacionado a moto, correu
sua procura. De repente ela o viu e um sorriso iluminou seu rosto enquan
corria em sua direção. No meio do caminho ergueu a mão para chamar a
dele, até que viu uma mulher se aproximando de Michael. O sorriso desapareceu
lábios de Terry quando ela se deu conta que se tratava de Amanda, aquela

linda e sensual da noite anterior.

— Michael — disse Amanda ao vê-lo. — A gente se encontra em todos os lugares.

Com os dois capacetes ainda nas mãos, Michael a cumprimentou.

— Amanda, o que você está fazendo aqui?

Aproximando-se dele, ela respondeu:

— O Kaus pegou um voo pra Alemanha. E você, o que faz aqui?

— Terry voltou pra Nova York.

— Ela é a moça de ontem à noite?

— É.

— Era muito bonita, se bem que eu acho que ela não foi muito com a minha cara, não. — E os dois riram. — Mas não se preocupa, com certeza ela vai vo cara como você a gente não acha em qualquer esquina. — E, para fazê-lo sorrir,
exclamou com uma expressão de cumplicidade: — Levanta esse astral, Michael!

Sem se dar conta de que Terry os observava a poucos metros de distância sorriu.

— Tá bom... tá bom.

Amanda consultou o relógio e disse:

— Preciso ir. Vou pegar um táxi ou chegarei tarde.

— Você vai pra onde?

— Para o hospital.

Michael lhe entregou o capacete que minutos antes Terry havia usado e disse:

— Vem comigo. Eu te levo. Estou indo para o escritório e, se der tempo, a gente

pode tomar um café antes, porque eu preciso te perguntar umas coisas.

Sem hesitar, ela botou o capacete.

— Um café bem forte cairia bem. Estou exausta.

Michael sorriu e, levantando uma sobrancelha, perguntou com malícia:

— A noite foi cansativa, é?

— Imagino que igual à sua — respondeu ela e, depois de dar uma risadinha, subi

na moto e os dois desapareceram no meio do tráfego.

De início paralisada com a cena que acabara de presenciar, Terry deu meia-volta e correu igual a uma louca para sumir de vez dali. Valendo-se de todo o seu jogo de cintura e charme, conseguiu que os funcionários do aeroporto que a haviam sair correndo a deixassem entrar novamente. Depois correu até o portão 3, aeromoça encerrou o embarque assim que Terry lhe entregou a passagem. expressão confusa, procurou sua irmã entre os assentos. Quando Kate a viu levantou-se alarmada.

— Mas o que você está fazendo aqui?

A jovem ruiva não respondeu. Apenas se sentou. Sob o olhar atento da ir afivelou o cinto de segurança ofegante por causa da correria.

— Quer fazer o favor de falar comigo? O que você está fazendo aqui?

Sem lhe dirigir o olhar, Terry grunhiu:

— Decidi voltar pra casa com você.

Preocupada com o que pudesse ter acontecido, Kate pegou seu braço e, com cara de aflição, exigiu saber:

— Fala, o que houve?

Terry enfim olhou para ela e respondeu:

— Sou uma idiota! É isso. — E então explodiu: — O que houve é que eu mal fui embora da ilha e o tio Michael, aquele homem incrível, leal e confiável, j divertindo com uma loura deslumbrante e vadia.

O comentário de Terry surpreendeu Kate. Conhecia Michael e sabia que el estava louco pela sua irmã.

— Não pode ser, você deve ter se enganado.

Irritada, Terry respondeu:

— Sei exatamente o que eu vi. — E praguejou: — Aquele desgraçado! M com ela no aeroporto mesmo. Quanta pressa...

Sem entender direito do que Terry estava falando, Kate perguntou:

— Mas, Terry, você disse alguma coisa pra ele?

— Ficou louca? — reagiu ela, talvez num tom de voz exageradamente alt

Simplesmente dei meia-volta e pronto.

Minutos depois, o avião começou a se movimentar, e Kate pegou a mão d outra vez.

— Relaxa. Você logo vai ver que tudo tem uma explicação.

Mas Terry estava fora de si.

— Cheguei a pensar que nossa história era pra valer... Mas ele é um mentiroso —

sussurrou entre dentes, ao lembrar que ele havia dito na noite anterior que sentaria em sua moto a não ser ela.

Kate e Terry ficaram em silêncio. A viagem de volta tinha começado.

Capítulo 55

Ao chegar a Nova York, Kate telefonou para a casa de Sam para avisar q estavam de volta. Michael, impaciente para falar com Terry, foi logo perguntando ela, mas Kate pediu desculpas e alegou que a irmã estava no banho e ligaria para

mais tarde. Mas, para a tristeza de Michael, ela não telefonou. Nem naque nem no dia seguinte.

Dois dias se passaram e Terry continuava sem entrar em contato. Inquieto, Michael resolveu telefonar para ela do escritório. E ficou surpreso ao ouvi informar que a irmã tinha viajado para Chicago e voltaria em alguns dias.

Abatido e sem entender nada, Michael desligou o telefone com uma expre aborrecida. Por que será que ela não tinha entrado em contato?

— Não estou entendendo nada! — disse ele a Sam, que folheava uns documentos na mesa ao lado.

— O que houve?

— Por que diabos ela não me liga? E ainda por cima acabo de saber que ela foi passar uns dias em Chicago. Você por acaso sabia dessa viagem?

— Não. Não tinha nem ideia disso — respondeu Sam.

Desesperado, Michael se levantou, pegou no frigobar uma garrafinha de água sen gás e tomou um gole.

— Droga! O que será que deu nela pra agir assim?

Tão intrigado quanto ele, Sam deu de ombros.

— Não sei, cara. Quando ela voltar de viagem, tenho certeza de que vai explicar o que houve.

— Ah, isso com certeza — disse Michael, bufando, e batendo com força a garraf de água na mesa.

Ao ver a expressão de desgosto do irmão, Sam tentou mudar de assunto.

— A que horas você marcou com a Vaitere? — perguntou ele.

— Às cinco na casa dela. Ela disse que a Thalia e a Thais estão em Lanai e que vão aparecer por lá só à noite. Assim posso conversar com ela mais à vontade.

— Você tem certeza do que vai fazer? — perguntou Sam. — Pensa bem..

não vai ser fácil e pode não acabar bem.

— Estou decidido. Preciso saber a verdade, custe o que custar — respond Michael, retirando uma mecha de cabelo do rosto.

— Quer que eu vá com você?

Olhando com carinho para o melhor irmão que alguém podia ter, Michael sua mão na dele num gesto de cumplicidade e falou:

— Valeu, Sam. Mas acho que eu tenho que fazer isso sozinho.

Minutos depois, Michael voltou a falar de Terry, sem reparar que Sam não estava

prestando muita atenção. Tinha seus próprios problemas, sobre os quais se recusa a falar.

— Aí vêm as meninas — disse Sam ao vê-las através da vidraça.

Elas entraram empolgadas no escritório, e Cat exclamou cheia de entusiasmo:

— Pai, comprei umas coisas superlegais!

Levando as mãos à cabeça, Serena olhou para ele e, depois de notar a tes franzida de Michael, protestou:

— Sam, pelo amor de Deus, não dê mais nenhum dólar a essas meninas, nesse ritmo vamos ter que fretar um avião só pra gente.

— Ai, vó, como você é exagerada! — disse Ollie, piscando. Depois se virou para seu pai e falou: — Pai, você não tem ideia das coisas fofas que a gente comprou.

— Não duvido — disse ele, rindo.

Sem clima para brincadeiras, Michael fechou seu computador.

— Meninas, vamos almoçar? Tenho um compromisso às cinco e preciso m apressar.

— Sei, sei, um compromisso... — disse Cat, rindo. — Pode-se saber com quem?

Mas, assim que fez a pergunta, ela se arrependeu. A cara do tio indicava que ele não estava para brincadeiras, e Michael se limitou a responder de forma sucinta:

— É um assunto de trabalho, Cat.

Ao ver como olhavam para Michael, sobretudo Serena, Sam interveio rapidamente:

— Isso, vamos indo. Vamos almoçar no Beach and Food.

— Eba! — comemorou Ollie e, pegando seu tio pelo braço, perguntou: — dividiria comigo um daqueles bifões que eles servem?

— Claro, princesa, e com a Cat eu divido as batatas — respondeu ele, e por fim sorriu. Não conseguia manter o mau humor por muito tempo diante das sobrinhas

Às quatro e meia, depois de um almoço animado com Serena e com as m Michael se despediu e, nervoso, foi até a casa de Vaitere. Estacionou a m Vaitere abriu a porta logo que o ouviu chegar.

— *Aloha*, Michael.

— *Aloha*, Vaitere.

— Quer tomar alguma coisa?

— Se tiver um café, eu aceito.

Ela fez que sim com a cabeça e caminhou de muletas até a cozinha.

— Vou fazer agora mesmo. A gente não toma café, mas eu tenho aqui.

Ele sorriu e falou:

— É um dos vícios que adquiri por ter vivido em Nova York. O café!

Enquanto ela o preparava, Michael se acomodou num banquinho junto à bancada

— Quantos anos você morou lá? — perguntou Vaitere.

— Dezoito. Primeiro me formei na Califórnia e depois a gente foi pra Nova York

trabalhar num escritório de advocacia.

— “A gente foi”? — perguntou Vaitere, curiosa.

— É. Sam e eu — explicou ele. — Quando terminamos a faculdade de d
decidimos nos estabelecer lá. Sam e Kate, a ex-
mulher dele, abriram um escritório e
eu trabalhava com eles. Depois se separaram, e eu e Sam resolvemos volt
pra Oahu.

— E como é viver num lugar como Nova York? — perguntou ela, interessada em
saber mais sobre lugares onde nunca estivera.

Michael suspirou, lembrou-se da Big Apple e deu de ombros.

— Não vou te dizer que é ruim, mas é preciso se acostumar ao ritmo da cidade.

Ali todo dia você enfrenta um trânsito infernal, poluição, barulho, mas tam
encontra lugares incríveis e pessoas maravilhosas.

Vaitere notou que Michael falara aquela última frase com certa nostalgia. Mas nã
queria ser indiscreta.

— Eu nunca saí das ilhas, apesar de que eu teria adorado viajar. Mas, be
deve estar escrito no meu destino.

Michael sorriu com amargura.

— Sobre o destino, melhor nem falar. Nunca se sabe o que vai acontecer. Pra fala
a verdade, eu não acredito no destino, acredito no presente. — E, ao se l
Terry, sussurrou: — E também já acreditei no futuro.

O barulho da cafeteira avisou que a bebida estava pronta. Vaitere colocou
xícara azul diante de Michael e lhe serviu.

— Toma, espero que você goste.

— Com certeza vou gostar. — Colocou duas colheres de açúcar, depois d
pequeno gole e disse: — Hummmmm.... Ficou uma delícia.

Vaitere balançou a cabeça.

— Anda, seu bajulador, vamos pra sala.

Michael a acompanhou até a pequena sala. Era diminuta, porém bonita. Ha sofás de cor caramelo que combinavam com uma parede amadeirada.

— Sério, está muito bom — insistiu ele a respeito do café. — Com certeza vou te pedir mais.

— Fiz uma cafeteira inteirinha pra você — falou ela e, ao notar a tristeza no olha de Michael, perguntou: — Aconteceu alguma coisa com você, né?

— Do que você está falando?

— Vejo uma tristeza no seu olhar que não existia antes.

Incapaz de mentir, deu um gole no café e, deixando a xícara em cima da afirmou:

— Digamos que não estou no meu melhor momento, em termos afetivos.

— Sinto muito. Com esses assuntos sempre se sofre e muito.

— Pode parecer mentira — abriu-
se Michael —, mas é a primeira vez que fico
mal assim. Já tive outras namoradas, mas nenhuma foi especial. Mas a Terry...

— Ah, ela se chama Terry.

— Sim. A gente se conhece há muitos anos, e bom.... não tê-
la por perto me afeta.

— Não se preocupe. É claro que ela vai voltar. Tenho certeza de que ela algo especial por você e, se for esperta, vai se dar conta de que caras como você a gente não encontra todo dia.

— Nem mulheres como ela — sussurrou com tristeza.

Após alguns segundos de silêncio, Vaitere o olhou diretamente nos olhos.

— Bom... era disso que você queria falar comigo?

Engolindo o nó de emoções que lhe apertavam a garganta, Michael reparou primeira vez que Vaitere usava no pescoço uma correntinha com um broch forma de coração. Isso fez seu coração disparar.

— Talvez você não acredite no que vou te contar. Pode até ser que eu es enganado e só queira enxergar verdades onde só existem coincidências. — apontando para o cordão dela, disse: — É muito bonito esse pingente que você es usando.

A mulher sorriu e, tocando com carinho no objeto que Michael havia acabado de elogiar, fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— É um broche que também pode ser usado como pingente.

— É realmente lindo.

— Mamãe me deu quando casei — acrescentou. — Pelo visto é uma relíquia em nossa família, que passa de uma geração para outra. Tenho muito apego a broche e espero algum dia passá-lo para a Thais.

Michael respirou fundo e disse:

— Eu fui com a Thais na joalheria para consertá-lo. Além de elogiar à beça o broche, dizendo que é uma antiguidade lindíssima, o joalheiro falou que normalm esses corações têm um par. E que esse par não pode ser outro além daquele junto qual foi fabricado.

— Sim, é verdade. Esse coração tem um par igual. Mamãe me contou qu muito tempo ela o deu a alguém especial para ela.

Michael sentiu suas pernas tremerem. Seria ele esse “alguém especial”? Ma procurou manter a calma.

— Desculpe a indiscrição, mas você por acaso conhece essa pessoa? —

conseguiu dizer.

— Quem?

— A pessoa a quem sua mãe deu a outra metade do coração.

Negando com a cabeça e sem entrar em detalhes, Vaitere respondeu:

— Não. Infelizmente não o conheci.

Quase sem poder respirar, Michael abriu o colarinho da camisa.

— Olha isso, Vaitere.

Ela ficou paralisada. De repente seu olhar intrigado passava do pingente a Michael e vice-versa. Com o desconcerto refletido em seu rosto, Vaitere esticou o

braço e tocou no broche com as mãos trêmulas.

— Não pode ser — sussurrou ela e, aproximando-
se mais, perguntou: — Michael, onde você arrumou isso?

— Minha mãe me deu de presente no dia em que me deixou num orfanat
Oahu. Não soube dele até fazer 18 anos, quando então a mãe Daula, que cuidava
mim lá, me entregou uma carta junto com esse broche.

Vaitere disse num fiapo de voz:

— Mas... mas você tem família... seu irmão Sam, suas sobrinhas...

Emocionado, Michael fez que sim com a cabeça.

— Sam não é meu irmão biológico, mas sim de alma e de coração.

Ao ouvir aquilo tudo, Vaitere levou as mãos aos lábios, e seus olhos se encheram
de lágrimas. Como era possível? Michael a viu tremendo, mas mesmo assi
continuou. Não dava mais para voltar atrás.

— Tem mais algumas coisas. Sou alérgico a nozes e... — virou-
se e levantou o
cabelo da nuca — tenho essa marca de nascença. Sam comentou comigo que voc
sua mãe eram alérgicas a nozes e que, assim como eu, ela também tinha uma mar
em forma de borboleta na nuca.

Vaitere não precisou de mais nada para saber a verdade. Abraçando-o com força,
ela exclamou:

— Ah, Michael... É você! É você!

Agora quem estava confuso era ele.

— Mamãe teve um filho quando era jovem com um rapaz que ela amava. O nom
dele era Haoa. Mas a forçaram a deixar o bebê num orfanato porque nem
dela nem a dele queriam ajudá-
la depois que Haoa morreu. — Michael respirou
fundo, emocionado. — Um tempo depois, a mamãe foi obrigada pela famí
casar com meu pai, Kumu.

Michael balançou a cabeça, e Vaitere continuou, sem soltá-lo:

— Meu pai era um homem exigente, mas não era má pessoa. Entre eles n houve amor, mas a mamãe sempre faz questão de dizer que dessa união nasceu un coisa boa: eu. — Os dois sorriram. — Mas acredite em mim, Michael: ela sempre, sofreu muito por não ter conseguido te encontrar.

Michael respirou com dificuldade até que, tomado pela emoção, desatou a chorar.

— Mamãe nunca te esqueceu, e todo 11 de maio, é seu aniversário, né? -

confirmou com a cabeça —, ela faz umas orações por você, compra uma orquídea depois de beijá-
la com amor, joga a flor no mar. Eu sei tudo isso porque há alguns anos, em uma das visitas a Oahu, eu a encontrei numa tarde sentada num porto, chorando. Quando consegui acalmá-
la, ela se abriu comigo e me explicou isso tudo que eu acabo de te contar.

Comovido, Michael não conseguia falar. Mal podia acreditar que dessa vez destino havia trabalhado a seu favor.

— Ela me contou que o Haoa, seu pai, era um nativo bonito e simpático uma situação melhor que a dela. Mas a família dele não o perdoou por te apaixonado por uma moça sem dinheiro nem status, e ele foi deserdado. A coisa que levou com ele quando saiu da casa do pai dele foi sua dignidad relíquia familiar: o broche que eu e você temos. Seu pai começou a trabalhar com pescadores da região para tentar garantir o futuro de vocês. — Michael a emocionado. — Foi ele quem fez com que o broche pudesse virar um pin toda vez que ia para o mar, colocava em seu pescoço e no da mamãe. En dele de dizer que amava vocês e que os levava no coração, e que seu cor dividido em dois ele deixava com vocês. Infelizmente, acabou morrendo no mar, causa de um temporal, e seu corpo nunca foi encontrado. Você tinha quatro meses a mamãe sofreu muito. Chegou a pensar em se suicidar quando a obrigara deixar no orfanato. Mas me contou que não fez isso quando se deu conta havia a possibilidade de vocês se reencontrarem algum dia. Logo se casou com m pai e depois eu nasci. E, no dia em que me casei, a mamãe me deu a outra metade do coração. Assim você tinha uma metade, e eu a outra. Era a forma dela dizer, como antes seu pai fez, que ela nos ama e nos leva em seu coração.

Michael começou a chorar outra vez. Sempre quis saber por que o haviam

abandonado, e por fim tinha a explicação. Pegando suas mãos para lhe dar Vaitere sussurrou:

— Nós te procuramos durante anos, Michael, mas nunca conseguimos te achar. E apesar de você já se chamar Michael quando a mamãe te deixou, não sabi seu nome continuava sendo esse.

Retirando o cabelo do rosto, Michael aceitou o lenço que ela lhe ofereceu e, com os olhos inchados de tantas lágrimas, ele desabou:

— Não sei o que dizer. Eu... Eu só...

— Calma, Michael, calma... — Ela o consolou com carinho, abraçando-o.

Quando ele enfim parou de chorar feito uma criança, olhou para a mulher que lhe sorria com ternura.

— Sempre quis encontrar minha família e algumas vezes eu e Sam tentam mas... não conseguimos. E, de repente, quando minha vontade e minhas es estavam adormecidas, vocês apareceram e tudo começou a tomar forma. Por isso

não podia deixar de te visitar no hospital, apesar de eu parecer um chato inconveniente. Quando vi o broche, segui meu instinto e... Ai, meu Deus... posso acreditar!

— Nem eu — disse ela, rindo.

— A propósito, falei com sua médica, Amanda, e pedi um favor a ela. — Ao ver que Vaitere concordava com a cabeça, ele continuou: — Se hoje você não enxotasse da sua casa depois de ouvir o que eu tinha pra contar, pedi a e fizesse uns testes de DNA pra confirmar minha suspeita. Eu não queria al mãe com toda essa informação e depois nada disso se revelar verdadeiro.

— Está bem, Michael. Vamos fazer os testes sem dizer nada. Mas quero que você saiba que agora não tenho a menor dúvida de quem você é.

Olhando-
se nos olhos como se fosse a primeira vez, os dois sorriram e Vaitere tirou o pingente.

— Vamos verificar uma coisa, está bem? — Ele topou. — Me dá o seu pra gente ver se o coração encaixa.

Michael retirou o seu pingente e o entregou a ela. Com delicadeza, Vaitere juntou aquelas metades e, depois de ajustar os pequenos ganchos, o coração ficou numa só peça.

Ela sorriu, e Michael sussurrou emocionado:

— Enfim voltou a ficar como há anos: unido.

Abraçaram-
se comovidos, enquanto os soluços faziam seus corpos estremecerem e os dois choravam de felicidade. Uma felicidade que Michael nunca pensou que dia chegaria a encontrar.

Uma hora depois, quando já estavam mais relaxados e Michael havia toma quase a cafeteira toda, ele perguntou:

— Como vamos contar pra ela?

— Pra ela quem? — E, assim que entendeu, acrescentou: — Pra mamãe?

Michael tinha medo de pronunciar aquela palavra tão desejada, e respondeu:

— Isso. Pra ela. Como você acha que ela vai reagir à notícia?

Vaitere sorriu e suspirou.

— Ela espera essa notícia há muitos anos. E sabe o que é mais surpreendente? Na primeira vez que te viu no hospital, me disse que seu sorriso a fazia se le alguém.

Ele gostou de ouvir aquilo, e Vaitere chegou mais perto dele e lhe pediu orgulho:

— Me dá um abraço, irmão. E, quanto à mamãe, não se preocupa. A gen pensar na melhor maneira de contar pra ela.

— Eu digo o mesmo, irmã — murmurou, embevecido ao proferir aquela

palavra.

— O que você disse? Não ouvi.

— *Irmã*. Eu disse *irmã* — respondeu ele com um sorriso de orelha a orelha, e os dois se abraçaram de novo.

Naquela noite, quando Michael voltou para casa, esperou as meninas e Ser irem dormir e, emocionado, contou tudo para Sam. Empolgado com a notícia, Sa abraçou e os dois choraram. Finalmente uma coisa boa. Finalmente! Duran conversaram sobre como abordar o assunto, e Sam, num ímpeto de sinceri confessou que tinha medo de se sentir deslocado, deixado de lado. Michae abraçou e esclareceu que nada nem ninguém no mundo os separaria.

Capítulo 56

Os dias passaram e Terry continuava sem telefonar, nem mesmo de Chicag Michael voltou a insistir. Mas não deu em nada. Ela não atendia nem o celular. Po fim ele decidiu deixar mensagens nos dois telefones, pedindo que ela ligasse.

— Isso não pode continuar assim, Terry — repreendeu-a Kate, ao escutar a última mensagem de Michael.

— Então liga você e diz pra ele o que te der na telha.

Kate a olhou aborrecida.

— Você não percebe que ele não entende o que está acontecendo com vo

Talvez você o esteja julgando por algo sem fundamento e...

— Escuta aqui, gata...

— Olha lá como fala — disse Kate.

Baixando o tom de voz, Terry continuou:

— Kate, eu nunca te disse como você deve viver sua vida. Então, que tal não se meter na minha? Ah... e, a propósito, vou ligar pra ele quando eu quiser.

Irritada com aquela resposta, Kate se virou se saiu.

— Faz o que você quiser, fofinha — respondeu Kate de má vontade.

Desde que haviam voltado de viagem, as duas não estavam se entendendo um pouco. Kate tentava falar com a irmã, mas Terry não permitia. Tinha metido u ideia na cabeça, e qualquer coisa era motivo para ela gritar descontrolada. naquele dia, depois de almoçar sozinha no jardim por volta das três da tar mudou em Terry. Consultou o relógio, pensou bem no que dizer, pegou o telefone ligou para Michael. Depois de dois toques, alguém atendeu.

— Alô.

— Sam — cumprimentou Terry.

Surpreso ao ouvir a voz dela, Sam brincou enquanto olhava ao redor à procura de Michael:

— Uaaaauuu... Que honra receber uma ligação sua!

— Você como sempre tão engraçadinho... — disse ela e perguntou: — Co estão as coisas por aí?

Ao perceber que ela estava com um humor péssimo, Sam foi logo mudand tom.

— Sua mãe e as meninas estão meio tristes porque falta pouco pra irem embora.

E você, como foi a viagem a Chicago?

— Excelente — respondeu ela e mudou de assunto: — Escuta, eu queria com o Michael. Ele está aí?

— Está botando a roupa na Sasha, mas espera um pouquinho que ele já vem.

Com os nervos à flor da pele, Terry ouviu Sam pedindo a Ollie para avisar o tio de que Terry estava na linha.

— E como estão as coisas em Nova York? — perguntou Sam enquanto esperava Michael chegar.

— Bem, como sempre — respondeu Terry.

— A Kate já voltou a trabalhar? — Sam não conseguiu evitar a pergunta.

Terry suspirou. Desde que haviam chegado de Oahu, sua irmã estava triste Terry tinha consciência de que não estava sendo uma boa companhia para não queria entrar naquele assunto.

— Você sabe como ela é, né? Uma máquina. Trabalha muito, mas tudo bem.

Ele queria perguntar mais coisas, mas, ao ver Michael chegar, despediu-se dela.

— Michael está vindo. Um beijo para as duas.

O coração de Terry começou a bater com força, até que de repente ela escutou:

— Oi, linda. — Ele se esforçou para soar tranquilo. — Te liguei várias vezes.

Num tom cortante, Terry respondeu:

— Eu sei. Estou atolada de trabalho e...

Ao notar algo estranho em sua voz, Michael a interrompeu e perguntou:

— Por que você não me ligou pra me avisar que iria a Chicago? Fiquei preocupado com você.

— E por que eu deveria avisar? — respondeu ela, na defensiva.

— Terry... — bufou ele.

— O quê? Terry o quê, hein?! — gritou.

Seu tom de voz o alarmou e, tentando fazê-la ver que ele havia sentido sua falta, Michael passou a falar de modo mais suave. O que menos queria naquele momen era discutir com ela.

— Amor, estou ficando louco sem você e pensei que...

— Não pense tanto... não pense.

— Posso saber o que está acontecendo? — perguntou ele, agora gritando, reparar que Serena e Sam estavam na cozinha.

— Olha, Michael! — berrou ela, nervosa. — Vamos falar claro e esquecer o que houve entre a gente aí nessas lindas ilhas. Melhor assim, não?

— Como é que é?! — espantou-se ele.

— Exatamente o que você ouviu. — E, sem querer escutar o que ele tinha a dizer prosseguiu: — Vamos esquecer o que rolou entre a gente.

— Mas por quê? — gritou ele, exausto. — O que deu em você?

— Não grita comigo! — exclamou ela, indignada.

Mas a essa altura Michael já havia perdido as estribeiras e, fechando os o berrou:

— Não gritar com você?! Como é que você pede pra eu não gritar com quando me diz pra esquecer o que houve entre a gente? Terry, você ficou louca?

— Já falei pra não gritar, senão desligo na sua cara.

Apoiando a testa na parede, ele rosnou furioso:

— Nem pense em me ameaçar com algo tão baixo quanto isso.

— Sou bem crescidinha pra saber o que é baixo ou não, e acho que o primeiro a estar jogando sujo nessa história toda é você — gritou furiosa, enquanto M tentava entender. — Você é um mau caráter. Pensei que era especial, mas enganei. Você é tão vulgar quanto a maioria dos homens que conheci e...

— Terry — sussurrou ele, interrompendo-a. — Terry, escuta, querida.

— Não quero escutar e não quero que você me chame de “querida”. Te odeio. E

espero nunca mais te encontrar, porque se isso acontecer eu não sei do qu capaz.

Terry desligou. Michael estava sem palavras. Botou o fone no gancho enqu Sam e Serena corriam na direção dele.

— Filho, você está bem? — perguntou Serena, preocupada.

Retirando com raiva o cabelo da cara, ele olhou para ela com uma expres furiosa.

— Não... não estou bem. Sua filha resolveu me enlouquecer e acho que v acabar conseguindo.

— Mas o que essa desmiolada fez agora? — perguntou ela.

— Melhor dizermos o que ela *não fez* — replicou Michael, indignado.

— Bom, vamos ver. Fica calmo. O que aconteceu exatamente? — perguntou Sam sem entender nada também.

— Não sei — respondeu Michael, desesperado. — Se ao menos eu soubesse por que ela está tão brava comigo...

Sem esperar um minuto, Michael pegou o telefone, ligou para o aeroporto, depois olhou para seu irmão e Serena.

— Não sei o que aconteceu, mas vou descobrir. Ah, se vou!

Uma hora depois, já estava no aeroporto. E, quando sentou na poltrona do avião, olhou o relógio e pensou que dali a algumas horas chegaria a Nova York esclarecer tudo aquilo.

Enquanto isso, em Nova York, horas depois, Terry não conseguia dormir. J madrugada e, com os olhos inchados de tanto chorar, ela ligou a tevê para ver o q estava passando. Não parava de pensar na discussão que havia tido com M

Ao ouvir o barulho da televisão, Kate desceu, entrou na sala às escuras e encontr sua irmã sentada com um copo de leite nas mãos.

— Não está conseguindo dormir?

— Não.

— Terry, quer conversar?

— Não.

— Para com isso, não seja tão babaca, porra — reclamou Kate.

Boquiaberta, Terry olhou fixamente para sua educada irmã.

— Desde quando você fala palavrão?

Ao ver que havia conseguido a atenção da irmã, Kate aproveitou e disse:

— Desde que tenho uma irmã idiota.

Terry revirou os olhos num gesto de contrariedade e se esparramou no sofá.

— Kate, não estou com vontade de falar. Agora não.

— Agora não. Antes também não — comentou Kate. — Tudo bem, fofinh quando quiser falar, já sabe onde me encontrar.

Após um silêncio, Kate perguntou:

— O que você está assistindo?

— *Titanic* — respondeu Terry, sabendo o que a irmã ia dizer.

Com cara divertida, Kate falou:

— Ué, um filme de amor? Desde quando você gosta desse tipo de filme? fazendo Terry sorrir, observou: — Que eu saiba, você chama esses filmes breguices água com açúcar que não têm nada a ver com a vida real.

— Não enche, Kate. E fique quieta. Está começando.

Kate sentou ao seu lado.

— Chega um pouco pra lá. Me dá um espacinho. Quero ver esse filme d

Só pelo gato do Leonardo DiCaprio já vale a pena.

Quinze minutos depois, as duas mergulharam no filme e pegaram lenços de papel para enxugar as lágrimas que não paravam de brotar. O filme terminou por volta d cinco da manhã e, justo quando pensavam em voltar para seus respectivos quartos campainha da casa tocou.

— Quem será a essa hora? — perguntou Kate, espantada.

— Não abre — ordenou Terry, pegando uma lanterna. — Primeiro vamos conferi pelo olho mágico.

— Calma, não sou tão corajosa de abrir a porta a essa hora sem saber quem é. — E, ao checar pelo olho mágico e descobrir quem estava ali, exclamou surpresa: — o Michael!

Terry entrou em pânico imediatamente. Michael? Que diabos ele estava faz lá?

— Não abra!

A campainha tocou de novo e ecoou pela casa.

— Mas você está doida — cochichou Kate. — Como é que não vou abrir?

— Ai, meu Deus... Meu Deeeus — disse Terry, levando as mãos à cabeça.

— Hummm, você chegou a falar com ele?

— Sim. E disse pra esquecer nossa história e...

A campainha voltou a tocar, dessa vez com mais insistência, e finalmente acabou cedendo, ao se dar conta do quanto aquela situação era ridícula. Sa Kate estava certa.

— Ok, vai, abre logo essa droga de porta.

Quando Kate a abriu, Michael cravou em Terry seus olhos escuros e furiosos.

— Michael, o que você está fazendo aqui? — perguntou Kate.

Mas ele só tinha olhos para Terry e respondeu com expressão cansada:

— Oi, Kate. Vim falar com sua irmã.

Kate poucas vezes em sua vida havia escutado Michael falar naquele tom de voz.

E, sabendo que não deveria permanecer no meio dos dois, disse enquanto escada rumo a seu quarto:

— Bem, crianças, vou estar lá em cima. Se precisarem de algo, é só chamar.

Em silêncio e sem encostarem um no outro, Michael e Terry se encaminha para a sala e fecharam a porta atrás de si.

— Por que você veio? — perguntou ela, afastando-se dele outra vez.

Ele não conseguia parar de olhar para ela. Desejava abraçá-la e beijá-la.

Precisava dela. Mas, sem se deixar amedrontar pelo olhar duro que Terry lhe dirig foi direto ao ponto:

— Preciso de uma explicação.

Ela nem abriu a boca para responder, e Michael insistiu, cada vez mais enfurecid pelo silêncio dela.

— O que houve? Eu achava que o que rolou entre a gente era algo espec poderia durar. Pensei ter me encontrado com a Terry que eu sempre quis mas pelo visto, quando você voltou pra cá, tudo o que aconteceu entre a gente cai no esquecimento.

— Algo especial? — repetiu ela com sarcasmo. — Do que você está falando?

— Terry, querida, o que houve com você? — perguntou, aproximando-se dela.

Seu perfume e sua presença começavam a embriagá-lo.

Ela se afastou e rapidamente o censurou:

— Nunca mais me chame de “querida”.

Desesperado pela dureza do olhar dela, Michael ergueu as mãos para o cé gritou:

— Será que alguém pode me explicar o que aconteceu?! Você não percebe que eu não estou entendendo seu comportamento e sua indiferença? Só quero que você m diga o que foi que aconteceu.

— Muito bem — concordou ela. — Digamos que eu me dei conta de como você é mentiroso, desprezível e mau-caráter. E como estava ansioso para que eu fosse logo embora da sua ilhazinha.

— Como assim?! O que foi que eu fiz?

Mas Terry era incapaz de controlar a enxurrada de emoções que a dominavam.

— Seu desgraçado! Por que foi ficar com ela logo no aeroporto? Por quê,

Não podia pelo menos esperar que meu avião decolasse?

Michael estava cada vez mais confuso.

— Mas do que é que você está falando? — perguntou ele, franzindo a testa.

Fora de si, e com muita raiva na voz e no olhar, Terry gritou:

— Eu vi vocês, Michael. Eu vi! Vi você e aquela loura, ou melhor, a *doutora Amanda*. Vi vocês dois rindo nas minhas costas e também vi vocês indo embora d moto. Como era mesmo aquilo que você tinha dito? — falou Terry com i imitando-o, acrescentou: — Ah, sim: “Querida, posso garantir que nenhuma bundinha gostosa a não ser a sua vai subir nela”. Mentiroso! Você é um mentiroso pra não dizer algo pior.

De repente Michael entendeu tudo. Terry o havia visto com Amanda no aeroporto

Mas como? Ele respirou fundo e tentou falar:

— Querida, me ouve. Posso explicar tudo.

— Para de me chamar de “querida”! — berrou ela.

— Mas...

— Não quero que você me explique nada. Não quero ouvir suas desculpas

disse ela. — E, agora que você já sabe o porquê de tudo, eu agradeceria saísse da minha casa.

— Não pretendo sair sem que você me escute, ô cabeça-dura.

— Não pretendo te escutar. Quero que você dê o fora daqui. Fora! Fora da minha casa!

— Terry, eu e a Amanda nos encontramos por acaso — tentou explicar ele. — Po favor, me ouve e acredita em mim. Não destrói o que existe entre a gente. Pensa, favor... pensa.

Mas ela estava histérica e, levantando o fone do gancho, ameaçou:

— Vou chamar a polícia se você não sair da minha casa.

— Deixa de ser boba — gritou, indignado. — Por que você não quer me ouvir?

— Já te ouvi uma vez e é por sua culpa que estou desse jeito agora. Dá o fora e some da minha vida — gritou, prestes a chorar. — E estou avisando pela última v sai da minha casa ou eu chamo a polícia.

Ao ver que Terry estava fora de si, Michael resolveu se calar. Com raiva, deu as costas a ela e abriu a porta da sala. Mas, quando chegou à porta principal sentiu que não conseguiria ir embora sem dizer mais nada, então deu meia-volta para olhá-la e falou:

— Por que você está fazendo isso? O que havia entre a gente era verdadeiro.

— Ah, sim... não duvido — debochou ela, furiosa.

Sofrendo com a indiferença de Terry, ele murmurou, abrindo a porta:

— Você é uma covarde. No primeiro mal-entendido entre a gente você já resolve acabar com tudo pra voltar ao seu mundinho. Muito bem, Terry... muito bem.

— Com o tempo você vai me agradecer — respondeu ela, com frieza.

— Tá bom — disse ele, dando-se por vencido. — Estou indo, então.

Arrasada pela dor, Terry fez que sim com a cabeça.

— Adeus.

Michael saiu da casa, mas, antes de fechar a porta, olhou para Terry pela vez.

— Já reparou que a gente passa a vida toda se despedindo um do outro?

Conseguindo reprimir o choro, Terry concordou e disse:

— Alguma vez teria que ser a última.

— Tá legal, Terry. Adeus — falou Michael, sem vontade de dizer mais nada.

O ruído brusco da porta ao se fechar fez Terry desabar no chão, mergulhada num choro inconsolável. Uma parte dela queria correr atrás dele, mas seu orgul impedia. Kate desceu as escadas às pressas e, levantando a irmã, levou-
a até o sofá
e a abraçou. A dor que Terry sentia naquele momento era igual à dela própria. Sal muito bem contra quem Terry estava lutando: contra seu coração.

Michael voltou ao aeroporto para pegar o primeiro voo para Honolulu. Um no avião, fechou os olhos e, arrasado, pensou em como Terry o havia expulsado d sua vida.

No dia seguinte em Oahu...

— Estou com fome. Onde a gente vai jantar? — perguntou Cat.

— Eu queria ir no bar do Dick e da Samantha — sugeriu Ollie. — Assim a gente aproveita e se despede deles.

Sam, que escutava a conversa enquanto penteava Sasha, concordou.

— Onde vocês quiserem, meninas. Vocês decidem.

Com Tommy nos braços, Serena comentou depois de dar um beijo no rostinho do garoto:

— Como o tempo passa rápido... A gente chegou outro dia mesmo, e já é hora de voltar.

— Vó, a gente está aqui há 34 dias — observou Cat. E, olhando para seu admitiu: — E eu adoraria ficar mais.

Saber que suas filhas e Serena tinham aproveitado aquele último mês deixou Sam emocionado. E, terminando de fazer o rabo de cavalo na pequena Sasha, ele disse

— Quando vocês quiserem voltar, e isso também vale pra você, Serena — sorriu

—, é só me avisar e eu vou correndo buscar vocês no aeroporto.

De repente, e para a surpresa de todos, a porta da rua foi aberta e uma v perguntou:

— Quem falou em aeroporto?

— Tio Michael! — gritaram as meninas ao vê-lo. — O que você está fazendo aqui?

Ele deu de ombros, soltou a pequena mala que carregava e foi até a cozin

Precisava de um café. As meninas queriam ir atrás dele, mas Sam as deteve. Sere deixando o pequeno Tommy no chão, seguiu Michael. Sam a acompanhou.

— Garotão, pelo amor de Deus — sussurrou a mulher, angustiada ao ver sua cara abatida. — O que você está fazendo aqui? Pensei que você estava com a Terry em Nova York.

— Serena — disse ele, olhando-a nos olhos —, minha viagem não foi exatamente como eu esperava. E, sobre a sua querida filha, eu agradeceria se você nã mencionasse mais o nome dela na minha presença.

— Sinto muito, filho... sinto muito. — Foi a única coisa que ela conseguiu dizer, assustada.

Depois saiu da cozinha e com expressão séria se dirigiu às suas netas, que olhavam confusas.

— Meninas, vamos lá pra fora.

Sem contestar, todas saíram e levaram Sasha e Tommy. Quando Sam viu que ele e o irmão estavam a sós dentro da casa, aproximou-se de Michael, que esquentava um café no micro-ondas, e perguntou, pousando a mão em seu ombro:

— Você está bem, irmão?

— Estou tentando — respondeu ele com um sorriso triste.

Quando o micro-ondas apitou, Michael retirou o café e, abrindo a porta dos fundos da cozinha, saiu da casa. Sentou-se no balanço e Sam o acompanhou. Sem que o irmão perguntasse, Michael foi logo explicando o que aconteceu.

— A médica? — perguntou Sam, arqueando uma sobrancelha.

— A própria — confirmou Michael. — Esbarrei com ela no aeroporto e c carona até o hospital. Precisava falar com ela sobre os testes de DNA. Mas te jurc Sam, que não rolou absolutamente nada entre a gente.

— Eu sei. Não precisa jurar. Eu te conheço e sei o que você sente pela Terry.

Michael fechou os olhos ao ouvir o nome dela, e Sam falou:

— O que a Terry está tendo é uma crise de ciúmes.

Michael concordou.

— Foi o que pensei a princípio, mas você precisava ter visto ela. Me xin tudo quanto é nome e gritou que não queria saber mais de mim. E até ameaçou lig pra polícia se eu não saísse da casa dela. Dá pra acreditar?

Sam suspirou e, passando a mão pelo cabelo, perguntou:

— E o que você vai fazer?

Aquela pergunta havia passado mil vezes pela cabeça de Michael. O que f

Deveria lutar pelo que queria? Mas, depois de um breve silêncio em que
apenas contemplando o mar, acabou respondendo:

— Absolutamente nada. Não estou disposto a ser humilhado de novo.

Ao escutar a barulhada que seus filhos faziam não muito longe dali, Sam
levantou e, olhando para Michael, falou:

— Descansa um pouco. Vou levar as meninas pra jantar fora. Depois, se
quiser, podemos continuar a conversa quando eu voltar.

— Ok — disse Michael.

Dez minutos depois, seu celular apitou. Havia recebido uma mensagem. Er
Amanda: “Os testes deram positivo. Parabéns!”

Emocionado, Michael sorriu com a notícia. Apesar de tudo, a vida era bela.

Capítulo 57

Dois dias depois, estavam todos novamente no aeroporto de Honolulu, muito trist
com a partida. Incapaz de conter o choro, Sasha dava grandes suspiros,
acompanhados de enormes quantidades de lágrimas e baba. Quando chegou
momento de se separarem, beijaram-
se com muita ternura. Serena agasalhou as netas
e as conduziu ao portão de embarque 3, enquanto Sam, Michael, Sasha e Tommy
encaminhavam abatidos até o carro, com o qual voltariam para casa e para
vidas.

Naquela noite, quando as crianças por fim adormeceram, os dois homens s
reuniram no balanço dos fundos da casa, como tantas outras vezes, para tomar um

cervejas bem geladas.

— Que tranquilidade — comentou Michael, olhando para o mar.

Sam sorriu ao pensar em suas filhas alegres e ruidosas.

— Pois é. Muita. E depois de tantos dias com a casa cheia de gente... ainda mais.

Michael também abriu um sorriso ao pensar nelas.

— Elas vão voltar. Com certeza. Só precisamos ter paciência.

— É, eu sei que elas vão vir muitas vezes. Mas acho que nunca vou me acostumar com as despedidas e menos ainda com viver sem elas por perto.

Michael olhou com carinho para o irmão, colocou a mão em seu ombro e de apoio e disse:

— Lembro que uma vez você me disse que eu deveria recordar sempre os momentos e que isso atrairia tempos ainda melhores.

— Tomara que cheguem logo esses tempos.

Deu um gole na cerveja, e Sam, ao vê-
lo contemplar a praia com olhar nostálgico, não pôde deixar de perguntar:

— Você voltou a conversar com Terry?

— Não. Como eu te disse, a iniciativa de ligar não vai ser minha. — E, fazendo-
o
sorrir, admitiu: — É claro que tenho vontade de fazer isso o tempo todo, mas esto
me segurando.

— Por quê? Liga pra ela, ué. Não fica reprimindo a vontade.

— Nem pensar — reagiu Michael. — A Terry é a única pessoa capaz de me irrita
em questão de segundos e...

— Você acha que pode levar sua vida adiante com isso mal-resolvido?

— Vou tentar — disse ele. — Pra mim estava muito claro o que eu queria dela e
por isso fui a Nova York em busca de explicações. Mas ali encontrei uma
que não queria estar comigo. Portanto... fim da história!

— Sinto muito. Sei que você está sofrendo com tudo isso, mas já sabe que estou
aqui para o que precisar, né?

— Sim, eu sei disso — respondeu Michael, sorrindo. — E se você quiser

sobre a Kate, já sabe...

— Melhor deixarmos isso de lado — interrompeu-o depressa e, mudando de assunto, perguntou: — Quando você e Vaitere vão contar a verdade pra Tl está tudo confirmado, não?

O semblante de Michael mudou quando ele ouviu aqueles nomes.

— No sábado. E preciso que você, meu irmão, esteja lá comigo.

Emocionado, Sam concordou.

— Não perderia isso por nada no mundo. Vou estar do seu lado.

Minutos depois, quando os dois terminaram suas cervejas, Michael se levantou.

— Bom... vou dormir. Estou cansado. Até amanhã, Sam.

— Até amanhã.

Como não estava com muito sono, Sam foi até a sala e, ao ver seu noteb decidiu checar seus e-mails. O Skype o avisou de que sua amiga Lana estava conectada, e ele decidiu cumprimentá-la.

TALABUKI> Oi, madrugadora.

LANA> O que você faz acordado a essa hora?

TALABUKI> Estou sem sono. Como foram suas férias?

LANA> Inesquecíveis.

TALABUKI> Pra onde você foi, afinal?

LANA> Para o Arizona com minhas filhas e uns amigos. E as suas, como for

TALABUKI> Ótimas.

Sam voltou a abrir seu coração à amiga Lana, sem saber que aquela era

justamente a mulher de quem ele sentia tanta saudade.

Capítulo 58

Dia após dia a normalidade começou a se instalar novamente em suas vida sábado, o grande dia, segundo Michael, depois de deixar Honey cuidando crianças, ele e Sam chegaram à casa de Vaitere por volta das oito da noite. Pegara as três de carro e as levaram para jantar num restaurante muito bonito. Er aniversário de Thais.

— Que lugar mais lindo — comentou Thalia, toda feliz. Por sua origem humilde, ela não estava acostumada com tanto luxo.

— Que incrível mesmo! — concordou Thais, junto a seu amigo Makay.

Michael e Sam sorriram e trocaram um olhar com Vaitere.

— Obrigada por nos trazerem num lugar tão maravilhoso — disse ela, por vez.

Uma hora depois, todos riam e se divertiam enquanto uma banda de músic locais tocava para animar o ambiente. E, quando a sobremesa foi servida, começaram a entregar os presentes a Thais.

— Que pulseira linda! — gritou, ao abrir um pacotinho.

Sam sorriu. Suas filhas haviam comprado umas iguais àquela, e ele imaginou que Thais também iria gostar. Emocionada, ela se levantou e lhe agradeceu cor beijo.

— Obrigada, Sam. É muito bonita.

— Fico feliz que você tenha gostado, querida.

Vaitere e Thalia olhavam comovidas para a adolescente. Nunca havia tido

aniversário como esse!

— Toma, agora abre o meu — Michael lhe entregou outro pacote.

Ao rasgar o papel, a jovem exclamou:

— Um mp5! Valeu! Eu estava louca por um!

— Eu já sabia. Um passarinho me contou — disse ele, rindo, e também r
um beijo dela.

De novo, outro presente. Dessa vez de Makay. Um bonito e delicado colar
conchas.

— Uau! É liiiiiiiiiindo. Valeu! — Ela lhe deu um beijo no rosto, e o garo
vermelho como um tomate.

Feliz por ver sua filha tendo finalmente um aniversário alegre, Vaitere lhe entrego
uma caixinha.

— Querida, esse é o meu presente e da vovó.

Ao abrir a caixinha e ver que era uma chave, gritou:

— É do que eu estou pensando?!

A avó deu de ombros.

— Acho que sim. Mas está te esperando em casa.

A moça olhou para seu amigo Makay e, boquiaberta, perguntou à mãe:

— É sério que vocês compraram uma *scooter* pra mim?

— Claro, meu amor — afirmou Vaitere. — Você merece por ser uma filha tão boa
e uma neta exemplar também. Assim você vai ter autonomia pra poder circular se
precisar pegar ônibus. Mas precisa me prometer que vai tomar muito cuidado.

— Eu prometo, mãe — disse Thais, emocionada, enquanto beijava as duas

Obrigada, mãe. Obrigada, vó — acrescentou ela e logo perguntou: — É de que co

— Amarela e cinza. O Michael e o Sam nos acompanharam quando fomo
comprar. Eles entendem mais dessas máquinas do que a gente.

— É muito maneira. Você vai adorar — comentou Michael, piscando um
para ela.

Sem conseguir esperar mais um segundo, Thais perguntou:

— Mãe, posso ir lá ver? Eu e o Makay já terminamos de jantar.

— Agora? — espantou-
se a avó. — Espera um pouco, querida. Já, já você vai vê-

la.

Mas Vaitere entendia a ansiedade da menina e, movendo a cabeça, falou:

— Anda, pode ir... Mas toma cuidado quando for estreá-la.

Dois minutos mais tarde, depois de se despedir de todo mundo com beijos, Thais subia na moto de Makay e juntos eles partiam em busca do grande presente.

— Dá gosto ver a Thais tão feliz. Ela merece isso e muito mais — disse Vaitere, emocionada.

Michael e Vaitere se olharam. Ela respirou fundo e pegou a mão de Thalia.

— Ainda tem um presente, e dessa vez é pra você, mãe.

A mulher olhou surpresa para sua filha.

— Pra mim? Mas nem é meu aniversário.

Michael tirou do bolso um embrulhinho azul. Entregou a ela e, tomado pe emoção, sussurrou:

— Espero que você goste.

Comovida com aquele gesto, Thalia desembrulhou o pacote em meio a ris nervosas.

— O que é isso, meninos? Me deem uma pista.

— Mãe, é uma coisa que você estava procurando havia tempos — respon Vaitere.

Quando a mulher conseguiu abrir a caixinha e levantar o delicado pano de

que o cobria, seu sorriso se congelou, a respiração ficou em suspenso e se
se encheram de lágrimas. Sem saber realmente o que aquilo queria dizer, v
se
para sua filha, que, com os olhos também lacrimejantes, balançou a cabeça
gesto afirmativo. Ali, diante dela, estava o broche unido num só coração, exatame
igual à primeira vez que o viu. Dominada pela emoção e com as mãos tré
Thalia não conseguia dizer nada. E Michael, que estava à sua direita, pegou sua m
e a beijou. De repente caiu a ficha. A mulher entendeu tudo e caiu em pr
enquanto o abraçava com sofreguidão.

Vaitere, emocionada por presenciar aquele momento tão esperado por sua r
Sam, que de início tentou se manter firme, também começaram a chorar.

Desconcertada, impressionada e comovida, Thalia se afastou de Michael po
centímetros e, acariciando o rosto dele, perguntou:

— É você, meu amor? Meu filho, é você?

Tentando controlar a emoção, Michael fez que sim com a cabeça. Olhou p
Sam, que sorria, e pela primeira vez em sua vida pôde dizer:

— Sim, mãe, sou eu.

Thalia o abraçou de novo e chorou, mas dessa vez de felicidade. O destino havia
sido bom com ela. E, olhando para o céu, ela sorriu.

— Mãe, ele encontrou a gente. Tantos anos procurando e no final foi o M
que nos achou.

Sem conseguir afastar os olhos de seu amado filho, a mulher perguntou:

— Como você conseguiu, querido?

— Foi graças ao pingente — murmurou enquanto Sam tocava em seu ombro para
lhe dar força.

Thalia estava radiante de felicidade e, passando a mão por seu cabelo escu
disse:

— E esse sorriso... você tem o mesmo sorriso que o Haoa, seu pai. — E, virando-

se para sua filha, perguntou: — Lembra que eu te disse que o sorriso do Michael
lembrava alguém?

— Sim, mãe. Eu lembro, sim — respondeu Vaitere.

Eufórica de tanta alegria, Thalia voltou a olhar para o céu.

— Obrigada, meu Deus — sussurrou, fechando os olhos. — Obrigada por
minhas preces e me dar a oportunidade de conhecer meu filho.

Emocionado, Sam balançava a cabeça num sinal de aprovação.

— Somos dois chorões, irmão. — Ele brincou, olhando para Michael.

Eles riam ao mesmo tempo quando Thalia perguntou:

— Vocês foram adotados pela mesma família?

Michael pousou o braço em torno dos ombros do irmão.

— Não, mas nós mesmos criamos nossa própria família. Sam é meu irmã

melhor! Crescemos juntos no abrigo da mãe Daula e, por mais que não se
irmãos biológicos, somos de coração, alma e espírito. — Sam concordou. -
sempre me acompanhou. Cuidou de mim quando eu fiquei doente, me deu
esteve presente em todos os Natais e aniversários desde que me entendo por gente

— Você também cuidou de mim e me deu apoio — disse Sam, sorrindo ao escuta
as palavras do irmão.

Michael lhe deu um beijo no rosto e prosseguiu, diante da emoção das mulheres:

— Sam é minha família. Graças a ele eu construí minha vida e me tornei
pessoa útil. Graças a ele tenho sobrinhos que adoro e que me adoram. — E, com
olhos encharcados de lágrimas, sussurrou: — Sam... isso foi e sempre vai
pra mim e sei que nada nem ninguém vai nos separar nunca, porque nem
você vamos permitir.

— Somos uns chorões, mas Michael é meu irmão.

— Claro, nunca duvide disso — disse Michael, abraçando-o.

Comovida por tudo o que estava acontecendo e pelas palavras que seu filh
acabava de dizer, Thalia se levantou e aproximou-
se de Sam, que buscara se manter
um pouco à margem daquele momento de intimidade. Olhando para ele, disse:

— Dou graças a Deus, então, por ter recuperado meus dois filhos. — E,
abraçando-o como fizera minutos antes com Michael, aconchegou-
o junto ao peito para que ele sentisse seu calor e amor de mãe.

Aquela noite foi especial para todos eles. Vaitere havia encontrado dois irm
que gostavam dela e a respeitavam. Michael encontrou a mãe e a irmã e ao mesm
tempo teve a certeza de que nunca perderia Sam. E Thalia pôde enfim abr
conhecer seu filho tão procurado, e a vida lhe deu a alegria de presenteá-
la com mais
um filho. E Sam havia encontrado mais uma vez, junto com Michael, uma famíli

Capítulo 59

Os meses passaram e durante aquele tempo Michael, Sam e Thalia tiveram
conversas enquanto passeavam à tarde pela praia. Desde o primeiro minuto, Sam
aceito como mais um filho. Algo que fazia muito bem tanto a ele quanto a Micha

Sasha e Tommy logo se acostumaram com o carinho daquelas mulheres qu
adoravam fazer a vontade deles. E, como já era de se esperar em Sasha, ela foi lo
instituindo uma nova avó para ela e Tommy, mas fez questão de deixar cl
aquela nova avó que ela ainda tinha mais duas netas: Cat e Ollie.

Thalia não cabia em si de tanta alegria. Ter finalmente reencontrado seu filho era
melhor coisa que lhe havia acontecido. Ele era carinhoso, atencioso e sempr
sorridente, e fazia Thalia se lembrar de seu primeiro e grande amor, o pai
Michael.

Ver como aqueles dois homens cuidavam delas três e das duas crianças er
maravilhoso para ela, embora de vez em quando Thalia notasse uma pontin
tristeza nos olhos deles. E uma tarde, depois de falar com Vaitere sobre a
entristeceu-
se ao conhecer a verdade. Sabia que os assuntos do coração podiam ser
muito dolorosos e ninguém, com exceção dos envolvidos, podia fazer nada
curar essa dor.

A alegria de Michael desaparecia toda vez que ele pensava em Terry. Não conseguia esquecê-
la. Precisava dela, e toda noite, antes de dormir, relembrava os dias felizes que tinham passado juntos.

Não voltara a falar com ela, mas sabia que estava bem. Sempre que falava com as meninas, Sam o deixava a par de tudo depois, quisesse ele ou não.

No dia 15 de novembro, Vaitere começou a trabalhar no escritório junto com Sam e Michael. No início foi difícil, mas ela logo demonstrou suas qualidades.

O Natal chegou. Era o primeiro que passavam separados. Em Nova York frio terrível, e as nevascas eram frequentes.

— Que inveja, pai — suspirou Ollie ao telefone. — Quer dizer que vocês na praia agora?

— Sim, querida. No Havaí só há duas estações. De maio a outubro é verão, e de fim de outubro a abril é inverno. Se bem que, claro, o inverno daqui não é como o Nova York. — E, ao ouvi-
la bufar, continuou: — Querida, o bom de viver nas ilhas é que as mudanças de temperatura não são tão bruscas como em outras pa mundo.

Durante um bom tempo conversaram sobre como seria o Natal, até que Ol confessou:

— Papai, nós vamos sentir muito a sua falta e a do tio. É o primeiro Natal em que a gente não vai estar junto e...

Sam entendia os sentimentos dela, mas, tentando soar positivo, disse:

— Nós também vamos sentir muito a falta de vocês. Mas eu e o tio vamos ficar felizes em saber que vocês tiveram um bom Natal, combinado?

— Com quem você vai passar a última noite do ano? — perguntou Ollie curiosidade.

— Você se lembra da Thais, a amiga do Makay, filho do Dick e da Samantha?

— Lembro.

Em Nova York ninguém sabia da novidade. Ele e Michael tinham decidido contar tudo, mas só quando elas voltassem.

— Vamos jantar com eles. Fomos convidados pela Vaitere, mãe da Thais, avó para estarmos todos juntos.

Ao escutar isso, Ollie perguntou:

— A mãe da Thais acabou indo trabalhar com vocês?

— Sim, princesa. É uma mulher encantadora e uma ótima secretária. Você adorar conhecê-la.

Ollie não gostou de ouvir isso. Não queria que seu pai olhasse para outra mulher, mas resolveu não dizer nada e apenas deixá-lo falar.

— Agora estamos com bastante trabalho, e a ajuda dela caiu como uma luva. —

Ao ver que sua filha não dizia nada, mudou de assunto e perguntou: — Como está as coisas por aí?

— Bem. A vovó como sempre fica tentando resolver a vida dos outros. A mamãe está trabalhando à beça, e a Cat está com a tia no cabeleireiro. Queria mu visual.

— Aliás, como está sua tia?

— Bom, não sei direito... — disse Ollie e suspirou. — Desde aquela história com o tio, ela não é mais a mesma e proibiu a gente de tocar no nome dele. E ele, com está?

— Depende do dia — respondeu Sam com sinceridade. — Mas com o trabalho, o surfe e os amigos, pouco a pouco está voltando a ser o mesmo. Mas, sinceramente querida, sua tia o deixou bem mexido.

— Que pena que a história deles não acabou bem. Isso me dá muita raiva porque eu sei que os dois se amam e...

Sam a repreendeu:

— Ollie, não fala assim. Você não sabe de nada.

— Pai, idiota eu não sou — defendeu-se. — E sei quando duas pessoas se amam.

E eles se amavam, sim. Só de ver como eles se olhavam, já dava pra sacar e... Ai, que raiva!

— Nossa, querida, você está me surpreendendo — reagiu Sam num tom divertido ao comprovar como a filha tinha amadurecido.

Nesse momento Ollie tomou coragem e falou:

— Eu poderia te surpreender com muitas outras coisas, dizendo por exemplo que a mamãe está morrendo de saudades de você. — Sam engasgou, mas sua continuou: — E não preciso que ela me fale, porque eu posso ver, pai. Já crescidinha o suficiente pra perceber muitas coisas. E você não escapa também. S que você continua amando a mamãe. Mas não consigo entender por que e razão vocês não estão juntos se os dois sabem que foram feitos um para o outro.

— Ollie, princesa, a vida não é tão fácil quanto você imagina.

— Também não acho que seja tão difícil assim, mas vocês se esforçam pr complicar tudo.

Aquela conversa começava a incomodar Sam.

— Bom, querida, vamos deixar esse assunto de lado, certo? — E foi logo acrescentando: — Ainda estou esperando você me mandar algumas fotos das féri

Ollie se deu por vencida. Seu pai e tio eram muito teimosos.

— Quer que eu mande por e-mail?

Sam estava louco para ver aquelas fotos.

— Claro, seria ótimo. Me manda assim que puder.

— Tenho elas num pen drive. Daqui a uma hora eu te passo algumas.

— Tá bom. Vou aguardar ansiosamente — respondeu num tom divertido. — Até mais, princesa.

— Até mais, papai.

Depois de desligar o telefone, Ollie viu sua avó passar pela cozinha. A po estava entreaberta, e ela entrou.

— Oi, vó. O que você está fazendo?

— Estou esperando sua mãe. Ela me disse que voltaria logo e iríamos juntas dar os pêsames à minha amiga Verônica. O marido dela, Harry, morreu hoje de manh

— Coitada da Verônica — sussurrou Ollie. — Manda um beijo meu pra ela.

Nesse momento Kate entrou acelerada na cozinha.

— Oi, mãe. Oi, querida. Desculpa o atraso, mas peguei um trânsito infernal. Vou subir, deixar minhas coisas lá em cima, trocar de roupa, e em dois minuto encontro aqui embaixo.

Sem lhe dar tempo de responder, saiu da cozinha e correu para seu quarto.

— Com quem você estava falando no telefone? — perguntou Serena, voltando-se para sua neta.

— Com o papai. Ele mandou um beijo.

Serena sorriu.

— Eu ia ter gostado de falar com ele. Da próxima vez, me avisa para eu dar um

oi. Como estão todos?

— Vão levando... — Deu de ombros e cochichou: — Sei que não estão bem, vó, mas são uns cabeças-duras.

Sem necessidade de perguntar nada, a mulher respondeu:

— Estamos cercadas de cabeças-duras, filha. Sua mãe e sua tia também são assim.

As duas ouviram Kate descer depressa pela escada e em seguida aparecer cozinha, murmurando ofegante:

— Já estou aqui, mãe. A gente pode ir. — Ela deu um beijo em Ollie e disse: —

Coitada da Verônica e coitado do Harry. Quando você me ligou, eu mal p acreditar no que aconteceu.

— É a vida, filha — retrucou Serena, suspirando. — Por isso eu sempre digo que vocês têm que aproveitar e viver, porque a qualquer momento tudo se acal dá pra voltar atrás.

Kate moveu a cabeça, concordando, e, depois de se despedirem de Ollie, as duas saíram.

Quando Ollie ficou sozinha em casa, subiu até seu quarto para estudar. Após uma hora, lembrou-
se de que combinara de mandar as fotos ao pai. Olhou o relógio e bufou. O coitado devia estar esperando. Ligou o computador, mas inexplicavelme ele desligou sozinho alguns segundos depois. Tentou ligar outra vez, mas o result foi o mesmo. Fez novas tentativas e nada. Acabou desistindo.

— Que droga! — exclamou. — E o papai lá esperando as fotos...

De repente lembrou que sua mãe guardava o notebook na pasta dela, emb sempre repetisse que o computador dela era para seu trabalho e que só po usado em caso de emergência.

— Isso, mãe, é um caso de emergência — sussurrou Ollie.

Andou até o quarto da mãe e, assim que abriu a porta, sentiu o cheiro de *Paris*, o perfume que Kate usava. Olhou-
se no espelho da penteadeira, ajeitou o cabelo,
depois pegou a pasta e levou até seu quarto. Sua mãe nem perceberia. Oll mandaria as fotos, apagaria as provas e colocaria a pasta de volta no luga cuidado, colocou o notebook em cima de sua escrivaninha, abriu-
o e ligou. Sabia a
senha da mãe. Era sempre a mesma. Colocou um pen drive na entrada US começou a escolher as fotos. Enquanto visualizava as imagens, apareceu na inferior, à direita, um quadrado azul que dizia “Boa tarde, amiga”.

Ollie se surpreendeu. Não sabia que sua mãe ficava de papo na internet e menos ainda que tivesse instalado o Skype. Mas sua surpresa foi ainda maior quando leu nome da pessoa que a cumprimentava, *Talabuki*. Como podia ser? Só conhecia um Talabuki e era justamente o pai. A tela voltou a piscar e uma nova mensagem surg

"Oi, está falando com alguém?" Cada vez mais desconcertada, Ollie decidi

responder.

LANA> Oi.

TALABUKI> Tudo bem? Dia enrolado no trabalho?

Ollie olhava alucinada para a tela ao ver que seu usuário era Lana. Lana? mãe era Lana? E, sem conseguir evitar, perguntou:

LANA> Pai?

TALABUKI> Pai? Como assim?

Confuso, Sam franziu as sobrancelhas. Por que sua amiga Lana o estava chamando de pai?

TALABUKI> Imagino que você seja uma das filhas da Lana. Eu sou um ami

Com as mãos trêmulas, Ollie escreveu:

LANA> Sim, sou filha dela. E você, quem é?

TALABUKI> Sam, um amigo.

Ollie deu um gritinho e escreveu:

LANA> Pai?!

TALABUKI> Pai?

LANA> Aqui é a Ollie, pai. Não estou entendendo nada.

TALABUKI> Ollie?

Sam ficou petrificado. Como podia ser ela?

LANA> Pai, esse é o computador da mamãe.

Ao ler aquilo, Sam sentiu suas mãos tremerem e o coração bater mais rápido.

TALABUKI> Como assim?

LANA> Isso mesmo, pai. Esse é o computador dela.

TALABUKI> Desliga que eu vou te ligar.

Sem desligar o notebook, Ollie desceu as escadas ao escutar o toque do telefone.

Assim que chegou à sala, jogou-se no aparelho para atender.

— Ollie?

— Papai... não estou entendendo nada.

Com o coração a mil, Sam tentou pensar com clareza, mas era impossível.

— Quem não está entendendo nada sou eu — disse. — Onde você está?

— Em casa. A mamãe e a vovó saíram juntas, e eu ia te mandar as fotos viagem, mas meu computador não ligava e, como eu vi que a mamãe trou do trabalho, decidi pegar emprestado e...

— Está falando sério?

— Estou! — exclamou ela. — Era o notebook da mamãe.

Sam sentiu como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Sua amiga La Kate. E Ollie, dando-
se conta de que aquilo só podia significar algo bom, começou a

rir.

— Sim, papai. Não me diga que você não sabia que era com a mamãe que você conversava...

Sam não sabia se deveria se sentir enganado ou alegre.

— Pois é, princesa, eu não sabia de nada. Pensei ter conhecido a Lana na última viagem que fiz a Nova York, mas agora já entendi tudo — disse, ao se l Carol, a estranha mulher que ele conheceu lá. — Sua mãe conseguiu me esse tempo todo.

Prestes a aplaudir de alegria, Ollie perguntou a seu desconcertado pai:

— Há quanto tempo você fala com ela?

Ordenando seus pensamentos, Sam olhou a foto de Kate e respondeu:

— Há vários meses já. — E, curioso, perguntou: — Você deu pra ela o l chat em que eu falava com você?

— Não...

— Mas eu conheci ela nesse chat.

— Pai, ela deve ter anotado o endereço.

Passando a mão pelos cabelos, Sam pensou em tudo o que havia contado a Lana durante esses meses todos. Abrira o coração à pessoa que o havia partido. sabia se ficava aborrecido ou feliz.

— Não sei o que pensar. Como ela pôde fazer isso?

A menina suspirou ao perceber como o pai ficou sem reação.

— Ela fez isso porque te ama e essa era a única forma de continuar falando com você. Eu te disse, pai: a mamãe te ama, e te ama muito.

— Princesa — sussurrou ele, confuso. — Você acredita que estou nervoso?

— Calma, pai, calma. — Ollie tentou acalmá-lo.

De repente Sam sorriu. Kate nunca deixaria de surpreendê-lo.

— E agora, o que eu faço? Digo que sei quem ela é ou não?

Aproveitando o estado do pai, Ollie foi logo pensando em arquitetar um plano.

— Acho que hoje você não deveria fazer nada. À noite você pode conver normalmente com ela, e amanhã eu te apresento meu plano.

Com um sorriso de orelha a orelha, Sam se deu conta de tudo o que aquilo queria dizer. Kate, sua Kate, o amava.

— Princesa, o que você vai propor?

Pai e filha conversaram durante vinte minutos e ao final Ollie concluiu:

— Concorda, pai?

— Concordo, querida — respondeu Sam depois de refletir um pouco. —

Concordo totalmente. Só espero que tudo saia como você diz.

— Pode deixar, pai. Vai sair, sim — garantiu Ollie, feliz. — Agora vou d computador onde estava. Mando as fotos outro dia. Um beijo, pai, e amanhã a ge

se fala, tá?

— Tá bom, princesa. Um beijo.

Quando desligou o telefone, Ollie correu escada acima. Entrou em seu qua pegou o notebook. Fechou-
o e o levou ao lugar onde estava antes. Ao sair do quarto,
escutou as vozes de Terry e Cat, que haviam acabado de chegar, e foi rap encontrá-las.

— O que achou do meu novo corte de cabelo, Ollie? — perguntou Cat.

Mas Ollie estava nervosa demais por tudo o que tinha para contar a elas.

— Ficou ótimo. — E, olhando para as duas, acrescentou: — Preciso da ajuda de vocês.

Quando ela começou a contar o que tinha acontecido, Cat pulou de alegria Terry sentiu o coração bater acelerado. Assim que sua irmã soubesse daqui ter um troço.

— Que bom... Que bom! — Cat deu gritinhos feito uma louca.

— Meu Deus. — Terry suspirou, sentando-se. — Eu bem que avisei que iam acabar descobrindo.

— Peraí, você sabia?! — perguntaram Cat e Ollie em coro.

Terry olhou fixamente para elas e confirmou.

— Claro que sabia. A gente conta tudo uma pra outra.

Aproximando-se da tia, Ollie disse:

— Precisamos que você nos ajude a fazer com que eles fiquem juntos de novo. E

por favor, tia, não me diga que isso é impossível ou uma loucura, porque penso em parar até que o papai e a mamãe estejam juntos outra vez.

— Nem eu — concordou Cat.

— Tia Terry, você sabe tão bem quanto a gente que eles se amam muito. Por isso, a gente precisa que você seja nossa cúmplice. E, se passar pela sua cabeç pra mamãe sobre o que a gente descobriu, juro que nunca mais falo com

estou falando sério.

Terry sorriu ao escutar essas palavras de Ollie. Aquela mocinha encantador uma verdadeira bruxa. Depois de pensar em sua irmã e em Sam, e perceber que e realmente precisavam ficar juntos, ela concordou:

— Tá bom, meninas, vou ajudar vocês. Já está mais do que na hora de esses dois ficarem juntos de novo.

As três se abraçaram e começaram a arquitetar um plano.

Quando desligou o telefone do escritório, Sam continuava em estado de choque. l Kate, sua Kate, que, escondida num usuário, havia escutado suas tristezas incentivado Sam a lutar por seu amor. Durante todo aquele tempo ela havi

com a vantagem do anonimato. Sempre havia sabido de seus sentimentos em rela a ela, e agora ele entendia muitas coisas.

Michael, que o observava enquanto conversava com um cliente, esperou qu
Vaitere fosse embora e, quando ficaram a sós, falou:

— Que cara de bobo é essa, cara?

Sam sorriu como havia muito tempo não fazia.

— Tem razão. Sou um bobo. Um idiota mesmo.

— Bom, vamos com calma... também não exagera.

Sam se levantou, andou até a porta da sala e a trancou. Diante da express
surpresa de Michael, abriu o frigobar, lhe ofereceu uma cerveja e se sentou de no

— Hoje aconteceu uma coisa que me abriu os olhos.

— O quê?

— Irmão, vou tentar recuperar minha mulher.

Michael o olhou com cara de espanto.

— Espera... espera. — E, ao vê-
lo sorrir feito bobo, não pôde reprimir um risinho
antes de perguntar: — Acho ótimo que você tente recuperar a Kate, mas o
houve?

Eufórico, Sam lhe contou a novidade.

— Inacreditável!

— Pois é. Inacreditável mesmo, mas é a mais pura verdade — disse Sam, rindo.

Michael se levantou e o abraçou, contagiado por seu entusiasmo e sua felicidade.

— Espero que tudo dê certo e digo isso de coração.

— Eu sei. — E, dando um gole na cerveja, cochichou: — Agora só preci
convencer a Kate.

— Uiiiiii, você vai enfrentar um osso duro de roer.

— É... Mas, quando eu contar o que sei, ela não vai poder dizer não.

Michael soltou uma gargalhada.

— Então a Lana explosiva que a gente conheceu em Nova York era quem?

— Não faço ideia, mas a Kate vai me dizer. — E acrescentou: — Eu ber tinha te falado que aquela mulher e a outra que eu havia conhecido na in tinham nada a ver...

Achando graça da história, os dois começaram a rir e, duas cervejas depoi saíram do escritório.

Capítulo 60

Naquela noite, em Nova York, quando Kate e Serena chegaram, encontraram Ter as meninas esperando na cozinha.

— Olá, pessoal — cumprimentou Serena. — Vocês prepararam o jantar?

— Estávamos esperando vocês voltarem — respondeu Terry e, pegando sua irmã pelo braço, disse: — Decidimos jantar hambúrguer. Vem, vamos comprar. V podem ir botando a mesa.

Assim que Terry e Kate passaram pela porta, Ollie e Cat foram logo cont avó o que tinha acontecido naquela tarde. Estavam radiantes. Serena ouviu tudo c assombro, e pouco depois as três pulavam de alegria. Vinte minutos mais tarde, K e Terry voltaram com dois pacotes de hambúrguer e foram jantar em meio a risinl e mistérios.

No dia seguinte, às três da tarde, Terry estava no aeroporto, no setor de desembarque. Quando viu Sam aparecer, acenou chamando-o. Surpreso ao vê-la, Sam sorriu e foi a seu encontro.

— *Aloha*, Terry — saudou. — O que você está fazendo aqui?

Ao ver que ele não sabia que ela estava a par de tudo, Terry respondeu:

— Vim ajudar dois bobocas a ficarem juntos de novo.

Sam sorriu e, beijando-a alegremente, suspirou.

— Obrigado.

Terry o pegou pelo braço.

— Anda... *Talabuki*, vamos para o estacionamento.

Sam a acompanhou pelo aeroporto. Nevava naquela tarde em Nova York e, assim que encontraram o carro, enfiaram-se rapidamente nele. Sam e Terry se olharam, e ele comentou:

— Não sei por que estou fazendo isso.

— Porque você ama ela, e ela te ama.

Ao vê-lo sorrir todo derretido, ela acrescentou:

— Não sei se te dou um soco ou um abraço.

— Se dependesse de mim... — cochichou Sam —, eu preferiria o abraço.

Dito isso, os dois se abraçaram e Terry o avisou, entre risadas, de que o mataria se ele voltasse a fazer a irmã sofrer. Então Sam perguntou por Kate, e Te que, depois de voltar do Havaí, ela ficou muito ocupada com assuntos do escritór

Depois de uns vinte minutos de conversa, Terry decidiu dar partida no car mergulhar no trânsito de Nova York.

— Uau, eu tinha esquecido como Nova York fica linda no Natal — obser Sam, olhando ao redor.

— Pois é, e os engarrafamentos continuam iguais — reclamou ela. — Lá não têm inverno, né?

— Bom, lá a gente tem Natal também, mas as temperaturas só caem algu

poucos graus, não dá para sentir o inverno pra valer.

— Como estão a Sasha e o Tommy?

— Estão ótimos. Ficaram com o Michael.

Assim que ouviu esse nome, Terry deu uma pequena freada sem querer, e olhou para ela.

— Prefere que eu não o mencione? — perguntou ele bem direto. Estava decidido a dizer umas verdades a ela.

— Ah, não. Não tem problema — fingiu.

— Então, ótimo. Porque eu realmente queria te falar algumas coisas a resp dele.

Terry voltou a frear e esclareceu:

— Não me interessa nada do que você possa dizer.

— Mas me interessa dizer — insistiu ele.

Nervosa com a conversa e com o trânsito infernal, Terry freou novamente prosseguiu:

— Queria te dizer que você foi uma idiota por abandonar um homem con irmão.

Ela bufou.

— Sam, por favor, não estou a fim de falar sobre isso.

— Não me importa o que você diga, e eu agradeceria se você me deixass por alguns minutos. Depois eu juro que vou ficar quieto e não tocarei mai assunto.

Ao ver que não lhe restava alternativa, Terry acabou cedendo e o deixou falar.

— Nunca conheci ninguém tão apaixonado e tão entregue quanto Michael está pc você. Você o conhece e sabe que ele sempre sentiu algo muito especial pc mas ele não ousou fazer nada até você dar o primeiro passo. E, depois de incríveis em que vocês dois foram muito felizes, não consigo entender con primeira oportunidade você já desconfia de alguém que te adora, e não lhe

nenhuma chance de se explicar.

— Sam, eu acho que...

— Não me interrompe — repreendeu-
a Sam, e Terry se calou. — É sério que você não quer saber nada sobre ele?

Ela balançou a cabeça sem muita convicção, e isso o fez sorrir.

— Meu irmão está sofrendo pra caramba. Mas está respeitando o que você pediu.

Você desconfiou dele sem nenhuma razão. — Ela bufou. — Aquele encontro com
Amanda no aeroporto não foi combinado. Foi totalmente por acaso. A Amanda ti
ido lá se despedir do futuro marido dela.

Terry deu uma freada brusca, e Sam repetiu:

— Isso mesmo, Terry,
futuro marido. E, se você a viu subindo na moto do

Michael, foi porque ele tinha que discutir com ela um assunto médico. Un
muito importante pra nós e que ela nos ajudou a resolver.

Terry começou a respirar com dificuldade.

— Está acontecendo alguma coisa com o Michael? — perguntou ela, visivelment
alterada.

— Não. É um assunto particular que, se em algum momento você ficar sa
do que se trata, vai ser porque o Michael te contou, não eu.

Terry voltou a frear de repente e olhou para ele. Mas Sam deu de ombros e deixou
claro:

— Desculpa, Terry, mas, se você não quis saber antes, não serei eu a te contar. E,
voltando à questão de vocês dois, sinceramente eu acho uma pena. — Ela franziu
testa. — Você nunca vai saber o que é ser amada de todo o coração. E f
com o que aconteceu, porque eu sei que vocês dois juntos poderiam ser m
felizes. Mas, como sempre, você,
dona Emburrada, decidiu que não valia a pena

seguir adiante. Fazer isso é a sua cara mesmo, Terry.

Ela não disse nada, e Sam insistiu:

— Como você teria se sentido se tivesse acontecido o contrário? Ficaria satisfeita com a atitude do Michael se ele nem sequer ouvisse o que você teria a d melhor, o que você acharia se o Michael te enxotasse da vida dele e term relação de vocês sem nem discutir isso com você? Achei que você agiu n naquele momento, e continuo achando. E espero que você caia em si e seja capaz ver que alguém, alguém que admiro muito, te adora com toda sua alma e daria a v por você. Mas não vou mentir, Terry. Cada dia que passa ele vai se confo mais e mais com a ideia de não ter você ao lado dele, e alguma hora vo apenas uma lembrança.

Ela concordou com a cabeça e, quando freou num sinal vermelho, Sam prosseguiu:

— Eu sempre te disse, Terry, minha querida, que você costuma agir e só pensar, e na vida não podemos ser assim. — Ao ver como ela o olhava, ele disse:

Bom, é isso. Não tenho mais nada pra falar.

— Sam, eu acho que fiz a coisa certa.

— Sinto te dizer que não. Você abandonou o barco sem lutar por algo qu quer. Ou por acaso vai me dizer que já esqueceu o Michael? E não adian pra mim, porque eu te conheço há muito tempo.

Terry sorriu e, dando um soco no volante, concordou.

— Não consigo parar de pensar nele.

Sam abriu um sorriso.

— Pois então corra atrás, Terry. Vá lutar por algo especial na sua vida, algo que realmente vale a pena. Não jogue fora as esperanças que você alimentou. Tente fa

alguma coisa por você e pela sua vida.

— Não posso — disse ela, num gemido.

— Por quê? — Ele sorriu ao vê-
la tão aflita. — Você é tão covarde assim?

Caramba, Terry... eu nunca teria pensado isso de você.

Sem se importar com o trânsito, puxou o freio de mão, soltou o volante e, virando
se para Sam, enquanto os carros de trás começavam a buzinar, admitiu:

— Sam, você tem razão. Sou mesmo uma covarde. Uma maldita covarde. Eu quis
ligar pra ele mil vezes, mas meu orgulho não permitiu. Fui eu que disse a
não queria mais nada, e agora...

Comovido, Sam a abraçou.

— Querida... querida, me escuta. — Ela olhou fixamente para ele. — São quatro
da tarde. Às onze da noite eu sei que há um voo saindo de Nova York p
Honolulu. E posso garantir — disse ele, enxugando as lágrimas dela com as mãos

que ele vai te receber com todo o amor do mundo. Mas é você que preci
isso. Você feriu o orgulho dele com o que fez quando ele veio atrás de u
explicação..

— Você está certo — disse ela, surpreendendo-
o. — Eu deveria fazer alguma coisa por ele e por mim.

Sam concordou.

— Só vou te dizer mais uma coisa, Terry. Os sonhos não envelhecem e e
certeza de que, no caso de Michael, o sonho não envelheceu porque ele c
louco por você.

Terry soluçou.

— Me sinto péssima.

— Normal. Você é impulsiva demais. Age com o coração...

— Tem razão — concordou ela, sorrindo. — Mas, apesar disso, eu amo c
Michael.

— Então não se fala mais nisso — disse Sam. — Hoje à noite você pega o avião pra Honolulu. E agora, querida, vamos indo antes que os carros de trás apedrejem gente.

Ao chegar em casa, Serena e Shalma o receberam com um grande abraço. não estava. Tinha saído com as meninas para fazer compras, e as três só voltariam pelas sete da noite. Emocionado e nervoso, Sam conversou com elas na co enquanto comia algo, e às seis ele entrou no quarto de Ollie, onde esperar tranquilamente suas filhas para começar com seu plano.

Capítulo 61

Em Oahu, naquela manhã, Michael deixou as crianças na creche. Quando chegou escritório, foi recebido por Vaitere com um sorriso radiante, mas mesmo as sentiu sozinho. Sam lhe fazia falta. Mas, ao se lembrar de onde o irmão e sorriu.

Teve uma manhã bastante atarefada e, quando tudo acabou, abriu a gaveta, de lá uma foto de Terry e ficou olhando para ela, todo bobo. Não reparou Vaitere tinha saído do banheiro e se aproximava lentamente dele.

— É muito bonita — disse ela de repente. — É a Terry, né?

Sem parar de olhar o retrato, Michael confirmou:

— É ela, sim. É uma foto do último verão, quando estivemos em Maui.

— Por que você não liga pra ela? — perguntou Vaitere ao ver a tristeza nos olhos dele.

Michael deu de ombros.

— Pra quê? Você não conhece a Terry. Considerando como as coisas acabaram, é melhor deixá-las como estão.

— Não entendo por que você se dá por vencido. Você é um lutador.

Nesse momento o telefone começou a tocar.

— Os lutadores também se cansam — disse ele, sorrindo.

Instintivamente, Michael guardou a foto, pegou uns papéis e se concentrou trabalho.

Vaitere percebeu que aquele assunto ainda era doloroso demais para ele. O

melhor seria não falar mais nada.

Depois de uma tarde maravilhosa de compras, Kate e as filhas voltaram pa contentes e empolgadas. Assim que entraram, os olhares de Serena e Shalr fizeram entender que o pai delas já estava ali.

— Vou tomar um banho antes do jantar — gritou Ollie, que correu escada acima.

— Eu também — emendou Cat.

Surpresa com aquele entusiasmo todo das duas para tomar banho, Kate fez careta divertida em direção à sua mãe e à sua amiga e falou:

— É uma boa ideia. Agora vou subir e fazer o mesmo.

Ao entrar no quarto, Ollie e Cat fecharam a porta. Abraçaram com força seu pai, enquanto cochichavam e riam baixinho para ninguém ouvir.

Duas horas depois, quando Kate saiu do banho e estava diante da sua penteadeira secando o cabelo, alguém bateu na porta. Era Terry.

— O que foi? — perguntou Kate.

Terry respondeu com um sorriso.

— Nada, criatura. Só queria ver o que você comprou hoje — mentiu.

Após fazer uma expressão cômica, Kate apontou as sacolas.

— Comprei um pouco de tudo. Olha que casaquinho lindo e que calça incrível eu encontrei na loja dos seus amigos.

Enquanto Kate mostrava suas novas aquisições e contava como a tarde cor meninas tinha sido divertida, Terry a olhava com ternura, desejando que tu corresse bem. Sua irmã merecia ser feliz, e Sam era o único homem que conseguir isso.

— Terry, está acontecendo alguma coisa? — perguntou ao vê-la tão calada e pensativa.

— Não — respondeu depressa. E, pegando uma calça jeans e uma blusa florzinhas verdes, disse: — Veste isso hoje pra jantar. Vai ficar ótimo em

Aliás, hoje eu não vou jantar com vocês. Mas você pode vestir isso. A m adorar te ver tão bonita.

— Tá bom — concordou Kate e perguntou: — Aonde você vai?

Terry sorriu e, dirigindo um olhar enigmático à irmã, respondeu enquanto até a porta:

— Tenho um encontro importante. Porque, como diz a mamãe, a vida foi feita pra ser vivida.

Kate, satisfeita por ver a irmã voltar a sorrir, cochichou num tom brincalhão:

— Divirta-se. E amanhã você vai me contar tudo, hein?

Terry concordou e, depois de fechar a porta do quarto, pegou sua mala e embora sem falar com ninguém. Naquela noite, em que todos conversaram animadamente, Shalma se despediu prometendo voltar no dia seguinte. Sere meninas foram para seus respectivos quartos, e Kate ficou sozinha no sofá da sala

Ficou ali deitada, assistindo à televisão, e lá pelas onze, hora em que Terr estava no avião, Kate subiu para seu quarto com a intenção de resolver umas cois no computador. Tirou a roupa e vestiu um pijama de flanela quentinho e confortá pegou o notebook e sentou-se na cama. Assim que ela o ligou, o Skype a avisou de que Talabuki estava conectado. Kate sorriu.

No quarto ao lado, Sam estava inquieto junto às suas filhas e também a Serena e a Shalma, que havia entrado lá pela porta da cozinha com a ajuda de Ollie. olhavam ansiosos para o computador, esperando que Kate ficasse on-line. E, logo que o nome dela apareceu, elas pularam animadas.

LANA> Boa noite, sumido!

TALABUKI> Oi, tudo bem?

LANA> Bem. Cansada do trabalho.

Durante um tempo, cada um num quarto, conversaram amenidades, até que repente Kate perguntou:

LANA> Hoje você parece mais animado.

TALABUKI> Em que sentido?

LANA> Está mais falante.

TALABUKI> Deve ser porque tenho um encontro.

Alarmada com aquela resposta, seu coração bateu a mil e ela escreveu:
LANA> Um encontro?

TALABUKI> É. Com alguém muito especial.

Depois de alguns segundos em que todos ficaram se perguntando o que el responder, Kate escreveu:

LANA> Já superou sua ex?

TALABUKI> Já, sim. A vida continua e eu quero seguir vivendo.

Ao digitar aquilo, todos sorriram, menos Kate, que não suspeitava de nada.

LANA> Fico feliz em saber. Vai ser bom pra você.

TALABUKI> E pra ela também.

Kate mal podia respirar ao ler essas coisas. Aquela conversa a estava apunhalando no coração. Conteve um gemido e perguntou:
LANA> Por que pra ela?

TALABUKI> Porque ela precisa ser feliz.

LANA> Você tem certeza do que vai fazer?

TALABUKI> Absoluta.

Serena, Shalma e as meninas se abraçaram em silêncio. E, para encerrar a conversa, Sam escreveu:

TALABUKI> Me deseja boa sorte, amiga. Hoje eu quero que seja o começo d

Com os olhos marejados, Kate digitou:

LANA> Boa sorte.

TALABUKI> Obrigado.

Nesse momento, Sam se levantou e, com expressão emocionada e nervosa, um beijo em suas filhas. Olhou para Serena e Shalma e afirmou:

— Acho que a hora é essa. Me desejem sorte.

Sam abriu a porta do quarto e andou pelo corredor. Ansioso, deteve-se diante do quarto de Kate. Enquanto isso, Ollie botou a cabeça para fora na porta entreaberta sussurrou baixinho:

— Pai, coragem! Vá até ela!

Com a mão trêmula, mas seguro do que fazia, Sam bateu na porta e escutou a voz de Kate, que lhe pediu para esperar um instante. Um pouco depois, ela abriu a por com os olhos vermelhos de tanto chorar e, desconcertada por vê-lo na sua frente,

sussurrou:

— Sam...

— Oi, Kate.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, confusa e perturbada.

Sam respondeu com voz tensa:

— Vim te perguntar se você quer morar comigo em Oahu. Te amo. Te adoro. Mas teria que ser você a abandonar tudo aqui pra viver comigo lá.

— O quê?! — gemeu ela, e Sam prosseguiu:

— Querida, eu não consigo ser feliz aqui em Nova York. Mas, se você vi
comigo pra Oahu, prometo te fazer feliz pelo resto da vida. E, antes que
qualquer coisa, eu sei que você quer dizer sim. Eu sei disso, Kate! Pelo a
Deus, você não pode me dizer não. Está há meses escondida atrás do nom
eu, idiota que sou, não percebi nada. — E, ao ver que ela arregalava os o
sorriu. — Você é o encontro importante que eu tinha hoje, Kate.

Pálida, ela balbuciou ao ser descoberta:

— Desculpa, Sam... eu... eu...

Esforçando-se para não tocá-la, apesar da enorme vontade que sentia de beijá-la, ele respondeu:

— Não tem nada pra desculpar, querida. Mas você me ama e eu te amo. E neste encontro eu quero que a gente se dê a chance de voltar a ser felizes com fomos, se você, meu único e grande amor, me disser que sim.

Emocionada e surpresa pelas voltas que sua vida tinha dado em questão d segundos, Kate mal conseguia se mexer.

— Sim... — sussurrou. — Quero essa chance. Quero estar com você e co crianças em Oahu ou onde você quiser.

Sem perder um segundo, Sam a puxou para si e a beijou. Devorou seus l com verdadeira paixão e entrega, e apoiou sua testa contra a dela.

— Obrigado, querida... obrigado — dizia baixinho.

Nesse momento, ouviu-se uma batida no quarto de Ollie, seguida de aplausos e gritinhos de comemoração. E Sam, achando graça, contou à sua mulher o que est acontecendo ali. Ela riu, pegou-o pela mão e o fez entrar em seu quarto — o lugar que haviam compartilhado por tantos anos. Morrendo de vontade de se tocarem e beijarem, os dois caíram na cama e Kate perguntou:

— De onde você estava me escrevendo?

— Do quarto da Ollie.

Kate sorriu e, enquanto sentia no pescoço os doces beijos de seu amor, perguntou novamente:

— Faz muito tempo que você sabe da Lana?

Ele se deteve e respondeu:

— Fiquei sabendo ontem. E, como você pode ver, não demorei a voltar pra você.

— Ela fez que sim. — Kate, escuta, eu quero ficar contigo porque você é a mulhe mais especial da minha vida. Vamos começar de novo, apesar de termos d com duas filhas em comum, alguns problemas e duas crianças que...

— São maravilhosas — comentou ela. — E eu gosto delas com todo o coração.

Aquilo o encheu de alegria e, ao se lembrar de algo que não havia contado ainda, decidiu se abrir com ela, sentou-se a seu lado na cama e disse:

— Tem mais uma coisa que eu preciso que você saiba.

Sem se afastar dele, Kate o encorajou.

— Fala...

— É sobre a Sasha...

E então Sam lhe contou que a menina não era sua filha biológica, que lhe dado seu sobrenome, que a havia adotado e a amava exatamente da mesm que aos seus outros filhos. Kate ouviu a história toda e, quando ele terminou, ela beijou. Sam era um homem extraordinário, e nada podia mudar o que ela sentia p ele. Nada. Depois de mais alguns beijos e palavras doces sobre o amor e em comum, Kate perguntou:

— Onde estão a Sasha e o Tommy?

— Com o tio Michael em Oahu. Por sinal, a Sasha está superansiosa pra

Está louca pra sua “mamãe Kate” voltar pra casa. Ela me disse isso ontem, quand fui me despedir.

Kate sorriu e perguntou, surpresa:

— E por que você tinha tanta certeza de que eu ia voltar pra você?

Sam enfiou a mão por baixo do pijama dela e, agarrando com prazer suas costas, sussurrou em seu ouvido, deixando-a toda arrepiada:

— Porque, mesmo que você não aceitasse, eu ia te raptar e te manter pre você ceder.

— Sério?

— Sério. Eu pensava em te trancar no meu quarto, nua, e fazer amor con você dizer “sim”.

Enlouquecida pelo desejo, Kate deitou na cama e, desabotoando o pijama vermelho de flanela diante do olhar ardente de Sam, brincou:

— Hummm, olha como ficou fácil pra você, Talabuki. — E, ao ver que ele sorria, murmurou: — Por enquanto, e pra você me convencer definitivamente, que você faça comigo o que pretendia fazer.

Eufórico, Sam se livrou às pressas da camisa cáqui e, deitando-se sobre Kate, sussurrou:

— Às suas ordens, princesa. Sempre às suas ordens.

Capítulo 62

Às três e meia da tarde, já em Honolulu, Terry pegava um táxi para ir ao escritóri

Antes de se despedir, Sam lhe informara que ela poderia encontrar Michae

Nervosa, deu o endereço ao taxista e minutos depois se deteve alguns números an de chegar a seu destino. Ela estava hesitante.

Sozinha naquela rua movimentada, Terry não sabia o que fazer. Acabou decidind ligar para o escritório, e uma mulher lhe disse que Michael não estava, m voltaria em breve. Surpresa, ela ficou pensando em quem seria aquela mulher. Ma conseguiu se acalmar e se dirigiu ao escritório para esperá-lo ali dentro.

Vaitere estava digitando um recurso e, ao ver Terry entrar, rapidamente a reconheceu — era a mulher da foto de Michael —, mas fingiu não saber de nada.

— Boa tarde, senhora — cumprimentou, olhando-a com curiosidade. — Em que posso ajudar?

Tirando os óculos de sol e jogando o cabelo para trás, Terry respondeu:

— Boa tarde. Eu gostaria de falar com o Michael Talaua.

— Ele saiu, mas não vai demorar.

Terry fez que sim, e Vaitere perguntou:

— A senhora é a Terry, não é?

— Como me conhece? — perguntou com espanto.

Vaitere estendeu a mão para ela e, abrindo um sorriso encantador, apresentou-se.

— Eu sou a Vaitere. Trabalho aqui no escritório com o Sam e o Michael.

Ao escutar aquele nome, Terry logo se lembrou. Era a mulher que havia estado no hospital. A mãe de Thais. Sorrindo para ela com ternura, estendeu a mão para cumprimentá-la.

— Prazer. Você já está melhor?

Vaitere ficou feliz ao se dar conta de que ela sabia da sua existência e respondeu:

— Sim, estou ótima. Obrigada por perguntar.

As duas se olharam com afeto e, nesse momento, Vaitere viu através da janela do escritório que Michael estava chegando, e se deixou levar pelo instinto.

— Terry, não nos conhecemos nem nada, mas eu gostaria de te dizer uma

— E logo soltou: — Michael é um homem incrível que merece o seu am ama muito. Não permita que o sentimento que vocês têm um pelo outro s

Ele é uma pessoa e tanto.

— O que você está dizendo?!

Mas Vaitere não pôde responder. Nesse instante a porta da rua se abriu e Michael entrou. Terry se virou e ficou petrificada ao vê-lo. Assim que a reconheceu, ele parou de repente e não conseguiu dizer nada. Nunca esperaria encontrá-la ali. Vaitere piscou para Terry e, pegando sua bolsa, disse:

— Vou almoçar. Até daqui a pouco.

Quando a porta se fechou, a sala ficou em completo silêncio. Michael passou com determinação na frente dela, indo até sua mesa. Sem lhe dirigir o olhar, guardou u documentos nos arquivos e, quando a raiva deu uma trégua, perguntou:

— O que você está fazendo aqui, Terry?

Sentindo-se como uma criança pequena diante da segurança imponente dele, balbuciou:

— Vim te ver.

Erguendo as sobrancelhas, Michael sentou-se na cadeira enquanto ela continuava de pé no mesmo lugar.

— O que você quer?

— Vim te pedir perdão.

— Nossa... que comovente — reagiu ele e, apoiando-se no espaldar da cadeira, perguntou com rispidez: — E por que isso?

— Escuta, Michael, eu...

Ele se levantou com fúria, jogou o cabelo para trás e, sem se aproximar d gritou:

— Vai embora, Terry! Vai embora antes que a gente se arrependa.

Ainda sem sair do lugar, ela prosseguiu:

— Eu estava enganada, mas não sabia como...

Com o coração a mil, Michael a interrompeu:

— Ah, tá bom... Você, enganada? — E com expressão debochada acrescentou: —

É sério que você alguma vez se engana com algo, sua espertinha?

O sangue de Terry começou a ferver com a provocação dele. Mas, não, el definitivamente não queria discutir.

— Michael, vim aqui pra falar com você. Não quero brigar, agora não...

— E o que te faz pensar que eu quero falar com você hoje e agora? — perguntou, levantando a voz, enquanto ela se encolhia. — Só pra lembrar, senhorita capricho eu quis falar com você há pouco tempo, mas você não me deu a menor chance. P que eu deveria te deixar falar agora?

Com os olhos cheios de lágrimas, Terry sussurrou:

— Me escuta, querido, por favor. Preciso te dizer que...

— Não quero te escutar. — E, lembrando o que ela lhe disse, acrescentou: — E

pare de me chamar de querido.

Diante de tanta rispidez, Terry encolheu-se ainda mais. Michael nunca a havia tratado com tamanho desprezo. Ele não a amava mais, e a culpada por isso era el apenas ela. Havia jogado mal suas cartas, e ele acabou se cansando.

Michael desejava abraçá-la. Vê-la naquele momento tinha sido uma agradável surpresa, mas Terry o fizera sofrer um bocado e merecia sentir na pele o

próprio havia sentido. Por isso, olhando-a com uma expressão dura, perguntou:

— Você se acha a rainha do universo, né?

— Não.

— Então o que veio fazer aqui?

— Já disse.

Com uma risada debochada que a desconcertou, Michael falou:

— Gostaria de te lembrar que você deixou bem claro que não queria mais de mim.

— Desculpa, eu...

— Você também pede desculpas por ter me expulsado da sua casa como se fosse um criminoso?

Terry fez que sim. Entendia a irritação de Michael. Ela não tinha agido certo com ele. Mas precisava lhe dizer que o amava, e, elevando a voz, afirmou:

— Michael... eu... te amo! Sei que você é uma pessoa melhor do que eu em todos os sentidos. Você é bom, carinhoso, e nunca agiu da forma como eu agi com você em Nova York. Mas eu preciso que você saiba que eu fiz aquilo porque estava magoada, não, eu estava... com ciúme! Quando saí do aeroporto para ficar com você mais alguns dias, te vi com a Amanda. Vocês estavam felizes e logo foram de moto... e eu... eu pensei que eu não significava nada pra você e aí...

Finalmente Michael entendeu o que aconteceu. Ele soltou um suspiro de frustração, olhou para o teto e chiou.

— Não quero escutar mais nada.

— Mas eu preciso que...

— Falei que não quero escutar mais nada.

A dureza em sua voz fez Terry se calar. Passados alguns segundos, ao ver Michael não lhe dirigia o olhar nem se aproximava, ela disse com os olhos encharcados de lágrimas:

— Tá bom. Foi um erro ter vindo. Não vou mais te incomodar. Só vim te que eu havia me enganado, mas agora já é tarde demais.

Com a tristeza estampada no rosto, ela se virou, abaixou-se para pegar a bolsa de viagem e andou até a porta. Mas, quando estava a ponto de abri-la, sentiu a respiração de Michael em sua nuca.

— Aonde você vai?

Ela não se virou nem respondeu, e ele repetiu a pergunta, enquanto notava que su presença tão próxima começava a enlouquecê-lo.

— Aonde você vai, Terry?

Ainda sem olhar para ele, tentando segurar as lágrimas, ela balbuciou:

— Vou pegar o primeiro avião pra Nova York. Desculpa. Foi um erro eu vindo. Mas eu precisava que você entendesse direito tudo que eu te falei,

senão eu nunca me perdoaria e...

Incapaz de aguentar mais um segundo, Michael fez Terry se virar para ele das mãos dela a bolsa de viagem e a soltou. Depois a envolveu nos seus ao ver as lágrimas dela escorrerem, murmurou:

— Não foi um erro, querida. Eu te amo, mas precisava te fazer ver como senti quando fui a Nova York.

— Ah, Michael... me perdoe, eu sinto tanto... — E, ao lembrar o que ele lhe falou no primeiro encontro dos dois, Terry ficou na ponta dos pés e sussurrou e ouvido: — Eu sou totalmente sua, e você é totalmente meu.

Ao escutar isso, Michael a olhou com um brilho sensual. Pediu um segundo com dedo e fechou a porta da entrada. Depois, tomou-a em seus braços com sofreguidão, imprensou-a contra a parede e a beijou com voracidade, enquanto ela se deixava dominar. Uma hora depois e com a respiração mais tranquila, Michael perg com olhar faiscante:

— Tudo bem, linda?

— Ahã... tudo ótimo.

Mal podendo acreditar que ela estava ali, Michael voltou a beijá-la.

— Você é meu melhor presente de Natal.

— Hummmmm... essa história de ser seu presente me deixa animada, é bom que você saiba.

Achando graça, ele deu uma gargalhada e, ao pensar em certos fatos que mudado desde a partida dela, disse:

— Tenho que te contar muitas coisas.

— Ah... sim.

Beijando-
a no pescoço enquanto se vestiam antes que Vaitere chegasse, Michael sorriu.

— É sério.

— É coisa boa, né?

— Claro, querida — respondeu Michael e, ao se lembrar de seu irmão, perguntou

— Você viu o Sam?

— Vi, sim. Foi ele que me falou que os sonhos nunca envelhecem.

— Sério que ele te disse isso? — Ela confirmou com a cabeça, e ele cochichou:

— Só espero que ele também consiga realizar o sonho dele.

Ao pensar em Sam e na irmã, Terry sorriu. Não tinha a menor dúvida de estariam juntos e felizes. E que aquele dia era o começo de duas perfeitas duradouras histórias de amor. Por isso, colocou as mãos em torno do pescoço de amor e, antes de beijá-lo com paixão, afirmou:

— Ele vai conseguir.

Naquele Natal, duas famílias se uniram em Oahu e se tornaram uma só. Foram di repletos de alegria, afeto e reencontros, nos quais ficou claro que no amor

segundas chances existem, sim.



Publicar um romance nos dias atuais não é nada fácil. Mas tenho a grande sorte d contar com o apoio de vocês e gostaria de agradecer a todos.

Agradeço à minha mãe e à minha família por me amarem como me aman também amo vocês!

Agradeço ao meu marido por estar sempre tão atento a tudo de que preciso e me ajudar antes mesmo que eu tenha que pedir. Você é o máximo!

Agradeço aos meus filhos por serem tão lindos e divertidos. Amo vocês de todo o coração.

Agradeço aos meus amigos, sejam eles virtuais ou não. O apoio de vocês é maravilhoso.

Agradeço ao meu fã-clube chamado “As Guerreiras Maxwell”. Meninas, vocês me alegram todo dia com seu otimismo e sua energia positiva. Vocês são GUERREIRAS!

Agradeço a todos os que trabalham na editora espanhola Versátil, por voltar a confiar em mim com este novo romance.

E agradeço a você, leitor ou leitora, por me dar a oportunidade de entrar na sua vida.

VOCÊS TODOS SÃO DEMAIS!

Megan Maxwell

[conteúdo em espanhol]

Document Outline

- Capa
- Folha de Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Os príncipes encantados...
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
- ... também viram sapos
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
  - Capítulo 8
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
  - Capítulo 11
  - Capítulo 12
- Mas as princesas também
  - Capítulo 13
  - Capítulo 14
  - Capítulo 15
  - Capítulo 16
  - Capítulo 17
  - Capítulo 18
  - Capítulo 19
  - Capítulo 20
  - Capítulo 21
  - Capítulo 22
  - Capítulo 23
  - Capítulo 24
  - Capítulo 25
  - Capítulo 26
  - Capítulo 27

    - Capítulo 28
    - Capítulo 29
    - Capítulo 30
    - Capítulo 31
- Uma segunda chance
    - Capítulo 32
    - Capítulo 33
    - Capítulo 34
    - Capítulo 35
    - Capítulo 36
    - Capítulo 37
    - Capítulo 38
    - Capítulo 39
    - Capítulo 40
    - Capítulo 41
    - Capítulo 42
    - Capítulo 43
    - Capítulo 44
    - Capítulo 45
    - Capítulo 46
    - Capítulo 47
    - Capítulo 48
    - Capítulo 49
    - Capítulo 50
    - Capítulo 51
    - Capítulo 52
    - Capítulo 53
    - Capítulo 54
    - Capítulo 55
    - Capítulo 56
    - Capítulo 57
    - Capítulo 58
    - Capítulo 59
    - Capítulo 60
    - Capítulo 61
    - Capítulo 62
- Agradecimentos